

VIVIANNY BESSÃO DE ASSIS

**A CONTRIBUIÇÃO DE LEONARDO ARROYO (1918-1985) PARA A
HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília-SP
31 de outubro de 2016**

VIVIANNY BESSÃO DE ASSIS

**A CONTRIBUIÇÃO DE LEONARDO ARROYO (1918-1985) PARA A
HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**

TESE apresentada à banca examinadora do
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade
Estadual Paulista, campus de Marília.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação
no Brasil.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo
Mortatti.

Marília-SP
31 de outubro de 2016

VIVIANNY BESSÃO DE ASSIS

**A CONTRIBUIÇÃO DE LEONARDO ARROYO (1918-1985) PARA A
HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti
Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP-Marília

1ª. Examinadora: Prof^a. Dr^a. Estela Natalina Mantovani Bertolleti
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, campus de Paranaíba

2º. Examinador: Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini
Faculdade de Ciências e Letras-UNESP-Assis

3º. Examinador: Rosa Fátima de Souza Chaloba
Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP-Marília

4ª. Examinadora: Rodrigo Pelloso Gelamo
Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP-Marília

**Marília-SP
31 de outubro de 2016**

**Para Dennis, meu amor e companheiro na vida,
pela força e coragem de todos os anos.**

**Para Angela, minha mãe,
inspiração de tudo o que tenho de bom em mim.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem o qual nada teria sido feito.

Aos meus pais, Ângela e Maurício, razão do meu esforço e do meu empenho em crescer a cada dia, pelo apoio, afeto, sustento e força que me ensinaram para a vida. E, de modo, especial, a minha mãe, leitora fiel desta pesquisa.

Aos meus irmãos, Geissianny e Maurício, pelo amor que não sei explicar, apenas sinto.

Aos meus familiares – avós, tios, tias, primos e primas – e amigos, agrade pelo amor incondicional que independe de quem eu sou profissional e academicamente, sinto o amor de vocês simplesmente por quem eu sou. Agradeço pelas risadas e leveza da vida.

À professora Maria do Rosário, pelas orientações nesses últimos quatro anos, pois tenho certeza que marcaram positivamente a minha história de vida, possibilitando-me transpor os meus limites humanos e intelectuais. A convivência nesses quatro anos atuaram como um divisor de águas em minha vida e em minha formação como professora e pesquisadora.

À professor Estela Natalina Mantovani Bertolotti e ao professor João Luís Ceccantini, que generosamente participaram do Exame Geral de Qualificação, possibilitando-me ampliar os horizontes interpretativos com relação ao objeto da minha pesquisa.

Ao professor José Batista de Sales, meu orientador do mestrado e grande incentivador.

Aos integrantes do GPHELLB, que possibilitaram-me vivenciar, pela primeira vez, o real sentido da palavra “grupo de pesquisa”. Nesses quatro anos fui agraciada com um fecundo processo formativo partilhado por verdadeiros amigos: Fernando Rodrigues de Oliveira, Franciele Ruiz Pasquim, Agnes Iara Domingos Moraes e Thabata Aline Trevisan. Com eles que atuam como verdadeiros “co-orientadores” em meu processo formativo, também partilhei momentos singulares de minha vida pessoal, que guardarei com todo afeto em meu coração.

Aos meus queridos amigos Márcio, Elaine e Vanessa por todo acolhimento, palavras de conforto e coragem, pelas horas de boas risadas e amizade incondicional.

Aos queridos amigos e irmãos da Igreja Metodista de Três Lagoas (MS) e de Marília (SP), pelas constantes orações, comunhão e fraternidade.

Aos funcionários dos acervos documentais e bibliográficos que consultei durante o desenvolvimento da pesquisa, que me atenderam sempre gentilmente e sem os quais não teria localizado muitos dos documentos que pude reunir no instrumento de pesquisa, em especial, às bibliotecárias da Academia Paulista de Letras, Rubenira Farias de Oliveira Souza e Maria Luiza Pereira de Souza Lima.

Aos funcionários das diferentes seções e departamento da FFC-UNESP-Marília, em especial a Ana Paula Rodrigues e Tatiana Fonseca, da Seção Técnica de Pós-graduação e Denise Martins, atualmente da Seção Técnica de Graduação.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de doutorado, entre março de 2013 e outubro de 2016, que foi imprescindível para realização desta pesquisa.

ASSIS, Vivianny Bessão. *A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura infantil brasileira*. 2016. 525 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

RESUMO

Nesta tese, apresentam-se resultados de pesquisa de Doutorado em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília-SP, vinculada à linha “História da literatura infantil e juvenil” do Grupo de Pesquisa e do Projeto Integrado de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”, ambos coordenados por Maria do Rosário Longo Mortatti. Com os objetivos de contribuir para a compreensão de uma história da literatura infantil no Brasil, focaliza-se a produção escrita do jornalista, escritor e historiador Leonardo Arroyo (1918-1985) *sobre* e *de* literatura infantil. Mediante abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais e leitura de bibliografia especializada, elaborou-se dois instrumentos de pesquisa nos quais estão contidas as referências de textos *de* e *sobre* Leonardo Arroyo e as referências de texto de Leonardo Arroyo *de* e *sobre* literatura infantil. Dentre os textos localizados, foram selecionados para análise da configuração textual o conjunto de textos referenciados no segundo instrumento de pesquisa por serem os mais representativos em relação aos objetivos da pesquisa. Essa análise possibilitou compreender que o conjunto da produção escrita de Leonardo Arroyo *de* e *sobre* literatura infantil apresenta aspectos de determinada concepção de literatura infantil, que se encontram diretamente relacionados com o movimento de constituição desse gênero literário como tema de pesquisa e campo de conhecimento específicos no Brasil (MORTATTI, 2011). Possibilitou compreender também que Arroyo contribuiu para a ordenação e sistematização de uma versão da história da literatura infantil que se perpetuou até os dias atuais e também com a formulação de um conceito de literatura infantil como produção cultural destinada ao público infantil.

Palavras-chave: História da literatura infantil e juvenil; Leonardo Arroyo; História da educação.

ASSIS, Vivianny Bessão. *A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura infantil brasileira*. 2016. 525 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

ABSTRACT

In this thesis, we present results of a PhD in Education from the Faculty of Philosophy and Sciences of the Universidade Estadual Paulista, Marília-SP campus, linked to the "History of Children and Youth Literature" line of the Research Group and the Integrated Project of Research "History of Teaching Language and Literature in Brazil", both coordinated by Maria do Rosário Longo Mortatti. With the aim of contributing to the understanding of a history of children's literature in Brazil, it focuses on the written production of the journalist, writer and historian Leonardo Arroyo (1918-1985) on children's literature. Through a historical approach, centered on documentary and bibliographical research, developed through the procedures of localization, retrieval, meeting, selection and ordering of documentary sources and reading of specialized bibliography, two research instruments were elaborated in which are contained the references of texts Of and about Leonardo Arroyo and Leonardo Arroyo's text references and about children's literature. Among the localized texts, we selected for textual analysis the set of texts referenced in the second research instrument because they are the most representative in relation to the research objectives. This analysis made it possible to understand that Leonardo Arroyo 's written production of and about children' s literature presents aspects of a certain conception of children 's literature that are directly related to the movement of constitution of this literary genre as a subject of research and field of specific knowledge in the Brazil (MORTATTI, 2011). It also allowed us to understand that Arroyo contributed to the ordering and systematization of a version of the history of children 's literature that has not been challenged until the present day and also with the formulation of a concept of children' s literature as a cultural production destined to the infantile public.

Keywords: History of children's literature; Leonardo Arroyo; History of education.

ASSIS, Vivianny Bessão. *A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura infantil brasileira*. 2016. 525 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, nous présentons les résultats de recherche de doctorat en éducation Faculté de Philosophie et Sciences, Universidade Estadual Paulista, campus de Marília-SP, reliée à la ligne «Histoire de la littérature pour enfants» du Projet intégré Groupe de recherche et recherche "Histoire de la langue et de la littérature d'enseignement au Brésil", à la fois coordonnée par Maria do Rosário longue Mortatti. Visant à contribuer à la compréhension d'une histoire de la littérature pour enfants au Brésil, se concentre sur la production écrite par le journaliste, écrivain et historien Leonardo Arroyo (1918-1985) et sur la littérature pour enfants. En approche historique, axée sur la recherche documentaire et bibliographique, développé grâce à des procédures de localisation, la récupération, la réunion, la sélection et la commande des sources documentaires et de la littérature professionnelle lecture, a été élaboré deux instruments de recherche dans lesquels sont contenus les textes de référence de et à propos de Leonardo Arroyo et Leonardo Arroyo références de texte et sur la littérature pour enfants. Parmi le texte localisé, ont été sélectionnés pour l'analyse de la configuration textuelle de l'ensemble des textes référencés à partir du deuxième instrument d'enquête pour être le plus représentatif en relation avec les objectifs de recherche. Cette analyse possiblitou comprendre que l'ensemble de la production écrite de Leonardo Arroyo et sur la littérature pour enfants présente des aspects d'une conception de la littérature pour enfants, qui sont directement liés à la création d'un mouvement de ce genre littéraire comme sujet de recherche et domaine spécifique des connaissances dans Brésil (MORTATTI, 2011). Possibilité de comprendre également que Arroyo a contribué à la commande et la systématisation d'une version de l'histoire de la littérature pour enfants pas contesté jusqu'à aujourd'hui et avec la formulation d'un concept de la littérature pour enfants comme une production culturelle pour les enfants.

Mots-clés: Histoire de la littérature pour enfants; Leonardo Arroyo; Histoire de l'éducation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Leonardo Arroyo (1918 -1985).....	45
Figura 2. Leonardo Arroyo com seus pais e irmãos	46
Figura 3: Leonardo Arroyo e seu pai, Sr. Anibal.....	47
Figura 4: Integrantes da Pensão Humaitá.....	57
Figura 5: Integrantes da Pensão Humaitá.....	57
Figura 6: Integrantes da Pensão Humaitá	58
Figura 7: Leonardo Arroyo discursando em sua posse na Academia Paulista de Letras, realizada em 14 de outubro de 1970.....	60
Figura 8: Acadêmicos integrantes da Academia Paulista de Letras, em 1974.....	60
Figura 9: Grupo de acadêmicos integrantes da Academia Paulista de Letras, em 1979.....	62
Figura 10: Artigo do jornal <i>Diário Popular</i> (SP), anunciando o concurso “Leonardo Arroyo” de literatura infantil e juvenil.....	66
Figura 11: Foto da placa da Escola Municipal de Educação Infantil Leonardo Arroyo, em Itaquera/Guaianazes (SP).....	68
Figura 12: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Viagem para Málaga</i> , de Leonardo Arroyo (1950).....	74
Figura 13: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Absalão e o Rei</i> , de Leonardo Arroyo (1961).....	75
Figura 14: Capa do exemplar de 1ª. edição livro <i>10 contos escolhidos</i> , de Leonardo Arroyo (1985).....	76
Figura 15: Capa e lombada do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Igrejas de São Paulo</i> , de Leonardo Arroyo (1954).....	80
Figura 16: Carta manuscrita do Cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmello Motta.....	81
Figura 17: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Carta a El Rei D. Manuel</i> , de Leonardo Arroyo (1963).....	82
Figura 18: Contra capa de um exemplar da 1ª. edição do livro <i>Relação do Rio Tietê</i> , de Leonardo Arroyo (1965).....	83
Figura 19: Capa do exemplar de 2ª. edição do livro <i>Origem do latifúndio no Brasil</i> , de Brasil Bandecchi, Leonardo Arroyo e Perdigão Alheiro (1967).....	84
Figura 20: Capa do exemplar de 1ª. edição de <i>Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes</i> , de Leonardo Arroyo (1968).....	85
Figura 21: Capa do exemplar de 1ª. edição do livreto <i>Bertioga, chão de histórias</i> , de Leonardo Arroyo (1970).).....	86
Figura 22: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Memória e Tempo das igrejas de São Paulo</i> , de Diana Dorothèa Danon e Leonardo Arroyo (1970).....	87

Figura 23: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>A carta de Pêro Vaz de Caminha: ensaio de informação à procura de constantes válidas de método</i> , de Leonardo Arroyo (1971).....	88
Figura 24: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Armazém Literário (Acheegas ao Modernismo)</i> , de Leonardo Arroyo (1969).....	90
Figura 25: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>A cultura popular em Grande sertão: veredas</i> , de Leonardo Arroyo (1984).....	91
Figura 26: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Forno e fogão à italiana</i> , de Myrka N. Masucci (1971), no qual contém prefácio de Leonardo Arroyo.....	94
Figura 27: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Vinhos</i> , de Sérgio de Paula Santos (1982), no qual contém texto de orelha de Leonardo Arroyo.).....	94
Figura 28: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Arte da cozinha brasileira</i> , de Leonardo Arroyo e Rosa Belluzzo (2013).....	96
Figura 29: Destaques da gastronomia brasileira durante a recepção na Escola de Culinária Laurente.....	97
Figura 30: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Brasil Geográfico: mapas históricos</i> , de Salomão Schlier, Antônio D'ella e José Daloia (196?), com prefácio de Leonardo Arroyo.....	99
Figura 31: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>São Paulo</i> , de Stefan Geyerhahan (1977), com introdução e legendas de Leonardo Arroyo.....	101
Figura 32: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Alguns dias na Paulicéia</i> , de Henrique Raffard (1977), com introdução de Leonardo Arroyo	101
Figura 33: Capa do exemplar da 8ª. edição do livro <i>Branca de Neve e os sete anões</i> , adaptado por Leonardo Arroyo (1953).....	110
Figura 34: Capa do exemplar da 9ª edição do livro <i>O sargento verde</i> , adaptado por Leonardo Arroyo (1960).....	110
Figura 35: Capa do exemplar de 1ª edição do livro <i>Você já foi à Bahia?</i> , de Leonardo Arroyo (1950).....	112
Figura 36: Quarta capa do exemplar de 1ª edição do livro <i>Você já foi à Bahia?</i> , de Leonardo Arroyo (1950).....	113
Figura 37: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>História do Galo</i> , de Leonardo Arroyo (1950).....	114
Figura 38: Quarta capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>História do Galo</i> , de Leonardo Arroyo (1950).....	114
Figura 39: Capa do exemplar de 3ª. edição do livro <i>História do Galo e do Candimba</i> (1965), de Leonardo Arroyo	116
Figura 40: Ilustração do conto “Candimba, a onça e a girafa”, do exemplar de 3ª. edição do livro <i>Estória do Galo e do Candimba</i> (1965), de Leonardo Arroyo.....	121
Figura 41: Ilustração do conto “A sabedoria de Candimba”, do exemplar de 3ª. edição do livro <i>Estória do Galo e do Candimba</i> (1965), de Leonardo Arroyo.....	122
Figura 42: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Olavo Bilac</i> , de Leonardo Arroyo (1952).....	127

Figura 43: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Grandes Vocações: inventores</i> , organizado por Mário Donato e Marcos Rey (1960).....	129
Figura 44: Capa do capítulo “Fulton: o mago do movimento”, de autoria de Arroyo no livro <i>Grandes Vocações: inventores</i> (1960).....	130
Figura 45: Capa da entrevista que Leonardo Arroyo, Vania Andrada e Silva, Lélia Vercesi Mader, Maria Nazareth e Penna e Lenyra Camargo Fraccaroli concederam ao jornal <i>Correio do Livro</i> (1970).....	134
Figura 46: Foto de 14 de agosto de 185, publicado pelo jornal <i>Folha da Tarde</i> , onde é possível observar o estudo realizado por Arroyo sobre Robinson Crusoé.....	138
Figura 47: Foto do artigo “O baiano Robinson Crusoé”, de Leonardo Arroyo, publicado no jornal <i>D. O. Leitura</i> , em junho de 1984.....	139
Figura 48: Capa da entrevista que Leonardo Arroyo concedeu ao jornal <i>Folha da Manhã</i> , em 6 de maio de 1951.....	146
Figura 49: Capa do exemplar de 1º. edição do livro <i>O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas</i> , de Leonardo Arroyo (1963).....	167
Figura 50: Capa do exemplar de 1º. edição do livro <i>Agravos do tempo</i> , de Leonardo Arroyo (1976).....	176
Figura 51: Capa do exemplar de 1º. edição do livro <i>Guia dos pais na escolha de livros para crianças</i> , de Nancy Larrick (1969).....	179
Figura 52: Segunda capa do exemplar de 1º. edição do livro <i>Guia dos pais na escolha de livros para crianças</i> , de Nancy Larrick (1969).....	180
Figura 53: Capa do exemplar de 1º. edição do livro <i>Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes</i> , de Leonardo Arroyo (1968).....	186
Figura 54: Capa do exemplar de 2º. edição do livro <i>Literatura infantil brasileira</i> , de Leonardo Arroyo (1988).....	187
Figura 55: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>O patinho feio</i> , de Hans Cristian Andersen, publicado na coleção “Biblioteca Infantil”, idealizada e organizada pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto para a Editora Melhoramentos (SP).....	188
Figura 56: Capa do exemplar de 3º. edição do livro <i>Literatura infantil brasileira</i> , de Leonardo Arroyo (2011).....	189
Figura 57: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro <i>Narizinho Arrebitado</i> , de Monteiro Lobato (1921).....	190

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Prêmios e títulos recebidos por Leonardo Arroyo, sua participação como membro em diferentes instituições ordenados por ano, tipo de participação e quantidade.....	52
Quadro 2: Cargos ocupados por Leonardo Arroyo em diferentes instituições ao longo de sua carreira, ordenados por ano, cargo ocupado e quantidade.....	55
Quadro 3: Bibliografia de Leonardo Arroyo, ordenada por tipo de texto e ano de publicação, entre 1943 e 2013.....	70
Quadro 4: Livros de literatura para adultos ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada.....	73
Quadro 5: Livros de abordagem histórica de Leonardo Arroyo, ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada.....	78
Quadro 6: Livros de história e crítica literária ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada.....	89
Quadro 7: A produção escrita de Leonardo Arroyo sobre a culinária brasileira, ordenada por ano, tipo de texto e quantidade.....	92
Quadro 8: Introduções, prefácios e apresentações de Arroyo em livros de outros escritores, ordenados por tipo de texto, livros em que foram publicados, edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente.....	98
Quadro 9: Bibliografia de Leonardo Arroyo de e sobre literatura infantil, ordenada por ano, tipo de texto e quantidade.....	103
Quadro 10: Bibliografia de Leonardo Arroyo de literatura infantil, ordenada por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada.....	106
Quadro 11: Livros de literatura infantil escritos por Arroyo, ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente.....	112
Quadro 12: Artigos de jornais sobre literatura infantil e leitura com menções a Leonardo Arroyo, publicados entre 1949 e 1986, ordenados por ano, tipo de menções e quantidade.....	132
Quadro 13: Artigos de Leonardo Arroyo publicados em diferentes jornais, entre os anos de 1943 e 1984, ordenados por ano, tema e quantidade	138
Quadro 14: Artigos de Arroyo sobre literatura infantil e temas correlatos, publicados nos jornais <i>Folha da Manhã</i> e <i>Folha de S. Paulo</i> , entre 1959 e 1967, ordenados por ano, tema abordado e quantidade.....	159
Quadro 15: Capítulos do livro <i>O tempo de o modo: literatura infantil e outras notas</i> ordenados por título, tema e quantidade.....	168
Quadro 16: Capítulos sobre leitura e literatura infantil publicados no livro <i>O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas</i> , de Leonardo Arroyo (1963).....	170
Quadro 17: Capítulos do livro <i>Agraves do tempo</i> ordenados por título, tema e quantidade.....	177 174
Quadro 18: Bibliografia brasileira sobre literatura infantil mencionada por Leonardo Arroyo no livro <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968), ordenada por ano, autores, livros e artigos mencionados, editora e	

quantidade.....	233
Quadro 19: Estudos brasileiros sobre literatura infantil publicados na década de 1950 e mencionados nas referências bibliográficas de <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968).....	236
Quadro 20: Estudos brasileiros sobre literatura infantil publicados na década de 1960 e mencionados nas referências bibliográficas de <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968).....	237
Quadro 21: Quantidade de estudos estrangeiros sobre literatura infantil mencionados por Leonardo Arroyo no livro <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968), ordenados por ano, países em que foram publicados e quantidade.....	238
Quadro 22: Bibliografia estrangeira sobre literatura infantil citada por Leonardo Arroyo no livro <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968), ordenada por ano, autores, títulos mencionados, países e quantidade por década.....	240
Quadro 22: Bibliografia sobre Leonardo Arroyo, ordenada por ano, tipo de texto com menções a Leonardo Arroyo, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus, e quantidade	244

SUMÁRIO

Introdução	17
Capítulo 1 – Leonardo Arroyo (1918-1985): um estudioso da cultura brasileira	44
1.1. Aspectos da vida, formação e atuação profissional.....	46
1.2 Leonardo Arroyo e seus múltiplos olhares sobre a cultura brasileira	68
1.3 Escritor de literatura.....	72
1.4 Historiador.....	77
1.5 O historiador da literatura e o crítico literário	88
1.6 Pesquisador da culinária brasileira.....	92
1.7 Colaborador em livro de outros escritores.....	97
1.8 Escritor e pesquisador da literatura infantil brasileira	102
Capítulo 2 – A produção de Leonardo Arroyo de literatura infantil.....	105
2.1 Bibliografia de Leonardo Arroyo de literatura infantil.....	106
2.2 Livros de literatura infantil e juvenil escritos por Leonardo Arroyo.....	111
2.2.1 Apresentação do livro: <i>Você já foi à Bahia?</i> (1950).....	112
2.2.2 Apresentação do livro: <i>História do Galo</i> (1950).....	113
2.2.3 Apresentação do livro: <i>Estórias do Galo e do Candimba</i> (1961).....	115
2.3 Enredos.....	116
2.3.1 Enredo do livro <i>Você já foi à Bahia?</i> (1950).....	116
2.3.2 Enredo do livro <i>História do Galo</i> (1950).....	118
2.3.3 Enredo do livro <i>Estória do Galo e do Candimba</i> (1961).....	120
2.4 Personagens	122
2.4.1 Personagens do livro <i>Você já foi à Bahia?</i> (1950).....	122
2.4.2 Personagens dos livros <i>História do Galo</i> (1950) e <i>Estória do Galo e do Candimba</i> (1961).....	123
2.5 Espaço e tempo	124
2.5.1 Espaço e tempo no livro <i>Você já foi à Bahia?</i> (1950).....	124
2.5.2 Espaço e tempo no livros <i>História do Galo</i> (1950) e <i>Estória do Galo e do Candimba</i> (1961).....	124
2.6 Núcleos temáticos.....	125
2.7 O modo de narrar.....	126
2.8 Livro e capítulo de livro de literatura juvenil.....	126
2.8.1 Apresentação do livro <i>Olavo Bilac</i> (1952).....	126
2.8.2 Apresentação do capítulo “Fulton, o mago do movimento”	128
2.3. Artigos de jornais com menções a Leonardo Arroyo, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus <i>sobre</i> literatura infantil	131
Capítulo 3 – A produção de Leonardo Arroyo sobre literatura infantil.....	141
3.1. O jornalista Leonardo Arroyo	142
3.2 A produção de Leonardo Arroyo <i>sobre</i> literatura infantil: textos de jornais	145
3.2.1 Livros e autores de literatura infantil.....	148
3.2.2 Reflexões <i>sobre</i> literatura infantil.....	151
3.2.3 Reflexões sobre o escritor José Bento Monteiro Lobato.....	155
3.2.4 Cursos e prêmios de literatura infantil	159
3.2.5 Bibliotecas e promoção da leitura	160
3.2.6 Feiras e exposições de livros infantis.....	162
3.2.7 Mercado editorial brasileiro sobre literatura infantil	163
3.3 A produção de Leonardo Arroyo <i>sobre</i> literatura infantil: capítulos de livros.....	166
3.3.1 A coleção “Ensaio”.....	166
3.3.2 O livro <i>O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas</i>	166
3.3.3 O livro <i>Agravos do tempo</i> (1976).....	176
3.3.4 Apresentação ao livro <i>Guia dos pais na escola de livros para crianças</i>	178
Capítulo 4 – Apresentação do livro <i>Literatura infantil brasileira</i> em suas três edições.....	184
4.1 Aspectos gerais do livro <i>Literatura infantil brasileira</i> : ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes (1968).....	185
4.2 Aspectos do conteúdo de <i>Literatura infantil brasileira</i> : ensaio de preliminares para a sua história e	

suas fontes	195
4.2.1 Texto de apresentação.....	195
4.2.2 “I. Introdução”.....	197
4.2.3 “II. A literatura oral”.....	203
4.2.4 “III. A paisagem cultural”.....	206
4.2.5 “IV. A literatura escolar”.....	208
4.2.6 “V. A imprensa escolar e infantil”.....	212
4.2.7 “VI. A literatura infantil”.....	215
4.3. As editoras.....	223
4.3.1 Editora Melhoramentos.....	223
4.3.1.1 A coleção “Biblioteca de Educação”.....	225
4.3.1.2 Editora UNESP.....	229
4.4 Interlocutores brasileiros de Leonardo Arroyo no livro <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968).....	231
4.5 Interlocutores estrangeiros de Leonardo Arroyo no livro <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968).....	237
4.6 Aspectos da permanência e circulação do livro <i>Literatura infantil brasileira</i> (1968).....	243
Capítulo 5 – A literatura infantil como produção cultural.....	249
5.1 A contribuição da produção escrita <i>de</i> e <i>sobre</i> literatura infantil de Leonardo Arroyo para a história da literatura infantil brasileira	250
5.2 Características da literatura infantil de Leonardo Arroyo	252
5.3 A literatura infantil como objeto de investigação e campo de conhecimento no Brasil.....	255
5.4. Características da produção <i>sobre</i> literatura infantil de Leonardo Arroyo.....	256
Considerações finais	270
Referências	273
Instituições, acervos e <i>sites</i> consultados	291
Bases de dados consultados disponíveis <i>on-line</i> e <i>sites</i> da internet.....	293
Bibliografia de apoio teórico.....	295

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema “literatura infantil”, do qual decorreu a pesquisa que resultou nesta tese de doutorado em Educação, teve início com meu ingresso, em 2001, no Curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na cidade de Três Lagoas-MS, intensificando-se, a partir de 2003, quando cursei a disciplina “Literatura Infantil”, ministrada pelo professor do curso de Letras, Dr. José Batista de Sales.

Durante o período em que cursei essa disciplina, passei a refletir sobre a constituição desse gênero literário e sua relação com os problemas envolvidos com a leitura escolarizada e a recepção de livros infantis por crianças e jovens no Ensino Fundamental.

Concomitantemente ao meu envolvimento cada vez maior com a literatura infantil, como tema de interesse de estudo, e, decorrente do fato de que em meu curso não haviam professores que estudassem sobre esse tema, durante os anos de graduação, desenvolvi pesquisa de iniciação científica sobre a formação de professores. Dessa atividade, resultou o relatório final intitulado *História de vida de professores/as: reflexão entre o processo pessoal e formação profissional* (ASSIS, 2005)¹ e, posteriormente, o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (TCC), *Arquitetura da identidade dos discentes em processo de formação docente* (ASSIS, 2005)². A oportunidade de estudar a formação de professores ampliou o meu interesse em compreender os problemas envolvidos com o ensino de leitura e escrita nas séries iniciais e sua relação com os livros de literatura infantil.

Avaliando os resultados apresentados no TCC, optei por dar continuidade à minha formação como pesquisadora e aprofundar reflexões sobre a literatura infantil, relacionando-as com a minha atuação como professora de Educação Infantil na rede municipal de ensino, na cidade de Três Lagoas-MS. Para tanto, no primeiro semestre de 2006, cursei, como aluna especial, a disciplina “Teoria da narrativa e do gênero poético”, ministrada pelo Dr. José Batista de Sales, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Nesse período, pude compreender melhor o campo de conhecimento dos estudos sobre literatura infantil, em especial sobre a poesia para crianças, e ampliar as possibilidades de pesquisa sobre esse objeto de investigação.

No segundo semestre de 2006, em virtude de meu interesse em refletir de forma mais sistemática sobre a literatura infantil, elaborei um projeto de pesquisa para concorrer a vaga no processo seletivo do curso de Mestrado em Letras, área de “Estudos Literários”, do

¹ Trata-se do Relatório final de iniciação científica PIBIC/CNPq, cujo período de vivência de bolsa foi entre os anos de 2004 e 2005. Na ocasião, tive como orientadora a Prof^a. Dr^a. Lucrécia Stringheta Mello, docente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas-MS.

² Para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), também tive como orientadora a Prof^a. Dr^a. Lucrécia Stringheta Mello.

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Em 2007, ingressei no Mestrado em Letras e desenvolvi o projeto de pesquisa sobre poesia infantil na escola, de cujo desenvolvimento resultou a dissertação *O poema infantil na escola: estudo bibliográfico*. (ASSIS, 2009)³. Na ocasião de minha defesa de Mestrado, conheci e tive como integrante da banca, a Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti.

Em 2009, após a conclusão do mestrado, retomei meu trabalho como professora em turmas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental e comecei a lecionar no Ensino Superior, como docente do curso de Pedagogia⁴. Aos poucos, percebi como eram importantes – e me faltavam – os conhecimentos sobre história, teoria e crítica da literatura infantil, como base teórica para o meu processo de formação docente.

Com a certeza de que precisava voltar a estudar, mas sem muita clareza sobre os caminhos teóricos a serem seguidos, cursei, no primeiro semestre de 2011, como aluna ouvinte, a disciplina “História do ensino de leitura e escrita no Brasil”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti no programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília-SP.

No primeiro semestre de 2012, participei do processo seletivo de doutorado do PPGE da UNESP-Marília, quando fui aprovada como aluna regular, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti. No segundo semestre de 2012, passei a integrar o GPHELLB – Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti.

O GPHELLB decorre do Programa de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (PPHELLB) e, desse grupo e desse programa de pesquisa, em funcionamento desde 1994, resultaram o Projeto Integrado de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (PIPHELLB), em desenvolvimento, em etapas trienais, desde 1995, todos coordenados pela professora mencionada. O GPHELLB, o PPHELLB e o PIPHELLB estão organizados em torno de tema geral, método de investigação e objetivo geral, que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em seis linhas de pesquisa: “História da formação de professores”; “História da alfabetização”; “História do ensino de língua portuguesa”;

³ Pesquisa desenvolvida com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com vigência de março de 2007 a março de 2009, sob orientação do Prof. Dr. José Batista de Sales.

“História do ensino de literatura”; “História da literatura infantil e juvenil”; e “Memória e história da educação”. Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq; certificado pela UNESP. Atualmente, esse grupo tem como líder Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti e, como vice-líder, Prof^a. Dr^a. Rosa Fátima de Souza.

O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais. O objetivo geral, por sua vez, é:

[...] contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas históricas, que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos. (MORTATTI, 2003, p. 3)

Quando do meu ingresso no GPHELLB, passei a desenvolver atividades de pesquisa e a participar de sessões de orientação, a fim de delimitar o tema de minha pesquisa de doutorado, cuja proposta inicial era desenvolver análise, do ponto de vista da teoria e da crítica literária, dos livros de poesia infantil do escritor Sidônio Muralha⁵. O interesse por esse tema decorreu das experiências que tive durante o mestrado em Letras quando desenvolvi pesquisa bibliográfica, do tipo estado da arte, sobre a poesia infantil na escola.

No entanto, a partir de meu envolvimento cada vez maior com as atividades de pesquisa desenvolvidas no GPHELLB, pude compreender a relevância de estudos resultantes do desenvolvimento de pesquisa histórica sobre literatura infantil, no Brasil, como as que vêm sendo desenvolvidas na linha “História da literatura infantil e juvenil”, no âmbito desse grupo. Os resultados dessas pesquisas contribuem para a compreensão de aspectos pouco explorados na história da literatura infantil⁶.

Além da leitura do conjunto desses estudos desenvolvidos no GPHELLB, passei a ler textos de história da literatura infantil, dentre eles o livro *Literatura infantil brasileira: ensaio*

⁴ De fevereiro de 2009 a março de 2013, trabalhei como professora no curso de Pedagogia em faculdades particulares, presenciais e à distância, na cidade de Três Lagoas-MS.

⁵ Pedro Sidônio de Araújo Muralha (1920-1982) “[...] é um escritor português que passou a viver no Brasil, a partir da década de 1960, em decorrência de problemas com a ditadura militar em Portugal. No Brasil, dedicou-se à produção de literatura infantil, em especial ao gênero poético, e fundou a Editora Giroflé (São Paulo-SP), voltada para a publicação de livros infantis. É autor, dentre outros, de: *A televisão da bicharada* (1962); *Helena e a cotovia* (1979); *Bichos, bichinhos e bicharocos* (1950); *O Companheiro* (1975); *Valéria e a vida* (1976); *A Dança dos Pica-Paus* (1976); *Sete Cavalos na Berlinda*, (1977).” (s.p.). Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_infantil/sidonio_muralha.html>. Acesso em: 30 mar. 2016.

⁶ Para maiores informações sobre a produção da linha de pesquisa “História da literatura infantil e juvenil” do GPHELLB, ver o texto “A produção sobre literatura infantil do GPHELLB - Grupo de Pesquisa ‘História do ensino de língua e literatura no Brasil’ (1994-2014): um instrumento de pesquisa” (2014), de Laís Silva Cassimiro dos Santos, integrante desse grupo e estudante do Curso de Pedagogia da FFC-UNESP, *Campús de*

de preliminares para sua história e suas fontes, de Leonardo Arroyo (1968). Nesse livro, a partir de extensa reunião de fontes documentais, Arroyo (1968) formula uma versão detalhada da história da literatura infantil brasileira, destacando a relação entre a literatura infantil e a sociedade brasileira em seus diferentes aspectos sociais e culturais, tais como a escola, editoras, escritores, imprensa escolar e infantil e cultura oral/popular. Nesse livro, Arroyo (1968) afirma que a literatura infantil brasileira tem “origem” na “literatura didática”, publicada no final do século XIX e destinada a crianças em fase de escolarização.

Além desse livro, dentre o conjunto de textos considerados “fundadores”, no âmbito do GPHELLB, de um discurso sobre a literatura infantil no Brasil, destaco os seguintes: Lourenço Filho (1943); Meireles (1951); Azevedo (1952); Lajolo e Zilberman (1984); Melo Neto (1988); e Perrotti (1986).

No artigo “Como aperfeiçoar a Literatura Infantil”, Manuel Bergström Lourenço Filho⁷ (1943) propõe uma análise de aspectos que envolvem a criação, produção, circulação e crítica da literatura infantil. O artigo foi encomendado em forma de relatório pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, em setembro de 1943, e divulgado na *Revista Brasileira*⁸, n. 7, ano III, do Rio de Janeiro-RJ. Lourenço Filho (1943) apresenta aspectos da constituição da literatura infantil por meio de um “resumo histórico” e propõe uma distinção entre a “literatura didática” e a “literatura infantil”. A primeira deveria servir “[...] para o uso direto, por parte de crianças, ou para utilização por

Marília-SP. No primeiro semestre de 2015, outras informações sobre essa linha de pesquisa foram apresentadas, pela mesma autora, sob o formato de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

⁷ Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) foi um educador brasileiro, “[...] administrador escolar, psicólogo, editor, autor de cartilhas, livros de leitura e livros de literatura infantil [...]”. (MORTATTI, 2008a, p. 45). “Lourenço Filho nasceu [...] em Porto Ferreira (SP) [...]. Em 1910, matriculou-se no Ginásio de Campinas, curso que interrompeu para se inscrever na Escola Normal Primária de Pirassununga (1912). Concluído o curso da Escola Normal (1914), exerceu o magistério primário em sua cidade natal. (1915). No ano seguinte, transferiu-se para a capital paulista, onde estudou na Escola Normal Secundária (Praça da República) e obteve novo diploma de professor. Com a intenção de se dedicar à psiquiatria, ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo (1918); no final do segundo ano, desistiu do curso de medicina. Em 1929, recebeu o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de São Paulo. A partir de 1920 iniciou, propriamente, sua vida profissional [...] a serviço da psicologia e da educação. [...] Organizou o ensino público do Ceará, [...] reorganizou o ensino normal e o ensino profissional de São Paulo e criou o Serviço de Psicologia Aplicada de São Paulo (1931); integrado no movimento escolanovista, escreveu [...] livros e artigos de referência obrigatória nos campos da psicologia e da educação [...]” (s.p.). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000100009 . Acesso em: 30 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita desse professor, ver: Magnani (1997a, 1997b); Mortatti (2000, 2001b); Monarcha (1997); e Bertolotti (1997, 2006, 2012).

⁸ A *Revista Brasileira* “[...] como ficou conhecida a *Revista Brasileira de Letras*, [...] teve a sua primeira publicação em 14 de julho de 1855, com o título *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*. A partir de julho de 1941, passou a ser publicada pela Academia Brasileira de Letras, e está em funcionamento até os dias atuais. [...] A Fundação Casa Rui Barbosa organizou e publicou uma coleção sobre essa revista, intitulada *Índice da Revista Brasileira*, disponível na Divisão de Informação e Documentação da Biblioteca Nacional.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=31> >. Acesso em: 30 mar. 2016.

elas, sob a direção do professor [...]”; a segunda teria como objetivo exprimir “[...] a arte, ou seja, o de exprimir o *belo* [...], ou já não será literatura”. (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 155-156). A partir disso, o autor apresenta sugestões para o aperfeiçoamento da literatura infantil, tais como medidas de esclarecimento social sobre o assunto, estímulos a autores nacionais e critérios de aferição dos livros infantis⁹.

O livro *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles¹⁰ (1951), resulta de três conferências que essa escritora ministrou para professores no ano de 1949, a pedido da Secretaria da Educação de Belo Horizonte-MG. Com base em estudos do folclore e da tradição oral, considera a literatura infantil como parte da “literatura geral”, pois, para ela, “[...] tudo é uma Literatura só.” (MEIRELES, 1951, p. 19). Segundo Meireles (1951, p. 19), a literatura infantil deve ser pensada em uma perspectiva formativa da leitura, mas não propriamente educacional, pois a considera, acima de tudo, como arte literária. Na concepção da autora, para quem “[...] não haveria, pois, uma Literatura Infantil ‘*a priori*’, mas ‘*a posteriori*’” (MEIRELES, 1951, p. 19), a escolha dos livros deveria ser feita pelas crianças, e não pelos adultos, que costumam subestimar a crítica e o gosto das crianças pela arte, convencendo-se de que qualquer tema que contenha “[...] suficiente elevação moral, exposto em forma singela e correta pode transformar-se num livro infantil”. (MEIRELES, 1951, p.27).

No artigo “A literatura infantil numa perspectiva sociológica”, Fernando de Azevedo¹¹ (1952) reflete sobre os problemas sociológicos que envolviam o livro, a leitura e a literatura infantil no Brasil. Para tanto, propõe uma análise a partir das relações de interdependência entre diferentes instituições sociais, tais como a política, a economia e a educação, pois,

⁹ Para maiores informações sobre a análise desse texto, ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Bertolotti (2003, 2006, 2012); Lima (1999); Marquezi (2000); Menin, (1999); Mortatti (2008a, 2014); Oliveira (2009, 2010, 2012); Pinto (1996); Pivatto (2000); Souza (2002); Stanislavski (2001).

¹⁰ Cecília Meireles (1901-1964) “[...] nasceu na cidade do Rio de Janeiro [...]. Formou-se professora (cursou a Escola Normal) e com apenas 18 anos de idade, no ano de 1919, publicou seu primeiro livro *Espectro* [...]. Fundou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro no ano de 1934. Escreveu várias obras na área de literatura infantil [...]. É considerada uma das poetisas mais importantes da literatura e literatura infantil brasileira.” (s.p.). Disponível em: < http://www.suapesquisa.com/biografias/cecilia_meireles.htm >. Acesso em 30 mar. 2015. Para maiores informações sobre a produção poética dessa escritora, ver Chaves (2001); Mortatti e Pereira (2009b).

¹¹ Fernando de Azevedo (1894-1974) “[...] foi professor, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro, [...] cursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo. [...] Diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926-30); Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1933); Membro da Comissão organizadora da Universidade de São Paulo (1934); Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (1941-42); Membro do Conselho Universitário por mais de doze anos, desde a fundação da Universidade de São Paulo; Secretário da Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947); Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, que ele instalou e organizou (1956-61). [...] Foi o redator e o primeiro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova [...]” Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=536&sid=181> >. Acesso em: 30 mar. 2015. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Fernando de Azevedo, ver: Rocha (2008); Toledo (2001); Vidal (1994); Vidal; Faria Filho (2003); e Xavier (1998).

segundo Azevedo (1952), as mudanças na estrutura social e na vida doméstica deram lugar às instituições que passaram a atuar na formação das crianças e adolescentes. O autor entende que “instrução” e a “recreação” “[...] são os objetivos de tôda¹² a literatura infantil e juvenil [...]”, porém, quando os autores fazem um sobressair ao outro, trazendo desequilíbrio à narrativa, instala-se um sério problema. (AZEVEDO, 1952, p. 57). Na conclusão de seu texto, aponta a necessidade de estudo sobre os diferentes setores responsáveis pela produção e circulação de livros no Brasil.

No livro *Literatura infantil brasileira: história & histórias*, Marisa Lajolo¹³ e Regina Zilberman¹⁴ (1984) apresentam reflexões sobre a produção de literatura infantil no Brasil, do final do século XIX até o início dos anos de 1980. As autoras propõem uma história da literatura infantil brasileira dividida em quatro “ciclos”, que, aliada a um panorama histórico social do Brasil, sintetiza cem anos de história da literatura infantil. Destacam a falta de tradição, no Brasil, em pesquisas nessa área e apresentam os avanços e dificuldades da produção literária infantil, considerando que José Bento Monteiro Lobato¹⁵ funda literatura

¹² Por se tratar de pesquisa histórica, mantive a ortografia apresentada nos documentos que cito e transcrevo nesta tese.

¹³ Marisa Philbert Lajolo tem “[...] Bacharelado e Licenciatura em Letras (Universidade de São Paulo, 1967), Mestrado (USP, Teoria Literária e Literatura Comparada, 1975) e Doutorado (USP, Teoria Literária e Literatura Comparada, 1980), sob orientação de Antonio Candido. Tem Pós Doutorado (Brown University) e realizou inúmeros estágios de pesquisa na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Saint Genevieve (Paris) e na John Carter Brown Library. É atualmente Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie (graduação e pós graduação, Letras) e mantém vínculo como Professor colaborador voluntário na UNICAMP. Suas atuais linhas de pesquisa recobrem interesse por Teoria Literária e Literatura Brasileira, atuando especialmente nas áreas de história da leitura, literatura infantil e/ou juvenil e Monteiro Lobato. [...] O livro que organizou, *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil* (IMESP, Ed. UNESP), recebeu o prêmio Jabuti em 2009.” (s.p.). Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4783951Y7>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

¹⁴ Regina Zilberman tem “[...] graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), doutorado em Romanística - Universidade de Heidelberg (Ruprecht-Karls) (1976), e pós-doutorado no University College (Inglaterra) (1980-1981) e Brown University (EUA) (1986-1987). Atualmente é professora adjunta do Instituto de Letras, da UFRGS, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras. Lecionou entre 2007 e 2010 na Faculdade Porto-Alegrense e, em 2010, no Centro Universitário Ritter dos Reis. Também foi professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em História da Literatura, atuando especialmente nos seguintes temas: leitura, história da literatura, literatura do Rio Grande do Sul, formação do leitor e literatura infantil.” (s.p.). Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4783911U1>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

¹⁵ José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) “[...] nasceu na cidade de Taubaté, SP [...], foi alfabetizado pela mãe e logo despertou o gosto pela leitura [...]. Com 13 anos foi estudar em São Paulo, no Instituto de Ciências e Letras, se preparando para a faculdade de Direito na qual ingressou em 1904. [...] Em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, criou a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 1919 [...], a editora foi à falência em 1925, [...] venderam tudo e fundaram a *Companhia Editora Nacional*. [...] Lobato mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a publicar livros para crianças. O livro de leitura *Narizinho Arrebitado* (1921) levou o autor a prolongar as aventuras de seu personagem em outros livros girando todos ao redor do Sítio do Pica-pau Amarelo [...], tornando-se um dos maiores nomes da literatura infantil brasileira.” (HALLEWELL, 2005, p. 313-341). Para maiores informações a atuação e produção escrita de Monteiro Lobato, ver: Lajolo e Ceccantini (2009); Koshijama (2006); Passiani (2002); e Debus (2001).

infantil brasileira. Segundo as pesquisadoras, o movimento de renovação desse gênero literário ocorre a partir da década de 1970 e os cem anos de história da literatura infantil

[...] funda[m] um universo imaginário peculiar que se encaminha em duas direções principais. De um lado, reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização [...] De outro lado, dá margem às manifestações do mundo infantil, que se aloja melhor na fantasia, e não na sociedade, opção que sugere uma resposta à marginalização a que o meio empurra a criança. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 67).

Gustavo Adolfo Ramos Melo Neto¹⁶ (1988), em sua dissertação de mestrado *O discurso especializado em literatura infanto-juvenil no Brasil na década de 50: da criança mitificada à atitude política*, analisa o discurso sobre a literatura infantil a partir dos conceitos de “atitude”, “opinião”, “crença” e “mito” no contexto da Psicologia Social. O pesquisador busca compreender o discurso de especialistas em literatura infantil no Brasil, durante a década de 1950, a partir da análise de 16 textos publicados na forma de livro e de capítulos de livros. Por meio da análise desses textos, Melo Neto (1988, p. 246) observa uma disputa entre dois tipos de discursos: o primeiro, que compreende-a literatura infantil “[...] por um notado ângulo educativo, mas não necessariamente escolar”; o segundo, que apresenta uma “[...] vertente pedagógica, convertendo-a em escolar”. Para o autor, esses discursos apresentam uma mitificação da criança e da escola, bem como um reducionismo psicológico na concepção de literatura infantil.

No livro *O texto sedutor na literatura infantil*, Edmir Perrotti¹⁷ (1986) propõe uma reflexão sobre o que aponta como uma nova tendência discursiva presente nos textos de

¹⁶Gustavo Adolfo Ramos Melo Neto “[...] tem graduação em Psicologia pelo Curso de Formação de Psicólogos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - 1981), tem mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP - 1988), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP - 1993) e um pós-doutorado (de 2 anos) em Psicanálise na Université de Paris VII. Atualmente é professor associado da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, teoria psicanalítica e psicopatologia psicanalítica”. (s.p.). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4727375U6>. Acesso em: 12 jan. 2016.

¹⁷ Edmir Perrotti “[...] possui graduação em Letras Português e Francês pela Universidade de São Paulo (1971), mestrado (1984) e doutorado (1989) em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes/USP. É docente no PPG Ciência da Informação da ECA/USP, responsável pela disciplina Infoeducação: acesso e apropriação de informação na contemporaneidade. Ministra, como docente colaborador no Curso de Graduação Jornalismo e Editoração da ECA/USP, a disciplina "Políticas públicas em comunicação e leitura". Diretor científico do Colaboratório de Infoeducação - ColaborI- da ECA/USP, coordena grupo de pesquisa voltado à consolidação da Infoeducação, abordagem de natureza histórico-cultural das relações entre Informação e Educação. Realiza pesquisas com ênfase em infoeducação, dispositivos informacionais, saberes informacionais, redes culturais, metodologia colaborativa, leitura; literatura infantil e juvenil”. (s.p.). Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4787972J8>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

literatura infantil a partir da década de 1970: o “discurso estético”. Segundo Perroti (1986), o aparecimento desse discurso na literatura infantil brasileira ocorreu com a retomada da tradição fundada por Monteiro Lobato no livro *O caneco de prata*, de João Carlos Marinho Silva (1970). A partir dessa década, um grande número de escritores passou a escrever livros de literatura infantil nos quais era possível identificá-lo. Perroti (1986) aponta, também, uma tendência nos livros de literatura infantil desse período: uma forma “nova” de reproduzir a tendência “utilitária” na literatura infantil, à qual chamou de “utilitarismo às avessas”.

Além dos textos sintetizados, destaco alguns estudos resultantes de pesquisas desenvolvidas no âmbito do GPHELLB. São eles: Menin (1999); Mortatti (2000, 2001, 2008); Souza (2002); Bertoletti (2006); Oliveira (2009, 2010).

Na tese *O “Patinho Feio”, de H.C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para criança*, Ana Maria da Costa Santos Menin (1999) visa, contribuir para a compreensão da história da literatura infantil brasileira e compreender os sentidos que o conto em tela adquiriu no Brasil. Com base no método da análise da configuração textual, a autora analisa a primeira edição dinamarquesa do conto, publicada em 1844, bem como as quatro “recriações” realizadas por professores e escritores brasileiros: Arnaldo de Oliveira Barreto¹⁸ (1915), Manoel Bergström Lourenço Filho (1926), José Bento Monteiro Lobato (1934) e Mary França¹⁹ e Eliardo França²⁰ (1990). Menin (1999, p. 17) considera que, com as “recriações” de “O Patinho Feio”, teve início uma “[...] história brasileira do conto, relacionada com a

¹⁸ Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) “[...] formou-se em 1891, pela Escola Normal de São Paulo, e colaborou com diversos jornais e revistas pedagógicas do Rio de Janeiro e de São Paulo. [...] Em 1897, atendendo à solicitação do diretor da Escola Normal de São Paulo, tornou-se inspetor das escolas anexas desse estado. [...] No período de 1902 a 1904, foi redator-chefe da *Revista de Ensino*, órgão da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista [...] No período de 1915 a 1925, foi responsável pela criação e organização da coleção “Biblioteca Infantil” da editora Melhoramentos.” (BERNARDES, 2008, p. 3-4). Disponível em: < <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/181/166>>. Acesso em: 03 abr. 2015. Para maiores informações sobre a coleção “Biblioteca Infantil” e sobre a atuação desse educador, ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Menin (1999); Bernardes (2003); e Bertoletti (1997; 2006). Sobre a coleção “Biblioteca Infantil”, ver também: Soares (2002, 2006) e Razzini (2002, 2007a).

¹⁹ Mary França “[...] é uma escritora mineira, nasceu em 1948, na cidade de Santos Dumont (MG). [...] Formou-se professora, mas logo passou a dedicar-se à criação literária, em especial à literatura infantil. A parceria com Eliardo França, com quem é casada, começou com *O menino que voa*, de 1973, [...] o casal adaptou contos clássicos infantis e foi até a Dinamarca pesquisar os textos de Hans Cristian Andersen.” (MENIN, 1999, p. 165-166). Disponível em: < http://www.geocities.ws/pingos_maryeliardo/bio2.htm> . Acesso em: 25 mar. 2016. Sobre a produção escrita de Mary França, ver, também: Santos (1998); Souza (1997); e Zilberman (1985).

²⁰ Eliardo Neves França “[...] é um artista plástico mineiro, nasceu em 1941, na cidade de Santos Dumont (MG). [...] Casado com Mary França, [...] é um dos mais criativos e premiados artistas ilustradores de livros infantis e *cartoons* [...]. Dentre os maiores sucessos de Mary e Eliardo França para o público infantil está a coleção Gato e Rato, vencedora do Prêmio Ofélia Fontes em 1978. Em 1981, pelo conjunto de sua obra, Eliardo França recebeu, da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), o título de melhor ilustrador. Em 1986, foi indicado ao maior prêmio da literatura infanto-juvenil: o Hans Chistian Andersen.” (MENIN, 1999, p. 166- 168). Disponível em: < http://www.geocities.ws/pingos_maryeliardo/bio2.htm>. Acesso em: 25 mar. 2016. Sobre a produção escrita de Eliardo França, ver, também: Santos (1998); Souza (1997); e Zilberman (1985).

constituição de uma história da literatura infantil brasileira e com a formação escolar das crianças brasileiras”.

O livro *Os sentidos da alfabetização*: (São Paulo - 1876/1994), de Mortatti (2000), apesar de tratar de questões relativas à história da alfabetização, constitui a base teórica e metodológica desta pesquisa, bem como de todas as pesquisas desenvolvidas no grupo.

Nesse livro, Mortatti (2000) busca compreender os sentidos historicamente atribuídos à alfabetização no Brasil. Para isso, elege quatro momentos que considera “cruciais” e representativos dos movimentos de constituição e mudança na alfabetização, no Brasil, os quais abrangem mais de cem anos dessa história.

O *primeiro momento* caracterizou-se pela “Metodização do ensino da leitura”. De acordo com Mortatti (2000), o método “João de Deus”, contido na *Cartilha Maternal* ou *Arte da Leitura*, publicado em 1876, em Portugal, pelo poeta João de Deus, passou a circular no Brasil a partir de 1880, por influência do professor Antonio da Silva Jardim (1860-1891), da Escola Normal de São Paulo (SP). Esse método baseava-se na palavrção e opunha-se aos métodos da soletração e silabação (métodos sintéticos)²¹.

O *segundo momento* foi marcado pela “institucionalização do método analítico”, que se tornou hegemônico entre 1890 e meados de 1920. Segundo Mortatti (2000), esse método era considerado, sobretudo pelos professores da escola Normal de São Paulo, como o mais “científico” e “moderno” em relação ao antigo método sintético. As discussões nesse momento histórico envolviam também disputas entre os “modernos” e “mais modernos” defensores do método analítico, os quais discutiam sobre os modos de processá-lo: se por meio da palavrção, da silabação ou da historieta²².

O *terceiro momento* destacou-se pela “relativização da importância dos métodos de ensino” e por disputas entre o método analítico e os métodos mistos (sintéticos-analíticos; analíticos-sintéticos), sob a influência das ideias do professor Manuel Bergström Lourenço Filho e suas pesquisas de base psicológica, especialmente a que apresenta no livro *Testes ABC*: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, publicado em 1934²³.

²¹ Para maiores informações sobre a atuação do professor Antonio da Silva Jardim e o método sintético no Brasil, ver Pasquim (2013).

²² Para maiores informações sobre o método analítico no Brasil e outros estudos sobre a forma de processar o método analítico, ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Magnani (1997); Mortatti (2000); Bernardes (2003); Cortella (2006; 2009; 2013); Gazoli (2010); Pasquim (2010; 2013); Oriani (2010); Ribeiro (2001); e Sobral (2007).

²³ Para maiores informações sobre a atuação do professor Manuel Bergström Lourenço Filho e as reflexões sobre o “terceiro momento” da história da alfabetização no Brasil, ver os seguintes estudos desenvolvidos no

O *quarto momento*, segundo Mortatti (2000), estende-se do final da década de 1970 até os dias atuais, sendo marcado por disputas entre os métodos mistos e a “revolução conceitual” proposta pela psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e seus colaboradores²⁴, amplamente divulgada no Brasil.

No texto “Leitura crítica da literatura infantil”, Maria do Rosário Longo Mortatti (2001) reflete sobre a necessidade de superar a oposição entre o “didatismo” e a “literariedade” nos textos de literatura infantil, tendo em vista que, no caso brasileiro, a literatura infantil nasceu do “[...] modelo republicano de instrução do povo [...]” no final do século XIX. (MORTATTI, 2001, p. 180). Para a autora, a constituição da literatura infantil brasileira é, ao mesmo tempo, literária e didática, e a oposição entre áreas de Educação e Letras contribui para “impasses improdutivos”, tanto nas produções acadêmico-científicas *sobre* literatura infantil, quanto na produção *de* literatura infantil. Segundo a pesquisadora, a análise da literatura infantil demanda uma postura interdisciplinar, bem como a leitura crítica e específica de textos de literatura infantil a partir do conceito operativo denominado pela autora de “análise da configuração textual”, ou seja, de um conjunto de aspectos constitutivos do sentido de um texto²⁵. (MORTATTI, 2001, p. 183-185).

No texto “Literatura infantil e/ou juvenil: a ‘prima pobre’ da pesquisa em Letras?”, Maria do Rosário Longo Mortatti (2008) tem como objetivo contribuir para o debate sobre perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa sobre literatura infantil no Brasil. Para a pesquisadora, as produções acadêmico-científica *sobre* esse “gênero” constituem um campo de pesquisa “fecundo” e “promissor”. Mortatti (2008) considera, ainda, que, em decorrência da “[...] tradição teórica e metodológica [...]”, são as pesquisas da área de Letras as que têm maiores condições de abordar o fenômeno da literatura infantil. (MORTATTI, 2008, p. 47). Segundo a autora, é necessário

[...] analisar todos os aspectos da configuração textual, utilizando-se também de métodos e procedimentos advindos da crítica, teoria e história literárias, especialmente, mas também de conhecimentos da história do discurso *de* e *sobre* LIJ e das demais áreas de conhecimento envolvidas, o que lhe propicia maiores condições de produzir sentidos autorizados que conferem singularidade a determinado texto de literatura infantil e/ou juvenil e contribuir para a construção da identidade específica tanto do fenômeno quanto do campo de conhecimento. (MORTATTI, 2008, p. 51-52).

âmbito do GPHELLB: Magnani (1996; 1997a; 1997b); Mortatti (2000, 2008c; 2009a); e Bertoletti (1997; 2006; 2012).

²⁴ Para maiores informações sobre a atuação da educadora Emília Ferreiro e as reflexões sobre o “quarto momento” da história da alfabetização no Brasil, ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Mortatti (1999b; 2000, 2004, 2005; 2007c, 2008c, 2009a); e Mello (2003, 2007).

²⁵ Para maiores informações sobre o conceito do método de análise da “configuração textual”, ver Magnani (1997a); Mortatti (2000).

Na tese *A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins: uma representação da realidade brasileira*, Claudete Cameschi de Souza (2002) visa, contribuir para a compreensão de uma história, teoria e crítica da literatura infantil brasileira. Por meio da análise da configuração textual de dois livros infantis de Francisco Marins²⁶, *As Aventuras de Taquara-Póca* (1963) e *O sótão da múmia* (1998), Souza (2002) constata uma importante relação entre a concepção de literatura infantil daquele período, o mercado editorial e o pensamento educacional da época. Segundo a pesquisadora, apesar de, à primeira vista, a literatura infantil de Marins demonstrar “[...] apenas a intenção de instruir, ensinar e reafirmar valores morais e comportamentos a serem assimilados pelo público leitor [...]”, ela representa grande parte da produção de livros para crianças durante a primeira metade do século XX, no Brasil. (SOUZA, 2002, p. 21).

Na tese *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968)*: fundação de uma tradição, o objetivo de Estela Natalina Mantovani Bertoletti (2006) é contribuir para uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e para a produção de uma história, teoria e crítica da literatura infantil brasileira. Com base no método de análise da configuração textual, Bertoletti (2006) analisa seis textos *sobre* literatura infantil de Lourenço Filho e a série de livros de literatura infantil “Histórias do Tio Damião” (1942-1951), *de* Lourenço Filho. Como resultados da pesquisa, Bertoletti (2006) destaca o pioneirismo, a influência e permanência da produção *de* e *sobre* literatura infantil de Lourenço Filho. Conclui a pesquisadora que esse professor e escritor “funda uma tradição” em relação à produção *de* e *sobre* literatura infantil por “[...] tematizar pioneiramente e concretizar competitivamente o gênero, [...] exercendo influência na produção *de* e *sobre* literatura infantil e juvenil até os dias atuais, dada a força importância”. (BERTOLETTI, 2012, p. 182).

No trabalho de conclusão de curso *Manuais de ensino de literatura infantil no Brasil (1923-1991)*: autores, produção e circulação, Fernando Rodrigues de Oliveira (2009) analisa o conjunto das referências de manuais de ensino de literatura infantil destinados a “ensinar a

²⁶ Francisco Marins “[...] nasceu na cidade de Tratania, SP, em 1922 [...] é advogado, formado, em 1946, na Faculdade de Direito de São Paulo, e escritor. [...] Autor da série de livros infanto-juvenis sobre a fazenda Taquara-Póca. [...] Foi editor da Editora Melhoramentos [...], presidente da Academia Paulista de Letras por dois mandatos e dirigiu, por 17 anos, a *Revista da Academia Paulista de Letras*. [...] Foi representante do Brasil no Prêmio Hans Christian Andersen e ganhou diversos prêmios tais como: “Carlos Laet” da Academia Brasileira de Letras; “Fábio Prado” da União Brasileira de Escritores, “Jabuti”, da Câmara Brasileira do Livro; “Lourenço Filho”, de literatura infanto-juvenil, entre outros.” (s.p.). Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/a_saga_do_cafe_de_francisco_marins_1960-1964_historia_e_romance_historico.pdf >. Acesso em: 30 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita *de* e *sobre* Francisco Marins, ver, especialmente: Souza (2002).

ensinar” literatura infantil, publicados durante o século XX no Brasil. Oliveira (2009) localizou e reuniu dez referências de manuais de ensino de literatura infantil e 14 referências de capítulos sobre literatura infantil em manuais de ensino de língua e literatura. Por meio do método de análise da configuração textual, o autor destaca diversos aspectos constitutivos dos manuais de ensino e afirma que:

[...] a produção e circulação desses manuais e capítulos sobre literatura infantil estiveram diretamente relacionadas com a história do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Brasil e com a importância que esse tipo de livro didático passou a ter nesses cursos. (OLIVEIRA, 2009, p. 84).

Do mesmo autor é a dissertação de Mestrado *O ensino de literatura infantil em Compêndio de literatura infantil*: para o 3º. ano normal (1959), de Barbara Vasconcelos de Carvalho²⁷. Por meio da análise da configuração textual do *Compêndio de literatura infantil* (1959), Oliveira (2010) aponta o pioneirismo dessa professora e escritora na construção de uma história do ensino de literatura infantil nos cursos normais do estado de São Paulo, tendo em vista que o manual de Barbara Vasconcelos de Carvalho foi o primeiro específico para esse tipo de ensino, tornando-se base para os demais autores de manuais de ensino de literatura infantil. Conclui o pesquisador que *Compêndio de literatura infantil*

[...] contribuiu para estruturar um conjunto de saberes relacionados à literatura infantil e considerados necessários para a formação dos professores primários, pois, na medida em que não havia textos que subsidiassem o ensino da literatura infantil e o programa oficial apenas apresentava os “pontos” a serem abordados, Bárbara V. de Carvalho é a primeira a elaborar um compêndio no qual contém os conteúdos relativos à literatura infantil, que deveriam ser estudados nos cursos normais pelos professorandos. (OLIVEIRA, 2010, p. 179).

Diante dos estudos sintetizados acima e dos livros sobre história da literatura infantil no Brasil que passei a ler, a partir, principalmente, das sessões de orientação com minha orientadora, observei que poderia contribuir com esse campo de conhecimento ao desenvolver

²⁷Barbara Vasconcelos de Carvalho (1915- 2008) “[...] licenciou-se em Letras Neolatinas, em 1948, pela Faculdade de Filosofia, da Universidade da Bahia, assumindo, em 1949, em sua cidade de origem, seu primeiro cargo como professora para o magistério secundário e normal. [...] Carvalho se dedicou ao estudo e ao ensino da literatura infantil, participando de: cursos, palestras e conferências em diversos estados do Brasil (São Paulo, Rio Grande do Sul e Sergipe) e no exterior (Montevidéu-Uruguai); congressos e seminários de literatura infantil e juvenil; e na organização pioneira de uma exposição de literatura infantil, no Departamento de Educação de São Paulo, durante a Semana da Normalista, em 1959. Além dessa atuação, Carvalho integrou importantes instituições e centros relacionados à literatura infantil e juvenil no Brasil, a saber: sócia-fundadora e presidenta do Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (Celiju), durante o biênio 1972-1974 [...]”. (OLIVEIRA, 2010, p. 52-58).

pesquisa de abordagem histórica sobre a literatura infantil mais do que do ponto de vista da teoria literária, como eu havia pensado de início.

Ainda durante esse período de estudo e de leituras, com objetivo de conhecer o campo de conhecimento sobre esse tema, li o prefácio à 3ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira*, de Arroyo, que foi escrito por minha orientadora, em 2011, um ano antes de meu ingresso no GPHELLB. Após essa leitura, optamos inicialmente, minha orientadora e eu, pelo estudo desse livro, em suas três edições: a 1ª., de 1968, publicada pela editora Melhoramentos (SP); a 2ª., em 1988, publicada pela mesma editora; e a 3ª., em 2011, pela editora UNESP (SP), na qual consta o prefácio de Mortatti (2011) que mencionei. A eleição desse livro como *corpus* privilegiado da pesquisa decorreu do fato de considerá-lo importante no conjunto dos primeiros estudos de abordagem histórica sobre a literatura infantil no Brasil.

Concomitantemente à leitura dos textos sintetizados acima, consultei acervos, *sites* da Internet e bases de dados disponíveis *on-line*, com o objetivo de reunir informações sobre a produção escrita *de* e *sobre* Leonardo Arroyo. Dessas atividades, elaborei uma primeira versão do instrumento de pesquisa *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo (1918-1985)*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2013), contendo 375 referências de textos *de* e *sobre* esse autor.

O “instrumento de pesquisa” contém um conjunto de referências das fontes documentais, que foram reunidas por procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de acordo com os critérios e interesses desta pesquisa. Para Belotto (1979, p. 104), a elaboração do instrumento de pesquisa é etapa fundamental e necessária em pesquisas históricas, pois

[...] escolhido um tema e aventadas as hipóteses de trabalho, o historiador passa para o como e onde. Diante de um sem-número de fontes utilizáveis, a primeira providência, pela própria essência do método histórico, é a localização dos testemunhos.

Para a elaboração deste instrumento de pesquisa utilizei os procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos escritos por Leonardo Arroyo e de textos de outros autores que contêm menções a ele, sua atuação profissional e produção escrita e/ou citações de textos seus.

Para tanto, consultei os seguintes acervos físicos de instituições localizados na cidade de São Paulo-SP: Academia Paulistas de Letras; Biblioteca Monteiro Lobato; Biblioteca Mário de Andrade; Centro de Referência em Educação “Mário Covas”; Centro de Memória

da Educação – USP; Hemeroteca da Escola Estadual “Caetano de Campos”; e Acervo da Câmara Municipal de São Paulo. Ao final deste instrumento apresento relação de endereços dos acervos consultados.

Consultei, ainda, acervos e bases de dados disponíveis *on-line* e *sites* da Internet, das seguintes instituições: Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); Universidade de Campinas (UNICAMP); Biblioteca virtual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Banco de teses da CAPES e Plataforma Lattes. A relação completa e os endereços eletrônicos dos *sites* e bases de dados disponíveis *on-line* que consultei constam ao final deste instrumento de pesquisa.

Durante essas consultas às bases de dados *on-line* e aos acervos, utilizei como termo de busca o nome do autor, “Leonardo Arroyo”, pois os termos “literatura infantil” ou “história da literatura infantil” conduziram-me a muitos documentos que não se relacionavam diretamente ao tema da pesquisa.

Todas as referências que localizei, recuperei, reuni, selecionei e ordenei foram elaboradas de acordo com a *Norma Brasileira de Referência* (NBR) – 6023 (2002), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Algumas referências apresentadas nesse instrumento sofreram adequações pela ausência de informações de diferentes naturezas, tais como, dificuldade de acesso ao texto completo, à data de publicação, ao número de páginas e ao local de publicação.

Com o objetivo de registrar informações que considerei importantes, mas que não estão previstas na elaboração das referências, conforme normas da ABNT, utilizei o recurso da nota, situada no final da referência, e, como critério de normalização das referências, optei por descrever o nome completo dos autores em todas as referências de documentos, mesmo naqueles cuja autoria já havia indicado em outra referência²⁸. Optei, também, por indicar, ao final da referência, o número de páginas de cada documento, quando esta informação estava disponível. Por se tratar de pesquisa histórica, também optei por manter a ortografia da época apresentada em títulos, subtítulos e nomes de editoras.

²⁸ Encontra-se no documento *NBR 6023* (2002, p.21), da ABNT, a seguinte redação: “Eventualmente, o(s) nome(s) do(s) autor (es) de várias obras referenciadas sucessivamente, na mesma página, *pode(m)* ser substituído(s), nas mesmas referências seguintes à primeira, por um traço sublinear (equivalente a seis espaços) e ponto” (grifo meu).

Para ordenação das referências que constam no instrumento de pesquisa, considerei todas as edições de livros que localizei, ordenando-as cronologicamente de forma crescente. Destaquei as referências da 1ª. edição ou edição mais antiga e mantive um recuo de 2 cm, na margem esquerda, para as demais referências de outras edições de um mesmo livro.

Este instrumento de pesquisa foi desenvolvido mediante abordagem histórica em educação, que, segundo Mortatti (1999, p.73), é:

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação.

Como afirma Mortatti (1999, p.70), a pesquisa histórica requer processos de:

[...] recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais escritas: de produção de texto final (monografia, dissertação ou tese) em que se materializa discursivamente o objeto de investigação; e de constituição do sujeito desse discurso.

Segundo Bellotto (1991, p. 104), os instrumentos de pesquisa são fundamentais no processo historiográfico, considerado como “a primeira providência” do método histórico, pois “[...] constituem-se em vias de acesso do historiador ao documento, sendo a chave da utilização dos arquivos como fontes primárias da História.” (BELLOTTO, 1979, p. 133).

Devido à característica interdisciplinar das pesquisas no campo da História da Educação, compreender um objeto historicamente não é tarefa fácil, é preciso “[...] apreender e problematizar, por meio de configurações textuais – as lidas e as produzidas pelo pesquisador –, a simultaneidade entre continuidade e descontinuidade de sentidos [...]” (MORTATTI, 1999, p. 75).

Portanto, o ofício do pesquisador requer um trabalho rigoroso com a linguagem e de análise das fontes documentais, pois, o

[...] ofício do pesquisador é também uma atividade especificamente humana, constituída e mediada pela linguagem, cuja especificidade consiste na produção de conhecimentos, com base em um projeto de pesquisa. Para essa atividade, não basta ao pesquisador ser usuário ou aplicador de conhecimentos disponíveis e em circulação na sociedade e na universidade. É preciso que ele consiga refletir sobre esses conhecimentos, estabelecer relações, categorizar, abstrair e articular coerentemente teoria e empiria, como atividade que lhe propicie ser sujeito de um discurso e seu sentido. (MORTATTI, 1999, p.72).

Concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, cursei, nos anos de 2013 e 2015, para a integralização dos créditos doutorado, oito disciplinas, que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e para a minha formação como pesquisadora. São elas:

- “História da Educação e História Cultural: perspectivas de pesquisa”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Rosa Fátima de Souza (FFC-UNESP-Marília);
- “História da escola no Brasil”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Ana Clara Bertoleto Nery (FFC-UNESP-Marília);
- “Tópicos Especiais – Mulheres e Formação de Professores: reflexões a partir da História e da Antropologia do Gênero”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Oresta López Pérez (Colégio de San Luís-México) e pela Prof^a Dr^a Rosa Fátima de Souza (FFC-UNESP-Marília);
- “Literatura Infantil Brasileira”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti (FFC-UNESP-Marília) e pela Prof^a. Dr^a. Estela Natalina Mantovani Bertoletti (FFC-UNESP-Marília);
- “História do Ensino de Leitura e Escrita no Brasil”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti (FFC-UNESP-Marília);
- “História da Educação no Brasil”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Rosane Michelli de Castro (FFC-UNESP-Marília);
- “Tópicos Especiais: A Formação de Professores em Portugal”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria Assunção da Cunha Folque de Mendonça (Universidade de Évora-Portugal) e pela Prof^a. Dr^a. Suely Amaral Mello (FFC-UNESP-Marília); e,
- “A cultura como objeto da história e da escola”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Diana Gonçalves Vidal (FE-USP).

Em março de 2015, apesar de cumpridos os créditos do doutorado, cursei, ainda, as disciplinas:

- “Tópicos Especiais: A educação na França contemporânea: políticas de formação de leitores e processo de formação e profissionalização docente”, ministrada pelo Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho (FFC-UNESP-Marília); Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno (FFC-UNESP-Marília); e Prof. Dr. Max Butlen (Université Cergy-Pontoise - Académie de Versailles, França); e

- “O método de análise da Configuração Textual”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti (FFC-UNESP-Marília)

Além da integralização dos créditos nessas disciplinas, apresentei também resultados parciais da pesquisa de doutorado em: um evento de abrangência local, três eventos de abrangência nacional e quatro eventos de abrangência internacional, a saber:

- XIV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação, realizado em Marília-SP, em junho de 2013;
- I CONBAIf – Congresso Brasileiro de Alfabetização, realizado em Belo Horizonte-MG, em julho de 2013;
- II SIHELE – Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita, realizado em Belo Horizonte-MG, em julho de 2013;
- XI CIHELA – Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana; realizado em Toluca-México, em maio de 2014;
- 19º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, realizado em Campinas-SP, em julho de 2014;
- X COLUBHE – Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, realizado em Curitiba-PR, em agosto de 2014;
- VIII CBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação: matrizes interpretativas e internacionalização, realizado em Maringá-PR, em julho de 2015; e
- IV CILIJ - Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil: celebrando a leitura, realizado em Presidente Prudente-SP, em setembro de 2015.

Concomitantemente a essas atividades de pesquisa e de formação acadêmica, fui articulando um conjunto significativo de documentos relativos à produção *de* e *sobre* Leonardo Arroyo, especialmente *de* e *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo, os quais reuni no instrumento de pesquisa que mencionei (ASSIS, 2016), com o total 1.607 referências, considerando, no caso de livros, a 1^a. edição ou edição mais antiga que localizei. Esse conjunto significativo de referências tem me possibilitado compreender aspectos da produção e atuação de Leonardo Arroyo na história da literatura infantil brasileira.

No instrumento de pesquisa elaborado (ASSIS, 2016), as 1.607 referências estão ordenadas em duas partes: “Bibliografia *de* Leonardo Arroyo” e “Bibliografia *sobre* Leonardo Arroyo”.

Na primeira, reuni 880 referências de textos escritos por Leonardo Arroyo e as ordenei nas seguintes seções de acordo com o tipo de tipo: “Livros”; “Capítulos de livros”; “Artigos”; “Introduções, prefácios e apresentações”; “Obras de referência”; e “Correspondências”.

Com o objetivo de compreender os temas sobre os quais Leonardo Arroyo escreveu, ordenei as seções em subseções de acordo com o gênero textual. Desse modo, a seção 1. “Livros” é composta de seis subseções, a saber: “Livros de literatura infantil”; “Livros de literatura para adultos”; “Livros de história e crítica literária”; “Livros históricos”; “Livro biográfico”; e “Livros em que foi colaborador”.

Na segunda, reuni 727 referências de textos *sobre* Leonardo Arroyo. Esses textos foram escritos por outros autores, mas contêm menções a aspectos relacionados à vida, formação, atuação profissional, produção escrita e/ou citação de textos de Arroyo. Localizei essas menções a Arroyo nos seguintes textos: livro, prefácios, monografias de especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado, *Revista da Academia Paulista de Letras*, *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, correspondências enviadas pela Academia Paulista de Letras, jornais e dicionários.

A partir da elaboração do instrumento de pesquisa, pude constatar que há um conjunto significativo de textos e documentos que contêm menções à produção escrita e atuação de Leonardo Arroyo, mas apenas três tratam especificamente de aspectos de sua vida, atuação profissional e produção escrita: uma dissertação de mestrado (KLEIMAN, 1986); um livro (SANT’ANA, 2002) e um prefácio (MORTATTI, 2011).

Na dissertação de mestrado de Adelaide Caramuru Cezar Kleiman (1986) – *Natureza, funcionalidade e valoração da literatura infantil vistas em três momentos significativos: Cecília Meireles, Leonardo Arroyo e Regina Zilberman* –, o objetivo é analisar o conceito de literatura infantil apresentado em textos dos três autores anunciados no título da dissertação. Kleiman (1986) reflete sobre alguns aspectos do livro *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*, de Arroyo (1968), especificamente os relacionados à “natureza”, “função” e “valor” da literatura infantil. A autora conclui que nos

[...] estudos de Cecília Meireles, Leonardo Arroyo e Regina Zilberman acerca da literatura infantil há um forte elo proveniente da efetiva problematização a respeito da identidade das produções deste gênero. Decorrentemente, fazem-se também eficientes suas colocações diante da funcionalidade e valoração das mesmas. A eficácia destas diferentes problematizações torna-se significativa quando abordadas de forma sequencial.

[...]

A cada um deve-se atribuir o valor proveniente da seriedade com que enfocaram o gênero e, se Regina Zilberman desempenhou melhor sua

função, só pôde fazê-lo por ter contado com a contribuição anterior dos dois outros estudiosos. (KLEIMAN, 1986, p. 274-277).

No livro *Leonardo Arroyo: escritor e jornalista*, de Regina Angelica Cazarini Sant’Ana (2002), a autora aborda aspectos da vida social e profissional de Leonardo Arroyo. Publicado como “edição do autor”, pela Artes Gráficas Paulista (São José do Rio Preto-SP), o livro corresponde à primeira pesquisa de caráter biográfico sobre Leonardo Arroyo que localizei até o momento. Sant’Ana (2002) teve o primeiro contato com a obra de Leonardo Arroyo no ano de 1997, quando realizou pesquisa sobre a literatura infantil brasileira para o desenvolvimento de um projeto pedagógico com ênfase na prática de leitura pelas crianças. Desde então, passou a pesquisar sobre a produção escrita de Arroyo e publicou o livro em decorrência da admiração que desenvolveu pelo autor. Seu objetivo é “[...] fazer com que Leonardo Arroyo seja lembrado, honrado e homenageado.” (SANT’ANA, 2002, p. 9).

No prefácio de Maria do Rosário Longo Mortatti, publicado na 3ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo, reeditado pela editora UNESP em 2011, a autora destaca aspectos importantes desse livro de Arroyo, como sua permanência e circulação a 46 anos, considerando-o “atual” e “necessário” para os que estudam sobre a temática da literatura infantil e da história da leitura no Brasil. Mortatti (2011, p. 21) aponta, ainda, que, como “documento histórico”, esse livro não foi estudado. Conclui a autora que *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo,

[...] é, indubitavelmente, um clássico da historiografia da literatura infantil brasileira, tendo-se tornado também referência obrigatória na produção acadêmico-científica brasileira sobre outros aspectos do tema – teoria e crítica da literatura infantil, literatura infantil e ensino, literatura juvenil – e sobre tantos outros temas correlatos, com destaque para os abordados no âmbito da história da educação e da história da cultura brasileiras. (MORTATTI, 2011, p. XX).

Em face desse conjunto significativo de referências *de* e *sobre* a produção escrita de Leonardo Arroyo que reuni, a partir, também, das sessões de orientação com minha orientadora, decidimos reestruturar novamente o projeto de pesquisa enfocando como *corpus* o conjunto de textos *de* e *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo reunidos no instrumento de pesquisa e não apenas o livro *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo, em suas três edições.

Essa opção foi necessária para não desprezar um conjunto de documentos pouco conhecidos e explorados na história da literatura infantil no Brasil, bem como da produção escrita de Leonardo Arroyo. A preocupação também foi a de não repetir o que já havia sido

feito, tendo em vista a minha dificuldade de distanciamento do prefácio à 3ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo, escrito por minha orientadora e, também, pelo fato de alguns aspectos desse livro terem sido abordados na dissertação de Kleiman (1986).

Desse modo, considereei pertinente e relevante desenvolver pesquisa sobre a vida, atuação profissional e produção escrita *de e sobre* Leonardo Arroyo. Para isso, defini como *corpus* privilegiado da pesquisa o conjunto de textos da produção escrita de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil.

No Brasil, as primeiras reflexões sobre a literatura infantil datam de mais de um século, conforme aponta as pesquisas do tipo “estado da arte”, desenvolvidas por Mortatti (2003; 2011), que têm como objetivo conhecer a produção de conhecimento acumulada sobre esse tema. De acordo com esse mapeamento, os primeiros textos escritos por brasileiros sobre esse assunto, foram publicados inicialmente no formato de prólogos, prefácios e apresentações em livro de leitura e de literatura para crianças e, posteriormente, no formato de artigos, capítulos e livros, principalmente, a partir da década de 1940 (MORTATTI, 2001).

Até o final da década de 1970, formou-se no Brasil, uma geração de professores normalistas, bibliotecários e escritores, que passaram a escrever suas reflexões sobre a literatura infantil e tornaram-se os primeiros discursos sobre esse tema, pensando sobre sua conceituação, função, modalidade, destinação e usos na escola.

Após a década de 1980, os discursos sobre esse assunto passam a ser pronunciados por professores acadêmicos, vinculados especialmente aos cursos de Pós-Graduação de Letras e Educação das universidades brasileiras, cujo discurso principal baseava-se na defesa da literariedade dos textos para crianças e da necessidade de se estabelecer nos livros infantis os mesmo padrões estéticos dos livros para adultos. Esses discursos foram anunciados principalmente pelos seguintes pesquisadores: Zilberman (1981), Lajolo (1982), Lajolo e Zilberman (1984), Perrotti (1986), Cadernatori (1986), e Sandroni (1987).

A partir dessa década, iniciou-se a disseminação, no Brasil, de um certo padrão de escrita literária que os livros para crianças precisavam apresentar e, embora esses discursos tratem da produção literária destinada à infância, também se apresenta como contraposição aos discursos *sobre* esse tema, que haviam sido publicados até então. Dessa forma, há uns 30 anos, os pesquisadores dessa geração pós 1980, foram tomados como referência obrigatória para os que buscam pensar sobre a literatura infantil como objeto de estudo, ao passo que os discursos da geração passada foram refutados sob a acusação de apoiar ou colaborar com um

tipo de produção para criança que apresentava uma visão “didatista”, “moralista” ou “pedagógica”.

Apesar dessa oposição aos discursos produzidos anteriormente a década de 1980, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em 1984, dedicam o livro *Literatura infantil brasileira: história e história a Arroyo*: “A Leonardo Arroyo, mestre e pioneiro dos estudos de literatura infantil brasileira, dedicamos este livro”. Essa dedicatória indica que, embora Arroyo pertença a geração anterior que teve seus discursos refutados pela geração seguinte, não foi considerado da mesma forma.

Movida por essas questões, passei a pensar sobre as possibilidades de compreender aspectos da história da literatura infantil no Brasil, em especial da possibilidade de compreender a produção escrita de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil, disseminadas ao longo do século XX, e perpetuada por seus pósteros. Quais são as características dos textos de Arroyo sobre esse tema que trouxeram critérios de diferenciação em sua geração?, qual a sua contribuição para o campo de conhecimento sobre esse tema? Por que Arroyo foi o único lembrado pelos que continuaram estudando o mesmo tema?

Assim, com base nesses questionamentos e também partir da leitura preliminar do conjunto de textos que localizei e ordenei no instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016), foi possível formular o seguinte problema de investigação: Quais as principais características da produção escrita de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil e qual a sua contribuição para a história da literatura infantil no Brasil?

A partir desse problema, formulei as seguintes questões norteadoras:

- Quem foi Leonardo Arroyo?
- Qual a contribuição da produção escrita *de e sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo para a história da literatura infantil brasileira?
- Em qual período histórico e social Arroyo produziu esse conjunto de textos?
- A que necessidades e finalidades respondiam?
- A que público leitor se destinavam?

Em vista do exposto, defini a hipótese que conduziu a conclusão da pesquisa da seguinte forma: o conjunto da produção escrita de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil apresenta aspectos de determinada concepção de literatura infantil que é múltipla e diversa, resultado das características culturais e históricas de cada momento em que os livros foram escritos. A produção *de* literatura infantil de Arroyo produzida nas décadas de 1940 e

1950 ilustra o conceito de literatura infantil formulado por ele anos mais tarde. No conjunto de sua produção *sobre* literatura infantil, atuou em diferentes frentes, principalmente, reunindo documentos importantes que lhe oportunizaram escrever uma história da literatura infantil brasileira que permaneceu no tempo sendo retomada por seu pósteros. Especialmente esse conjunto de textos de Arroyo encontram-se diretamente relacionados com o movimento de constituição desse gênero literário como tema de pesquisa e campo de conhecimento específicos no Brasil (MORTATTI, 2011).

Portanto, o conjunto de textos, especialmente *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo, contribuiu para a ordenação e sistematização da história da literatura infantil brasileira e também para a formulação de um conceito de literatura infantil como produção cultural destinada ao público infantil.

A partir do problema, das questões norteadoras e da hipótese, defini os seguintes objetivos da pesquisa:

- contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil.
- contribuir para a compreensão da história da literatura infantil no Brasil e sua relação com a história da educação brasileira;
- compreender as principais características da produção escrita de Leonardo Arroyo, em especial, de sua produção *sobre* e *de* literatura infantil na história da literatura infantil brasileira;
- analisar a configuração textual do conjunto de textos *de* e *sobre* literatura infantil reunidas como *corpus* documental no instrumento de pesquisa; e,
- contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas.

Dentre as opções teórico-metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa e para a elaboração desta tese sobre a produção escrita *de* e *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo, optei pela abordagem histórica, com base nas contribuições da História Cultural, pautando-me, especialmente, em: Chartier (1990, 2011); Le Goff (2003); Prost (2008); e Revel (1996, 2009). Utilizei, também, as contribuições de Mortatti (1999, 2000) e Benjamim (1994).

Quanto à pesquisa história, entendo-a como propõe Mortatti (1999a), trata-se de

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como

mediadoras na produção do objeto de investigação. (MORTATTI, 1999a, p. 73).

Segundo Boto (1994) o trabalho historiográfico do pesquisador “[...] situa-se na confluência entre o tempo do objeto investigado e o tempo do sujeito investigador [...]” (p. 24), assim o pesquisador não pode perder de vista que suas hipóteses são sempre “indícios” e “conjecturas” de um passado que não o pertence. (BOTO, 1994, p. 30).

Ainda sobre o trabalho do investigador acerca do objeto histórico, Benjamim (1994), também adverte que não é possível ter acesso ao passado “[...] como ele de fato foi [...]” (p. 224), de modo que é preciso ter clareza sobre a provisoriedade dos fatos históricos.

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. [...] Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (BENJAMIM, 1994, p. 224-225).

Por isso a importância do documento na pesquisa histórica. Segundo Chartier (2011), somente por meio da análise de documentos e dos vestígios do passado é possível produzir inteligibilidade sobre as “práticas anteriores”. Assim, provar a existência do passado somente é possível mediante a ação conjunta entre “[...] escrita, explicação compreensiva e prova documental”. (p. 29).

De acordo com esse ponto de vista, utilizo o termo documento, neste texto, como o definiu Le Goff (2003).

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

[...]

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser primeiro lugar analisados, desmistificando-lhes o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntário ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 2003, p. 535-538).

Também para Chartier (1990), a relação entre o pesquisador e os documentos escolhidos como fonte da pesquisa é complexa, pois exige um esforço do pesquisador em não vê-los como “a verdade”, mas como representações sociais elaboradas por sujeitos de uma época determinada. Assim, a vertente da História Cultural que venho utilizando, com base em Chartier (1990), é aquela que “[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Essa vertente, tal como é aqui entendida, propõe um olhar para a multiplicidade das fontes, mas também para a compreensão sobre “[...] os grupos que as forjam [...]”, pois “[...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros [...]”. (CHARTIER, 1990, p. 17). Por isso, segundo Revel (2009), estudar o passado é também pensar a cultura que “[...] parece ter se tornado hoje a chave de leitura privilegiada dos historiadores.” (p. 97).

Em decorrência da compreensão sobre a complexidade dos documentos e de que eles não expressam “a verdade”, abordo-os como “configuração textual”, conforme conceito formulado por Mortatti (2000), cuja análise deve incidir sobre:

[...] o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000, p. 31).

A análise baseia-se no conjunto de aspectos que, inter-relacionados, constituem o sentido de um texto. Esse conjunto “[...] propicia ao investigador: reconhecer e interrogar determinado texto como configuração textual ‘saturada de agoras’ e ‘objeto singular e vigoroso’; e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus objetivos, necessidades e interesses”. (MORTATTI, 2000, p. 31).

De acordo com Mortatti (2001a), o método de análise da “configuração textual” possibilita explicar uma “[...] representação, a partir da problematização de outras representações construídas e tomadas como *corpus* [...]” (p. 184), mas essas representações não são em si “objetos de investigação”, porque decorrem de um ato interpretativo do pesquisador. “Os sentidos e as explicações podem ser ‘encontradas’ dentro da configuração textual, ponto de partida e chegada do trabalho investigativo.” (MORTATTI, 2001a, p. 184).

Coerentemente com a abordagem histórica proposta e considerando a dificuldade de se definir o conceito de literatura infantil diante de sua resistência “[...] ao enquadramento em definições precisas e à clara delimitação e descrição, situando-se numa espécie de limbo acadêmico, que o transforma, por vezes, em propriedade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém [...]” (CECCANTINI, 2004, p. 20), optei por utilizar a definição de literatura infantil proposta por Mortatti (2001a, p. 182):

[...] conjunto de textos — escritos por adultos para serem lidos por crianças e/ou jovens — que constituem um *corpus*/gênero historicamente oscilante entre o literário e o didático e que foram paulatinamente sendo denominados como “literatura infantil e/ou juvenil”, em razão de certas características do *corpus* e certos funcionamentos sedimentados historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia.

Com base nos conceitos operativos apresentados e de acordo com a abordagem histórica que proponho neste texto, optei pela pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante utilização dos seguintes procedimentos de: localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais e leitura de bibliografia especializada, em particular, com abordagem histórica sobre literatura infantil.

Como mencionei, a partir da delimitação do tema e com base no instrumento de pesquisa que elaborei, previu-se a análise, à luz do método decorrente do conceito de “configuração textual” proposto por Mortatti (2000), do conjunto de textos *de* e *sobre* literatura infantil de autoria de Arroyo, reunidos no instrumento de pesquisa e tomados como *corpus* privilegiado da pesquisa. Essa análise deve incidir sobre os diferentes aspectos constitutivos do sentido desse conjunto de textos, tais como: formação e atuação profissional do autor, instituições responsáveis por sua publicação e circulação; forma e conteúdo neles expressos; o público a quem se destinavam; os objetivos e necessidades a que respondiam; o momento histórico e lugar social em que foram produzidos.

Para a reflexão e análise do *corpus* documental, utilizei, bibliografia especializada sobre história da educação, história da literatura infantil e pesquisa histórica, e utilizei como fontes auxiliares da pesquisa outros tipos de documentos *de* e *sobre* Leonardo Arroyo que também reuni no instrumento de pesquisa, tais como livros de outros autores com menções a Arroyo, correspondências, artigos e notícias publicados em jornais e revistas.

Com o objetivo de apresentar à banca os resultados que obtive com o desenvolvimento da pesquisa, organizei a tese da seguinte forma:

- nesta introdução estão registrados os antecedentes da pesquisa e as atividades que desenvolvi durante o doutorado, bem como aspectos relativos à delimitação do tema, problema, hipótese de investigação, os conceitos operativos e pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa;

- no Capítulo 1, apresento aspectos da vida, formação e atuação profissional de Leonardo Arroyo, com base em notas biográficas e verbetes em dicionário, artigos publicados em jornal, correspondências e outros documentos que localizei, apresentando toda produção escrita de Arroyo em suas diferentes faces como: jornalista, escritor de literatura, historiador, pesquisador da culinária brasileira e pesquisador da literatura infantil;

- no Capítulo 2, apresento a produção *de* literatura infantil de Leonardo Arroyo composta de uma coleção de livros adaptados por Arroyo, livros de sua autoria e capítulo de livro de literatura infantil;

- no Capítulo 3, apresentarei as tematizações de Arroyo *sobre* a literatura infantil brasileira publicados em artigos de jornais e capítulos de livros nos quais é possível observar as suas primeiras tematizações sobre esse assunto, na década de 1960;

- no Capítulo 4, enfoco aspectos da configuração textual do livro *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968) e aspectos de sua permanência e circulação no Brasil, com base em menções que localizei em livros, textos acadêmicos e artigos científicos;

- no Capítulo 5, apresento a síntese da produção escrita de Leonardo Arroyo *de* e *sobre* literatura infantil e sua contribuição para a história da literatura infantil brasileira.

Ao final da tese, apresento as considerações finais, a relação de referências de textos citados, bibliografia de apoio teórico e três apêndices. No apêndice A, apresento o documento *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo (1918-1985)*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016), no qual reuni todo o conjunto de referências que consegui localizar até o momento. No apêndice B, apresento o documento *Bibliografia de Leonardo Arroyo (1918-1985) de e sobre Literatura infantil*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016), no qual reuni a produção *de* e *sobre* literatura infantil desse autor com base nas referências reunidas no primeiro instrumento de pesquisa. No Apêndice C, apresento a linha do tempo da vida e produção escrita de Leonardo Arroyo.

É, portanto, o resultado da análise de alguns dos aspectos da configuração textual do *corpus* privilegiado da pesquisa e das fontes documentais auxiliares que apresento, nesta tese.

CAPÍTULO 1

LEONARDO ARROYO: UM ESTUDIOSO DA CULTURA BRASILEIRA

Figura 1: Leonardo Arroyo (1918 -1985)



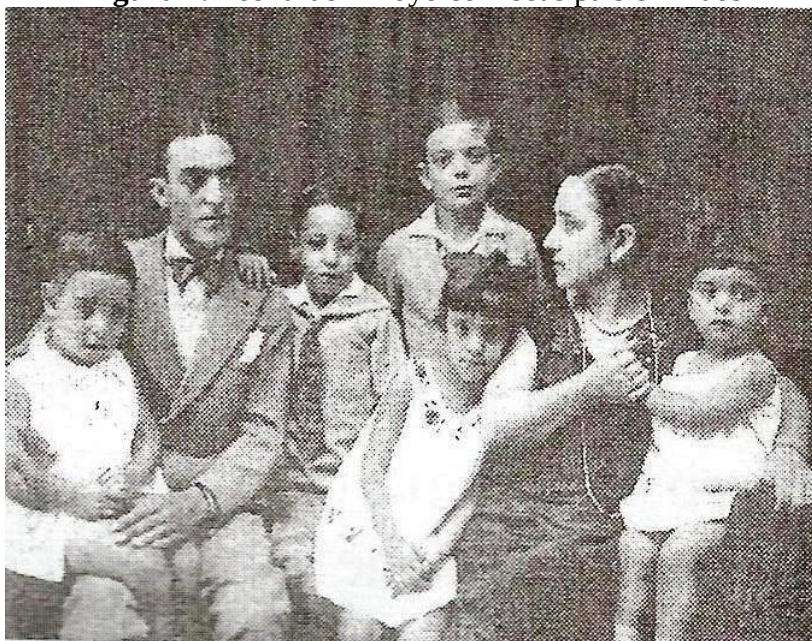
Fonte: ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. *Discursos de Leonardo Arroyo e Osmar Pimentel*: sessão realizada no dia 14 de outubro de 1970. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1972, p. ix.

1.1 Aspectos da vida, formação e atuação profissional²⁹

Leonardo Arroyo é neto de família de portugueses. Seus avós maternos, Laurentino Arroyo e Valentina Arroyo, vieram de Portugal presumivelmente no ano de 1911, fixando residência na cidade de Caieiras (SP). Segundo informação que localizei no livro de Sant’Ana (2002, p. 21), Laurentino Arroyo “[...] comprou terra, plantou café e batalhou pelo prolongamento da então Estrada de Ferro Araraquara até Rio Preto, onde instalou máquinas de beneficiar arroz”.

Os pais de Leonardo Arroyo, Anibal Arroyo e Theodora Braz Arroyo, eram primos; casaram-se em 1915 e foram morar na cidade de São José do Rio Preto (SP), onde nasceu Leonardo Arroyo, em 26 de fevereiro de 1918. Seus pais tiveram, ao todo, seis filhos: “[...] Leonardo o primogênito, Wilson, Ruth, Paulo, Maria Rosa e Valentina.” (SANT’ANA, 2002, p. 22).

Figura 2. Leonardo Arroyo com seus pais e irmãos



Da esquerda para a direita: Paulo, Sr. Anibal, Wilson, Ruth, Dona Theodora e Maria Rosa. Leonardo Arroyo ao fundo. Valentina ainda não era nascida.
Fonte: Sant’Ana (2002, p. 22).

Arroyo viveu grande parte do seu período escolar na cidade de São José do Rio Preto (SP) e recebeu o apelido de “Aldo”. (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE

²⁹ As informações contidas neste capítulo foram localizadas em documentos que pertencem ao acervo da Academia Paulista de Letras, ao acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, ao acervo da Câmara Municipal de São Paulo e ao acervo do jornal *Folha de S. Paulo*, bem como em Melo (1954); Coutinho (1961); Coelho (2006); e Sant’Ana (2002).

LETRAS³⁰, 1972, p. vii). Em 1925, sua família mudou-se para a cidade de Bebedouro (SP), onde, aos sete anos de idade, foi alfabetizado pela “[...] Professora Dona Filhinha e em seguida pelo Professor Castro [...]”. (SANT’ANA, 2002, p. 22). Segundo dados bibliográficos que localizei na edição especial da *Revista da Academia Paulista de Letras* (1979), parte do processo de alfabetização de Arroyo ocorreu “[...] com professora particular [...]”. (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1972, p. vii).

Arroyo iniciou o curso ginásial no Ginásio Municipal de Bebedouro (SP), dirigido pelo Professor Augusto Vieira, mas, em 1929, com 11 anos de idade, precisou interromper o curso porque sua família se mudou novamente para a cidade de São José do Rio Preto (SP). Nessa cidade, matriculou-se no Ginásio “São Joaquim”, que depois se tornou o Instituto de Educação “Monsenhor Joaquim Gonçalves”³¹. (VASCONCELOS, 1985, p. 13).

Figura 3: Leonardo Arroyo e seu pai, Sr. Anibal



Da esquerda para a direita: Sr. Anibal está sentado e Leonardo Arroyo, em pé, ao lado de seu pai.

Fonte: Sant’Ana (2002, p. 23).

³⁰ A Academia Paulista de Letras foi “[...] fundada em 27 de novembro de 1909. [...] Com sede na cidade de São Paulo, tem por objetivo promover a cultura do vernáculo e da literatura. [...] A Academia é composta por 40 membros efetivos; cada cadeira tem seu patrono, seu fundador e os sucessores. [...] A cadeira de n°. 21 foi ocupada por cinco antecessores de Arroyo e teve como patrono Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1773-1845) e, como fundador, José Luís de Almeida Nogueira (1851 – 1914).” (s.p.). Arroyo ingressou na Academia em 1970, desde então, participou ativamente dessa instituição, foi diretor da *Revista da Academia Paulista de Letras* durante os anos de 1979 a 1982. Essa revista foi criada em 1937, pelo advogado e escritor Renê Thiollier e continua sendo publicada até os dias atuais. Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br>>. Acesso em: 11 mar. 2016. (ASSIS, 2014b).

³¹ O Instituto de Educação “Monsenhor Joaquim Gonçalves” foi fundado em 15 de agosto de 1929, pelo Monsenhor Joaquim Manoel Gonçalves e pelo professor Felipe Caputo. Em 1932, o colégio passou a denominar-se Ginásio “São Joaquim”, depois, de 1939 a 1943, passou a chamar-se Ginásio Estadual. Foram pelo menos oito denominações diferentes, incluindo a sigla IEMG (Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves). Em 20 de janeiro de 1976, ficou denominado como E.E.S.G. Monsenhor Gonçalves e, finalmente, a partir de 1998, E.E. Monsenhor Gonçalves. O prédio atual foi construído em 1933 e inaugurado em 1934. A escola tem hoje mais de 1,1 mil alunos em três períodos de aula. Disponível em: <<http://www.diarioweb.com.br/noticias/imp.asp?id=22058>>. Acesso em: 19 out. 2016.

Antes de concluir seus estudos no curso ginasial, Leonardo Arroyo foi enviado para a casa de seus avós paternos em Lisboa, Portugal, pois seu pai queria que ele estudasse na Universidade de Coimbra. Arroyo permaneceu em Portugal por dois anos e retornou ao Brasil em 1932, quando “[...] concluiu os estudos (então ginasial) [...]”. (SANT’ANA, 2002, p. 23).

Há informações divergentes sobre esse período de estudo em que Leonardo Arroyo permaneceu em Portugal. De acordo com Sant’Ana (2002), Arroyo viajou em 1930 e permaneceu em Portugal por dois anos, retornando, em 1932, ao Brasil, onde “[...] viveu a adolescência e juventude; fez sólidas amizades, concluiu os estudos (então ginasial) [...]”. (p. 23). Segundo informação de Vasconcelos (1985), na nota biográfica do livro *10 contos escolhidos* (1985), Arroyo foi morar com seus avós paternos no ano de 1936, e não em 1930, como afirma Sant’Ana (2002).

Também localizei informações divergentes das de Vasconcelos (1985), quanto ao nome da escola na qual Leonardo Arroyo concluiu seus estudos após retornar de Portugal. Na nota biográfica do livro *A cultura popular em Grande sertão: veredas* (1984), de Leonardo Arroyo, consta que, ao retornar ao Brasil, “[...] matriculou-se no Ginásio do Estado, integrando sua primeira turma. Concluiu o ginasial no Colégio Independência em São Paulo, prestando em seguida concurso para Faculdade de Direito, cujo curso não completou para abraçar a carreira do jornalismo”. (ARROYO, 1984, p. vii).

De acordo com Vasconcelos (1985), Arroyo “[...] concluiu o curso ginasial, tendo ainda freqüentado o Colégio Canadá, durante dois anos, para depois entrar na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.” (p. 13).

Em 1936, com 18 anos de idade, começou sua carreira de jornalista no jornal *A Notícia*, da cidade de São José do Rio Preto (SP). “Desde cedo mostrou pendor para as Letras. Ginasiano, em São José do Rio Preto, começou a escrever para o jornal *A Notícia*, onde estreou com um artigo sobre Pirandello, [...] escritor e dramaturgo italiano que viveu de 1867 a 1936.” (ARROYO, 1984, p. vii). Entre os anos de 1938 e 1940, residiu na cidade de Santos (SP), onde trabalhou no jornal *A Tribuna*³², e escreveu ao lado de Afonso Schmidt³³, Cid

³² Denominado como *Tribuna do Povo*, “[...] esse jornal teve início em 1894 [...], está entre os mais antigos no país. *A Tribuna* é o maior jornal em circulação na Baixada Santista [...] é o único jornal do Brasil com uma seção diária voltada especificamente para o setor portuário, com destaque para o noticiário do Porto de Santos [...]. Fundada pelo maranhense Olímpio Lima e depois dirigida pelo cearense Manuel Nascimento Júnior, *A Tribuna* foi ampliada e modernizada por Giusfredo Santini [...]. Além do jornal centenário, o Sistema A Tribuna de Comunicação (SAT) inclui a TV Tribuna (afiliada à Rede Globo), rádio Tribuna FM, jornais *Primeiramão* Santos e Campinas, o portal atribuna.com.br e o *Expresso Popular*.” (s.p.) Disponível em: <<http://hotsites.atribuna.com.br/assinaturas/conteudo.asp?IDdepartamento=4>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

³³ Afonso Schmidt (1890-1964) nasceu em Cubatão (SP), foi “[...] jornalista, contista, romancista, dramaturgo e ativista brasileiro [...]. Na cidade de Cubatão (SP), fundou o jornal *Vésper* e, na cidade de São Paulo, fez parte da

Silveira³⁴, Miroel Silveira³⁵, Cassiano Nunes³⁶, Roldão Mendes Rosa³⁷, Fernando Góes³⁸ e Lygia Fagundes Telles³⁹. (SANT'ANA, 2002, p. 27).

redação de importantes periódicos como os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* [...]. Na cidade do Rio de Janeiro, fundou o jornal *Voz do Povo*, que se tornou o órgão de imprensa da Federação Operária.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0318.htm>>. Acesso em: 19 out. 2015.

³⁴ Cid Silveira (1910 - ?) foi “[...] poeta, contador e economista brasileiro.” Nasceu em São Vicente (SP), “[...] trabalhou muitos anos em Santos, como empregado do comércio, numa casa comissária de café. Contador; Bacharel em Ciências Econômicas; colaborou na imprensa por muitos anos.” (s.p). Na década de 1940, criou um grupo de estudos literários na cidade de Santos (SP), intitulado “Os Pesquisistas”, dos quais participaram seu irmão, Miroel Silveira, Cassiano Nunes, Francisco De Marchi, Nei Guimarães, Nair Lacerda, Leonardo Arroyo e Roldão Mendes Rosa. (JORGE, 1948). Disponível em: <http://www.jgaraujo.com.br/antologia/ci_cid_silveira.htm>. Acesso em: 11 mar. 2016.

³⁵ Miroel Silveira (1914-1988) nasceu em Santos (SP), “[...] foi diretor de teatro, crítico teatral, ensaísta, contista, tradutor, e autor de livros para crianças [...]. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (USP)” (s.p.). Na biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, existe o Arquivo Miroel Silveira, com peças censuradas, do período entre 1930 e 1970, pela ditadura militar. “O nome que recebeu essa documentação se deve ao fato de ter sido Miroel Silveira o responsável pelo seu resgate quando a censura prévia exercida pelo Estado seria extinta pela Constituição de 1988. Em torno dessa documentação reuniram-se pesquisadores coordenados pela Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa, que deu origem ao Grupo de Pesquisa Arquivo Miroel Silveira (GPAMS) e ao Núcleo de Pesquisa Comunicação e Censura (NPCC) da ECA/USP [...]”. (COUTINHO, 2011, p. 2). Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300758796_ARQUIVO_textoLisanpuh.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2016.

³⁶ Cassiano Nunes (1921-2007) “[...] foi poeta, escritor, crítico literário e professor [...]”. “Em 1947, a convite de Edgard Cavalheiro, transferiu-se para São Paulo, tornando-se secretário-executivo da Câmara Brasileira do Livro, partindo, em seguida, para os Estados Unidos, onde cursou Literatura Norte-Americana na Universidade de Miami. De volta ao Brasil, formou-se em Letras Anglo Germanicas na Universidade de São Paulo e trabalhou como editor na Editora Saraiva, ao lado de Mário da Silva Brito. Seguiu, então, para a Alemanha, onde fez especialização em Literatura Alemã, na Universidade de Heidelberg. Em 1958 foi um dos fundadores da Faculdade de Letras de Assis (UNESP), ao lado de Antonio Candido e Antonio Soares Amora. Sendo, logo após, convidado a lecionar na Universidade de Nova York.” [...] De 1966 a 1991, lecionou Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.linguagemviva.com.br/218.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

³⁷ Roldão Mendes Rosa (1924-1988) nasceu na cidade de Santos, (SP), “[...] foi escritor, poeta, crítico literário, além de professor na Faculdade de Comunicação de Santos (Facos) da Unisantos. [...] Venceu ainda aos doze anos o concurso nacional de poesia promovido por *A Gazeta*. [...] Na virada dos anos 40 para os 50 [...] já tinha se projetado como poeta. Nesse período ele passa a freqüentar o grupo de intelectuais reunidos por Cid Silveira, entre eles Miroel Silveira e Cassiano Nunes [...]”. (s.p.). Leonardo Arroyo também integrava esse grupo denominado de “Os Pesquisistas”. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult002.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

³⁸ Fernando Ferreira de Góes (1915-1979), “[...] nasceu em Salvador, Bahia, [...] Estado que deixou ainda jovem, para morar em Petrópolis e na cidade do Rio de Janeiro. E, com apenas 15 anos, já morava em São Paulo onde viveu a maior parte de sua vida. [...]” (p. 109). É autor de “[...] um amplo trabalho de crítica da historiografia literária.” (p. 109.) Trabalhou nos “[...] jornais da Rede dos Diários Associados, de São Paulo, em coluna assinada diariamente, “*Fernando Góes – Em Tom de Conversa*”, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro e *A Tribuna* da cidade de Santos todos tiveram artigos desse emérito jornalista negro. Góes trabalhou nos jornais *Tribuna Negra* e *Alvorada* [...], foi professor de jornalismo da Universidade Católica e da Escola Cáser Libero de jornalismo, em São Paulo; foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e eleito para a Academia Paulista de Letras. Escreveu livro sobre o Simbolismo, *O Espelho fiel*, *o Tecedor do Tempo*, e sobre a vida e a obra de Luiz Gama (OLIVEIRA, 1998, p.109). Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/biografias/fernando_goes.html. Acesso em 11 mar. 2016.

³⁹ Lygia Fagundes Telles nasceu na cidade de São Paulo, em 19 de abril de 1923, “[...] fez curso fundamental na Escola Caetano de Campos, e em seguida ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco da Universidade de São Paulo, onde se formou.” [...] É uma escritora brasileira que possui vasta bibliografia literária; já escreveu romances, contos e novelas [...]. É membro da Academia Paulista de Letras desde 1982, da Academia Brasileira de Letras, desde 1985, e da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1987. Em 2005,

Ainda no período entre 1938 a 1940, colaborou com o “Suplemento Literário” dos jornais *A Tribuna*⁴⁰ (Santos-SP), *Planalto*⁴¹, (SP) e *Gazeta Magazine*⁴² (SP) e, conforme mencionei, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), mas abandonou o curso no 2º. ano para se dedicar à carreira de jornalista. “Em 1939 foi para São Paulo a fim de continuar os estudos. Por contingências várias, porém, abandonou os estudos regulares, ingressando no jornalismo bandeirante [...]” (JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1950, s.p.).

Em 1940, Arroyo ingressou no jornal *Folha da Manhã* (SP), antigo nome do jornal *Folha de S. Paulo*⁴³ (SP), passando a colaborar no “Suplemento Literário”. Arroyo ingressou nesse jornal “[...] por intermédio de Ruy Bloem⁴⁴ [...] colaborou ainda no ‘O Planalto’ ‘Hoje’⁴⁵, ‘Gazeta Magazine’ e na primeira fase do jornal ‘Folha de S. Paulo’”. (FOLHA DE S. PAULO, 14 ago. 1985).

Segundo informações que localizei na orelha⁴⁶ de *Viagem para Málaga* (1950), de Arroyo, seu ingresso no jornal *Folha da Manhã* (SP) foi a atividade profissional que lhe trouxe maior estabilidade, pois, desde a juventude, precisou exercer várias atividades para sobreviver:

ganhou o “Prêmio Camões”, o mais importante da leitura em língua portuguesa.” (s.p.). Disponível em: http://www.releituras.com/lftelles_bio.asp. Acesso em: 11 mar.. 2014.

⁴⁰ Cf. nota 31 deste capítulo da tese.

⁴¹ Até o momento de redação final deste texto, não localizei informação sobre o jornal *Planalto*.

⁴² O jornal *Gazeta Magazine* foi “[...] fundado em 1906, ainda como jornal *Gazeta*, por Adolfo Campos Araújo. [...] Em 1918, o jornal foi vendido para o jornalista Cásper Líbaro, que [...] promoveu reformas e inovações [...] atingindo seu período de maior sucesso entre as décadas de 1920 e 1950 [...]. Cásper também inovou ao lançar um caderno dedicado aos esportes (*A Gazeta Esportiva* – que em 1947 tomou-se jornal) e ao criar o suplemento *A Gazeta Infantil*, com textos para crianças e histórias em quadrinhos; *A Gazeta Magazine*, sobre literatura; *A Gazeta em Rotogravura*, *A Gazeta Juvenil*, *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, entre outros.” (s.p.). Disponível em: <http://fcl.com.br/fundacao/jomal-a-gazeta/>. Acesso em: 11 mar. 2016.

⁴³ O jornal *Folha de S. Paulo* “[...] tem início em 1921, com a criação do jornal ‘Folha da Noite’. Em julho de 1925, é criado o jornal ‘Folha da Manhã’, edição matutina da ‘Folha da Noite’. A ‘Folha da Tarde’ é fundada após 24 anos. Em 1º. de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundem e surge o jornal ‘Folha de S. Paulo’ [...]”. (s.p.). Esse jornal está em circulação até hoje, apresentando-se como uma referência na imprensa nacional. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em: 14 jan. 2016.

⁴⁴ Rui de Azevedo Bloem (1905- 1962) “[...] nasceu em São Paulo, [...] fez seus estudos secundários no Ginásio do Estado e no Colégio D. Pedro II, [...] bacharelando-se em ciências jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 1931. Iniciou suas atividades na imprensa em 1919, no jornal *O Estado de S. Paulo*, onde ficou até 1930, ingressando na corporação das *Folhas*, em 1933. Foi designado secretário da *Folha da Noite*, exercendo depois inúmeras funções que culminara com a de redator-chefe da *Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *Folha da Tarde* [...] função que exerceu até 1960, quando com a saúde abalada, se afastou da imprensa. [...] Bloem deixou vários livros de crítica literária, estudos políticos e ensaios.” (s.p.). Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4866942/pg-2-suplemento-poder-executivo-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-24-11-1962>. Acesso em 10 mar. 2016.

⁴⁵ Até o momento de redação final desta tese, não localizei informação sobre o jornal *Hoje*.

⁴⁶ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre a autoria desse texto.

[...] ainda na infância e na juventude, talvez lhe tenha advindo o ritmo tumultuário que caracteriza sua vida de cidadão, pois tem se dedicado a diversas atividades, desde vendedor de móveis para escritório, corretor de anúncios, revisor, datilógrafo a jornalista, onde parece ter-se estabilizado exercendo a função de redator na “Folha da Manhã” da capital paulista há vários anos. (JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1950, s.p.).

Segundo Sant’Ana, (2002, p. 31), Arroyo ingressou como profissional no jornal *Folha de S. Paulo* em 1942, onde foi “[...] editor, diretor e redator da página literária, permanecendo no jornal por mais de trinta anos”.

Concomitantemente a sua carreira de jornalista, ainda na década de 1940, Arroyo inicia também sua carreira de escritor de livros para crianças, adaptando uma série de contos clássicos da literatura infantil universal para a coleção “Encantada”, da Editora LEP.

No ano de 1945, Arroyo casou-se com Rosa Lampoglia⁴⁷, com quem teve dois filhos, Leonardo Arroyo Junior e Ana Cristina Arroyo.

Além de escritor de livros para crianças, a partir de 1948, Arroyo recebeu alguns prêmios literários pelos contos que passou a escrever para o público adulto. O primeiro prêmio foi pelo conto “O passado” em concurso promovido pelo jornal *Diário de Notícias*⁴⁸ (SP). Um ano depois, recebeu o seu 2º. prêmio, intitulado “Fábio Prado”, com o livro de contos *Viagem para Málaga*.

Em 1952, Arroyo recebeu, com o livro de contos *Ah, Solidão!*, o seu terceiro prêmio literário, intitulado “Tentativa”, da *Revista Atibaia*⁴⁹ (SP). O livro *Ah, Solidão!* (1952) tem três contos e permaneceu inédito até 1961, quando Leonardo Arroyo teve publicado o livro de contos *Absalão e o Rei*, pela Difusão Europeia do Livro⁵⁰ (SP).

De 1958 a 1967, Arroyo foi “[...] editor, diretor e redator da ‘Página Literária’ [...]” do jornal *Folha de S. Paulo* e, em decorrência do prestígio social que tinha como escritor e

⁴⁷ Até o momento de redação final desta tese, não localizei informações sobre Rosa Lampoglia.

⁴⁸ Localizei informações sobre três jornais com título *Diário de Notícias* no Rio de Janeiro e nenhum em São Paulo. O primeiro teve início em 1870, o segundo, “[...] *Diário de Notícias* republicano, no qual escreveram Rui Barbosa, Lopes Trovão, Medeiros e Albuquerque, Aristides Lobo e outros notáveis da literatura e política nacionais, e o *Diário de Notícias* fundado em 1930 por Orlando Ribeiro Dantas e que circulou até meados da década de 1970.” (s.p.). Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/di%C3%A1rio-de-not%C3%ADcias>. Acesso em: 09 mar. 2016.

⁴⁹ Até o momento de redação final deste texto, não localizei informações sobre a *Revista Atibaia*. Em 2014, o setor de imprensa da prefeitura elaborou uma revista eletrônica com o objetivo de divulgar imagens e informações sobre o desenvolvimento econômico, turísticos e cultural de Atibaia. Disponível em: <<http://atibaianovo.com.br/wp-content/uploads/2014/08/RevistaAtibaia-28x20cm.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2016.

⁵⁰ Difusão Europeia do Livro - Difel “[...] foi uma editora que se instalou no Brasil a partir de 1951, e que em 1996 foi incorporada a outras duas editoras, a Civilização Brasileira e a Bertrand, formando a BCD União de Editoras, posteriormente adquirida pela Editora Record. Atualmente a Difel é um dos selos do Grupo Editorial Record. A mesma sigla passou a ser usada, também, pela editora portuguesa Difusão Editorial S. A.” (HALLEWELL, 2005, p. 685)

jornalista ligado à cultura e à leitura do país, recebeu diversos prêmios e títulos, e também assumiu alguns cargos no município de São Paulo (SP). (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1972, p. ix).

Apresento, no Quadro 1, os prêmios e títulos recebidos por Arroyo ao longo de sua carreira, ordenados por ano, título recebido e instituição concedente.

Quadro 1: Prêmios e títulos recebidos por Leonardo Arroyo, sua participação como membro em diferentes instituições ordenados por ano, tipo de participação e quantidade

Tipo de participação Ano	Prêmios literários	Prêmios de jornalismo	Medalhas	Títulos	Membro de instituições	Quant. por ano
1948	1	-	-	-	-	1
1949	1	-	-	-	-	1
1952	1	-	-	-	-	1
1954	-	-	-	-	1	1
1960	-	-	1	-	-	1
1961	-	2	-	-	-	3
1967	-	-	-	-	1	1
1968	-	-	-	1	-	1
1969	-	1	-	-	1	2
1970	-	-	-	-	1	1
1973	1	-	-	-	-	1
1985	2	-	-	-	-	2
s/d	-	-	1	-	5	5
Total	6	3	2	1	9	21

Fonte: Elaborado pela autora com base no documento *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 1, Arroyo tornou-se um escritor premiado ainda na década de 1940, recebendo seis prêmios literários ao longo de sua carreira, entre os anos de 1948 e 1985, em decorrência dos livros e artigos que teve publicados como escritor. Os prêmios recebidos foram os seguintes:

- 1948 – prêmio literário com o conto “O passado”, em concurso promovido pelo jornal Diário de Notícias (SP);
- 1949 – prêmio “Fábio Prado”, com o livro de contos *Viagem para Málaga*, em concurso promovido pela Sociedade Paulista de Escritores;
- 1952 – prêmio “Tentativa” de Literatura, com o livro de contos *Ah! Solidão!*, em concurso promovido pela *Revista Tentativa*, de Atibaia (SP);
- 1973 – prêmio “Pero Vaz de Caminha”, com o artigo “Portugal-Brasil: sugestões de cozinha”, concedido pelo Centro de Turismo de Portugal no Brasil e Secretaria do Estado da Informação e Turismo de Portugal;

- 1985 – prêmio “Melhor ensaio de 1984”, com o livro *A cultura popular em Grande sertão: veredas*, em concurso promovido pela Associação Paulista de Críticos de Arte;
- 1985 – prêmio “Jabuti de Literatura” na categoria “estudos literários”, pelo mesmo livro: *A cultura popular em Grande sertão: veredas*, em concurso promovido pela Câmara Brasileira do Livro.

Alcançou reconhecimento também como jornalista, tendo sido premiado três vezes nessa categoria em um concurso promovido pela prefeitura de São Paulo, em 1961, e dois concursos promovidos pela Câmara Brasileira do Livro (prêmio Jabuti de Imprensa), nos anos de 1961 e 1969. Arroyo recebeu ainda duas medalhas por sua contribuição na área da cultura na cidade de São Paulo e o título de “Personalidade Musical”, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Artes, em reconhecimento a sua atuação como Diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, entre 1969.

Foi membro, ainda, de nove instituições diferentes ligadas à área da cultura e da literatura no Brasil, dentre elas: do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1954); da Associação Brasileira de Folclore (1967); da “Irmandade da Delícia” (1969), dirigida, à época, pelo escritor Luís da Câmara Cascudo; e da Academia Paulista de Letras (1970).

Também localizei o nome de Arroyo vinculado como membro às seguintes instituições: Centro “Euclides da Cunha”; Associação dos Cavaleiros de São Paulo; Ateneu de História; Pen Club de São Paulo; e Sociedade Amigos de “Mário de Andrade”⁵¹. A participação de Arroyo como membro dessas diferentes instituições é indicativa de sua múltipla atuação e seu interesse por temas diversos como a literatura, a cultura e a história do Brasil.

Entre 1958 e 1967, Arroyo atuou como membro da Comissão Estadual de Cultura da Secretaria de Cultura do estado de São Paulo, juntamente com 15 integrantes que respondiam pelas publicações da Secretaria de Cultura do estado de São Paulo. Em 1959, essa comissão criou a coleção “Ensaio”⁵², na qual Arroyo teve dois livros publicados, a saber: *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas* (1963) e *Agravos do tempo* (1976). Essa coleção

⁵¹ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre o ano em ocorreu a vinculação de Arroyo a essas entidades.

⁵² Coleção “Ensaio” teve início em 1959, com a publicação do livro *O observador literário*, do crítico literário Antonio Candido de Melo e Souza. Nesse mesmo ano, foram publicados nessa coleção outros seis livros de diferentes autores, sobre diferentes temas, tais como: literatura, leitura, cultura e filosofia. Essa coleção foi publicada durante 18 anos, de 1959 a 1976, com média de cinco títulos por ano. (ASSIS, 2014c).

divulgava, na forma de livro, textos de escritores, jornalistas e professores brasileiros sobre diferentes temas, tais como: literatura, leitura, cultura e filosofia.

Em 1967, Arroyo “[...] viajou pelos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado, tendo pronunciado no San Francisco State College, de San Francisco, conferências sobre o Brasil e seus problemas⁵³; no Kenyon College, de Gambier, Ohio, e na Cadeira de civilização Brasileira da Universidade de Harvard, regida pelo Prof. Francis Rogers.” (JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1984, p. viii). Arroyo “[...] permaneceu dois meses em contato com universidades e institutos culturais [...]” daquele país. (VASCONCELOS, 1985, p.14).

Segundo informação que localizei em nota biográfica do livro *A cultura popular em Grande sertão: veredas*, de Arroyo (1984), ele participou ainda de colóquios, estudos luso-brasileiros e de congresso sobre crítica literária nas cidades de Recife (PE), Assis (SP) e Salvador (BA). No entanto, até o momento, não encontrei informações sobre o tipo de participação de Arroyo nesses eventos.

Entre 1968 e 1969, foi diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura municipal de São Paulo, no Governo Municipal do Brigadeiro José Vicente de Faria Lima⁵⁴. O convite para assumir esse cargo público ocorreu após seu trabalho como redator-chefe do jornal *Correio do Livro*⁵⁵ (SP).

Foi redator-chefe do *Correio do Livro*, de São Paulo, durante um ano, findo o qual foi convidado pelo brigadeiro Faria Lima, em 1968, então Prefeito Municipal de São Paulo, para ocupar o cargo de Diretor do Departamento de Cultura do Município. (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1972, p. ix-x).

⁵³ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre o conteúdo dessas conferências ministradas por Leonardo Arroyo; localizei apenas menção ao tema das palestras, a saber, “O Brasil e seus problemas”, que localizei no livro *A cultura popular em Grande sertão: veredas*, de Arroyo (1984).

⁵⁴ Brigadeiro José Vicente de Faria Lima (1909-1969) foi “[...] um militar e político brasileiro [...]. Aos 21 anos de idade, iniciou sua carreira na Força Aérea Brasileira [...], fez vários cursos na área de engenharia da aeronáutica, alcançando o título de Brigadeiro em 1958. [...] Participou da criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, e, como assistente técnico e a convite do então governador de São Paulo, Jânio da Silva Quadros, entre 1955 e 1959, assumiu a presidência da Viação Aérea de São Paulo (VASP), iniciando a sua carreira na política.[...] No ano de 1965, foi eleito prefeito de São Paulo, sendo sua administração conhecida por diversas obras, em especial nas áreas de urbanização, pavimentação asfáltica, melhoria no trânsito e na saúde [...]”. Após a sua morte, “[...] a avenida que se chamaria Radial Oeste recebeu o nome de Avenida Brigadeiro Faria Lima em sua homenagem.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.sampa.art.br/biografias/farialima/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁵⁵ Até o momento de redação final deste texto, não localizei informações sobre o jornal *Correio do Livro*, apenas uma entrevista do professor e pesquisador Aníbal Bragança, da Universidade Federal Fluminense (UFF), na qual comenta sobre o projeto Núcleo de Pesquisa Editorial, cujo objetivo é “[...] a organização de um acervo de periódicos da área, inclusive de alguns jornais, como o *Correio do Livro*, que já desapareceram e que continuam sendo fonte importante para os pesquisadores.” (BRAGANÇA, 2009, s.p.). Disponível em: http://www.ubaweb.com/revista/g_imprimir.php?grc=27978&c_bio=ZWRpdG9y. Acesso em: 10 mar. 2016.

À frente do Departamento de Cultura, Arroyo organizou a primeira Casa de Cultura, fundou o Corpo de Baile do Teatro Municipal e a Orquestra Jovem Sinfônica Municipal, tendo recebido, em 1977, o título de Personalidade Musical. Reabilitou a *Revista do Arquivo Municipal*⁵⁶ (SP) e instituiu o curso de “História dos Bairros de São Paulo”, “[...] destinado ao levantamento histórico dos bairros paulistanos”. (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1972, p. ix-x).

A *Revista do Arquivo Municipal* foi criada em 1934, pela seção do Departamento de Cultura do município de São Paulo, em parceria com o Arquivo Histórico de São Paulo, com o objetivo de divulgar a história e a cultura de São Paulo. Essa revista teve sua publicação interrompida por seis anos, sendo retomada em 1968, quando Arroyo assumiu a direção do Departamento de Cultura. (ASSIS, 2014b).

Além de atuar como diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, Arroyo ocupou cargos em diferentes instituições ao longo de sua carreira. No Quadro 2, apresento os cargos ocupados por Arroyo que localizei, ordenados por ano.

Quadro 2: Cargos ocupados por Leonardo Arroyo em diferentes instituições ao longo de sua carreira, ordenados por ano, cargo ocupado e quantidade

Ano \ Função	Integrante de comissões	Integrante de Diretorias	Diretor de revistas	Quantidade por ano
1956	1	-	-	1
1958	1	-	-	1
1963	-	1	-	1
1968	-	1	1	2
1978	1	-	-	1
1979	-	-	1	1
1982	1	1	-	2
1984	-	1	-	1
Total	4	4	2	10

Fonte: Elaborado pela autora com base no documento *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

De acordo com o Quadro 2, de 1956 a 1985, Arroyo ocupou dez cargos em instituições diferentes e integrou quatro comissões de fomento à literatura e aos estudos de história e geografia. Também ocupou os seguintes cargos em diretorias: Conselheiro Consultivo e Fiscal da União Brasileira dos Escritores (1982); e secretário do Centro Cultural

⁵⁶ A *Revista do Arquivo Municipal* teve mais de 180 volumes publicados e permaneceu em circulação por 37 anos, de 1934 a 1971. Em 1968, nos dois últimos anos da gestão do então prefeito de São Paulo, Brigadeiro Vicente de Faria Lima (1965-1969), Arroyo foi convidado pelo Dr. Araripe Serpa para assumir a Direção do Departamento de Cultura do município de São Paulo.

Francisco Matarazzo Sobrinho (1984/1985). Atuou, também, como diretor de duas revistas: a *Revista do Arquivo Municipal*; e a *Revista da Academia Paulista de Letras*.

Arroyo frequentou, por 20 anos, uma confraria de amigos, artistas, políticos e intelectuais chamada “Pensão Humaitá”, na residência do intelectual e historiador João Fernando de Almeida Prado, conhecido como Yan de Almeida Prado, na cidade São Paulo. Segundo Sant’Ana (2002, p. 68), as reuniões ocorriam às terças, quintas e sábados, quando tratavam de “[...] assuntos culturais, políticos e discuti[am] vinhos.” (SANT’ANA, 2002, p. 68).

No artigo “O amigo Leonardo Arroyo”, publicado pelo jornal *Correio Popular*⁵⁷ (Campinas-SP), em 21 de agosto de 1985, pelo médico e amigo de Arroyo, Sérgio de Paula Santos, é possível compreender algumas das atividades que ocorriam na Pensão Humaitá.

Foi por quase dois decênios nosso companheiro de copo e mesa em casa de Yan de Almeida Prado, desde a antiga, a verdadeira pensão da rua Humaitá. Acordamos e discordamos sobre quase tudo – livros, literatura, política, saliências, reentrâncias e feromonas da condição feminina, física e metafísica. Discutimos as iguarias, a maneira, a história e a oportunidade de degusta-las. Prelibamos os cardápios e os vinhos, quase academicamente, pois, certamente no fundo ou talvez na superfície mesmo, sejamos tão somente onívoros e hidrófobos. (SANTOS, 1985, s.p.)

A Pensão Humaitá era composta por intelectuais de diferentes áreas de atuação no país, são eles: Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo, Assis Chateaubriand, René Thiolier, Prestes Maia, Alexandre Marcondes Filho, Octalles Marcondes Ferreira, João de Scatimburgo, Olintho Moura, Paulo Duarte, Sérgio de Paula Santos, Francisco Matarazzo Sobrinho, dentre outros.

Em depoimento que concedeu a Sant’Ana (2002), Sérgio de Paula Santos apresenta detalhes da rotina e de alguns dos integrantes da Pensão Humaitá.

Naquele tempo havia também e creio que por deferência de Yan ao gosto de Prestes Maia e de Assis Chateaubriand, um soberbo e rico feijão nadando em caldo grosso de bela aparência e melhor gosto. Chateaubriand tomava o feijão em malga, só o caldo, com a lentidão e o aparato de quem estivesse tomando um Chateau Margot. Comia pouco, pouquíssimo e não bebia mais do que dois dedos de vinho. [...]

Prestes Maia, ao contrário, era garfo portentoso. Era, na turma, o melhor apetite. Amava o feijão de que se servia em maior quantidade do que o arroz e apreciava bebida.

⁵⁷ O jornal *Correio Popular* foi “[...] fundado em 1927, por Álvaro Ribeiro. [...] Cinco anos após a sua fundação, o jornalista Sylvino de Godoy assumiu a direção do jornal até 1970. [...] O comando do periódico continua com a família, na figura do diretor-presidente Sylvino de Godoy Neto [...]” O jornal completou 87 anos “[...] e se consolida cada vez mais como um expoente do jornalismo regional de Campinas.” (s.p.) Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/09/capa/campinas_e_rmc/203259-correio-popular-faz-87-anos-mande-sua-opini-o.html>. Acesso em: 15 jan. 2016.

René Thiolier era também uma figura fascinante. Depois de dois ou três copos de vinho perdia toda censura e contava fatos e coisas de São Paulo antigo, inclusive a origem de algumas fortunas de velhas famílias da capital. [...] Roberto Moreira era um sóbrio conviva. João Batista era excelente, embora falasse pouco, era o melhor copo. Marcondes Filho, inteligente e conversador, bom copo e bom garfo. [...] Octalles Marcondes era homem quieto, mas sempre interessado em aprender em matéria de vinhos com Yan. Finalmente o Ciccillo. Deste não se fala pois o vazio que deixou não será mais preenchido. Fernando de Azevedo era o professor da turma. (SANT'ANA, 2002, p. 71-72).

Figura 4: Integrantes da Pensão Humaitá



Integrante da Pensão Humaitá reunidos em casa de Yan de Almeida Prado, ponto de encontro de intelectuais paulistas. Yan de Almeida Prado está ao centro de gravata borboleta e Leonardo Arroyo ao fundo.

Fonte: Sant'Ana (2002, p. 68).

Figura 5: Integrantes da Pensão Humaitá



Leonardo Arroyo está à esquerda de terno preto ao lado do médico Sérgio de Paulo Santos, vestido de branco.

Fonte: Sant'Ana (2002, p. 70).

Figura 6: Integrantes da Pensão Humaitá



Leonardo Arroyo e Olintho Moura estão no plano superior da foto e Arrobias Martins e Yan de Almeida Prado sentados no sofá.

Fonte: Acervo digital do jornal *Folha de S. Paulo* (17 dez. 1972).

Em um artigo do jornal *Folha da Manhã*, de 8 de dezembro de 1975, localizei informações sobre a comemoração do aniversário da Pensão Humaitá e de seu anfitrião, Yan de Almeida Prado, que seria realizada naquele dia. Nesse artigo, consta um soneto que Arroyo escreveu em homenagem ao aniversário de Yan, no qual também é possível compreender como eram os encontros dessa confraria.

Teu berço de ouro, marfim, verde jade,
Parte-se em cantos de amigos e irmãos
Em teu palácio de tetos de prata
O côro angélico desfaz-se em vinho

Sabor de rosas, na mesa sagrada
Deita-se o Cristo Mudo, nada diz,
Mas acompanha o milagre do pão
Entre discípulos que chegam tarde

Baco e Dionisios entre perfumes
De luas, alho, cebola e azeite,
Cantam nos copos de cristal e vinho.

Também ressurge Sátiro das matas,
Veludo e bode, mas doce e tranquilo
Para sonhar apenas tempo idos...
(ARROYO, 1975, s.p.)

Dos documentos que reuni até o momento, localizei o nome de Arroyo vinculado a Pensão no período de 1962 a 1985, ano de sua morte. Diante disso, é possível observar que

Arroyo passou 23 anos desfrutando da companhia desses intelectuais paulistas e também aprendendo sobre vinhos e sobre a culinária brasileira.

Em 1971, Arroyo participou como “conferencista” do 1º. Congresso Nacional de Literatura Infantil⁵⁸, realizado em Belo Horizonte (MG). De acordo com a referência de um livro que localizei, intitulado *Conferências*, presumo que os textos elaborados pelos palestrantes desse evento foram publicados em livro, no mesmo ano, pela Livraria e Editora Francisco Alves (RJ). No entanto, até o momento, não localizei esse livro, por isso, não pude confirmar essa informação e nem ter acesso ao formato e conteúdo dessa publicação.

Em 1972, Arroyo foi indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)⁵⁹ para fazer parte do Júri do Prêmio “Hans Christian Andersen”⁶⁰ do *International Board Book for Young People* (IBBY)⁶¹, na Dinamarca, que é o mais importante prêmio literário da literatura infantil e juvenil.

Em julho de 1970, Arroyo foi eleito, com 30 votos, membro titular da Academia Paulista de Letras e, em 14 de outubro de 1970, foi empossado na cadeira nº. 21. Na sua posse e conforme a tradição e o regimento interno da Academia, Arroyo foi recebido com um discurso proferido por Osmar Pimentel, acadêmico escolhido por Arroyo para o momento de sua recepção na Academia.

⁵⁸ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre esse evento, localizei apenas uma referência de livro publicado pela Livraria e Editora Francisco Alves, cujo título é *Conferências*. 1º. Congresso Nacional de Literatura Infantil (1971).

⁵⁹ A FNLIJ foi criada em “[...] 23 de maio de 1968, no Rio de Janeiro (RJ), como a seção brasileira do *International Board Books for Young People* (IBBY) [...]”, e constituiu-se como uma “[...] instituição de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, que tem como objetivo promover a leitura e divulgar a leitura de literatura para crianças e jovens, defendendo esse direito por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias”. (s.p.). Disponível em: < <http://www.fnlij.org.br/site/o-que-e-a-fnlij.html>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁶⁰ O prêmio Hans Cristian Andersen “[...] é concedido a cada dois anos pelo *International Board on Books for Young People* (IBBY) para escritores e ilustradores vivos. [...] Seu nome homenageia o escritor dinamarquês de literatura infantil Hans Christian Andersen e é o mais importante prêmio na área da literatura infantil. [...] Em 2014, o brasileiro Roger Mello ganhou esse prêmio na categoria de melhor ilustrador, foi a primeira vez que o Hans Christian Andersen foi concedido a um ilustrador da América Latina. [...] O Brasil já havia vencido o Hans Christian Andersen duas vezes com as escritoras Lygia Bojunga (1982) e Ana Maria Machado (2000).” (s.p.). Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/ilustrador-brasileiro-vence-nobel-da-literatura-infantil-11968055>. Acesso em: 11 mar. 2016.

⁶¹ O *International Board Book for Young People* (IBBY) “[...] é um grupo sem fins lucrativos [...] composto por associações e indivíduos em todo o mundo comprometidos com a ideia de promover o encontro entre livros e crianças.” [...]. “IBBY foi fundada em Zurique (Suíça), em 1953, e é composto por mais de sessenta Seções Nacionais. [...] Os membros das Seções Nacionais representam todos os campos de atividade relacionados com livros infantis: autores e ilustradores, tradutores, editores, jornalistas e críticos, professores, professores e estudantes universitários, bibliotecários e livreiros, pais e assistentes sociais. [...] Como uma organização não-governamental constituída em parceria com a Unesco e Unicef, a IBBY [...] é solidamente comprometida com os princípios da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, ratificada pelas Nações Unidas em 1990 [...]” (s.p.). Disponível em: <http://www.ibby.org/index.php?id=266&L=3>. Acesso em: 11 mar.. 2016.

Figura 7: Leonardo Arroyo discursando em sua posse na Academia Paulista de Letras, realizada em 14 de outubro de 1970



Fonte: Acervo digital do jornal *Folha de S. Paulo* (11 nov. 1970)

Figura 8: Acadêmicos integrantes da Academia Paulista de Letras, em 1974



Da esquerda para direita, sentados: Lucas Nogueira Garcêz; Afrâneo do Amaral; Godofredo Teles; Ernesto Leme; Aureliano Leite; Ernesto Leme (presidente) Maria de Lourdes Teixeira; Ataliba Nogueira. Primeiro Plano: Arrobas Martins; Alcântara Silveira; Edmundo Vasconcelos; Nelson Palma Travassos; Carlos Alberto Nunes; Pacheco e Silva; Péricles E. da Silva Ramos; Osmar Pimentel; Octacílio de Carvalho; Nuto Sant'Ana; Leão Machado; José Geraldo Vieira; Raimundo de Menezes. Segundo Plano: Vicente de P. V. de Azevedo; Luís Martins; Oliveira Ribeira Neto; **Leonardo Arroyo**; Mário Graciotti; Francisco Marins; Fernando Góes; Tito Lívio Ferreiro; Hernani Donato; Paulo Bonfim; Soares Amora.

Fonte: REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1979, s.p. (grifos meus).

Todos os acadêmicos, anteriores a Arroyo, que ocuparam a cadeira n°. 21, tinham em comum um compromisso com a vida política, social e cultural do país. A maioria foi bacharel em direito, atuava na vida pública por meio da política, do jornalismo ou do magistério⁶². A cadeira de n°. 21 tem como patrono Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1773-1845) e, como fundador, José Luís de Almeida Nogueira⁶³ (18? – 1914). Os sucessores dessa cadeira foram: Álvaro Guerra⁶⁴ (1868-1942), Roberto Simonsen⁶⁵ (1889-1943), José Freitas Vale⁶⁶ (1870-1957), Plínio Barreto⁶⁷ (1882-1958), Ibrahim Nobre⁶⁸ (1888-1970) e Leonardo Arroyo (1918-1985).

⁶² Informações localizadas em notas biográficas dos acadêmicos na *Revista da Academia Paulista de Letras*, ano 28, n. 78, ago. 1971, p. 72-75.

⁶³ José Luís de Almeida Nogueira (1851 – 1914) “[...] nasceu em Bananal, província de São Paulo [...]. Estudou as primeiras letras em sua cidade natal [...]. Estudou humanidades na Franca, no Instituto Prunières e no Liceu Bonaparte de Paris.” (p.72). “[...] em São Paulo matriculou-se na Faculdade de Direito [...], onde se bacharelou em 1874. [...] Foi deputado ao Congresso Constituinte Republicano e ao I Congresso Federal. [...] Em 1910 representou o Brasil no Congresso Jurídico Pan-Americano reunido em Buenos Aires.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/academicos-antecedentes/83-cadeira-n-21/424-almeida-nogueira-jose-luis-de-almeida-nogueira.html>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁶⁴ Álvaro Maria d’Almada Guerra (1868-1942) “[...] nasceu em Pirai, Rio de Janeiro, foi educador, jornalista, cronista e poeta.” (s.p.). Iniciou “[...] a publicação de suas primeiras produções literárias (versos) no *O Constitucional* em 1885. Lecionou no Externato Amor à Ciência e neste período editou uma pequena revista literária *O Colibri* na qual publicava a produção poética dos docentes e alunos do colégio.” (s.p.). Em Taubaté (SP), foi “[...] diretor do jornal da região *O Noticiário* [...]. Em 1895 mudou-se para São Paulo e teve seu trabalho como cronista e crítico literário reconhecido trabalhando no jornal *O Comércio de São Paulo*. [...] em 1909, decidiu concentrar-se [...] no magistério [...]. Sua produção durante quase uma década volta-se para a publicação de livros de literatura didática. (s.p.). Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/alvaroguerre/index.php?p=5418. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁶⁵ Roberto Simonsen (1889-1943) “[...] nasceu em Santos, SP. [...] Estudou as primeiras letras em sua cidade natal, transferindo-se depois para o Colégio Anglo-Brasileiro de São Paulo. Coursou a Escola Politécnica de São Paulo, onde recebeu o grau de engenheiro civil. Em Santos foi diretor-geral da Prefeitura, e engenheiro-chefe da Comissão de Melhoramentos Municipais, fundador e diretor da Companhia Construtora de Santos, [...] e presidente de várias outras companhias, conselhos e entidades de classe. (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1971, p. 73). “Em 1919, foi designado membro da Missão Comercial Brasileira à Inglaterra e, posteriormente, representante do Brasil no Congresso Internacional dos Industriais de Algodão em Paris [...]. Desempenhou papel importante no grupo de intelectuais que lançou o manifesto de que decorreu a fundação da primeira Escola de Sociologia e Política existente no Brasil e ali assumiu a cadeira de professor de História da Economia Nacional. [...] Em 1934, foi eleito deputado federal por São Paulo. [...] Em 1948 foi criado o Fórum Roberto Simonsen que, em 1968, foi transformado no Instituto Roberto Simonsen, [...] atua com o objetivo de promover o debate e a análise de questões relevantes à indústria brasileira. (s.p.). Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=230&sid=101>. Acesso em 10 mar. 2016.

⁶⁶ José Freitas Vale (1870-1957) “[...] nasceu na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul [...]. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1891, dedicando-se em seguida, ao magistério e à advocacia. Em 1894, com 23 anos, fez o concurso para a cadeira de Francês e Literatura Francêsa do Ginásio Oficial de São Paulo [...] onde lecionou por 43 anos [...].(s.p.). Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos-acad-atuais/65-paulo-jose-da-costa-jr-cadeira-21.html>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁶⁷ Plínio Barreto (1882-1958) “[...] nasceu em Campinas (SP) [...] estudou no Seminário Episcopal, transferindo-se mais tarde para o Colégio São Paulo, no Estado de Minas Gerais. Recebeu o grau de bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco [...]. de 1927 a 1942 foi redator e diretor de *O Estado de São Paulo* [...]. Escreveu dois livros na área jurídica “[...] Um Paranóico de Grande Tomo (1932); O convento de São Francisco e a Faculdade de Direito de São Paulo (1933).” (s.p.). Disponível em: <http://www.academiapaulistadeletras.org.br/cronicas/63-paulo-bomfim/420-carlos-lebeis.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

Como acadêmico, Arroyo foi diretor da *Revista da Academia Paulista de Letras* durante três anos, de 1979 a 1982, no período em que Francisco Marins⁶⁹ era Presidente da Academia. Nesse período, atuando à frente da “comissão de publicações”, dirigiu a produção de três volumes da revista, do 96º. ao 98º.

Figura 9: Grupo de acadêmicos integrantes da Academia Paulista de Letras, em 1979.



Da esquerda para a direita, sentados: Edmundo Vasconcelos; Ataliba Nogueira; Oliveira Ribeiro Neto, Francisco Marins (presidente); Maria de Lourdes Teixeira; Ernesto Leme e Pedro Chaves. Em pé: Geraldo Vidigal; Pe. Hélio Viotti; Paulo Bonfim; Nogueira Moutinho; Fernando Góes; Tito Lívio Ferreira; Lycurgo de Castro Santos Filho; Leite Cordeiro; Afrânio Zuccolotto; Pedro Ferraz do Amaral; **Leonardo Arroyo**; Raymundo de Menezes; Honório de Syllos; Pacheco e Silva e Osmar Pimentel.

Fonte: REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1999, p. 110 (grifos meus).

Arroyo ampliou e redistribuiu as seções da revista em: “Vida Acadêmica”, destinada à publicação de discursos de posse de acadêmicos e homenagens; “Colaborações”, destinada à publicação da produção escrita dos acadêmicos; “Documentação”, destinada à divulgação de documentos históricos de diversos tipos, e “Arquivos Acadêmicos”, destinados à publicação

⁶⁸ Ibrahim de Almeida Nobre (1888-1970) “[...] nasceu em São Paulo, capital [...]. Estudou no Ginásio do Estado, onde fez todo o curso de humanidades. Recebeu o título de bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1909, quando foi nomeado delegado de Polícia e, mais tarde, promotor público da capital paulista. [...] É um dos nomes mais importantes da Revolução Constitucionalista de 1932 [...]. Em 1972, no parque Ibirapuera, em São Paulo, foi colocada a estátua Ibrahim Nobre em sua homenagem.” (s.p.). Disponível em: <http://www.academiapaulistadeletras.org.br/acad%C3%A0Amicos-antiores/83-cadeira-n%C2%BA-21/694-ibrahim-de-almeida-nobre.html>. Acesso em: 10 mar. 2016.

⁶⁹Cf. nota 26 da Introdução desta tese.

de artigos que contribuíssem para a história da Academia Paulista de Letras. (REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, 1990).

Em outubro de 1982, no final de sua gestão como diretor da *Revista da Academia Paulista de Letras*, em um ato de grande desprendimento, Arroyo doou sua biblioteca pessoal para o acervo dessa instituição. A doação foi acompanhada de uma carta e de um catálogo de aproximadamente 3 mil títulos dos itens doados, organizado por Arroyo. Segundo informações desse catálogo, entre os títulos constam: livros de literatura, de autores brasileiros e estrangeiros; livros de história; antropologia; sociologia; política econômica; livros sobre culinária; atas da Câmara Municipal de São Paulo; inventários; testamentos; anais do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, conhecido também como Museu do Ipiranga; e documentos sobre a história de São Paulo.

Apesar de realizar intensas pesquisas no acervo da Academia Paulista de Letras, até o momento não localizei a carta que Arroyo entregou a essa instituição, juntamente com os títulos de sua biblioteca pessoal. No entanto, Sant'Ana (2002) transcreve, na íntegra, em seu livro, o conteúdo dessa carta.

Com estas palavras estou fazendo entrega de minha modesta livraria à Academia Paulista de Letras. Não será uma livraria opulenta, mas tem lá suas pequenas preciosidades que venho recolhido ao longo de quarenta anos de trato com a cultura. Predominam livros de consulta e mais especificamente livros de história, abrindo exceções, na ficção, às edições compactas de Aguilar, tanto brasileiro como espanhol ou mexicano.

[...]

Devo citar algumas preciosidades, tais como as Atas da Câmara de São Paulo, coleção completa de 84 volumes encadernados; Inventários e Testamentos, para mais de 40 volumes; Sesmarias, a coleção completa encadernada, dos Anais do Museu Paulista, Documentos Interessantes para a História de São Paulo, para mais de 80 volumes.

[...]

Uma biblioteca como essa, formada ao longo de 40 anos, não criou raízes de propriedade. Pelo contrário, me deu, ao dispor-me a doá-la à Academia Paulista de Letras, nítida sensação de que eu era apenas o depositário de tais livros. [...] Se uma livraria reflete um espírito posso dizer que aí está um retrato de corpo inteiro: o retrato de um homem curioso que se habituou, desde que leu DESCARTES, a desconfiar sempre das autoridades. Sou um homem cartesiano, duvido sempre. E essa dúvida se reflete na livraria que é profundamente diversificada, mas na constante inquietação sobre o destino humano. (ARROYO, 1982, *apud* SANT'ANA, 2002, p. 109-111).

Arroyo colaborou, ainda, com a organização do acervo da Biblioteca (denominada por ele de “Livraria”) da Academia Paulista de Letras, trabalho que, segundo carta que enviou a Paulo Pereira dos Reis⁷⁰, ocupara-lhe muito tempo.

Estou sem nenhuma atividade social pois me meti a fazer um catálogo da Livraria da Academia Paulista de Letras. Está bem adiado, mas é trabalho de negro escravo há mais de ano, procurando ordenar a desordem caótica da livraria. Basta dizer que ninguém sabia o que havia lá dentro. Há coisa muito rara e espetacular, mas em compensação há um verdadeiro entulho de porcaria, principalmente de livros de poesia. Tão logo termine retomarei minhas atividades sociais, ou melhor, socio-culturais. (ARROYO, 12 fev. 1985).

Também por meio dessa carta, escrita alguns meses antes de sua morte, é possível observar a dedicação de Arroyo à pesquisa histórica, catalogando, inventariando e organizando o acervo da Academia Paulista de Letras, instituição em que teve muitos artigos publicados, especialmente nos últimos cinco anos de sua vida.

Não localizei, no entanto, informações sobre o ano em que Arroyo se aposentou. Tive acesso apenas a uma nota biográfica no livro *10 contos escolhidos*, publicado em 1985, pela Editora Horizonte (Brasília-DF), na qual o editor Geraldo Vasconcelos escreve que, àquela época, Arroyo dedicava-se à “[...] pesquisa de caráter histórico e literário, tendo em vista a conclusão de alguns ensaios sobre aspectos da formação brasileira, mercê do tempo de que dispõe como aposentado em jornalismo e no serviço público estadual”. (VASCONCELOS, 1985, p.14).

Concomitantemente à sua atuação como jornalista, escritor e funcionário público no governo municipal paulista, Arroyo teve publicados livros de literatura infantil, livro sobre história da literatura infantil, capítulos de livros sobre literatura infantil, livros de literatura, livros com abordagem histórica, livros em que escreveu prefácio, apresentação e introdução, além de diversos artigos publicados em diferentes jornais paulistanos.

Leonardo Arroyo faleceu em 13 de agosto de 1985, com 67 anos de idade, no Hospital Sírion-Libanês, na cidade de São Paulo (SP), em decorrência de derrame cerebral e pneumonia. Segundo nota de falecimento publicada no jornal *Estado de S. Paulo*, de 14 de agosto de

⁷⁰ Paulo Pereira dos Reis nasceu em Piquete (SP), em 1919, formou-se no magistério, em 1939. “Bacharel em ciências jurídicas e sociais em 1967, [...] trabalhou como professor do ensino fundamental e superior em escolas e faculdades do estado de São Paulo, [...] foi membro da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo, titular da Academia Cristã de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, foi presidente da Comissão Estadual de Literatura do Conselho Estadual de cultura do Estado de São Paulo, presidente da Academia Paulista de História, e presidente do Instituto de Estudos vale-paraibanos”. (s.p.). Disponível em: <

1985, após ter sido internado no dia 5 de julho do mesmo ano, Arroyo faleceu a uma hora da manhã, em decorrência de problemas respiratórios. Arroyo foi velado na Academia Paulista de Letras e enterrado às 16 horas, no cemitério municipal de São Paulo (SP).

Em homenagem póstuma, publicada no jornal *Leitura*⁷¹ (SP), cujo ano de publicação não pude confirmar, José Geraldo Nogueira Moutinho descreve Arroyo como um homem “[...] dionisicamente apaixonado pela vida [...]” e como

[...] fruto aprimorado das fases de ebulição espiritual: o que é capaz de unir, ao vigor do trabalho, o prazer pelo trabalho; ao ascetismo indispensável à criação, uma saudável dose de epicurismo; que é suficientemente equilibrado para mesclar inteligência de sentidos, espírito e sensibilidade, em harmonioso conjunto banhada por cálida, funda, constante simpatia humana. (MOUTINHO, 198?, s.p.)

No artigo “O amigo Leonardo Arroyo”, publicado pelo jornal *Correio Popular* (Campinas-SP), em 21 de agosto de 1985, Sérgio de Paula Santos⁷², médico e amigo de Arroyo, escreveu a seguinte homenagem: “[...] amou a vida como poucos e sorveu o cálice até o fim. Chegou ao ‘grande mistério’, como ele próprio dizia sem frustrações ou ressentimentos. Foi um ‘bom aluno da vida’ como o chamou Osmar Pimentel”. (SANTOS, 1985, s.p.).

Em 1986, foram publicados dois artigos no jornal *Diário Popular*⁷³ (SP), em 28 de fevereiro e 3 de março, que anunciavam a homenagem da prefeitura da cidade de Lençóis Paulista (SP) a Arroyo por meio do “concurso ‘Leonardo Arroyo’ de literatura”. De acordo com informações desse jornal, a prefeitura da cidade de Lençóis Paulista (SP) organizava, anualmente, um evento literário e, naquele ano, tinha como “[...] finalidade, dentro do programa, prestar homenagem ao escritor e crítico Leonardo Arroyo, lançando um concurso

<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/acad%C3%AAsAmicos-antiores/77-cadeira-n%C2%BA-15/693-paulo-pereira-dos-reis.html>>. Acesso em 11 mar. 2016.

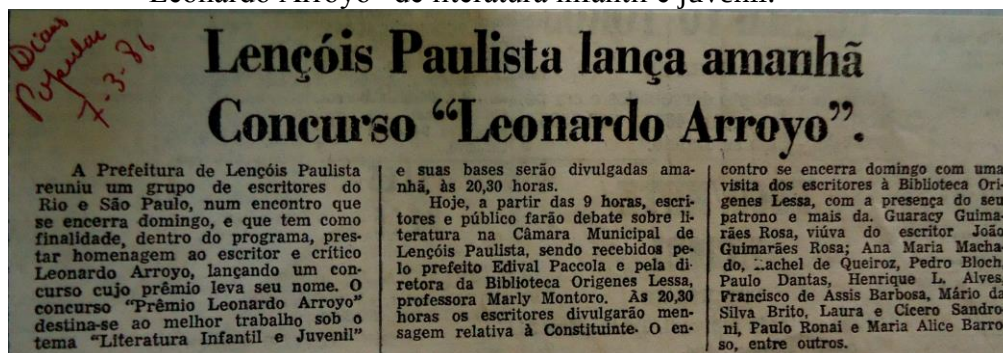
⁷¹ Até o momento final da redação deste texto, localizei apenas a informação de que o nome correto desse jornal é *D.O. Leitura*, uma publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

⁷² Sérgio de Paula Santos (1930-2010) “[...] foi médico, formado pela Universidade de São Paulo, e membro de inúmeras confrarias gastronômicas na França, na Alemanha e em Portugal. É autor, na área de enologia e gastronomia, dos livros *Vinho e cultura* (Melhoramentos, 1989); *Vinhos, a mesa e o copo* (L&PM, 1992); *Vinho e história* (DBA, 1999); *O vinho e suas circunstâncias* (Editora Senac, 2003). [...] Escreveu sobre vinhos durante 30 anos no jornal *O Estado de S. Paulo* [...]” (s.p.). Foi frequentador assíduo da Pensão Humaitá, de Yan de Almeida Prado, da qual Arroyo também fazia parte. Disponível em: <http://blogdojeriel.com.br/2010/05/nota-de-falecimento-dr-sergio-de-paula-santos/>. Acesso em: 02 nov. 2015.

⁷³ O jornal *Diário Popular* foi “[...] fundado em 1884, por José Maria Lisboa e Américo de Campos, que criou também, o *Diário Popular da Tarde*, especializado em esportes, que circulou nas décadas de 1970 e 1980. [...] Em 1988, Rodrigo Lisboa Soares, bisneto de José Maria Lisboa, o fundador, vendeu o jornal ao grupo empresarial do político Orestes Quércia.” Em 2001, o jornal foi vendido para a “[...] Infoglobo, empresa das Organizações Globo, proprietária também dos jornais *O Globo* e *Extra* [...]” (s.p.); desde então, passou a chamar *Diário de S. Paulo*. Disponível em: < file:///C:/Users/VIVIANNY/Downloads/5297140.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2016.

cujo prêmio leva o seu nome”. (DIÁRIO POPULAR, 1986, s.p.). O prêmio destinava-se à categoria de textos de literatura infantil e juvenil.

Figura 10: Artigo do jornal *Diário Popular* (SP), anunciando o concurso “Leonardo Arroyo” de literatura infantil e juvenil.



Fonte: Acervo da Academia Paulista de Letras.

Ainda de acordo com informações desse jornal, no último dia desse evento, além da premiação, ocorreu um encontro com diversos escritores na biblioteca “Orígenes Lessa”, dentre os quais estavam presentes o patrono da biblioteca – Orígenes Lessa⁷⁴– e as escritoras da área de literatura infantil Ana Maria Machado⁷⁵ e Laura Sandroni⁷⁶.

⁷⁴ Orígenes Lessa (1903-1986) foi “[...] jornalista, contista, romancista e ensaísta brasileiro. [...] Formou-se em Educação Física. [...] Ingressou no jornalismo, publicando os seus primeiros artigos na seção “Tribuna Social-Operária” de *O Imparcial*. [...] Em 1929, começou a escrever no *Diário da Noite* de São Paulo e publicou a primeira coleção de contos [...]. A partir de 1970, dedicou-se também à literatura infanto-juvenil, chegando a publicar, nessa área, quase 40 títulos, que o tornaram um autor conhecido e amado pelas crianças e jovens brasileiros. Recebeu inúmeros prêmios literários: Prêmio Antônio de Alcântara Machado (1939), pelo romance *O feijão e o sonho*; Prêmio Carmem Dolores Barbosa (1955), pelo romance *Rua do Sol*; Prêmio Fernando Chinaglia (1968), pelo romance *A noite sem homem*; Prêmio Luísa Cláudio de Sousa (1972), pelo romance *O evangelho de Lázaro*”. (s.p.). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=407&sid=149>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

⁷⁵ Ana Maria Machado nasceu em Santa Tereza (RJ), em 1941. “[...] formou-se em Letras Neolatinas, em 1964, na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e fez estudos de pós-graduação na UFRJ. Ministrou aulas na Faculdade de Letras na UFRJ (Literatura Brasileira e Teoria Literária) e na Escola de Comunicação da UFRJ, bem como na PUC-Rio (Literatura Brasileira [...])” (s.p.). “No final de 1969, depois de ser presa pelo governo militar [...] deixou o Brasil e partiu para o exílio. Na bagagem para a Europa, levava cópias de algumas histórias infantis que estava escrevendo, a convite da revista *Recreio*. [...] trabalhou como jornalista na revista *Elle* em Paris [...] além de se tornar professora de Língua Portuguesa na Sorbonne. [...] participou de um seleto grupo de estudantes na École Pratique des Hautes Études cujo mestre era Roland Barthes e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob a sua orientação [...]”. (s.p.). A tese resultou no livro *Recado do Nome*: leitura de Guimarães Rosa à luz dos nomes de seus personagens (Martins Fontes, 1991). “Tem mais de cem 100 livros publicados, [...] vinte milhões de exemplares vendidos, publicados em vinte idiomas e 26 países [...]”. Atuou como jornalista nos seguintes periódicos: “[...] *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil*, no *O Globo*, e colaborou com as revistas *Realidade*, *IstoÉ* e *Veja* e com os semanários *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento*. [...] Abandonou o jornalismo em 1980, para se dedicar a escrever seus livros, tanto os voltados para adultos como os infantis.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/ABL/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=133&sid=92>>. Acesso em 11 mar. 2016.

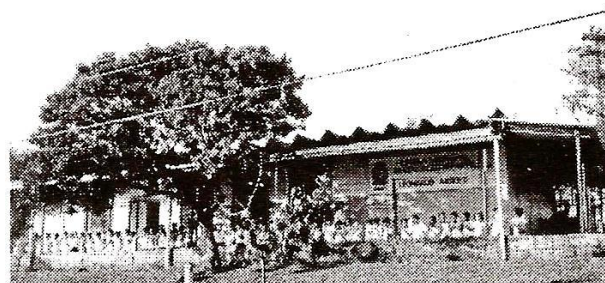
⁷⁶ Laura Sandroni “[...] cursou jornalismo na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e formou-se em Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da Fundação Getúlio Vargas, [...] tem mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. O interesse da escritora carioca pela literatura destinada a crianças e jovens surgiu ao participar do grupo que, em 1968,

Em abril de 1986, o então prefeito da cidade de São Paulo, Jânio da Silva Quadros⁷⁷, prestou homenagem a Arroyo por meio do Decreto n°. 22.101, no qual dispôs sobre a atribuição da denominação “Escola Municipal de Educação Infantil Leonardo Arroyo” a uma escola do município localizada na Administração Regional de Itaquera/Guaianazes – Unidade I. De acordo com informações desse documento, a homenagem decorreu da “[...] alta significação da obra realizada por Leonardo Arroyo, como escritor e pesquisador da nossa história literária, tendo ainda prestado relevantes serviços à Municipalidade de São Paulo, quando Diretor do antigo Departamento Municipal de Cultura”. (QUADROS, 1986, s.p.).

organizou a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) [...]. Primeira diretora executiva dessa fundação, foi reeleita para o cargo durante dezesseis anos.” Sandroni “[...] [c]oordenou os seguintes projetos de incentivo à leitura: “Ciranda de Livros”, “Viagem da Leitura”, “Nossa Biblioteca” e “Quem Lê Jornal Sabe Mais” [...]. É autora dos livros *A criança e o livro - guia prático de estímulo à leitura* (1987), *De Lobato a Bojunga - as reações renovadas* (1987). Disponível em: <http://www.upf.br/jornada/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=147:terezacolomer&catid=9:autores&Itemid=32>. Acesso em 18 jan. 2016.

⁷⁷ Jânio da Silva Quadros (1917-1992) cursou “[...] Direito na Universidade de São Paulo e atuou como professor e advogado por alguns anos. [...] Sua vida política começou em 1947, quando se elegeu vereador de São Paulo; depois foi eleito como deputado estadual, em 1950, prefeito, em 1953, e governador do estado em 1954.” Em 1961, foi eleito Presidente da República, porém renunciou sete meses depois. “Teve seus direitos cassados em 1964 pelo regime militar, voltando à vida pública somente no final da década de 1970. [...] Eleger-se prefeito de São Paulo novamente em 1985, e faleceu em 1992, de complicações decorrentes de derrame cerebral.” (s.p.). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/janio_quadros>. Acesso em: 11 mar. 2016.

Figura 11: Foto da placa da Escola Municipal de Educação Infantil Leonardo Arroyo, em Itaquera/Guaianazes (SP)



Lateral da Escola Municipal de Educação Infantil Leonardo Arroyo, em Itaquera/Guaianazes (SP).

Fonte: Sant’Ana (2002, p. 113).

A última homenagem póstuma a Leonardo Arroyo foi realizada em 1999, por Sant’Ana (2002), na Câmara Municipal da cidade de São José do Rio Preto (SP), onde se realizou sessão especial ao “[...] ilustre jornalista e escritor rio-pretense Leonardo Arroyo, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Literatura Infantil e Brasileira.” (SANT’ANA, 2002, p. 114). Nesse evento, Sant’Ana apresentou aspectos da atuação profissional e produção escrita de Arroyo, e estiveram presentes políticos, familiares e amigos do escritor.

1.2 Leonardo Arroyo e seus múltiplos olhares sobre a cultura brasileira

Esse tópico se faz necessário para demonstrar que, embora esta tese tenha como objetivo focar a contribuição de Leonardo Arroyo para a história da literatura infantil no Brasil, ele foi um homem interessado, principalmente, na cultura brasileira. A literatura infantil foi uma das “lentes” utilizadas por Arroyo para compreender a cultura nacional. São os múltiplos olhares do jornalista, historiador e escritor Leonardo Arroyo sobre a cultura brasileira que apresento a seguir.

Neste capítulo, portanto, apresento a síntese da “Bibliografia *de* Leonardo Arroyo” que reuni no instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016), com o total de 882 referências de diferentes textos escritos por esse autor, considerando, no caso de livros, a 1ª. edição ou edição mais antiga que localizei.

Na ocasião de meu Exame Geral de Qualificação, realizado no dia 23 de junho de 2015, apresentei esse conjunto de informações ordenando-as por ano de publicação, entre 1943 e 2013, e organizando-as em “seções” de acordo com o tipo de texto e “subseções” de acordo com o gênero textual, da seguinte forma:

Quadro 3: Bibliografia de Leonardo Arroyo, ordenada por tipo de texto e ano de publicação, entre 1943 e 2013

Seções	Livros						Cap. de livros	Artigos		Introduções, prefácios e apresentações			Obras de refer.	Corresp.	Total-	
Subseções Ano de public.	Livros de literatura infantil	Livros de literatura para adultos	Livros de história e crítica literária	Livros com abordag. histórica	Livro Biográf	Livros em que foi colabor	Capítulos de livro sobre lit. infantil	Artigos public. em revistas	Artigos public. em jornais	Introd.	Prefácios	Apresent.	Obras de refer.	Corresp.	Total por ano	Total por década
1943	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	19
1946	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	
1947	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
1948	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	4	
1949	2	-	-	-	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	9	
1950	2	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	4	86
1951	4	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	7	
1952	2	-	-	1	-	-	-	-	12	-	-	-	-	-	15	
1953	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	
1954	2	-	-	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	5	
1955	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
1956	1	-	-	-	-	-	-	-	14	-	-	-	-	-	15	
1957	1	-	-	-	-	-	-	-	20	-	-	-	-	-	21	
1958	2	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	6	
1959	1	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	9	
1960	-	-	-	-	-	-	1	-	91	-	1	-	-	-	93	725
1961	1	1	-	-	-	-	-	-	113	-	-	-	-	-	115	
1962	-	-	-	-	-	-	-	1	52	-	-	-	-	-	53	
1963	-	-	1	1	-	-	7	-	101	-	-	-	-	-	110	
1964	-	-	-	-	-	-	-	-	207	1	-	-	-	-	208	
1965	-	-	-	1	-	1	-	-	120	-	-	-	-	-	122	
1966	-	-	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	-	-	4	
1967	-	-	-	-	-	-	-	-	12	1	-	-	-	-	13	
1968	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1969	-	-	1	-	-	-	-	3	-	-	-	1	1	-	6	
1970	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	5	39
1971	-	-	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	4	
1972	-	-	-	-	-	-	-	1	14	-	-	-	-	-	15	
1973	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1976	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	3	
1977	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	3	
1978	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2	
1979	-	-	-	1	-	-	-	2	3	-	-	-	-	-	6	

Seções	Livros						Cap. de livros -	Artigos		Introduções, prefácios e apresentações			Obras de refer.	Corresp	Total	
Subseções Ano de public.	Livros de literatura infantil	Livros de literatura para adultos	Livros de história e crítica literária	Livros com abord histórica	Livro Biográf	Livros em que foi colabor	Capítulos de livro sobre lit. infantil	Artigos public. em revistas	Artigos public. em jornais	Introd.	Prefácios	Apresent.	Obras de refer.	Corresp.	Total por ano	Total por década
1980	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	3	12
1981	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	3	
1982	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
1983	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
1984	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	
1985	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	
2013	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1
Total	24	3	4	9	1	4	10	14	798	5	2	1	3	4	882	882

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016).

No entanto, para os objetivos desta tese, a partir das considerações de minha orientadora e também dos apontamentos apresentados pelos membros da banca do exame geral de qualificação, modifiquei a apresentação dessas informações. Desse modo, optei por apresentar a produção escrita de Arroyo de acordo com o assunto por ele abordado em seus livros e artigos, e também respeitando o critério cronológico de sua produção, proporcionando assim, uma visão de conjunto sobre os temas de interesse desse autor e os textos que teve publicados sobre esses temas.

O objetivo foi o de propiciar melhor visualização e síntese das informações, procurando explorar a diversidade de temas, a quantidade e longevidade dos textos produzidos por Leonardo Arroyo. Além disso, optei por utilizar o recurso dos quadros, por meio de categorizações que permitiram observar o que Arroyo produziu quantitativamente, organizar e sintetizar o conjunto da produção escrita desse autor.

Visando cumprir a esses objetivos, organizei os demais tópicos deste capítulo a partir dos assuntos abordados por Arroyo e não mais por tipo de texto. Assim, a “Bibliografia de Leonardo Arroyo” será apresentada da seguinte forma:

- 1.3 Escritor de literatura;
- 1.4 Historiador;
- 1.5 O historiador da literatura e o crítico literário;
- 1.6 Pesquisador da culinária brasileira;
- 1.7 Colaborador em livros de outros escritores;
- 1.8 Escritor e pesquisador da literatura infantil brasileira.

1.3 Escritor de literatura

Conforme mencionei anteriormente, além de sua carreira de jornalista, no final da década de 1940, Arroyo passou a escrever livros de contos para o público adulto e a receber alguns prêmios por esse trabalho. Ao longo de sua vida, teve publicados o total de três livros de literatura para adultos, todos livros de contos.

No Quadro 4, apresento o conjunto desses livros ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada.

Quadro 4: Livros de literatura para adultos ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada

Livros de literatura	Editoras	Edições localizadas	Data 1ª. ed. ou ed. mais antiga localizada	Data da ed. mais recente localizada
<i>Viagem para Málaga</i>	Livraria José Olympio	1ª.	1950	1950
<i>Absalão e o rei</i>	Difusão Europeia do Livro	1ª.	1961	1961
<i>10 contos escolhidos</i>	Horizonte/ INL	1ª.	1985	1985

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa.* (ASSIS, 2016).

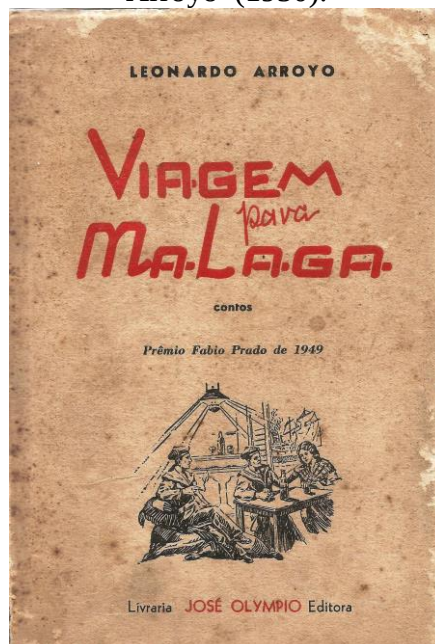
Conforme é possível observar no Quadro 4, o primeiro livro de literatura que Arroyo teve publicado foi *Viagem para Málaga*, pela Livraria José Olympio Editora (SP). De acordo com o texto publicado na orelha da 1ª. edição de *Viagem para Málaga*, esse livro “[...] despertou grande interesse entre os intelectuais de São Paulo [...], pois, além de um “autor novo”, “[...] trata-se do primeiro prêmio, desde que existe o laurel, concedido a um livro de contos”. (JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1950, s.p.).

Viagem para Málaga tem 187 páginas, formato pequeno, de 12 x 18 cm, com nove contos⁷⁸. Abaixo do título, de forma destacada e centralizada, aparece a informação sobre o prêmio que havia recebido no ano anterior: “Prêmio Fabio Prado de 1949”.

Segundo informação do texto na orelha da 1ª. edição desse livro, Arroyo submeteu o livro *Viagem para Málaga* ao prêmio “Fábio Prado” para “[...] experimentar se sabia ou não escrever [...] numa disputa a que concorreram cerca de duas dezenas de originais”. (JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1950, s.p.). Até o momento, não localizei informações sobre outras edições desse livro.

⁷⁸Os contos que integram esse livro são: “Viagem para Malaga”, “Estranhos chamados de Bretanha” “Carmelito”, “O Hóspede”, “Missa de Ação de Graças”, “Chuva no Bairro”, “Filho da Iniquidade”, “De Mãos Postas, Senhor!” e “Os Meninos”.

Figura 12: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Viagem para Málaga*, de Leonardo Arroyo (1950).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em janeiro de 1951, Sérgio Buarque de Holanda⁷⁹ escreveu um artigo a respeito das qualidades de escritor de Leonardo Arroyo.

[...] [*Viagem para Malaga*] fornece desde já, inclusive nas suas limitações, a medida do bom narrador, sobretudo, do bom escritor, não sei se será lícito pormenorizar: do bom contista [...]. Chama a atenção, quase infalivelmente, nestas histórias, o hábito do autor de produzir uma atmosfera de expectativa, que se há de resolver de súbito, a fim da narrativa, através de uma espécie de frase-chave. (HOLANDA, 1951, p. 4).

O segundo livro desse conjunto foi publicado 11 anos depois, em 1961, trata-se de *Absalão e o Rei*, pela Difusão Europeia do Livro⁸⁰, publicado como o 6º. volume da coleção “Novela Brasileira”⁸¹. Esse livro tem 132 páginas, formato de 12 x 19 cm e oito contos⁸².

⁷⁹ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) “[...] foi historiador e crítico literário. Participou do Movimento Modernista de 1922. [...] Foi colunista e correspondente de diversos jornais, tanto no Brasil quanto no exterior. Escreveu um dos mais importantes livros históricos do país, *Raízes do Brasil* (1936) [...], ocupou a cadeira de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; foi o primeiro diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP) e um dos mais importantes intelectuais brasileiros, membro-fundador do Partido dos Trabalhadores [...]”. (s.p.). Escreveu, entre outros livros, *Cobra de vidro* (1944), *Tentativas de mitologia* (1979) e *Caminhos e Fronteira* (1957). Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/sergiobuarquedeholanda/index.php?p=5379. Acesso em 18 mar. 2016.

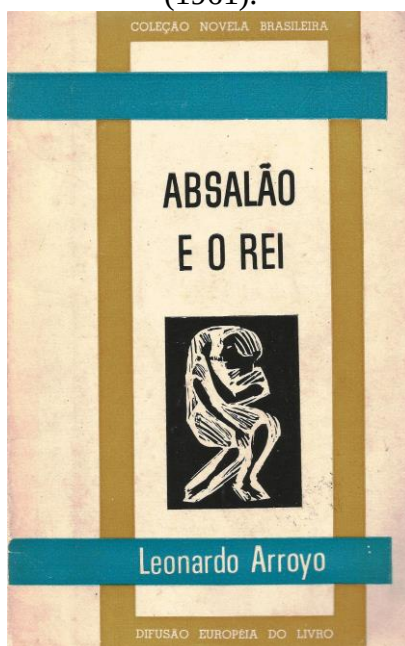
⁸⁰ Cf. nota 49 do Capítulo 1 desta tese.

⁸¹ A coleção “Novela Brasileira”, da Difusão Europeia do Livro, foi dirigida por Bráulio Pedroso. Além do livro *Absalão e o Rei*, de Arroyo (1961), essa coleção publicou: *A Parábola das 4 cruzes*, de Mário Donato; *O diabo veste de preto*, de Antônio D’Elia; *João Simões continua*, de Orígenes Lessa; e *Mirante dos aflitos*, de Dias da Costa. (DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO, 1960).

Como mencionei, resulta de uma coletânea que Arroyo teve premiada no ano de 1952, com o livro de contos *Ah, Solidão!*, pela *Revista Atibaia* (SP).

No prefácio que escreveu para o livro, Osmar Pimentel (1961) considera que Arroyo “[...] alcança uma densidade mais profunda [...], dono de um estilo onde o bom gosto é sempre servo de um poder de expressão tão nítido quanto lírico”. (PIMENTEL, 1961, p. 11). Até o momento, não localizei informações sobre outras edições desse livro.

Figura 13: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Absalão e o Rei*, de Leonardo Arroyo (1961).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Pimentel (1961) escreve sobre a admiração que sentia pelos contos de Arroyo, desde que ele venceu o concurso “Tentativa”, em 1952.

LEONARDO ARROYO já é conhecido como contista. [...] Volta agora Leonardo Arroyo ao mundo da palavra impressa com este *Absalão e o Rei*, onde reúne contos antigos e recentes. [...] Neste livro, o autor confirma as qualidades que anteriormente já revelara. E tudo faz crer que, com o aprofundamento da experiência humana, o autor atribua à sua arte novas dimensões e perspectivas. (PIMENTEL, 1961, p. 7).

Em 1985, já no final de sua vida, e 24 anos após a publicação do segundo livro de literatura, Arroyo teve publicado *10 contos escolhidos*, pela Horizonte Editora Limitada⁸³, em

⁸²Os contos que integram esse livro são: “Quina da tormenta”, “O mau ladrão”, “A primeira pedra”, “Raízes da noite”, “A parábola da Sota”, “Elegia do Tonico”, “Ah, Solidão!” e “Os magos”.

⁸³ Horizonte Editora Limitada “[...] foi fundada em 1981, [...] nasceu com a produção de palestras, vídeos, exposições e documentários audiovisuais sobre meio ambiente, ciência e cultura. [...] Em 1987 publicou a revista *Horizonte Geográfico* com matérias sobre o ensino de Geografia, Ciências Naturais e História. [...] Em 1993

parceria com o Instituto Nacional do Livro⁸⁴ e Fundação Nacional Pró-Memória⁸⁵, como o 14º. volume da “Coleção 10”⁸⁶.

Figura 14: Capa do exemplar de 1ª. edição livro *10 contos escolhidos*, de Leonardo Arroyo (1985).



Fonte: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (SP).

Segundo nota do editor Geraldo Vasconcelos⁸⁷, a “Coleção 10” foi constituída de contos dos “[...] mais importantes escritores brasileiros vivos que se dedicaram a essa

iniciou sua atuação em responsabilidade social e educação. Seus produtos educacionais patrocinados por empresas começaram a ser distribuídos em escolas e em 2004 a editora atingiu a marca de 45 mil escolas atendidas [...]”. (s.p.) Disponível em: <http://www.editorahorizonte.com.br/QuemSomos.asp>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

⁸⁴ O Instituto Nacional do Livro “[...] foi criado em dezembro de 1937, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema. [...] Estavam previstas como suas atribuições a edição de obras literárias julgadas de interesse para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e um dicionário nacionais e, finalmente, a expansão, por todo o território nacional, do número de bibliotecas públicas [...]. Sua direção foi entregue inicialmente ao escritor, poeta e crítico literário Augusto Meyer. Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade também estiveram ligados ao instituto.” (s.p.). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/INL>>. Acesso em: 19 mar. 2015. Para maiores informações, ver, especialmente: Bragança (2009).

⁸⁵ A Fundação Nacional Pró-Leitura “[...] foi criada pela Lei nº 6.757, de 17 de dezembro de 1979, [...] destinada a contribuir para o inventário, a classificação, a conservação, a proteção, a restauração e a revitalização dos bens de valor cultural e natural existentes no País. [...] Passam a integrar o seu patrimônio, os bens móveis e imóveis da União, que estavam em uso ou sob a guarda de responsabilidade do extinto Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.” (s.p.). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6757.htm >. Acesso em: 27 mar. 2016.

⁸⁶ A “Coleção 10” teve início em 1981, com a publicação dos contos de Dinah Silveira de Queiroz. Com essa coleção, a Horizonte Editora Limitada “[...] tem orgulho de oferecer aos que se iniciam na análise e na crítica literárias [...] todo instrumental a isso necessário [...]” (s.p.). (HORIZONTE EDITORA LIMITADA, 1985, s.p.). Os primeiros autores que tiveram seus contos publicados nessa coleção foram os seguintes: Samuel Rawet; Almeida Fischer; Moreira Campos; Guilherme Figueiredo; João Antonio; Renard Perez; Ricardo Ramos; Caio Porfírio Carneiro; Moacyr Sclier; Lígia Fagundes Telles; Hélio Polvora; Leonardo Arroyo e Julieta de Godoy Gabeira.

modalidade literária no país [...]” com o objetivo de “[...] contribuir para o aperfeiçoamento e aprofundamento dos estudos de nossa literatura”. (VASCONCELOS, 1984, s.p.).

Todos os volumes dessa coleção apresentam nota biográfica do autor, bibliografia, estudo introdutório e folheto de trabalho organizado por professor universitário da área de Letras. No livro de Arroyo, consta um estudo introdutório intitulado “O conto de atmosfera em Leonardo Arroyo”, escrito por Fausto Cunha⁸⁸, e o Folheto de Trabalho elaborado por Roberval Marques do Amaral⁸⁹, professor da Faculdade de Filosofia do Distrito Federal.

Até o momento, não pude identificar se a publicação desse livro ocorreu enquanto Arroyo estava vivo ou se na forma de homenagem póstuma.

1.4 Historiador

Concomitantemente a sua atuação como jornalista e escritor de literatura, Arroyo destacou-se também por sua atuação como historiador. Embora não tivesse formação nessa área, o modo como se apropriava da abordagem histórica em seus textos foi atribuindo a ele essa característica de historiador. Independente do tema sobre o qual discorria, esse tipo de abordagem acompanhava a sua produção escrita, especialmente a produção de um conjunto de nove livros que teve publicados ao longo de sua carreira, os quais apresentarei a seguir no Quadro 5.

Esse Quadro foi organizado pelo título dos livros, editoras em que foram publicados, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada.

⁸⁷ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Geraldo Vasconcelos.

⁸⁸ Fausto Cunha (1923-2004) “[...] foi escritor, crítico literário e jornalista. Nasceu em Pernambuco [...], radicando-se, ainda muito jovem, no Rio de Janeiro (RJ). Foi crítico dos jornais paulistanos *Folha da Manhã*, *Folha de São Paulo* e do *Correio da Manhã*, dirigindo também uma coleção de ensaios para a Editora Lido (Rio de Janeiro-RJ), além de haver sido, ainda, redator-responsável da *Revista do Livro* do Instituto Nacional do Livro.” (s.p.). Disponível em: http://www.novasaquarema.com.br/poiesis/96/fausto_cunha.htm. Acesso em 21 mar. 2016.

⁸⁹ Até o momento, localizei poucas informações sobre Roberval Marques do Amaral, sendo possível que eu afirme apenas que tem “[...] licenciatura plena em língua portuguesa e inglesa e respectivas literaturas (1975), mestrado em teoria da literatura pela Universidade de Brasília (1982), [...] tornou-se professor Universitário da Universidade de Brasília a partir de 1982.” (s.p.). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cd001766.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2016.

Quadro 5: Livros de abordagem histórica, de Leonardo Arroyo, ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada

Livros	Editoras	Edições localizadas	Data 1ª. ed. ou ed. mais antiga localizada	Data da ed. mais recente localizada
<i>São Paulo antigo, São Paulo moderno: álbum comparativo</i>	- Melhoramentos	1ª.	1952	1952
<i>Igrejas de São Paulo</i>	- Livraria José Olympio - Companhia Editora Nacional	1ª.; 2ª.	1954	1966
<i>Relação do rio Tietê</i>	- Obelisco	1ª.; 2ª.	1965	1980
<i>Carta a El Rei D. Manuel</i>	- Domínios	1ª.	1963	1985
<i>Origem do latifúndio no Brasil</i>	- Obelisco	2ª.	1967	-
<i>Literatura infantil brasileira</i>	- Melhoramentos - UNESP	1ª.; 2ª.; 3ª.	1968	2011
<i>Bertioga, chão de história</i>	- Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo	1ª.	1970	1970
<i>Memória e tempo das igrejas de São Paulo.</i>	- Editora Universidade de São Paulo - Companhia Editora Nacional - IBEP Nacional	1ª.; 2ª.	1970	2010
<i>A carta de Pêro Vaz de Caminha</i>	- Melhoramentos/ INL - Livraria Kosos Editora	1ª.; 2ª.; 3ª.	1971	1977
Total: 9	12	1ª. a 3ª.	1952	2011

Fonte: Bibliografia *de e sobre* Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa. (ASSIS, 2016).

Esse conjunto de livros foi publicado entre os anos de 1952 e 1971, e circularam durante 56 anos, considerando a edição mais antiga (*Igrejas de São Paulo*, 1954) e a mais recente (*Literatura infantil brasileira*, 2011). A maioria (5), teve mais de uma edição, como é o caso de *Igrejas de São Paulo* (1954; 1966); *Relação do rio Tietê* (1965; 1980); *Literatura infantil brasileira* (1968; 1988; 2011); *Memória e tempo das igrejas de São Paulo* (1970; 2010) e *A carta de Pêro Vaz de Caminha* (1971; 1977).

Também é possível observar que os temas abordados nesses livros foram diversos, tais como: a formação da cidade de São Paulo; a história do Brasil; e a história da literatura infantil. O primeiro livro apresentado no Quadro 5 é do ano de 1952, publicado pela editora Melhoramentos (SP), intitulado *São Paulo antigo, São Paulo moderno: álbum comparativo*. Com 40 páginas, foi escrito em parceria com Alois Fichtenberger⁹⁰, Sebastião Pagano⁹¹ e

⁹⁰ Alois Feichtenberger (1908-1986) foi um “[...] fotógrafo austríaco que veio para o Brasil em 1925”. “Em expedição pelo Pantanal Matogrossense, Feichtenberger descobriu a arte da fotografia e o interesse pelo Brasil e suas características naturais e sociais. [...] O conjunto de obras é constituído de mais de 47 mil documentações fotográficas, além de documentação textual.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.secult.go.gov.br/post/ver/139327/museu-da-imagem-e-do-som-de-goias>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Montgomery Merryman⁹². Até o momento, não foi possível recuperar nenhum exemplar desse livro, localizei apenas a sua referência.

Em 1954, Arroyo teve publicado *Igrejas de São Paulo*, pela Livraria José Olympio Editora⁹³, como o 81º. volume da coleção “Documentos Brasileiros”. Esse livro resultou de pesquisas que passou a desenvolver para a série de artigos “Igrejas de São Paulo⁹⁴” que teve publicada aos domingos, no jornal *Folha da Manhã*, entre os anos de 1950 e 1951.

Com 389 páginas e cinco capítulos, *Igrejas de São Paulo* apresenta 51 fotografias e vinhetas de Orlando Mattos⁹⁵.

⁹¹ Até o momento da redação final deste texto, localizei poucas e dispersas informações sobre Sebastião Pagano, sendo possível que eu afirme apenas que “[...] formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, [...] foi professor, escritor e biógrafo. Fundou o “Instituto Livre Superior de Ciências Sociais e Políticas” como instituto de extensão universitária que emitia certificados de ciclo de estudos. Dirigiu o Boletim *Cedro* da *Revista Genealógica Latina*, publicada na década de 1950[...]. Alguns de seus livros mais conhecidos são: *O Linde dos Arcos e a Revolução de 1817* (1938); e *Eduardo Prado e sua época* (1960). Disponível em: <<http://imperiobrasileiro-rs.blogspot.com.br/2013/03/falece-monarquista-jornalista-e.html>>. Acesso em 20 mar. 2016.

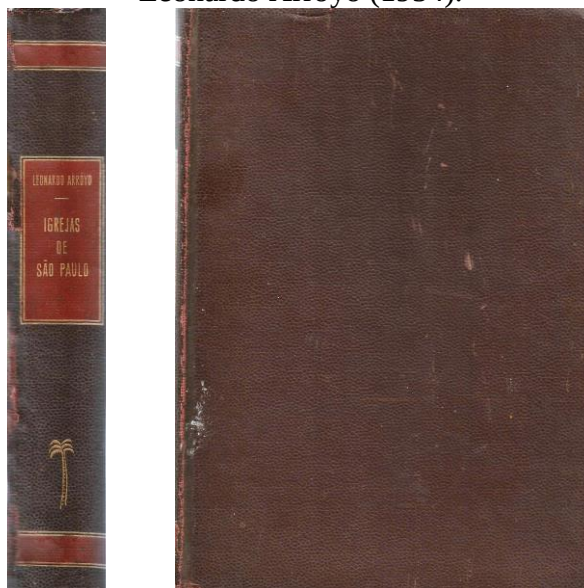
⁹² Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Montgomery Merryman.

⁹³ A Livraria José Olympio Editora “[...] foi fundada por José Olympio Pereira Filho, em 1931, na cidade de São Paulo, três anos depois, em 1934, mudou-se para o Rio de Janeiro. [...] Em 1936, publicou 66 novas edições, tornando-se a maior editora brasileira de obras de ficção. [...] Nos anos de 1940 e 1950, essa editora tornou-se a maior do país, publicando 2 mil títulos, com 5 mil edições. [...] Em 1960, passou a fazer parte da lista das 500 maiores empresas do país, com filiais em Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Porto Alegre, Recife e Salvador. Em 1968 começou a publicar no campo educacional, inaugurando, a ‘Coleção Didática Dinâmica’. [...] Em 1974 ao negociar a compra da *Companhia Editora Nacional*, adquiriu dívidas com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) [...]” (p. 478) acabou perdendo a editora, que foi adquirida pelo *Grupo Editorial Record* em 2001.” (p. 479) (HALLEWELL, 2005, p. 422- 479). Sobre a história da Livraria José Olympio Editora, ver, também: Villaça (2001) e Soares (2006).

⁹⁴ Localizei o total de 15 artigos da série “Igrejas de São Paulo”, publicados entre outubro de 1951 a setembro de 1952. Esse período indica que Arroyo passou um ano escrevendo artigos para essa série no jornal. De acordo com os documentos que localizei, Arroyo realizou pesquisas durante três anos para começar a escrever sobre o assunto.

⁹⁵ Orlando Mattos (1917-1992) foi “[...] pintor, ilustrador e cartunista [...] nasceu no estado do Paraná-PR [...]. Possui uma vasta produção de telas, desenhos, charges, viveu até os 93 anos e fez carreira na imprensa paulista e carioca como cartunista [...]” (s.p.). Em 2008, foi criado um museu com seu nome na cidade de Diadema (SP), pelo então prefeito José de Filippi Junior. Disponível em: <<http://www.cidadespaulistas.com.br/divulgacao/orlando-mattos/orlando-mattos-vida-obra.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Figura 15: Capa e lombada do exemplar de 1ª. edição do livro *Igrejas de São Paulo*, de Leonardo Arroyo (1954).



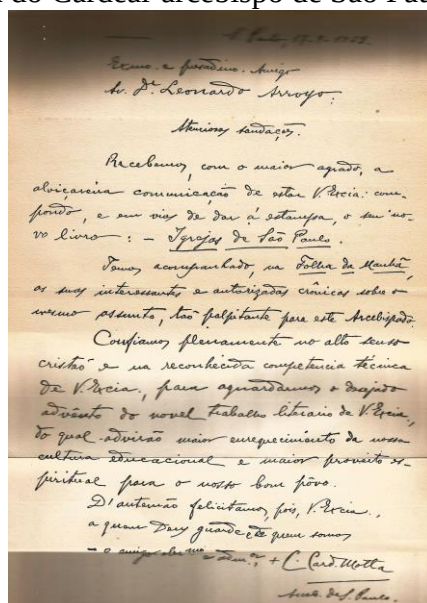
Fonte: Acervo pessoal da autora

Durante a produção da série “Igrejas de São Paulo” que mencionei, Arroyo consultou diversos documentos e percebeu “[...] flagrantes heresias nas referências de historiadores a respeito de determinadas igrejas [...]” (p. 15). Diante de importantes descobertas históricas, Arroyo decidiu publicar o livro, que contou com o prefácio do escritor, historiador e romancista brasileiro, Afonso de d’Escragnolle Taunay⁹⁶, e de carta manuscrita do então Cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmello Motta⁹⁷.

⁹⁶ Afonso d’Escragnolle Taunay (1876-1958) foi “[...] professor, historiador, tradutor e lexicógrafo [...]. Cursou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se formou em Engenharia Civil em 1900. Foi professor substituto da Escola Politécnica de São Paulo (1904) e professor catedrático na mesma Escola (1910). [...] Diretor do Museu Paulista a partir de 1917; diretor dos Museus do Estado de São Paulo desde 1923; [...] professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (1934-1937).” Foi membro do “[...] Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Paulista de Letras.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=35&sid=88>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

⁹⁷ Dom Carlos Carmelo Cardeal de Vasconcelos Motta (1890-1982) “[...] foi um sacerdote católico brasileiro [...]. Em 1904, matriculou-se no seminário menor de Mariana, saindo após breve período. Entre 1910 e 1911 cursou a Faculdade de Direito de Belo Horizonte. [...] Em 1944, aos 54 anos, foi nomeado arcebispo de São Paulo na igreja de Santa Ifigênia. Em 1974, aos 73 anos, foi nomeado primeiro arcebispo de Aparecida, cargo que exerceu até sua morte” (s.p.). Disponível em: <http://www.arquidiocesesp.org.br/content/dom-carlos-carmelo-cardeal-de-vasconcelos-motta>. Acesso em: 18 fev. 2016.

Figura 16: Carta manuscrita do Cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmello Motta



Fonte: Igrejas de São Paulo (1954)

Em 1963, Arroyo teve publicado o livro *Carta a El Rei D. Manuel*, pela Editora Domínus⁹⁸. Nesse livro, adaptou a carta⁹⁹ escrita por Pero Vaz de Caminha¹⁰⁰, em 1500, endereçada a D. Manuel¹⁰¹, rei de Portugal, na qual anuncia a descoberta de uma nova terra. Escreveu também a introdução, índices e glossário. Esse livro tem como objetivo apresentar a carta de “forma didática”, pois “[p]ela primeira vez na história a carta de Pero Vaz de Caminha é apresentada de forma acessível ao grande público, o maior interessado em conhecer seus termos e sua significação”. (DOMINUS, 1963, s.p.).

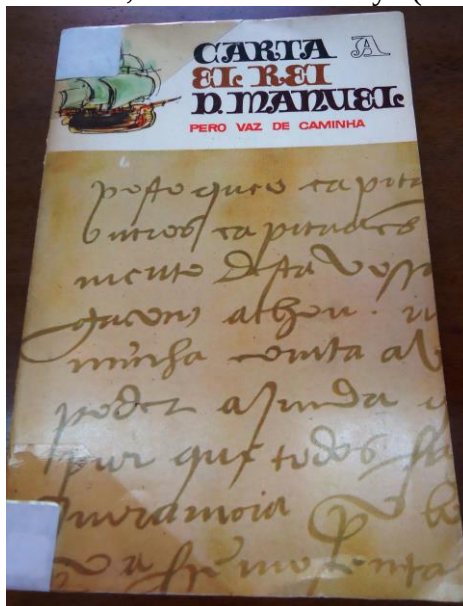
⁹⁸ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre a Editora Dominus.

⁹⁹ A carta que “[...] Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei D. Manuel é considerada o primeiro documento da história do Brasil [...] e também o primeiro texto literário [...]. Essa crônica do nascimento do Brasil, redigida em forma de diário, vem motivando um volumoso número de estudos e edições, desde quando o padre Manuel Aires de Casal a publicou pela primeira vez na *Coreografia brasileira*. O original desse documento, em sete folhas de papel manuscritas, cada uma em quatro páginas, num total de 27 páginas de texto e mais uma de endereço, encontra-se guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa [...]” (s.p.). http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/a-carta-de-pero-vaz-de-caminha--0/html/ffce9a90-82b1-11df-acc7-002185ce6064_1.html>. Acesso em 18 fev. 2016.

¹⁰⁰ Pero Vaz de Caminha (1450-1500) “[...] nasceu em Porto, Portugal [...], foi escrivão português, autor da carta que relata a entrada do Brasil para a História [...]. Herdou do pai o cargo de mestre da balança da Casa da Moeda, com a função de tesoureiro e escrivão. [...] Foi nomeado escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, que partiu de Lisboa, numa segunda feira, nove de março de 1500. A carta de Pero Vaz de Caminha, relatando a descoberta de novas terras [...] é a mais completa das cinco que existem, sobre o fato acontecido na manhã de 22 de abril de 1500.” (s.p.). Disponível em: < http://www.e-biografias.net/pero_vaz_de_caminha/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹⁰¹ D. Manuel (1495-1521) “[...] Soberano português nascido em Alcochete, cujo reinado é considerado como a fase mais gloriosa de Portugal. Filho do infante D. Fernando e de D. Beatriz, e neto paterno do rei D. Duarte, assumiu a coroa como o quinto rei da dinastia de Avis e o décimo quarto rei de Portugal. [...] Durante seu reinado, os navegadores portugueses consolidaram suas proezas com as grandes descobertas e deram início, na Europa, à revolução comercial que abriu para o mundo os caminhos da modernidade.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/DoManel1.html> >. Acesso em: 24 mar. 2016.

Figura 17: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Carta a El Rei D. Manuel*, de Pero Vaz de Caminha, de Leonardo Arroyo (1963).



Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP).

Com 103 páginas, *Carta a El Rei D. Manuel* apresenta um mapa em cores da costa do descobrimento, no extremo sul da Bahia e seis ilustrações em preto e branco. Consta, ainda, de um “Inventário Bibliográfico” dos estudos já realizados sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha, de 1817 a 1959, um glossário e um índice remissivo, todos organizados por Arroyo.

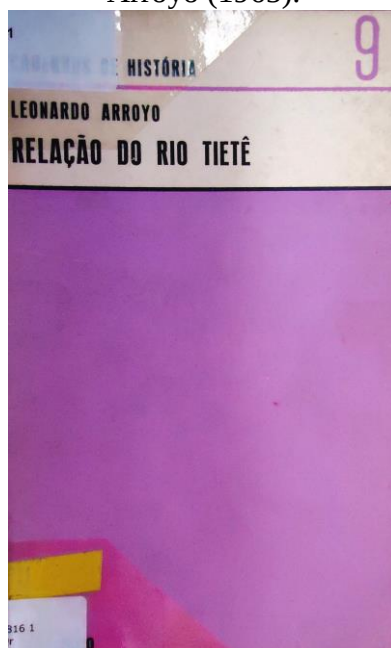
Em 1965, Arroyo teve publicado o livro *Relação do rio Tietê*, pela Editora Obelisco (SP), como o 9º. volume da coleção “Cadernos de História”, dirigida pelo advogado, escritor e político Pedro Brasil Bandecchi¹⁰². Esse livro também resultou de duas séries de artigos que Arroyo teve publicados no jornal *Folha da Manhã*, intituladas, “Notas sobre o rio Tietê¹⁰³” e “Tietê e as cartas jesuíticas¹⁰⁴”.

¹⁰² Pedro Brasil Bandecchi (1917-199) “[...] nasceu em São Paulo [...] foi advogado, historiador e político brasileiro. [...] Formado em direito pela Universidade de São Paulo, em 1947. Foi vereador na cidade de São Paulo e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. [...] Em 1972, ajudou a fundar a Academia Paulista de História (APH), juntamente com os historiadores Antônio Barreto do Amaral, Tito Lívio Ferreira, Álvaro da Veiga Coimbra, Célio Debes e Aureliano Leite.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.academiapaulistadeletras.org.br/acad%C3%AAmicos-anteriores/100-cadeira-n%C2%BA-38/486-pedro-brasil-bandecchi.html>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

¹⁰³ A série “Notas sobre o rio Tietê” foi publicada entre os meses de fevereiro e março de 1957, e era composta de quatro artigos.

¹⁰⁴ A série “Tietê e as cartas jesuíticas” foi publicada entre novembro de 1958 e janeiro de 1959, e era composta de cinco artigos.

Figura 18: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Relação do Rio Tietê*, de Leonardo Arroyo (1965).



Fonte: Acervo pessoal da autora

Com 62 páginas e 12 capítulos¹⁰⁵, Arroyo apresenta esse livro como um estudo preliminar¹⁰⁶ sobre “[...] os três séculos de colonização do planalto paulista [...]” (ARROYO, 1965, p. 5) e destaca a importância histórica, geográfica, sociológica e social do rio Tietê, que “[...] se encontra[va] cada vez mais ameaçado, cada vez mais alterado em seu curso natural, pelas exigências da vida moderna e o conseqüente desenvolvimento industrial de São Paulo, com a demanda e urgência cada vez maior de energia elétrica”. (ARROYO, 1965, p. 6).

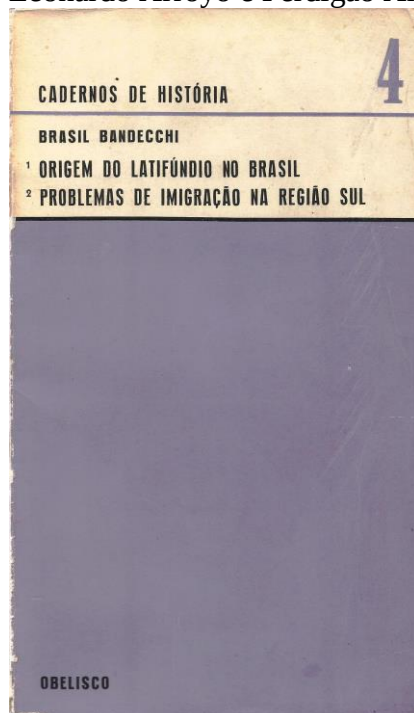
Em 1967, teve publicado o livro *Origem do latifúndio no Brasil*, escrito em parceria com Brasil Bandecchi e Perdigão Malheiro¹⁰⁷, também pela Editora Obelisco, como o 4º. volume da coleção anterior, “Cadernos de História”. No entanto, no exemplar que localizei e recuperei não consta nenhuma menção a Leonardo Arroyo e a Perdigão Malheiro.

¹⁰⁵ Os capítulos que integram esse livro são: “A paisagem e o homem”, “A água e o homem”, “O rio e o homem”, “O homem nôvo e o rio”, “O grito do ouro”, “O ouro e o aventureiro”, “O caminho do ouro I”, “O caminho do ouro II”, “Cachoeiras e itaipavas”, “O progresso de navegação”, “O homem e o mêdo” e “A vila talássica”.

¹⁰⁶ Para a elaboração desse livro, Arroyo consultou os seguintes acervos e documentos: “Atas da Câmara de São Paulo”, “Documentos interessantes para a História de São Paulo”, “Inventários e Testamentos”, “Registro Geral da Câmara de São Paulo”, “Atas da Terra”, “Revista do Arquivo Municipal”. (ARROYO, 1965).

¹⁰⁷ Agostinho Marques Perdigão Malheiro (1788-1860) “[...] nasceu em Viana, província de Entre-Douro e Minho, Portugal [...]”. Cursou a Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de Bacharel em 1810. Vindo para o Rio de Janeiro, foi nomeado, pelo Príncipe Regente D. João [...] Foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça [...] em 1846, [...] e agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo. [...]

Figura 19: Capa do exemplar de 2ª. edição do livro *Origem do latifúndio no Brasil*, de Brasil Bandecchi, Leonardo Arroyo e Perdigão Alheiro (1967).



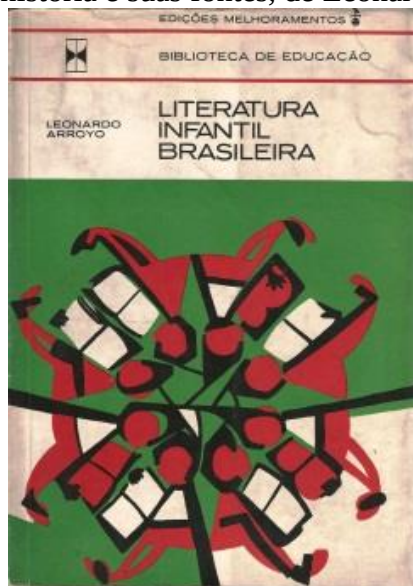
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 1968, Arroyo teve publicado, pela editora Melhoramentos (SP), o livro *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*, que integrou a série “Grandes Textos” da coleção “Biblioteca da Educação”¹⁰⁸.

Foi jurisperito, escritor e historiador de mérito. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stj&id=272>>. Acesso em 15 fev. 2016.

¹⁰⁸ Coleção “Biblioteca de Educação” “[...] foi publicada entre 1927 e 1970, lançando 37 títulos com diversas reedições. [...] Nas décadas de 1950 e 1960, essa coleção passou a publicar livros em duas séries: “Grandes textos” e “Iniciação e Debate”. Essa coleção publicava títulos de autores nacionais e traduções de autores estrangeiros relacionados à área da educação e da psicologia e ao movimento de renovação educacional no Brasil, conhecido como “Escola Nova”. (CARVALHO; TOLEDO, 2006, p. 48). Para maiores informações sobre os títulos publicados nessa coleção, sua circulação e influência na história da educação no Brasil, ver os seguintes

Figura 20: Capa do exemplar de 1ª. edição de *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*, de Leonardo Arroyo (1968)



Fonte: Acervo pessoal da autora

A 1ª. edição tem formato 16,5 cm x 23,5 cm e contém 239 páginas. Ressalto que, em capítulo posterior, farei a apresentação detalhada desse livro.

Em 1970, Arroyo teve publicados dois livros desse conjunto, são eles: *Bertioga, chão de histórias* e *Memória e tempo das igrejas de São Paulo*. O primeiro é um livreto de 21 páginas, publicado pela Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do governo estadual de São Paulo, na coleção “Aspectos Paulistanos”¹⁰⁹ que tinha como objetivo produzir uma síntese “didática e turística” para “[...] divulgar melhor e mais amplamente os diversos aspectos culturais paulistas, não só em seu conceito histórico sociológico ou antropológico social.” (ARROYO, 1970, p. 3).

estudos: Bernardes (2003); Carvalho (1996, 2000, 2001); Carvalho e Toledo (2004); Magnani (1997b); Monarca (1997); Mortatti (2000); Warde (2003).

¹⁰⁹ A coleção “Aspectos Paulistanos” foi produzida na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967-1971) e do Secretário Estadual de Cultura, Esportes e Turismo Orlando Zancaner, com objetivo “[...] didático e turístico [...]”. Trata-se de uma série [...] marcada pela tônica da necessidade de se divulgar aspectos

Figura 21: Capa do exemplar de 1ª. edição do livreto *Bertioga, chão de histórias*, de Leonardo Arroyo (1970).



Fonte: Academia Paulista de Letras.

O segundo, *Memória e Tempo das igrejas de São Paulo*, foi publicado pela Companhia Editora Nacional, em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo (USP)¹¹⁰. A sua publicação surgiu do convite da artista Diana Dorothea Danon¹¹¹, que tinha como objetivo divulgar seus desenhos sobre as igrejas da cidade de São Paulo. Arroyo abordou aspectos da história da fundação de 17 igrejas¹¹² selecionadas a partir dos desenhos

culturais paulistas [...]”. Com esta série de ASPECTOS PAULISTANOS a Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo presta um serviço de importante significação para a cultura de São Paulo.” (ZANCANER, 1970, s.p.).

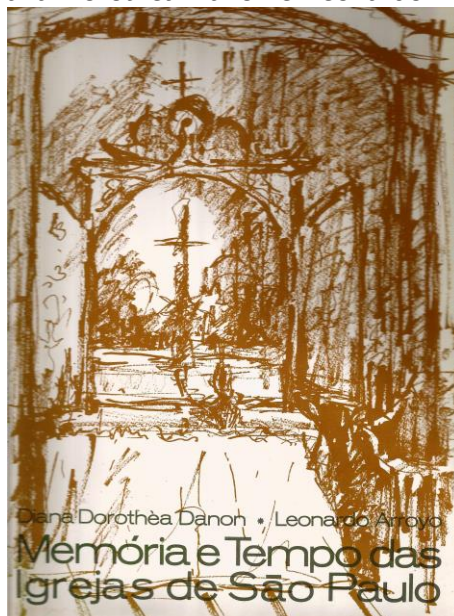
¹¹⁰ A Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) [...] é uma das maiores editoras universitárias brasileiras. Desde a criação de seu Departamento Editorial próprio, em 1988, já publicou cerca de mil e trezentos títulos e ganhou inúmeros prêmios. A maior preocupação da Edusp sempre foi a publicação de obras de reconhecidos especialistas [...]. Embora dispense atenção especial à produção científica da própria universidade, tida como referência em todo o País, a Edusp não negligencia as grandes obras [...]”. (s.p.). Disponível em: < <http://www.edusp.com.br/institucional.asp> >. Acesso em: 28 mar. 2016.

¹¹¹ De acordo com informações de Mário Guimarães Ferri, autor do prefácio desse livro, Diana Dorothea Danon formou-se em pintura pela Escola de Belas Artes de São Paulo (SP), “[...] fez mostras individuais e obteve diversas medalhas e prêmios nas exposições de que participou”. (p. XV). Danon também é escritora, em especial de contos e poesias, e teve seus textos publicados nas seguintes revistas: *Atualidades* (1966); *A Hebraica* (1967) e *Revista de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* (1967) da Universidade de São Paulo (USP). (FERRI, 1971, p. XV).

¹¹² As 17 igrejas apresentadas por Arroyo nesse livro foram: “Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz (1579)”; “Catedral de São Paulo (1588)”; “Santo Antônio (1592)”; “Nossa Senhora do Carmo (1592)”; “Basílica e Mosteiro de São Bento (1598)”; “Convento e Igreja de São Francisco (1647)”; “Nossa Senhora da Penha (1668)”; “Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prêtos (1725)”; “São Gonçalo (1756)”; “Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia (1758)”; “Nossa Senhora da Consolação (1799)”; “Senhor Bom Jesus de Matosinhos (1800)”; “Nossa Senhora da Boa Morte (1802)”; “São Cristóvão (1853)”; “Sagrado Coração de Jesus (1897)”; “Imaculado Coração de Maria (1897)”; e “Imaculada Conceição (1901)”. (ARROYO; DANON, 1971)

dessa artista. Presumo que esse convite a Arroyo tenha decorrido de seu conhecimento sobre o assunto, pois já havia publicado, em 1954, o livro *Igrejas de São Paulo*.

Figura 22: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Memória e Tempo das igrejas de São Paulo*, de Diana Dorothea Danon e Leonardo Arroyo (1970).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esse livro tem um formato grande, de 29 x 32 cm e 145 páginas, das quais, 28 são textos de Arroyo e 55 são desenhos da artista, feitos a lápis, nas cores preto e branco. Esses desenhos também são grandes e ocupam toda a página.

Em 1971, Arroyo teve publicado o livro *A carta de Pêro Vaz de Caminha: ensaio de informação à procura de constantes válidas de método*¹¹³, pela editora Melhoramentos (SP), em parceria com o Instituto Nacional do Livro¹¹⁴ (INL).

¹¹³ Em 1963, Arroyo publicou o livro *Carta a El Rei D. Manuel*, pela Editora Dominus, no qual apresenta a mesma carta que Pero Vaz de Caminha escreveu a D. Manuel. No entanto, não se trata do mesmo livro e nem da mesma proposta de estudo.

Figura 23: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *A carta de Pêro Vaz de Caminha: ensaio de informação à procura de constantes válidas de método*, de Leonardo Arroyo (1971).



Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP).

Nesse livro, Arroyo apresenta uma síntese de todos os estudos realizados sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha, com base em “[...] fontes bibliográficas que datam desde 1817 [...] centenas de ensaios, interpretações, notícias, notas bibliográficas, análises lingüísticas e gramaticais [...]”, com o objetivo de reunir “[...] raridades bibliográficas, nem sempre, ou dificilmente, ao alcance dos estudiosos, principalmente estudantes”. (MELHORAMENTOS/INL, 1971, s.p.).

1.5 O historiador da literatura e o crítico literário

Leonardo Arroyo passou a publicar seus estudos *sobre* história e crítica literária uma década mais tarde em relação a sua produção *de* literatura. Entre os anos de 1963 e 1985, Arroyo teve publicado quatro livros abordando diferentes temas, como literatura; culinária brasileira; religião; a formação sociológica no Brasil; e a música popular brasileira. Apesar de diversos, em todos esses temas é possível observar uma característica comum entre eles que é a análise histórica.

Para propiciar visão de conjunto sobre esses livros, apresento, no Quadro 6, os livros de história e crítica literária que Arroyo teve publicados, ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente.

¹¹⁴ Cf. nota 82 deste capítulo da tese.

Quadro 6: Livros de história e crítica literária ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada

Livros de história e crítica literária	Editoras	Edições localizadas	Data 1ª. ed. ou ed. mais antiga localizada	Data da ed. mais recente localizada
<i>O Tempo e o modo: literatura infantil e outras notas</i>	Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura	1ª.	1963	1963
<i>Armazém Literário</i> (Acheugas ao Modernismo)	Separata da <i>Revista do Arquivo Municipal</i>	1ª.	1969	1969
<i>Agravos do tempo</i>	Secretaria Estadual de Cultura	1ª.	1976	1976
<i>A cultura popular em Grande sertão: veredas</i>	Livraria José Olympio/INL	1ª.	1985	1985
4	4	1ª.	1963	1985

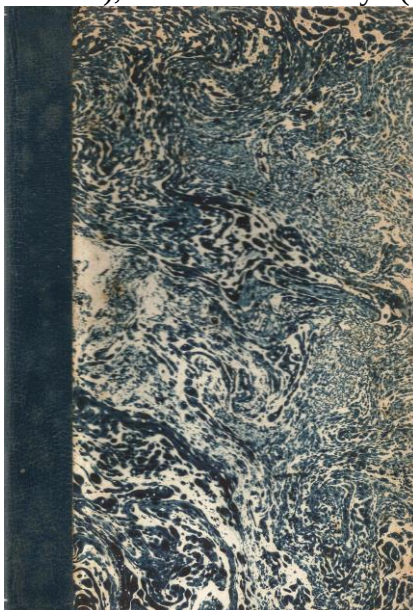
Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa.* (ASSIS, 2016).

Embora eu tenha classificado esses quatro livros de Arroyo na seção denominada “livros de história e crítica literária”, optei por não apresentar dois deles, *O Tempo e o modo* (1963) e *Agravos do tempo* (1976), publicados na coleção “Ensaio”, visto que não tratam exclusivamente de literatura, mas de outros aspectos da cultura brasileira. Esse fato decorre da natureza da coleção em que foram publicados, pois aceitava a publicação de temas variados e outro fato é que, no capítulo 3, voltarei a esses livros para apresentar alguns capítulos sobre literatura infantil que neles foram publicados.

Os outros dois livros desse conjunto são: *Armazém Literário* (Acheugas ao Modernismo) (1969) e *A cultura popular em Grande sertão: veredas* (1984). Conforme é possível observar no Quadro 6, Arroyo teve esses livros publicados a partir de 1960, quando já havia alcançado reconhecimento como escritor de literatura e como historiador.

O primeiro foi publicado em 1969, como separata do volume 176º. da *Revista do Arquivo Municipal*. Com 23 páginas, formato de 15 x 23 cm e capa dura nas cores azul e branca, trata especificamente da história do modernismo brasileiro.

Figura 24: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Armazém Literário* (Acheugas ao Modernismo), de Leonardo Arroyo (1969)



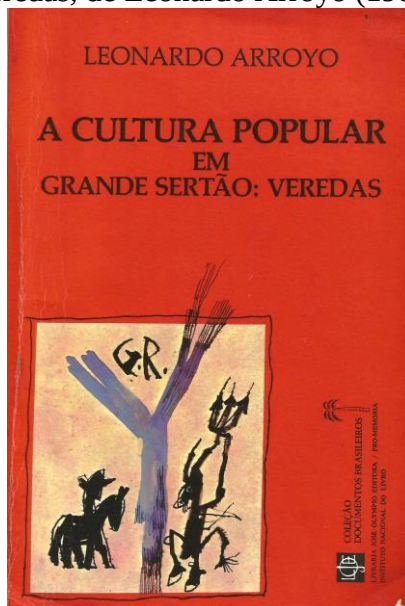
Fonte: Acervo pessoal da autora.

O segundo, *A cultura popular em Grande sertão: veredas*, foi publicado pela Livraria José Olympio Editora e Instituto Nacional do Livro, como o 195º. volume da coleção “Documentos Brasileiros”¹¹⁵, na direção de Afonso Arinos de Melo Franco¹¹⁶.

¹¹⁵ A Coleção “Documentos Brasileiros” foi dirigida por Gilberto Freyre até o 18º. Volume, e por Octávio Tarquínio de Souza do 19º. volume em diante. “Inaugurada em 1936 pela Livraria José Olympio Editora, a Coleção Documentos Brasileiros destacou-se no conjunto das brasilianas lançadas à mesma época por abrigar autores e obras comprometidos com a renovação do conhecimento sobre o Brasil. [...] Desta forma, ela é vista como um ponto de convergência entre diferentes sujeitos relacionados à produção, difusão e consumo do saber histórico no Brasil [...]”. (FRANZINI, 2007, p. 7). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15052007-151220/pt-br.php>.> Acesso em: 21. mar. 2016.

¹¹⁶ Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916) “[...] foi jurista, professor, ensaísta, historiador e político brasileiro [...]. Nasceu em Belo Horizonte (MG), matriculado no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (1914) começou a revelar o gosto pela literatura [...]. Formou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (1927) e exerceu logo depois o cargo de promotor público na capital mineira. [...] Foi redator da declaração de direitos humanos (1967) e um dos organizadores da Aliança Renovadora Nacional, a ARENA [...]” (s.p.). Disponível em: < <http://www.brasilescola.com/biografia/afonso-arinos.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

Figura 25: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *A cultura popular em Grande sertão: veredas*, de Leonardo Arroyo (1984).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A intensão desse livro foi a de “[...] colocar teses sobre o conteúdo e a origem de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, de filiação e raízes na cultura popular [...], pois, segundo Arroyo (1984), nada do que havia sido publicado sobre esse livro, dizia algo “[...] a respeito ao seu conteúdo temático, a cultura popular”. (ARROYO, 1984, p. 4.). Desse modo, é possível observar o interesse de Arroyo pela cultura popular brasileira, principalmente aquela expressa pela linguagem escrita, que é a matéria prima da literatura.

Esse livro foi encaminhado para a publicação no ano de 1981, no entanto, foi publicado somente em 1984. Em artigo do jornal *Folha de S. Paulo*, de 4 de janeiro de 1983, alguns integrantes da Pensão Humaitá comentam sobre a demora em sua publicação: “Leonardo Arroyo contando com o lançamento de seu estudo sobre a obra de Guimarães Rosa, já pronto, mas ainda não editado.” (FOLHA DE S. PAULO, 1983, p. 26). Não localizei informações que justificassem esse atraso.

Nenhum dos livros desse conjunto teve outras edições, esses dados são indicativos de que os estudos de Arroyo sobre a literatura brasileira teve menor circulação e permanência se comparados aos estudos de abordagem histórica apresentados anteriormente. No entanto, merece destaque a diversidade de temas sobre os quais Arroyo dedicou-se ao longo de sua atuação profissional como escritor.

1.6 Pesquisador da culinária brasileira

Entre as décadas de 1960 e 1970, mostrou-se especialmente interessado pelas livros raros de cozinha, pela história dos alimentos e o modo como foram utilizados em diferentes regiões do Brasil.

Localizei e reuni no instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016), 26 referências de textos escritos por Leonardo Arroyo, no período entre 1962 e 2013, nos quais ele tematiza sobre a culinária, enfocando aspectos históricos e sociológicos da formação cultural do Brasil, a influência indígena, portuguesa e africana no modo de se produzir a cozinha brasileira. Para propiciar visão de conjunto e síntese da produção escrita de Arroyo sobre esse tema, apresento, no Quadro 7, a quantidade de referências, ordenadas por ano e tipo de texto.

Quadro 7: A produção escrita de Leonardo Arroyo sobre a culinária brasileira, ordenada por ano, tipo de texto e quantidade

Tipo de texto Ano	Livro (póstumo)	Capítulos de livro	Artigos em jornal	Artigos em revista	Total por ano
1962	-	-	1	-	1
1963	-	1	1	-	2
1964	-	-	5	-	5
1972	-	-	14	1	16
1976	-	2	-	-	2
1982	-	-	1	-	1
2013	1	-	-	-	1
Total	1	3	22	1	26

Fonte: Bibliografia *de e sobre* Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa. (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 7, Arroyo teve publicados: um livro; três capítulos e 22 artigos sobre a culinária brasileira. Desse conjunto, 21 artigos foram publicados no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 1962 e 1972, e um na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 1982.

É possível observar que Arroyo intensificou seus estudos sobre esse tema, especialmente na década de 1970, quando teve publicados 15 artigos e dois capítulos de livros. Considero, presumivelmente, que tenha se dedicado a esse assunto após a sua aposentadoria como jornalista, visto que a partir de 1972, não localizei menções a Arroyo vinculadas ao seu trabalho de jornalista. Presumo também, que seu interesse tenha decorrido dos 23 anos em que passou na companhia dos amigos da Pensão Humaitá.

Alguns desses artigos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* têm como título: “Culinária e civilização”; “Abóbora e mais goiaba”; “Santa goiabada”; “Louvação do palmito” ; “Por que arte?”; “Mesa de verão”, entre outros. Todos apresentam a extensão

aproximada de uma página e trazem uma abordagem sociológica e histórica do tema. Em alguns casos, Arroyo apresenta informações geográficas da região em que determinado alimento era mais utilizado.

O artigo que teve publicado na *Revista da Academia Paulista de Letras*, intitulado “Portugal-Brasil: sugestões de cozinha” tem uma extensão maior, de 11 páginas. Nesse artigo, considera “[...] a cozinha como das mais legítimas e atuantes manifestações da condição humana [...]” e aponta que, a partir de 1930, a culinária brasileira passou por profundas mudanças “[...] no sentido do regionalismo caracterizado e estanque, [...] para uma ampliação diversificada da cozinha localista.” (ARROYO, 1972, p. 216).

Os três capítulos sobre esse assunto foram publicados nos livros: *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas* (1963) e *Agravos do tempo* (1976). No primeiro, intitulado “Capítulo da mesa”, apresenta palavras elogiosas a nova edição do livro *A arte culinária na Bahia*, de Manuel Querino e considera que, sobre esse tema, havia poucas pesquisas: “[...] o campo para pesquisa de tal ordem está à espera de algum interessado, ou ‘gourmet’, dotado de orientação, não apenas ‘gustativa’, mas sociológica”. (ARROYO, 1963, p. 55).

Os outros dois capítulos publicados em *Agravos do tempo* (1976) foram: “Casa de Lúcio” e “Temas para a cozinha brasileira”. No primeiro, apresenta uma série de livros nos quais é possível observar a culinária como um repositório sociológico de costumes e identidades nacionais e, no segundo, aborda a relação entre a arte de comer bem e as conquistas do homem civilizado.

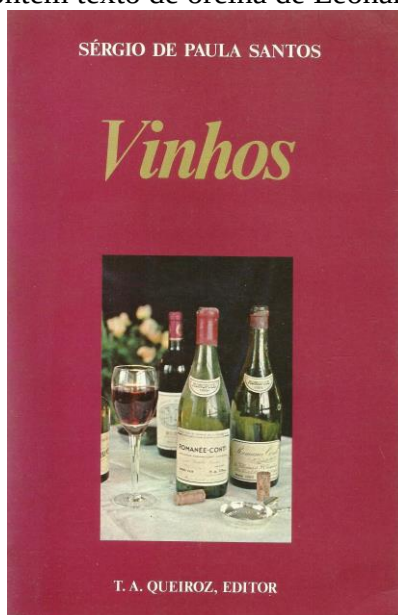
Além desses textos, Arroyo passou a ser convidado a escrever sobre esse assunto em livros de outros escritores, como foi o caso do prefácio em *Forno e fogão à italiana*, de Myrka N. Masucci (1971), publicado pela Editora Leia (SP), e do texto para a orelha do livro *Vinhos*, do médico e amigo, Sérgio de Paula Santos (1982), publicado pela Editora T. A. Queiroz (SP).

Figura 26: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Forno e fogão à italiana*, de Myrka N. Masucci (1971), no qual contém prefácio de Leonardo Arroyo.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 27: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Vinhos*, de Sérgio de Paula Santos (1982), no qual contém texto de orelha de Leonardo Arroyo.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Após a sua morte, em 2013, a pesquisadora em antropologia cultural e história da alimentação Rosa Belluzzo¹¹⁷, teve a obra de referência sobre culinária brasileira, *Arte da*

¹¹⁷ Rosa Belluzzo “[...] é formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização em antropologia cultural e história da alimentação. É autora dos seguintes livros: *Machado de Assis: relíquias culinárias* (Editora UNESP, 2010) e *São Paulo: memória e sabor* (Editora UNESP, 2008)” (s.p.). (UNESP, 2013, s.p.).

cozinha brasileira, publicada pela Editora UNESP (SP). Em seu prefácio, a autora explica que essa obra de referência é resultado de pesquisa não publicada de Arroyo, realizada na década de 1960, que tinha como objetivo “[...] assinalar a evolução do vocabulário da culinária nacional, com ênfase nas suas matrizes culturais, suas particularidades e curiosidades”. (p. XII).

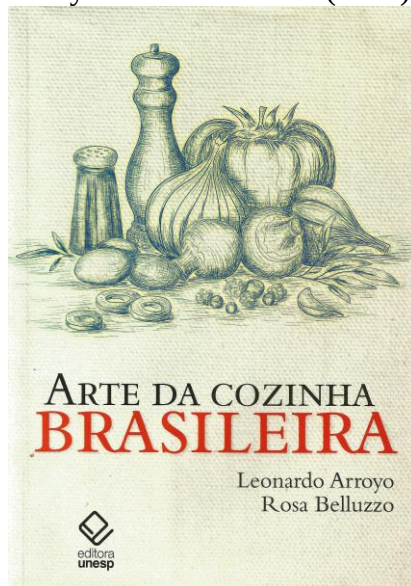
Em um artigo publicado em 1972, no jornal *Folha de S. Paulo*, Arroyo falou sobre a intenção que tinha de publicar um livro com esse mesmo título.

O acadêmico Leonardo Arroyo dizia para Olintho Moura que foi quem presenteou o anfitrião Yan com o fora de série Latour Puynirand que está escrevendo um livro que se intitulará “ARTE DA COZINHA BRASILEIRA” que estuda a aculturação no País-continente (e paraíso também...) que é o nosso Brasil amado, das três correntes da cozinha para a formação da culinária brasileira – as correntes indígena, a européia e a africana – todas elas sobrevivendo superiormente. (FOLHA DE S. PAULO, 1972, p. 64).

Até o momento, não pude identificar os motivos pelos quais Arroyo não teve esse livro publicado em vida.

O objetivo de Belluzzo (2013), foi o de ampliar e atualizar a pesquisa de Arroyo, a fim de “[...] revisitar o léxico compilado por Arroyo preservando seu conteúdo, mas não descurando o presente e a própria dinâmica transformadora da língua e da cultura”. (p. XII). Rosa Belluzzo e Leonardo Arroyo aparecem, portanto, como coautores nesse livro que tem 332 páginas e 288 verbetes sobre a culinária brasileira. Além do prefácio de Rosa Belluzzo, esse livro contém uma pequena apresentação de Arroyo, escrita em 1969.

Figura 28: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Arte da cozinha brasileira*, de Leonardo Arroyo e Rosa Belluzzo (2013).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 2014, *Arte da cozinha brasileira* recebeu o “Prix Nationale” na categoria “Litterature Gastronomique”, concedido pela Academia Internacional de Gastronomia (AIG)¹¹⁸. Essa Academia “[...] congrega associações voltadas à preservação dos valores gastronômicos em todo o mundo, inclusive a Academia Brasileira de Gastronomia (ABG).” (EDITORA UNESP, 2014, não paginado).

O recebimento desse prêmio na categoria “Literatura Gastronômica” se deve ao fato de nele conter “[...] termos empregados na cozinha nacional [...]” e ao fato de que “[...] [p]arte de seus mais de três mil verbetes sequer consta dos dicionários regulares da língua portuguesa, algo que, em si, o torna relevante para a história da cultura brasileira.” (EDITORA UNESP, 2014, não paginado).

Em novembro de 2015, esse livro recebeu outro prêmio, intitulado “Prix de la Littérature Gastronomique: Rosa Belluzzo e Leonardo Arroyo (*in memoriam*)”, concedido pela Associação Brasileira de Gastronomia, que conferiu outras seis honrarias a destaques da gastronomia brasileira durante recepção na Escola de Culinária Laurente.

¹¹⁸ A Academia Internacional de Gastronomia (AIG) “[...] oferece anualmente dois tipos de prêmios aos principais expoentes da área de gastronomia em diversas categorias. O Grand Prix, concedido aos indicados em todo o mundo nas categorias Art de la Cuisine, Art de la Salle, Culture Gastronomique e Science de l’Alimentation. E o Prix Nationale, que premia um profissional por país nas categorias Chef de l’Avenir, Sommelier, Litterature Gastronomique e Multimedia.” (s.p.). (UNESP, 2014) A AIG foi fundada em 1983, na França, é “[...] formada por diversas Academias Nacionais e Regionais com a finalidade única de preservar e promover as suas diferentes culturas gastronômicas.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.abgastronomia.org/a-abg/apresentacao/quem-somos-e-carta-de-principios/>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

Figura 29: Destaques da gastronomia brasileira durante a recepção na Escola de Culinária Laurente.



Rosa Belluzzo é a única mulher da foto. Recebeu o prêmio “Prix de la Littérature Gastronomique: Rosa Belluzzo e Leonardo Arroyo (*in memoriam*)”, pela publicação desse livro.

Fonte: EDITORA UNESP, 2015, não paginado.

1.7 Colaborador em livros de outros escritores

As décadas de 1960 e 1970, também foram aquelas em que Arroyo alcançou maior prestígio como escritor de literatura e como historiador, tendo sido convidado para escrever textos de introdução, prefácio e/ou apresentação em livros de outros escritores.

Para proporcionar visão de conjunto sobre esse tipo de produção escrita de Arroyo, apresento, no Quadro 8, os textos de introduções, prefácios e apresentações desse autor em livros de outros escritores, ordenados por tipo de texto, livros em que foram publicados, edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente.

Quadro 8: Introduções, prefácios e apresentações de Arroyo em livros de outros escritores, ordenados por tipo de texto, livros em que foram publicados, edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente

Tipo de colaboração	Livros em que foram publicados	Ed. localizadas	Data 1ª. ed. ou ed. mais antiga localizada	Data da ed. mais recente localizada
Prefácio	<i>Brasil geográfico</i>	1ª.	196?	196?
Introdução	<i>Informação do Brasil e de suas capitanias (1584).</i>	1ª.	1964	1964
Introdução, seleção e notas	<i>Estudos, de Silvio de Almeida</i>	1ª.	1967	1967
Apresentação	<i>Guia dos pais na escolha de livros para crianças.</i>	1ª.	1969	1969
Introdução e Legendas	<i>São Paulo</i>	1ª.	1977	1977
Introdução	<i>Alguns dias na paulicéia</i>	1ª.	1977	1977
Introdução	<i>História do rio Tietê</i>	2ª.; 3ª.	1978	1981
Prefácio	<i>No tempo dos bandeirantes</i>	1ª.	1980	1980
8	8	1ª. a 3ª.	1964	1981

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa.* (ASSIS, 2016).

Por meio dos títulos desses livros é possível observar que Arroyo foi mais vezes convidado a escrever prefácios, apresentações e/ou introduções para outros escritores que trataram de temas como a história do Brasil e da cidade de São Paulo, semelhantes aos que Arroyo tratou em seus livros.

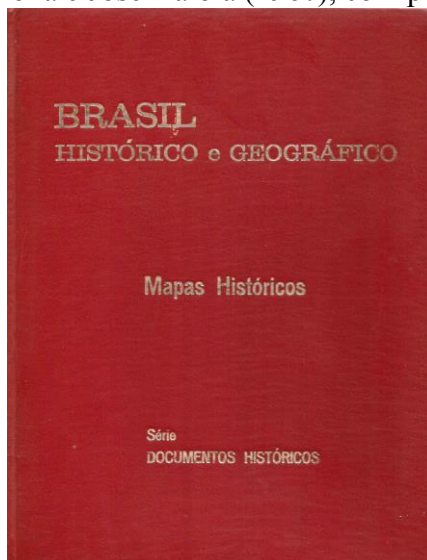
O seu prestígio como pesquisador desses temas perduraram até os últimos anos de sua vida, como indica o prefácio que teve publicado no ano de 1980, no livro *No tempo dos bandeirantes*, de Belmonte¹¹⁹, publicado pelo Governo do estado de São Paulo, como o 2º. volume da coleção “Paulística”¹²⁰. Somente sobre esse assunto, Arroyo foi convidado a escrever seis apresentações, introduções e/ou prefácios dentre as oito referências apresentadas no Quadro 8.

¹¹⁹ Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947) “[...] nasceu em São Paulo [...]. Tornou-se conhecido utilizando o pseudônimo Belmonte. Foi pesquisador, desenhista, pintor, caricaturista e jornalista. [...] Foi contratado como caricaturista pelo jornal *Folha da Noite* e como desenhista, ilustrou diversos livros de Monteiro Lobato e Viriato Corrêa. Foi com a criação do personagem Juca Pato que Belmonte obteve reconhecimento. [...] Seus desenhos revelavam um alto grau de intelectualidade, [...] divulgou trabalhos em diversos jornais internacionais. “ (s.p.). Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/biblioteca_belmonte/biografia_patrono/index.php?p=4681> Acesso em 20 mar. 2016.

¹²⁰ A Coleção “Paulística” “[...] aborda diversos aspectos da história do estado de São Paulo, de sua formação e cultura, de alguns de seus municípios e de algumas personalidades. [...] Publicados em meados do século XX, esses volumes tiveram sua última edição entre as décadas de 1970 e 1980.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/os-paulistas-colecao-paulistica-1981924.html>>. Acesso em: 20 mar.2016.

Na década de 1960, em cujo ano não pude identificar, Arroyo teve um prefácio publicado no livro *Brasil Geográfico: mapas históricos*, dos autores Salomão Sclier¹²¹, Antônio D’ella e José Daloia¹²², publicado pela Difusão Nacional do Livro¹²³, como o 10º. volume da coleção “Documentos Históricos”.

Figura 30: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Brasil Geográfico: mapas históricos*, de Salomão Sclier, Antônio D’ella e José Daloia (196?), com prefácio de Leonardo Arroyo.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

De acordo com Arroyo (196?), trata-se de um “[...] belo volume do ‘Brasil Geográfico’, é o resumo, a síntese, de todo um longo esforço da cartografia sobre o velho Brasil, e onde se acham reunidos todos aqueles mapas mais reveladores de certos estágios históricos da terra brasileira”. (ARROYO, 196?, p. 364-365).

Em 1964, teve publicado um texto para a introdução do livro *Informação do Brasil e de suas capitanias* (1584), de José de Anchieta¹²⁴, pela editora Obelisco¹²⁵ (SP), como o 3º.

¹²¹ Salomão Sclier (1925-1991) nasceu em “[...] Porto Alegre, Rio Grande do Sul [...]”. Foi um “[...] fotógrafo e cineasta que teve importante atuação no cenário brasileiro e internacional. Nas décadas de 40 e 50 integra a equipe de repórteres fotográficos da revista *O Cruzeiro* [...]”. Nos anos 60, ainda publica nas revistas *Senhor e Realidade*. Nesses trabalhos, suas imagens despontam por misturar as linguagens documental e artística, desenvolvendo um estilo próprio [...]”. Nos anos 70 e 80, monta a Editora Paineel, responsável pela publicação de diversos álbuns impressos históricos [...]” (s.p.). Disponível em: <<http://doiscliques2008.blogspot.com.br/2008/11/os-frgeis-suportes-da-memria-preservao.html>>. Acesso em 19 mar. 2016.

¹²² Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre o fotógrafo José Daloia.

¹²³ A Difusão Nacional do Livro foi “[...] fundada em 27 de outubro de 1987, é uma entidade sem fins lucrativos. [...] Objetivos da Difusão Nacional do Livro é organizar Feiras de livros; Fóruns, Congressos e Convenções para debater assuntos em torno do livro; valorizar a imagem do vendedor de livros porta a porta, na sua função de difusor de cultura, visando também ao aperfeiçoamento de seu trabalho.” (s.p.). Disponível em: http://www.abdl.com.br/site/abdl_quemsomos.php>.. Acesso em: 18 mar. 2016.

¹²⁴ José de Anchieta (1534-1597) “[...] nasceu na Espanha [...]”. Em 1551 ingressou na Companhia de Jesus, em Portugal e dois anos depois embarcou com destino ao Brasil, na comitiva de Duarte da Costa. Em 25 de janeiro

volume da coleção “Cadernos de História”¹²⁶. Não foi possível localizar nenhuma imagem desse livro, pois localizei apenas a sua referência.

Em 1977, Arroyo foi convidado para escrever a introdução de dois livros, o primeiro, intitulado *São Paulo*, de Stefan Geyerhahn¹²⁷, publicado pela Livraria Kosmos Editora¹²⁸. Esse livro tem 80 páginas, formato grande de 22 x 27 cm, e 66 fotografias incluindo pontos turísticos da cidade, comidas típicas, pessoas, esportes e eventos. É um livro bilíngue, português e inglês, que tem como objetivo apresentar o crescimento e a diversidade cultural da cidade de São Paulo por meio de fotografias. Além da introdução, são de autoria de Arroyo seis páginas e uma legenda para cada fotografia.

de 1554 fundou, com o Pe. Manoel da Nóbrega, um colégio em Piratininga; aos poucos se formou um povoado ao redor do colégio, batizado por José de Anchieta, de São Paulo. Viveu em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Em 1595 escreveu *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595) e a primeira gramática do Tupi - Guarani. Escreveu diversas poesias, cartas e autos. A poesia de José Anchieta é marcada por conceitos morais, espirituais e pedagógicos (s.p.).” http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/padrejo_sedeanchieta/index.php?p=4942>. Acesso em 18 mar. 2016.

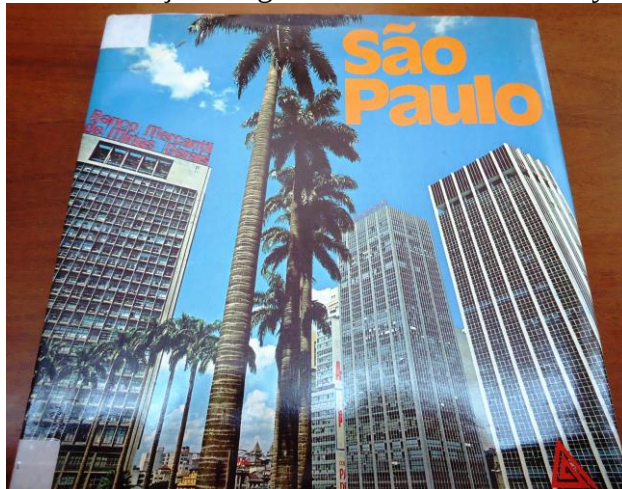
¹²⁵ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre a Editora Obelisco.

¹²⁶ Coleção “Cadernos de História” teve como objetivo publicar “[...] na íntegra, livros e documentos importantes da história do Brasil, “[...] mesmo quando parte de obra maior, [...] onde a matéria versada comporta, perfeitamente, sua publicação [...], dentro de um critério em que o leitor fica amplamente informado.” (s.p.). Com a direção de Pedro Brasil Bandecchi, essa coleção teve publicado o livro *Relação do Rio Tietê*, de Leonardo Arroyo, bem como os seguintes títulos: *Memórias de Martim Afonso de Sousa*; *História da Província Santa Cruz* e *Tratado da terra do Brasil*, de Pêro Magalhães Gandavo; *Informações do Brasil e suas capitânias (1584)*, de José de Anchieta; *Origem do Latifúndio no Brasil*, de Brasil Bandecchi; *Cultura e opulência do Brasil pelas minas de ouro*, de André João Antonil; *Diário da navegação*, de Pêro Lopes de Sousa; *Escritos políticos*, de José Bonifácio de Andrada e Silva; *A escravidão Africana no Brasil*, de Perdigão Malheiro; *Breve relação da vida e morte do padre José de Anchieta*, de Quirício Caxa; *Atuação real de Raposo Tavares na viagem ao “Rio das Almanzonas”*, de Victor de Azevedo.” (s.p.). (OBELISCO, 1967, s.p.).

¹²⁷ Até o momento da redação final deste texto localizei apenas a informação de que Stefan Geyerhahn foi editor da Livraria Kosmos, a partir de 1942.

¹²⁸ A Livraria Kosmos “[...] foi fundada em 1935, no Rio de Janeiro, pelos austríacos Erich Eichner e Norbert Geyerhahn. [...] Era um estabelecimento elegante, seguindo as últimas tendências da Europa, que vendia livros novos, usados e obras raras [...]. Na década de 1940 foi aberta uma filial da Kosmos em São Paulo, dirigida por Stefan Geyerhahn, que assumiu após a morte do pai em 1942. A loja dispunha de um acervo com 25.000 livros [...], passou a funcionar como editora, com livros técnicos como *Inglês para o engenheiro civil e industrial* (1940), de Herbert Martin; e *Novo dicionário técnico e químico inglês-português* (1941), de Adalberto Aumuller [...] e *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822* (1946), de Carlos Rizzini. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/bolsistas/MFAG.pdf>>. Acesso em 19 mar. 2016.

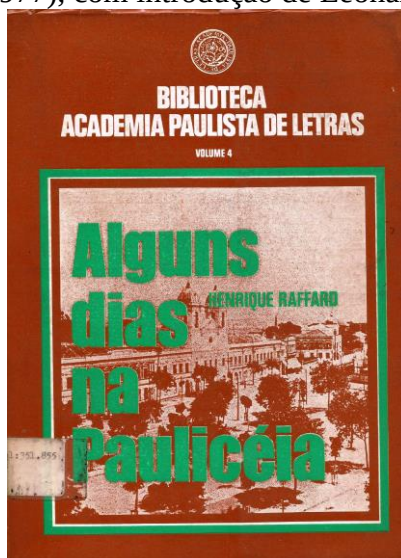
Figura 31: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *São Paulo*, de Stefan Geyerhahan (1977), com introdução e legendas de Leonardo Arroyo.



Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP).

O segundo livro intitula-se *Alguns dias na paulicéia*, de Henrique Raffard¹²⁹, publicado pela Academia Paulista de Letras, como o 4º. volume da coleção “Biblioteca da Academia Paulista de Letras”. O texto de introdução tem seis páginas, nas quais Arroyo (1977) apresenta-o como “[...] manancial de informações sobre a cidade de São Paulo do fim do século XIX e já com aberturas para a metrópole do século XX: população, construção de casas, eletricidade, alimentos, negócios imobiliários, hotéis, escolas [...]”. (p. 9).

Figura 32: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Alguns dias na Paulicéia*, de Henrique Raffard (1977), com introdução de Leonardo Arroyo.



Fonte: Acervo da pessoal da autora.

¹²⁹ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre Henrique Raffard.

As outras áreas em que Arroyo alcançou reconhecimento, embora menor, foram como escritor de literatura e de literatura infantil, pois foi convidado para escrever introdução e apresentação dos seguintes livros: *Estudos*, de Silvio Almeida¹³⁰ (1977), publicado pelo Conselho Estadual de Cultura e Comissão de Literatura (SP); e *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*, de Nancy Larrick¹³¹ (1969), publicado pelo Instituto Roberto Simonsen¹³² (SP) e o Centro de Bibliotécnica para o Desenvolvimento (SP). Em capítulo posterior, tratarei com mais detalhes da apresentação de Arroyo para esse último livro.

1.8 Escritor e pesquisador da literatura infantil brasileira

Tendo em vista que a produção escrita de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil também é bastante extensa e diversa e, com o objetivo de propiciar visão de conjunto e síntese dos textos escritos por Arroyo, apresento, no Quatro 9, a bibliografia de Arroyo *de e sobre* literatura infantil, ordenada por ano, tipo de texto e quantidade.

¹³⁰ Silvio de Almeida (1867- ?) “[...] nasceu na cidade de Pouso Alegre então Província de Minas Gerais, onde fez seus estudos primários.” Em São Paulo “[...] matriculou-se na Faculdade de Direito, já nessa tradicional escola deu forma à sua vocação, redigindo o jornal *A República* [...]. Em 1898, [...] além do volume de poesias *Efêmeras*, publicou o discutido volume *Antigo Vernáculo*, que lhe deu grande renome nos meios linguísticos do Brasil e Portugal. [...] Teve textos seus publicados “[...] entre 1902 e 1913 [...] no *Estado de S. Paulo*, na *Revista de Filologia* e na famosa *Revista Lusitana* [...]”. Foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras. (ARROYO, 1967, p. 5-17). Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ykMxfxIIH0sC&pg=PA441&lpg=PA441&dq=Silvio+de+Almeida+na+Academia+Paulista+de+Letras&source=bl&ots=Kc0YSFOPaE&sig=uLOAu4wKGhGaFp9QA8V0hVMA9kA&hl=pt-BR&sa=X&ei=oFwMVbPsBoyUsQTx4ID4Cg&ved=0CCMQ6AEwAg#v=onepage&q=Silvio%20de%20Almeida%20na%20Academia%20Paulista%20de%20Letras&f=false>>. Acesso em 18 mar. 2016.

¹³¹ Nancy Larrick (1910-2004) “[...] nasceu em Winchester, Virginia [...] graduou-se professora em 1930 e lecionou nas escolas públicas de Winchester de 1930 a 1942. Em 1937, fez mestrado pela Universidade de Columbia e, em 1955, doutorado pela Universidade de Nova Iorque. [...] Durante a Segunda Guerra Mundial, atuou como diretora de educação da divisão de ligação de guerra do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. Através de seu trabalho como educadora, crítica, e editora de livros infantis, Nancy Larrick tem sido uma voz influente na literatura infantil. Seu trabalho lhe rendeu vários prêmios, incluindo em 1955, a Fundação Edison e os Prêmios Carey-Thomas, Certificado de Mérito da Associação Internacional de Leitura e do Certificado Universidade Drexel para Contribuição para Literatura Infantil em 1977.” (s.p.). Disponível em: http://pabook.libraries.psu.edu/palitmap/bios/Larrick_Nancy.html. Acesso em: 18 mar. 2016.

¹³² O Instituto Roberto Simonsen (IRS) é um “[...] centro de estudos avançados mantido pela indústria e voltado para a análise dos grandes temas nacionais” (s.p.). “Na década de 1930, Simonsen desempenhou papel fundamental para a consolidação do parque industrial brasileiro. Engenheiro de formação, consagrou-se, porém, como industrial, administrador, professor, historiador e político, além de ter sido membro da Academia Brasileira de Letras.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/instituto-roberto-simonsen-irs/>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Quadro 9: Bibliografia de Leonardo Arroyo *de e sobre* literatura infantil, ordenada por ano, tipo de texto e quantidade

Tipo de texto Ano	Livros <i>de</i> literatura infantil	Capítulo de livro <i>de</i> literatura infantil	Livro <i>sobre</i> literatura infantil	Capítulo de livro <i>sobre</i> literatura infantil	Apres. em livro de outro escritor	Artigos <i>sobre</i> literatura infantil	Quant.
1946	20	-	-	-	-	-	20
1950	2	-	-	-	-	-	2
1952	1	-	-	-	-	-	1
1959	-	-	-	-	-	1	1
1960	-	1	-	-	-	22	23
1961	1	-	-	-	-	8	9
1962	-	-	-	-	-	4	4
1963	-	-	-	7	-	6	13
1964	-	-	-	-	-	11	11
1965	-	-	-	-	-	5	5
1967	-	-	-	-	-	3	3
1968	-	-	1	-	-	-	1
1969	-	-	-	-	1	-	1
1971	-	-	-	1	-	-	1
1976	-	-	-	1	-	-	1
Total	24	1	1	9	1	60	96

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 9, Arroyo teve seu nome ligado à produção desse gênero a partir de 1946, com a adaptação dos contos clássicos da literatura infantil universal (20), publicados na coleção “Encantada” da Editora LEP (SP). Além desses títulos, Arroyo teve publicados: quatro livros *de* literatura infantil de sua autoria; nove capítulos *sobre* literatura infantil; um texto para apresentação em livro de outro escritor; e 60 artigos em jornais. Ao todo, localizei e reuni no instrumento de pesquisa, 96 referências de textos de Arroyo *de e sobre* esse tema.

Seu reconhecimento nessa área pode ser observado também, quando, em 1971, participou como “conferencista” do 1º. Congresso Nacional de Literatura Infantil¹³³, realizado em Belo Horizonte (MG). De acordo com a referência de um livro que localizei, intitulado *Conferências*, presumo que os textos elaborados pelos palestrantes desse evento foram publicados em livro, no mesmo ano, pela Livraria e Editora Francisco Alves (RJ). No entanto, não localizei esse livro, por isso, não pude confirmar essa informação e nem ter acesso ao formato e conteúdo dessa publicação.

¹³³ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre esse evento, localizei apenas uma referência de livro publicado pela Livraria e Editora Francisco Alves, cujo título é *Conferências*. 1º. Congresso Nacional de Literatura Infantil (1971).

Em 1972, Arroyo foi indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)¹³⁴ para fazer parte do Júri do Prêmio “Hans Christian Andersen”¹³⁵, do *International Board Book for Young People* (IBBY)¹³⁶, na Dinamarca, que é o mais importante prêmio literário da literatura infantil e juvenil.

De acordo com artigo publicado em 31 de março de 1972, no jornal *Folha de S. Paulo*, Arroyo e os demais membros do júri reuniram-se nos dias 22 e 23 de março daquele ano para a cerimônia de premiação que ocorreu no Museu João de Deus, em Lisboa-Portugal.

Esse evento contou com os seguintes representantes e seus países: Agnia Barto, da Rússia; Lúcia Binder, da Austria; Aase Bredsdorff, da Dinamarca; Sheila Egoff, do Canadá; Branka Furlan, da Iugoslávia; Alexandra Plakolari, da Grecia; Niilo Visapaa, da Finlândia e Leonardo Arroyo, do Brasil. Na ocasião, o prêmio de melhor escritor foi para o norte-americano Scott O’Dell, e o de melhor ilustrador foi para o dinamarquês Ib Spang Olsen. (FOLHA DE S. PAULO, 1972).

Conforme é possível observar no Quadro 9, o último texto sobre literatura infantil que localizei foi publicado no ano de 1976, no livro *Agravos do tempo*, trata-se do capítulo, intitulado “Camões e os meninos”. Esses dados demonstram que Arroyo dedicou-se à literatura infantil por 30 anos, inicialmente escrevendo livros e capítulos de livros para crianças e jovens e, posteriormente, publicando textos que continham reflexões sobre esse assunto.

Assim, visando compreender a contribuição de Arroyo para a literatura infantil brasileira, nos capítulos seguintes, apresentarei o que foi possível apreender das análises desses textos apresentados no Quadro 9.

¹³⁴ Cf. nota 57 deste capítulo da tese.

¹³⁵ Cf. nota 58 deste capítulo da tese.

¹³⁶ Cf. nota 59 deste capítulo da tese.

CAPÍTULO 2

PRODUÇÃO DE LEONARDO ARROYO *DE* LITERATURA INFANTIL

2.1 Bibliografia de Leonardo Arroyo de literatura infantil

Tendo em vista que a produção escrita de Arroyo é bastante extensa e diversa e, com o objetivo de propiciar visão de conjunto e síntese dos textos de literatura infantil escritos por Arroyo, apresento, no Quadro 22, sua produção escrita de literatura infantil.

Quadro 10: Bibliografia de Leonardo Arroyo de literatura infantil, ordenada por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente localizada

BIBLIOGRAFIA DE LEONARDO ARROYO DE LITERATURA INFANTIL				
Títulos	Editora	Edições localizadas	Data ed. mais antiga localizada	Data da ed. mais recente localizada
<i>A bela adormecida no bosque</i>	LEP	1ª; 8ª; 10ª;	1946	1958
<i>A gata borralheira</i>	LEP	2ª; 3ª; 7ª; 9ª; 10ª	1949	1959
<i>Aladim ou lâmpada maravilha</i>	LEP	11ª;	1958	1958
<i>Ali-Babá e os quarenta ladrões</i>	LEP	10ª; 11ª; 13ª.	1957	1961
<i>As Valentias de Julião, O Alfaiate</i>	LEP	5ª; 8ª; 9ª.	1954	1961
<i>Branca de Neve e os sete anões.</i>	LEP	3ª; 11ª; 12ª;	1949	1958
<i>Contos do tempo das fadas</i>	LEP	8ª; 10ª; 12ª	1951	1961
<i>Estórias do Galo e do Candimba</i>	Melhoramentos	1ª.; 3ª.; 4ª.	1961	1971
<i>História do Galo</i>	Melhoramentos	1ª.	1950	1950
<i>Histórias Encantadas</i>	LEP	6ª; 9ª; 12ª	1951	1960
<i>Histórias maravilhosas das mil e uma noites</i>	LEP	8ª; 9ª; 11ª; 12ª	1955	1961
<i>O Barba Azul.</i>	LEP	1ª; 7ª; 8ª; 9ª	1946	1961
<i>O Chapeuzinho Vermelho</i>	LEP	7ª; 10ª; 12ª	1954	1961
<i>O gato de botas</i>	LEP	3ª; 7ª; 9ª;	1951	1960
<i>Olavo Bilac</i>	Melhoramentos	1ª.; 2ª.	1952	1953
<i>O pequeno Polegar</i>	LEP	1ª; 6ª; 8ª; 11ª	1946	1959
<i>O príncipe querido</i>	LEP	3ª; 7ª; 8ª; 9ª	1951	1960
<i>O sargento Verde</i>	LEP	9ª	1960	1960
<i>O soldadinho de chumbo</i>	LEP	3ª; 10ª; 11ª	1956	1961
<i>O violino mágico</i>	LEP	1ª; 6ª; 11ª	1946	1961
<i>Os cisnes encantados</i>	LEP	9ª; 11ª	1958	1961
<i>Os três cabelos de ouro do Diabo</i>	LEP	8ª; 10ª	1958	1961
<i>“Fulton: o mago do movimento”</i>	Donato Editora	1ª.	1960	1960
<i>Viagens de Sindbad, o marítimo</i>	LEP	4ª; 6ª; 8ª; 9ª	1952	1960
<i>Você já foi à Bahia?</i>	Melhoramentos	1ª.	1950	1950
25 títulos	3 editoras	1ª. a 13ª.	1946	1971

Fonte: Bibliografia *de e sobre* Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016).

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 22, concomitantemente a sua carreira de jornalista, ainda na década de 1940, Arroyo inicia sua carreira de escritor de livros para crianças, adaptando uma série de contos clássicos da literatura infantil universal para a coleção “Encantada”, da Editora LEP.

De acordo com informações de Nelly Novaes Coelho,¹³⁷ na 1ª. edição de seu *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, publicado em 1983, Leonardo Arroyo teve essa coleção publicada pela editora Paulicéia¹³⁸ (SP). Na 5ª. edição revista e atualizada desse dicionário, publicado em 2006, Coelho (2006) modifica essa informação e afirma que a coleção “Encantada” foi publicada pela editora Melhoramentos:

[...] atraído pelo novo interesse que a literatura infantil começava a provocar nos escritores, Arroyo se dedica a fazer adaptações de contos clássicos para a Coleção “Encantada” (São Paulo, Ed. Melhoramentos) e que tiveram dezenas de reedições: *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*; *Ali Babá e os 40 ladrões*; *O Barba Azul*; *O chapeuzinho Vermelho* [...]. (COELHO, 2006, p. 416).

No entanto, todas as referências dos títulos dessa coleção que localizei, assim como os exemplares de diferentes edições que pude recuperar, constam que os livros foram publicados pela Editora LEP¹³⁹ (SP). Até o momento, não localizei nenhuma referência ou exemplar dessa coleção que tenha sido publicado pelas editoras Paulicéia ou Melhoramentos. Portanto, identifiquei-a como tendo sido publicada por essas três editoras, esse fato pode indicar, dentre outros, que a coleção “Encantada” tenha mudado de editora ao longo do tempo.

Os 20 títulos publicados na coleção “Encantada” foram os seguintes:

- *A Bela Adormecida no bosque*;
- *A gata borralheira*;
- *As valentias de Julião, o alfaiate*;
- *Aladim ou a lâmpada maravilhosa*;
- *Ali-Babá e os quarenta ladrões*;
- *Branca de Neve e os sete anões*;
- *Contos do tempo das fadas*;
- *Histórias encantadas*;
- *Histórias maravilhosas das mil e uma noites*;
- *O Barba Azul*;

¹³⁷ Cf. nota 247 do capítulo 3 desta tese.

¹³⁸ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre a Editora Paulicéia, apenas o endereço atual da Gráfica e Editora Pauligrafi, que adquiriu a antiga Editora Paulicéia. Atualmente, a Gráfica e Editora Pauligrafi situa-se à Rua Terceiro Sargento João Lopes Filho, n. 438, na cidade de São Paulo.

¹³⁹ Até o momento da redação final desta tese, localizei poucas informações sobre a editora LEP, sendo possível que eu afirme apenas que a sigla LEP significa Livraria Editora Popular. Localizei apenas um diário oficial do estado de São Paulo, publicado no dia 25 de fevereiro de 1965, no qual consta um parecer fiscal dessa editora referente ao ano de 1964. Naquele momento histórico, a Editora LEP situava-se à Rua Tenente Pena, 338, na cidade de São Paulo. Além da coleção “Encantada”, essa editora teve publicado outra coleção de livros para

- *O Chapeuzinho Vermelho*;
- *O gato de botas*;
- *O príncipe querido*;
- *O sargento verde*;
- *O violino mágico*;
- *Os cisnes encantados*;
- *Os três cabelos de ouro do Diabo*;
- *O soldadinho de chumbo*;
- *O pequeno Polegar*; e
- *Viagens de Sindbad, o marítimo*.

Do conjunto de 20 títulos, localizei quatro referências de 1ª. edição que foram publicadas em 1946, desse conjunto, pude recuperar dois exemplares que confirmam essa informação, são eles: *O Barba Azul* e *O violino mágico*. Nesses exemplares o nome de Leonardo Arroyo não é mencionado, na folha de rosto, consta o nome do ilustrador Guilherme Walpeteris¹⁴⁰, bem como menção ao título da coleção e à editora LEP. Na parte interna da quarta capa desses exemplares consta a seguinte informação: “Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da ÊMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS LTDA, à rua Conde de Sarzedas, 38 – São Paulo, para EDIÇÕES LEP, em 1946.” (s.p.).

A segunda referência mais antiga que localizei dessa coleção foi a 2ª. edição do título *A gata borralheira*, publicada em 1949. A partir dessa edição e, nos exemplares de diferentes edições que recuperei, o nome de Leonardo Arroyo passa a ser mencionado na folha de rosto, juntamente com as demais informações dos títulos que foram publicados em 1946. Diante das informações que reuni até o momento, é possível afirmar que a 1ª. edição dos títulos da coleção “Encantada” foi publicada em 1946, pela editora LEP.

As referências dessa coleção que localizei publicadas em 1946 são dos seguintes títulos: *A bela adormecida no bosque*; *O Barba Azul*; *O Pequeno Polegar*; e *O violino mágico*.

crianças intitulada “Reino infantil”. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4281502/pg-32-poder-executivo-parte-2-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-25-02-1965>>. Acesso em 16 mar. 2016.

¹⁴⁰ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre o ilustrador Guilherme Walpeteris.

Apesar de os 20 títulos integrarem a coleção “Encantada”, é possível observar que a partir de sua 2ª. edição, tiveram publicações em diferentes anos, presumivelmente, em decorrência do esgotamento de determinados títulos no mercado.

A edição mais recente que localizei dessa coleção foi a 13ª. do livro *Ali-Babá e os quarenta ladrões*, publicado no ano de 1961. Nesse mesmo ano, localizei, ainda, referência de outros nove títulos de edições diferentes: quatro títulos publicados como a 12ª. edição; três títulos como a 11ª. edição; um título como 10ª. edição, e dois títulos como a 9ª. edição.

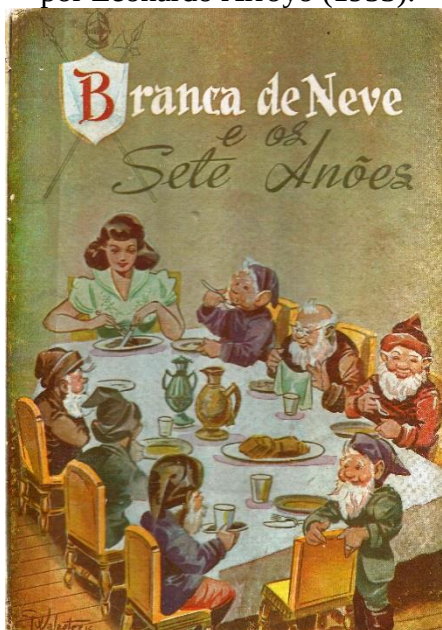
Essas informações reiteram a forma independente com que os títulos dessa coleção foram sendo publicados e também indicam que a coleção “Encantada” teve uma circulação de pelo menos 15 anos, considerando a 1ª. edição, em 1946, e a última (13ª.) que localizei, em 1961.

Tendo em vista a quantidade de títulos dessa coleção e o volume de contos publicados em cada livro, optei por apresentar apenas dois títulos representativos das maiores modificações presentes no período de sua publicação.

Com base nos exemplares que recuperei é possível afirmar que até o ano de 1959, os títulos mantiveram o mesmo formato de 14 cm x 20 cm, capa dura e bastante colorida, conforme demonstra o exemplar da 8ª edição de *Branca de Neve e os sete anões*, publicado em 1953.

Esse exemplar tem 74 páginas e cinco contos: “Branca de Neve e os sete anões”; “A princesa e a velha feiticeira”; “Os sete urubus”; “Os presentes do sapo”; “O machado de prata”; e “O raio de sol”.

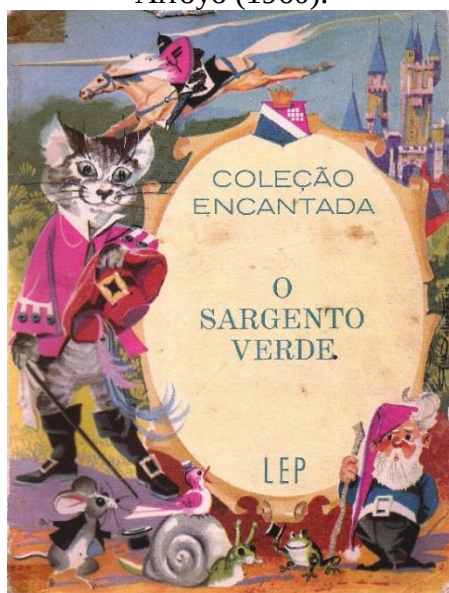
Figura 33: Capa do exemplar da 8ª. edição do livro *Branca de Neve e os sete anões*, adaptado por Leonardo Arroyo (1953).



Fonte: Acervo pessoal do autora

A partir de 1960, os livros receberam um novo formato, com capas mais flexíveis e padronizadas por meio do desenho de um grande espelho no centro, no qual constam os títulos da coleção e os títulos dos livros em letras destacadas, conforme é possível observar no exemplar de 9ª. edição do livro *O sargento verde* (1960).

Figura 34: Capa do exemplar da 9ª. edição de *O sargento verde*, adaptado por Leonardo Arroyo (1960).



Fonte: acervo pessoal da autora

Esse exemplar tem 77 páginas e oito contos: “O sargento verde”; “A pequena polegada”; “O homem da espada pesada”; “A formiga e a neve”; “A casa antiga”; “O Miudinho”; “O vestido rasgado”; e “A velha feiticeira”.

Além dos títulos dessa coleção, Arroyo teve publicados: quatro livros de literatura infantil e juvenil; e um capítulo de livro sobre o mesmo tema.

2.2 Livros de literatura infantil e juvenil escritos por Leonardo Arroyo

Quatro anos depois da adaptação dessa coleção lançada em 1946, Arroyo teve publicados, pela editora Melhoramentos (SP), dois livros de literatura infantil de sua autoria: *Você já foi à Bahia?* (1950) e *História do galo* (1950)¹⁴¹. Em 1961, e pela mesma editora, teve publicado o seu terceiro livro para crianças, intitulado *Estórias do Galo e do Candimba*. Trata-se de uma versão ampliada do livro anterior, *História do Galo* (1950), a partir da inserção de três novos contos.

Estórias do Galo e do Candimba (1961) foi o único que teve mais de uma edição: a 1ª. em 1961, a 3ª., em 1965, e a 4ª., em 1971. Até o momento, não localizei informações sobre a 2ª. edição e também não foi possível recuperar nenhum exemplar desse livro. Tive acesso apenas à cópia digitalizada de sua 3ª. edição (1965), no setor de obras raras da biblioteca Mário de Andrade, na cidade de São Paulo (SP).

No Quadro 23, apresento esses livros de literatura infantil ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente.

¹⁴¹ Nos livros não aparece a indicação do ano de publicação, localizei essa informação nas notas biográficas sobre Arroyo apresentadas por Melo (1954) e Coelho (2006) e em artigo do jornal *Folha de Manhã*.

Quadro 11: Livros de literatura infantil escritos por Arroyo, ordenados por título, editora, número de edições localizadas, datas da 1ª. edição ou edição mais antiga localizada e, da edição mais recente

Livros de literatura infantil	Editora	Edições localizadas	Data ed. mais antiga localizada	Data da ed. mais recente localizada
<i>História do Galo</i>	Melhoramentos	1ª.	1950	1950
<i>Você já foi à Bahia?</i>	Melhoramentos	1ª.	1950	1950
<i>Estórias do Galo e do Candimba</i>	Melhoramentos	1ª.; 3ª.; 4ª.	1961	1971
3 títulos	1 editora	1ª. a 4ª.	1950	1971

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

2.2.1 Apresentação do livro *Você já foi à Bahia?* (1950)

Você já foi à Bahia? (1950) tem formato de 18 cm x 20 cm, capa dura com predomínio de tons sépia nas cores vermelho, rosa e marrom. Dedicado ao filho de Arroyo, Leonardo Arroyo Junior: “Para o Júnior que já foi à Bahia” (s.p.), esse livro foi ilustrado por Olavo Silveira Pereira.

Figura 35: Capa do exemplar de 1ª edição do livro *Você já foi à Bahia?*, de Leonardo Arroyo (1950)



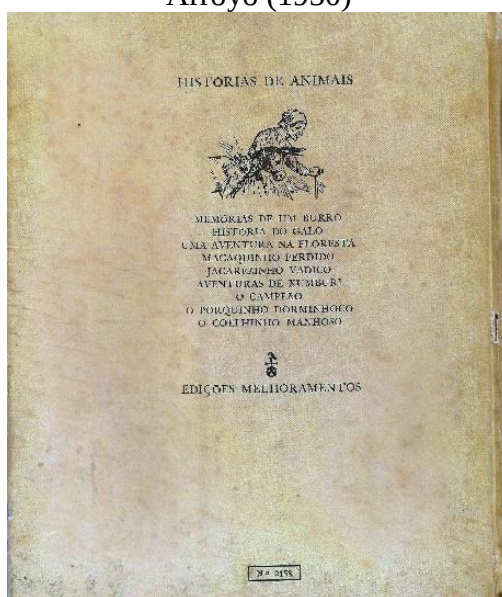
Fonte: acervo pessoal da autora

Ao todo, são 80 páginas distribuídas em sete capítulos que narram de forma cronológica e linear a viagem do protagonista Belito e de seu pai, Sr. Sousa, à Bahia. Essa viagem foi um presente que Belito recebeu de seu pai por seu excelente desempenho escolar, em especial, na disciplina de História.

Os capítulos são os seguintes: “A viagem”; “Rumo à Bahia”; “Bahia de Todos os Santos”; “Terreiro de Jesus”; “A Festa do Senhor do Bonfim”; “O Mercado Modêlo¹⁴²” e “Adeus à Bahia”. No interior do livro, há dez ilustrações em preto e branco, que ocupam o espaço de uma página.

Na quarta capa, consta a propaganda de uma série de livros infantis, intitulada “Histórias de animais”, na qual é possível observar o anúncio do segundo livro de Arroyo publicado naquele ano, *História do Galo*¹⁴².

Figura 36: Quarta capa do exemplar de 1ª edição do livro *Você já foi à Bahia?*, de Leonardo Arroyo (1950)



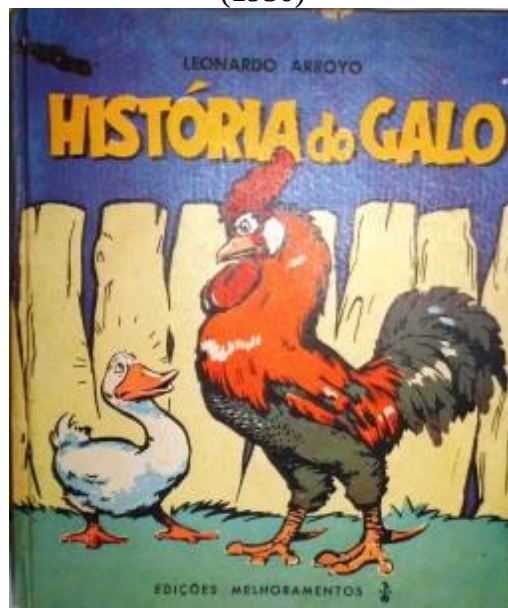
Fonte: acervo pessoal da autora

2.2.2 Apresentação do livro *História do Galo* (1950)

História do Galo (1950) tem formato de 20,5 cm x 17 cm e contém 47 páginas. Impressa em papel resistente e bastante colorida, a capa contém a ilustração de um galo grande e imponente com crista vermelha ao lado de um pato branco, de estatura bem menor e menos imponente que a do galo. Na parte inferior da capa, abaixo das ilustrações, há menção a editora.

¹⁴² Não consta a informação sobre os autores desses livros.

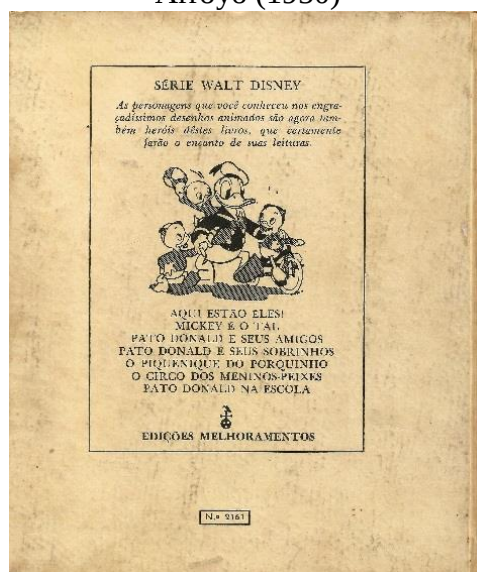
Figura 37: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *História do Galo*, de Leonardo Arroyo (1950)



Fonte: acervo pessoal da autora

Ilustrado por J. G. Villin, o livro é composto de quatro contos: “História do Galo”, “Didi, o mosquito”; “Dom Carretel e Dona Linha” e “O Ratinho teimoso”. Na quarta capa há a divulgação de uma série publicada pela editora Melhoramentos (SP), intitulada “Walt Disney”. A série é apresentada da seguinte maneira: “As personagens que você conheceu nos engraçadíssimos desenhos animados são agora também heróis destes livros, que certamente farão o encanto de suas leituras.” (ARROYO, 1950, s.p.).

Figura 38: Quarta capa do exemplar de 1ª. edição do livro *História do Galo*, de Leonardo Arroyo (1950)



Fonte: acervo pessoal da autora

Abaixo da ilustração do personagem “Pato Donald” e de seus sobrinhos constam os títulos da série: “Aqui estão eles!”; “Mickey é o tal”; “Pato Donald e seus amigos”; “Pato Donald e seus sobrinhos”; “O piquenique do porquinho”; “O circo dos meninos-peixes”; e “Pato Donald na escola”.

2.2.3 Apresentação do livro *Estórias do Galo e do Candimba* (1961)¹⁴³

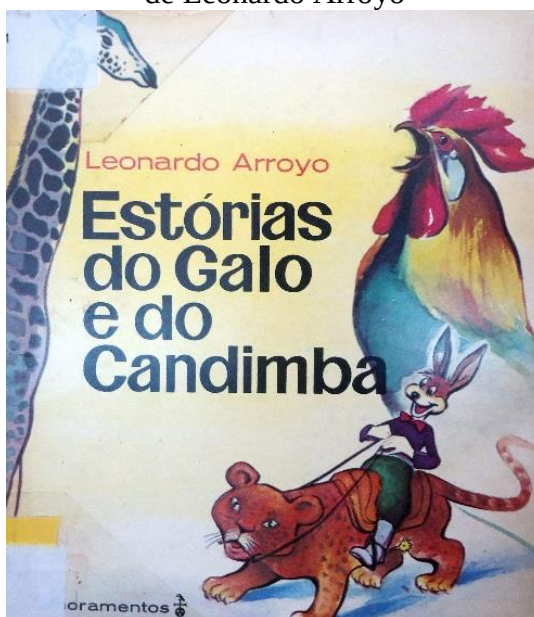
Estórias do Galo e do Candimba foi publicado em 1961, na coleção “Verdes Anos” da editora Melhoramentos (SP). Essa coleção foi apresentada como “[...] narrativas que distraem e estimulam a inteligência das crianças através das peripécias de Pedro Malasartes, João Sabido, e de animais espertos, consagrados nas estórias de nosso folclore.” (MELHORAMENTOS, 1965, s.p.).

Estórias do Galo e do Candimba (1961) tem formato de 20,5 cm x 17 cm, contém 82 páginas e sete contos: “História do Galo”; “Didi, o mosquito”; “Dom Carretel e Dona Linha”; “O Ratinho teimoso”; “Candimba, a onça e a girafa”; “O poço vigiado”; e “A sabedoria do Candimba”. Conforme mencionei, os quatro primeiros contos já haviam sido publicados no livro *História do Galo* (1950), por isso, somente os contos em que aparece o personagem Candimba são inéditos, eles foram inspirados no folclore africano, recolhidos em uma comunidade rural no interior do estado do Maranhão, pelo Professor Otávio da Costa Eduardo. Candimba é um termo “[...] de origem africana e significa ‘coelho’ [...]”. (COELHO, 2006, p. 417).

Impressa em papel resistente e bastante colorida, a capa contém a ilustração dos principais personagens dos contos: uma Girafa na lateral esquerda, um Galo ao fundo, posicionado na lateral direita, e o coelho Candimba montado em uma Onça. No centro da capa consta o título do livro em letras bastante destacadas.

¹⁴³ Não tive acesso a 1ª. edição desse livro, por isso, os fragmentos citados neste texto foram extraídos da 3ª. edição, publicada em 1965.

Figura 39: Capa do exemplar de 3ª. edição do livro *Estórias do Galo e do Candimba* (1965), de Leonardo Arroyo



Fonte: Acervo pessoal da autora

2.3 Enredos

2.3.1 Enredo do livro *Você já foi à Bahia?* (1950)

No primeiro capítulo desse livro, intitulado “Rumo à Bahia”, consta a descrição sobre o entusiasmo de Belito com os preparativos para a sua primeira viagem de avião. Belito impressiona-se com tudo: o tamanho da aeronave, a torre de controle, as aeromoças, os avisos de não fumar e de usar o cinto de segurança.

Após a decolagem e, à medida que a viagem prosseguia, Belito e o Sr. Sousa conversam sobre vários aspectos geográficos da região pela qual o avião sobrevoava.

O menino percebeu logo que estavam sôbre altas montanhas. E perguntou:
 –Estou vendo a serra. É a da Mantiqueira, ou a do Mar? [...]
 –Esta é a serra do Mar, meu filho. Vê a facilidade com que a atravessamos? No entanto, é uma serra alta, áspera, difícil de ser transposta por terra. [...] Tanto era difícil, acrescentou o pai, que as estradas que ligavam e as que ligam São Paulo ao Rio seguiam ou seguem ainda tôdas pelo vale do Paraíba.
 – O vale do Paraíba é formado por um rio que tem o mesmo nome, não é papai? (ARROYO, 1950, p. 13-14).

Ainda durante o trajeto, o avião fez duas escalas, uma na cidade do Rio de Janeiro (RJ) e outra na cidade de Vitória (ES). Esse trajeto foi apresentado no capítulo seguinte, intitulado “Rumo à Bahia”. Nesse trecho, Belito fez muitas perguntas sobre essas cidades e conversou com seu pai sobre a distância percorrida.

[Sr. Sousa] – É admirável! Imagine você que, para percorrer essa mesma distância um homem levava, no ano de 1750, cento e noventa e duas horas. Em 1840, a mesma distância já era percorrida em noventa e seis horas. Em 1877, o tempo gasto há havia diminuído para doze horas. [...] Em 1936, porém, o tempo caiu para a metade e os homens fizeram êsse percurso em seis horas. Hoje, como você teve oportunidade de observar e sentir, percorremos os trezentos e setenta quilômetros em setenta minutos apenas! (ARROYO, 1950, p. 22).

Após a escala em Vitória (ES), chegaram à cidade de Salvador (BA), no final da tarde. No primeiro dia de passeio Sr. Sousa apresenta os nomes de ruas e igrejas, destacando feitos de pessoas e lugares importantes na história daquela cidade.

Depois de visitarem vários pontos turísticos como a Praça Castro Alves e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, conversam, ainda, sobre a fundação da cidade e os nomes que ela teve.

No capítulo seguinte, “Terreiro de Jesus”, consta o passeio dos personagens por duas igrejas: São Francisco e Cadetral de São Salvador. Belito impressiona-se com a quantidade de ouro nas igrejas. No final desse capítulo, consta um diálogo no qual Sr. Sousa questiona o falta de investimento no turismo local.

A Bahia é um tesouro de história e poderia ser, se houvesse um pouco mais de boa vontade, um magnifico ponto de turismo.

–Mas assim mesmo muita gente visita a Bahia, acrescentou Belito.

–Concordo com você. [...] mas se houvesse turismo organizado, melhores hotéis, mais carinho pelas coisas históricas, esta cidade seria uma das mais visitadas no mundo inteiro. (ARROYO, 1950, p. 49-50).

No capítulo “Festa do Senhor do Bonfim”, Belito e o pai caminham até a igreja para participarem da festa que dá nome ao capítulo. No percurso até o local, o pai indagou ao menino se ele lembrava-se das pessoas importantes que nasceram na Bahia e Belito respondeu que sim, pois havia estudado nas aulas de História.

– Bem, a maior delas foi Rui Barbosa, que se tornou famoso em todo o mundo pelo seu talento e cultura. Foi admirado em sua época e ainda hoje o é, não só no Brasil, como no estrangeiro. Mas há ainda Castro Alves, o poeta da liberdade, o gramático Carneiro Ribeiro; há o africanologista Nina Rodrigues, há...

O Sr. Souza interrompeu Belito para pedir uma explicação: Que é africanologista, meu filho?

– É o estudioso de assuntos relativos aos negros e sua influência em nossa formação. (ARROYO, 1950, p. 56).

No penúltimo capítulo, Belito e Sr. Souza caminham pelo Mercado Modelo na Cidade Baixa. Pai e filho ficam admirados com os trabalhos artesanais produzidos com fibras e folhas de árvores, além das redes, peixes, frutas, os trajes das baianas e suas comidas.

Uma forte mulata, sentada ao pé de um fogareiro, fritava algo em gordura. O que surpreendera Belito fora o seu traje garrido. A mulher usava um turbante branco na cabeça, blusa branca também e uma larga saia rodada de côr vermelha. Em torno do pescoço, mais de meia dúzia de colares de côres variadas, formados de pedras brilhantes, verdes, vermelhas, brancas, roxas, azuis. (ARROYO, 1950. p. 69).

No último capítulo “Adeus à Bahia”, a pai de Belito recebe um telefonema solicitando sua presença no trabalho, fato que os obrigaram a interromper a viagem. No final daquele dia, tomaram o avião de volta à São Paulo.

– Olha a cidade, Belito!
Belito encostou-se ao vidro da janela. Do lado direito, sôbre morros, toda iluminada de sol, adormecia São Salvador com as altas tôres das suas igrejas erguidas para o céu. A baía estava toda azul. (ARROYO, 1950, p. 80).

2.3.2 Enredo do livro *História do Galo* (1950)

Ao contrário de *Você já foi à Bahia?* (1950), *História do Galo* (1950) é um livro de contos. O primeiro conto, “História do Galo”, passa-se no “país do Galinheiro”, onde galinhas, galos, patos e marrecos viviam satisfeitos. Os personagens principais são o Galo, a Franguinha Branca, o Marreco Preto, um homem e uma mulher que visitavam o galinheiro algumas vezes ao dia. A única interrupção na rotina do galinheiro era quando, de tempos em tempos, a mulher dizia ao homem a seguinte frase: “aquela está boa”, após dizer isso, “alguém desaparecia” (ARROYO, 1965, p. 08).

Os animais do galinheiro conformavam-se com essa rotina, até a chegada de um galo diferente no galinheiro que, embora bem recebido pelos outros animais, comportava-se de modo “egoísta” e “arruaceiro”:

Ao ver o milho espalhado por todos os lados o novo habitante entendeu que tudo deveria ser somente seu. Começou a distribuir bicadas a torto e a direito, gritando: – Saiam todos! Deixem-me comer sossegado! [...] – Quem ousa protestar? Quero saber para dar-lhe uma lição! (ARROYO, 1965, p. 10).

Devido a esse comportamento do novo habitante, os demais habitantes do galinheiro reuniram-se novamente em assembleia e Marreco Preto teve a ideia de dizer que a “fronteira” (porta de entrada do galinheiro) estava desafiando a “força” do galo. Com isso, o galo e a “fronteira” começaram a brigar e o galo acabou selecionado pelos humanos com a “terrível” frase: “aquela está boa”. Depois disso, nunca mais foi visto no galinheiro. Desde esse dia, a paz voltou a reinar no galinheiro: “[...] os habitante se respeitavam, todo o mundo comia em

paz, sem brigas, sem algazarra. A assembléia continuou a reunir-se para resolver os casos difíceis.” (ARROYO, 1950, p. 15).

No segundo conto, “Didi, o mosquito”, a história se passa no “país da Cavalaria”. Os personagens principais são Didi, Dom Mosquito, Dona Mosquito (pais de Didi), e um mosquito velho e “estrangeiro” que apareceu por lá. Didi era um mosquito “teimoso”, “barulhento”, um “diabinho em pessoa” que não ouvia os conselhos dos pais e não ia à escola: “Dona Mosquito ralhava com êle, Dom Mosquito vivia a dar-lhe bons conselhos, mas o travêso não levava a sério o que êle dizia.” (ARROYO, 1965, p. 19).

Certo dia, Didi encontrou com o mosquito velho e “estrangeiro” que estava de passagem e seguia para o “país das Casas”. Didi decidiu fugir com ele para esse novo lugar. Chegando lá, Didi desobedeceu o mosquito velho, ao picar o nariz de um homem que dormia. Ao acordar, o homem encheu a casa de inseticida, Didi ficou “tonto” e quase foi apanhado.

Com medo e saudade de casa, pediu ao mosquito velho que o levasse de volta para o “país da Cavalaria”. Didi arrependeu-se e desde “[...] êsse dia foi-se transformando. Tornou-se, afinal, obediente e ia à escola todos os dias. Ninguém mais o vira fazer travessuras.” (ARROYO, 1965, p. 33).

No terceiro conto, “Dom Carretel e Dona Linha”, a história se passa no “país do Cesto de Costura”, os personagens principais são Dom Carretel, Dona Linha, tia Zefa e Dom Botão Preto, “filósofo” do país. Dom Carretel era “orgulhoso”, “soberbo” e “ vaidoso”, enquanto Dona Linha era “elegante”, “muito branca” e sentia-se “triste” com os desaforos de Dom Carretel que vivia reclamando por ter que “carregar” Dona Linha para todo lugar.

Dom Carretel não aceitava o “destino” de carregar Dona Linha, ele queria “liberdade”. Após um dia de trabalho, tia Zefa deixou Dom Carretel em cima de uma cadeira, ele escorregou e saiu rolando pela sala de modo desgovernado até se desvencilhar totalmente de Dona Linha. Dom Carretel sentiu-se com muito medo e sozinho, somente após ter sido achado por tia Zefa e enrolado novamente em Dona Linha, sentiu-se bem novamente: “Desde êsse dia, Dom Carretel vive em paz no país do Cêsto de Costura. E gosta muito de Dona Linha [...]”. (ARROYO, 1965, p. 40).

No quarto e último conto, intitulado “O ratinho teimoso”, a história se passa na despensa da cozinha de um “velho casal”. As personagens principais são Dom Rato, Dona Rata, Ratinho e o Gato Amarelo. Dom Rato era muito “cauteloso” e “experiente” “[...] não permitia estragos no país da Despensa. Não deixava que Dona Rata e Ratinho roessem os sacos de mantimentos apenas pelo prazer de destruir e nem que se atirassem às linguiças e aos queijos de ralar, por esganação.” (ARROYO, 1965, p. 41).

Ratinho, por sua vez, era “desobediente”, “teimoso” e “esganado”, vivia visitando o local às escondidas. A chegada de um novo queijo deixou Ratinho com muita fome e com vontade de desobedecer. Um dia, enquanto seus pais dormiam, Ratinho foi até a despensa e começou a roer o queijo. Roeu tanto que fez um buraco no queijo e decidiu dormir lá dentro. Quando acordou, foi surpreendido pelo Gato Amarelo.

Depois de passar muito medo, Ratinho aproveitou um minuto de sono do Gato Amarelo para escapar e voltar para casa. Desse dia em diante, nunca mais desobedeceu.

2.3.3 Enredo do livro *Estórias do Galo e do Candimba* (1961)

Estórias do Galo e do Candimba (1961) foi publicado 11 anos após *História do Galo* (1950). Nesse livro, três contos são inéditos: “Candimba, a onça e a girafa”; “O poço vigiado”; e “A sabedoria do Candimba” e sobre eles me deterei neste tópico, visto que já apresentei os demais.

No primeiro conto, o personagem Candimba quer se casar com a dona Girafa, no entanto, ela estava de casamento marcado com o camarada Onça. Candimba irrita-se e diz que dona Girafa estava fazendo uma péssima escolha porque camarada Onça era o seu “cavalo”. Dona Girafa não acreditou naquela conversa e logo dispensou Candimba.

No dia do casamento, “[...] o coelho pegou a sua cela, a manta, as esporas e os estribos e escolheu um lugar perto da estrada que levava à casa da dona Girafa.” (ARROYO, 1965, p. 56). Sentou-se perto de onde todos passariam, mas disse que não iria no casamento pois estava com dor dente. Quando o noivo passou por ali, contou-lhe essa história e, com pena do coelho, o noivo oferece-lhe carona em seu lombo.

- Oh! o camarada Onça é muito gentil! Mas eu não posso ir ao casamento e deixar a minha manta aqui na estrada.
- Ôra Candimba, eu faço questão que você vá, bote a manta aqui em cima de mim. [...]
- Assim eu caio, choramingou o coelho, preciso amarrar a manta e colocar a sela. Ai ai meu dente. (ARROYO, 1965, p. 57).

Assim, enganando o camarada Onça com seu discurso de doente, Candimba conseguiu convencê-lo a vestir todos os itens da montaria, aparecendo no casamento com seu “cavalo”, como tinha afirmado à dona Girafa.

Figura 40: Ilustração do conto “Candimba, a onça e a girafa”, do exemplar de 3ª. edição do livro *Estórias do Galo e do Candimba* (1965), de Leonardo Arroyo



Fonte: Acervo pessoal da autora

Após, esse episódio, dona Girafa desiste do casamento e pede vingança. O camarada Onça procura um jeito de “pegar” Candimba. Então, Dom Jabuti chega com a informação de que Candimba vinha, toda noite, a beira do rio tomar água. A pedido do camarada Onça, Dom Jabuti cobre-se de cera e se esconde perto de um monte de pedras, ao tocar “naquele vulto”, Candimba fica preso e é pego pelo camarada Onça.

Candimba pede desculpas, mas “engana” o camarada Onça mais uma vez dizendo que tinha uma recompensa maior: um boi bem gordo no pasto. Ao “buscar” a recompensa, o coelho foge sem deixar vestígio.

O segundo conto, “O poço vigiado”, narra a história de um poço construído pelos animais da floresta para evitarem a longa distância todos os dias até o rio. Candimba foi o único entre os animais que não ajudou em sua construção, porque dizia estar com dor de dente. Diante disso, todos decidiram que Candimba não tomaria a água do poço.

Mesmo assim, todos os dias à noite, Candimba enchia suas caçapas com água sem que ninguém o visse. Após muitas tentativas de outros animais em desmascará-lo, o camarada Onça consegue pegá-lo e contrata o compadre Urubu para vigiá-lo. No entanto, Candimba também o engana, jogando areia em seus olhos, e fugindo mais uma vez.

No último conto, “A sabedoria de Candimba”, o coelho decide construir uma “tapagem” à beira do rio para pescar peixes. O camarada Onça por sua vez, não conseguia pegá-lo e estava com fome, então decidiu perguntar a Candimba como ele fazia. O coelho mostrou a sua construção com orgulho e o camarada Onça decidiu tirar vantagem da situação

por meio de sua força. Tomou para si a construção, ficando com os peixes maiores e entregando os menores à Candimba.

Um dia, Candimba teve uma ideia: correu para dentro da mata e começou a gritar dizendo que precisava amarrar-se às árvores porque uma forte tempestade se aproximava. Assustado com o gritos do coelho, camarada Onça pediu que fosse amarrado primeiro.

Figura 41: Ilustração do conto “A sabedoria de Candimba”, do exemplar de 3ª. edição do livro *Estórias do Galo e do Candimba* (1965), de Leonardo Arroyo



Fonte: Acervo pessoal da autora

Após três dias, foi solto pelo mestre Macaco e escondeu-se na casa de Candimba a fim de pegá-lo, Candimba, no entanto, o engana novamente e se salva.

2.4 Personagens

2.4.1 Personagens do livro *Você já foi à Bahia?* (1950)

As personagens que integram esse livro, Belito e Sr. Sousa, além da relação entre pai e filho, podem trazer uma identificação com uma situação idealizada entre professor e aluno.

Comportamentos como obedecer às regras, estudar e ser curioso, são valorizados nesse livro. Além disso, sua leitura transmite a mensagem positiva de que sempre é possível conhecer mais sobre algum assunto.

A personagem infantil, Belito, apresenta certa fragilidade legitimada pelo seu papel social, mas também ocupa lugar central na narrativa. Pode-se observar que as duas personagens ocupam o mesmo plano, apesar de o Sr. Sousa atuar como exemplo para o filho e ser aquele que “sabe mais”, os constantes diálogos sustentam essa afirmativa.

Essa organização pode sugerir também um tipo de ensino e aprendizagem partilhado e dialogado. Essa “aula ao ar livre” que Belito vivenciou pode indicar a recomendação de uma escola que proporcione conhecimentos e experiências *in loco*.

2.4.2 Personagens dos livros *História do Galo* (1950) e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961)

Os personagens que integram o livro *História do Galo* (1950), publicados novamente em *Estórias do Galo e do Candimba* (1961) são animais e/ou objetos com características comportamentais e sentimentais que se assemelham às dos humanos. Nesses contos, há sempre uma personagem em idade infantil, que comete “travessuras” e sofre consequências ou é corrigida pelos “adultos”.

Atitudes como egoísmo, gula, violência, teimosia, desobediência, ser “barulhento”, não ir à escola, ser vaidoso, soberbo, querer “liberdade” e ter curiosidade de conhecer “outras terras”, são atitudes condenadas e consideradas erradas. Os personagens que apresentavam tais características sofreram alguma advertência.

Em oposição a essas atitudes, comportamentos como ser obediente, ouvir os pais e os mais velhos, saber viver em comunidade, compartilhar o alimento sem desperdício, não ser guloso, estar satisfeito e conformado com o ambiente em que se vive, dialogar – “discutir em assembléia” – ao invés de cometer atos de violência, não ser preguiçoso, não se arriscar, são atitudes consideradas “certas” no livro. No final de cada conto, essas atitudes acabam sendo compreendidas e praticadas pelas personagens infantis que, em geral, aprenderam a “lição”.

As personagens em idade infantil (ou que representam crianças) são “perdoadas” porque voltam a obedecer à família. As personagens que representam adultos ocupam um plano secundário ao das “crianças” em cada narrativa, sustentando as ações das “crianças”, ora para castigá-las, ora para aconselhá-las.

Os modelos narrativos se organizam numa sequência de acontecimentos que se desenvolvem buscando um equilíbrio final para o desequilíbrio provocado, assim, a narrativa centra-se na ação que busca a resolução do problema e da “lição” que se quer transmitir.

O coelho Candimba é o único que transita em contos diferentes, ele está presente em três dos sete contos desse livro. Por isso, é possível observar um padrão de continuidade entre eles, visto que as histórias se passam no mesmo ambiente – a floresta – e na companhia e/ou confronto dos mesmos animais. Curioso, nesse aspecto, é o personagem Galo que aparece apenas no conto intitulado “História do Galo”, uma vez que também compõem o título do livro.

Nos contos em que Candimba é o personagem principal a mensagem que se quer transmitir é outra: a esperteza e a inteligência, muitas vezes, associada a capacidade de enganar e de tirar vantagem do outro. Esses aspectos podem ser observados, principalmente, nos dois primeiros contos desse conjunto.

Nesses contos, o estado final não visa ao retorno do equilíbrio que havia no estado inicial, visto que o objetivo é que Candimba saia “ileso” das situações de conflito provocadas por ele mesmo, no início da narrativa. Desse modo, o equilíbrio ou a resolução do conflito ocorrem por meio de um desfecho inusitado, geralmente, representado pela “fuga” ou “escape” da situação. O conto “A sabedoria de Candimba” é o único desse conjunto em que a esperteza do coelho é utilizada para livrá-lo de uma situação não provocada por ele.

2.5 Espaço e tempo

2.5.1 Espaço e tempo no livro *Você já foi à Bahia?* (1950)

Em *Você já foi à Bahia?*, cada capítulo representa a passagem do tempo de um dia e um trajeto do passeio dos personagens, desse modo, não há complexidade no encadeamento das ações, podendo ser mensuradas por meio da alternância de dias e noites.

Como se trata de uma cidade e de uma cultura desconhecida para Belito, a apresentação dos espaços é feita por meio da descrição, ora mais detalhada ora menos, de lugares e ambientes como: ruas, praças, monumentos históricos, igrejas e espaços comunitários.

O título do livro *Você já foi à Bahia?*, indica o percurso de uma viagem, o movimento gerado por essa viagem sugere também modificações em aspectos da vida dos personagens que, nesse caso, podem ser observados especialmente em Belito, pois vivenciou uma experiência nova, que é a de sair de casa, viajar de avião, arriscar-se em uma região desconhecida. Por isso, apesar de não se tratar de uma viagem de aventura, essa experiência nova proporcionou desafios e sentimentos que o leitor também enfrentará.

2.5.2 Espaço e tempo nos livros *História do Galo* (1950) e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961)

A marcação temporal dos contos é feita pelo narrador, de modo a facilitar a leitura. As narrativas acontecem em curtos espaços de tempo, configurando acontecimentos numa sequência cronológica e linear.

A representação dos espaços é feita por ambientes comuns à literatura infantil da época, os quais lembram ambientes rurais, tais como: o galinheiro, o cesto de costura, o curral

de cavalos, a despensa de uma cozinha. Esses ambientes conferem verossimilhança às histórias, a fim de permitir ao leitor identificação com o espaço representado.

Os contos se apresentam de forma muito semelhante às fábulas – animais com características humanas – e estruturam-se em torno de atitudes que geram uma espécie de conflito (sobretudo entre “gerações”), com o insucesso decorrente de uma atitude considerada errada. O desfecho ocorre com o arrependimento e resignação pelo aprendizado da lição.

2.6 Núcleos temáticos

Os contos apresentam núcleos temáticos que podem ser caracterizados pela Educação e pelo Nacionalismo. O núcleo temático da educação que permeia as narrativas ocorrem em dois sentidos: a educação escolarizada e a educação não escolarizada.

Em *Você já foi à Bahia?* (1950) impera o valor da educação escolar por meio dos personagens Belito e Sr. Souza. A escola é importante porque ensina conhecimentos novos, propicia amadurecimento e civiliza a criança. Saber os conhecimentos transmitidos na escola geram, na narrativa, um reforço emocional positivo do pai para Belito. Assim como desenvolver-se bem na escola faz com que Belito mereça uma viagem de férias.

Nesse livro também é possível observar o nacionalismo como núcleo temático, desenvolvido pela valorização do estado da Bahia, em comparação com o estado de São Paulo.

Há um destaque constante à natureza e aos monumentos históricos, bem como a diversidade cultural, identificada nas festas, roupas, comidas, objetos de decoração e na linguagem da população.

A educação não escolarizada pode ser observada nos outros dois livros, *História do Galo* (1950) e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961), por meio da relação familiar entre os personagens animais, em sua maioria, representados em idade infantil, pois, de modo geral, desobedecem a uma orientação dos mais velhos e são “castigadas”, em seguida.

A educação não escolarizada pode ser observada pelo controle social exercido pelos adultos para civilizarem a natureza desobediente das crianças. Assim, a literatura infantil cumpre o seu papel de “instrumento de educação” (LOURENÇO FILHO, 1943), como apregrado entre os livros de literatura infantil publicados naquele período.

A exceção a esses núcleos ocorre nos contos em que o personagem Candimba está presente, pois não há diferenciação de idade entre os personagens. Desse modo, não existe o personagem adulto sustentando as ações das crianças. A educação nesse caso, se faz pela esperteza adquirida por meio da experiência social com os outros personagens ou pelas

dificuldades enfrentadas no passado. Assim, Candimba representa um tipo de educação muito diferente da apresentada nos demais contos, pois aparece como um tipo de professor da “escola da vida” que exige certa “malandragem” para sobreviver.

2.7 O modo de narrar

A narração ocorre semelhantemente ao da tradição oral. Esse recurso garante uma linguagem que prende a atenção do leitor, pois intercala a narração com os diálogos. Nos livros *História do Galo* (1950) e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961), o narrador é observador objetivo, não conhece o que se passa na mente dos personagens, apenas conta os fatos, por meio da descrição, da ação dos personagens e dos diálogos. (REUTER, 2002).

Já em *Você já foi à Bahia?* (1950), o narrador é onisciente, porque conhece todos os aspectos da vida e da mente dos personagens, podendo descrever seus sentimentos e pensamentos. Por vezes relata suas opiniões e impressões sobre os personagens, influenciando o leitor a tomar uma posição com relação a eles. (REUTER, 2002).

2.8 Livro e capítulo de livro de literatura juvenil

2.8.1 Apresentação do livro *Olavo Bilac* (1952)

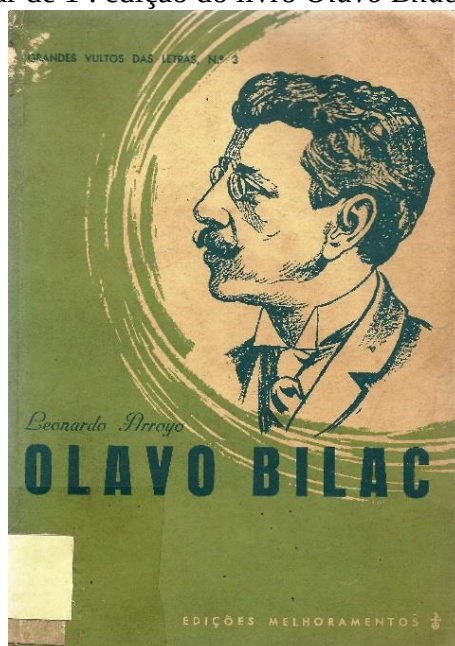
Além de contos e narrativas para crianças, Arroyo teve publicados também um livro e um capítulo de livro para leitores jovens. Ambos são textos biográficos que integraram coleções das editoras Melhoramentos (SP) – “Grandes Vultos das Letras” – e Donato Editora (SP) – “Inventores”. Essas coleções tiveram como objetivo biografar a história de personagens que se destacaram nas mais diversas áreas do conhecimento.

*Olavo Bilac*¹⁴⁴ foi publicado pela editora Melhoramentos (SP), como o 3º. volume da coleção “Grandes Vultos das Letras”¹⁴⁵. Com 43 páginas e formato pequeno, de 13 cm x 15 cm, apresenta a biografia do escritor Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

¹⁴⁴ Cf. nota 208 do capítulo 3 desta tese.

¹⁴⁵ A coleção “Grandes Vultos das Letras”, da editora Melhoramentos teve como objetivo “[f]acultar à juventude estudante do Brasil uma série de biografias dos nomes mais significativos em nossas letras [...]. Cada trabalho foi escrito por autor conceituado, escolhido de per si pela grande simpatia e admiração que dedica ao vulto biografado e sua obra.” (MELHORAMENTOS, 1952, s.p.). A biografia *Tobias Barreto*, de Paulo Dantas abriu essa coleção como o 1º. volume, em seguida foram publicados: *Euclides da Cunha*, de Moisés Gicovate ; *Olavo Bilac*, de Leonardo Arroyo; *Coelho Neto*, de Paulo Dantas; *Graça Aranha*, de Maria de Lourdes Teixeira; e *Paulo Setúbal*, de Júlio Oliveira Rosa.

Figura 42: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Olavo Bilac*, de Leonardo Arroyo (1952).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

De acordo com a editora, esse livro foi destinada à “juventude estudante do Brasil” e tinha como objetivo oferecer “[...] relatos leves mas vivamente agradáveis à juventude e a todos os interessados na vida dos escritores mais em evidência em nossa literatura.” (MELHORAMENTOS, 1952, s.p.).

Em informações biobliográficas sobre Arroyo, localizei uma classificação variada desse livro, em alguns casos, classificado como “literatura infantil” e, em outros, como “literatura infanto-juvenil”. Nesse livro não há ilustrações, constam apenas quatro fotografias – duas de Bilac, uma de seu pai, Dr. Brás Martins dos Guimarães Bilac, e outra de sua mãe, Delfina Bermira dos Guimarães Bilac. Há, ainda: uma caricatura de Bilac criada por J. Carlos¹⁴⁶; 13 poemas ao longo do livro; e um apêndice com os principais acontecimentos da vida desse escritor, apresentados em ordem cronológica.

Olavo Bilac foi organizado em seis capítulos. O primeiro, intitulado “O menino e a guerra”, que narra o casamento dos pais de Olavo Bilac, seu nascimento e infância até os cinco anos de idade. No segundo, “Uma cartilha de ABC”, conta aspectos e sua vida escolar até a entrada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aos 15 anos de idade.

O terceiro e quarto capítulos, intitulados “O estudante sem curso” e “Poeta, jornalista e romancista”, narram o crescente interesse de Olavo Bilac pela literatura e pela imprensa carioca, fato que o fez desistir de duas faculdades: Medicina e Direito, dedicando-se totalmente a carreira de escritor. Os capítulos “Abolicionismo e República” e “O lidador da

Pátria”, contam aspectos de sua produção escrita, locais em que trabalhou, seus ideais e sua vida política. Em todos os capítulos há, pelo menos, um poema do escritor.

Olavo Bilac teve uma 2ª. edição publicada em 1953, ano seguinte à sua 1ª. (1952), pela mesma editora. Essa edição teve o número de páginas ampliado de 43 para 64, indicando possíveis modificações. No entanto, até o momento, não pude recuperar nenhum exemplar que confirmasse essa informação.

2.8.2 Apresentação do capítulo “Fulton, o mago do movimento”

O capítulo “Fulton, o mago do movimento”¹⁴⁷, foi publicado no livro *Grandes vocações*, pela Donato Editora¹⁴⁸, como o 3º. volume da coleção “Inventores”. Essa coleção foi dirigida por Mário Donato¹⁴⁹ e Marcos Rey¹⁵⁰ e contou com o prefácio de Sérgio Milliet¹⁵¹. O livro tem 362 páginas, formato grande, de 15 cm x 23 cm, capa dura na cor verde, e contém, em média, duas ilustrações coloridas em cada biografia.

¹⁴⁶ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre J. Carlos.

¹⁴⁷ Robert Fulton (1765- 1815) foi um “[...] inventor e engenheiro estadunidense que projetou um submarino e um navio de guerra a vapor. [...] Aprendeu a ler e escrever em casa [...] se tornou um aprendiz em uma loja de jóias na Filadélfia, onde se especializou na pintura de retratos em miniatura. [...] A partir de 1794, voltou seus esforços para a engenharia. Em 1797 viajou para Paris e propôs a idéia de um submarino, o “Nautilus”, para ser usado na guerra da França com a Grã-Bretanha.” Em 1800, construiu “[...] o “Nautilus” às suas próprias custas. Financiado por Robert R. Livingston [...] que detinha a concessão da navegação a vapor no estado de Nova York, implantou definitivamente a navegação a vapor, com o lançamento de seu barco de transporte de passageiros, o Clermont (1807) [...]”. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/f/fulton.htm>.. Acesso em 18 mar. 2016.

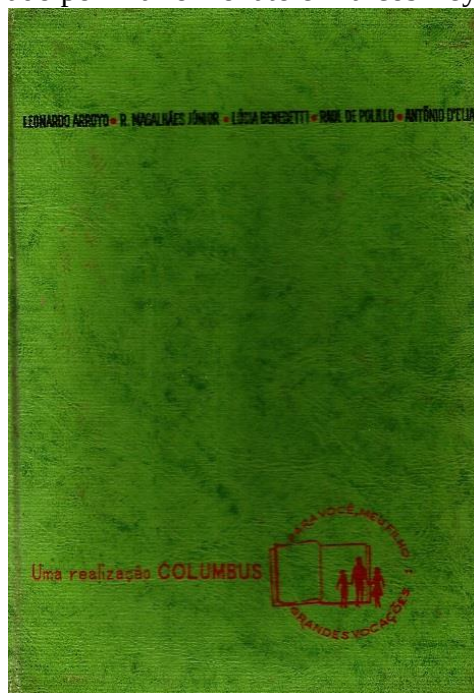
¹⁴⁸ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre a Donato Editora.

¹⁴⁹ Mário Donato (1915-1992), “[...] nasceu em Campinas, SP [...]”, foi um “[...] jornalista, historiador e escritor brasileiro.” É irmão do escritor Marcos Rey [...] foi repórter, redator e secretário da redação do jornal *Folha de S. Paulo* e também redator do jornal *Folha da Manhã*. [...] Abandonou o jornalismo em 1949 para assumir a direção de programação e mais tarde, a direção artística de uma emissora de rádio [...]”. (s.p.). “Foi nomeado vice-presidente da *Radio Nacional* de São Paulo.” (s.p.). Entre os títulos mais conhecidos de sua produção escrita estão: *Presença de Anita* (1948); *Madrugada sem Deus* (1954); e os livros de literatura infantil: *Cinco irmãos bichanos* (1957); *Sargentinho* (1943); *Espertezas de Jabuti* (1947); *Galatéia e o fantasma* (1957); *A parábola das quatro cruzeiras* (1959) e *Domingo com Cristina* (1963). Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MarioDon.html>.> Acesso em: 19 mar. 2016.

¹⁵⁰ Marcos Rey (1925-1999), [...] também conhecido pelo pseudônimo Edmundo Donato [...], foi um escritor e roteirista brasileiro, redator de programas de televisão, [...] adaptou os clássicos *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo em forma de telenovela e o *Sítio do Picapau Amarelo*. [...] Marcos Rey assumiu a presidência da União Brasileira de Escritores em 1961. [...] Em 1967 publicou o livro de contos *O enterro da cafetina* e o romance *Memórias de um gigolô*, ambos sucesso de público e de crítica [...]. Na década de 1980, dedicou-se principalmente às obras voltadas ao público juvenil com *O mistério dos cinco estrelas* e *O Rapto do Garoto de Ouro da Coleção Vaga-lume*.” (s.p.). Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/marcos_rey/index.php?p=5376. Acesso em 18 mar. 2016. No livro *Leitura, literatura e escola*, Mortatti (1989) analisa aspectos “intratextuais”, “extratextuais” e “intertextuais” do livro *O mistério dos cinco estrelas*, de Marcos Rey (1981), e também a utilização desse e de outros livros de literatura infantil em 72 escolas públicas na região de Campinas (SP).

¹⁵¹ Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966) foi “[...] escritor, crítico de arte, sociólogo, professor, tradutor, pintor. [...] Fez o curso universitário de ciências econômicas e sociais em Genebra e em Berna, na Suíça. [...] De volta ao Brasil em 1920, participou ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922. [...] Em 1935, passou a integrar o grupo de intelectuais formado por Paulo Duarte, Mário de Andrade, entre outros, que idealizaram a

Figura 43: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Grandes Vocações: inventores*, organizado por Mário Donato e Marcos Rey (1960).



Fonte: Acervo pessoal da autora

Sergio Milliet apresenta-o como “livro para a juventude”, que tem como objetivo a divulgação “[...] clara e simples de fatos dignos de serem conhecidos e que fizeram dos biografados exemplos merecedores da atenção de nossa juventude”. (MILLIET, 1960, p. 9).

O capítulo “Fulton, mago do movimento”, de autoria de Arroyo é o primeiro do livro, seguido de quatro biografias: “Edison: o bruxo de Menlo Park”, por R. Magalhães Júnior¹⁵²; “Graham Bell, o inventor do telefone”, por Lúcia Benedetti¹⁵³; “Santos-Dumont, conquistador

criação do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Foi nomeado chefe da Divisão de Documentação Histórica e Social desse departamento. [...] Foi professor e secretário da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. [...] Escreveu regularmente sobre literatura e arte para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <http://www.ube.org.br/biografias-detalle.asp?ID=1002>. Acesso em 18 fev. 2016.

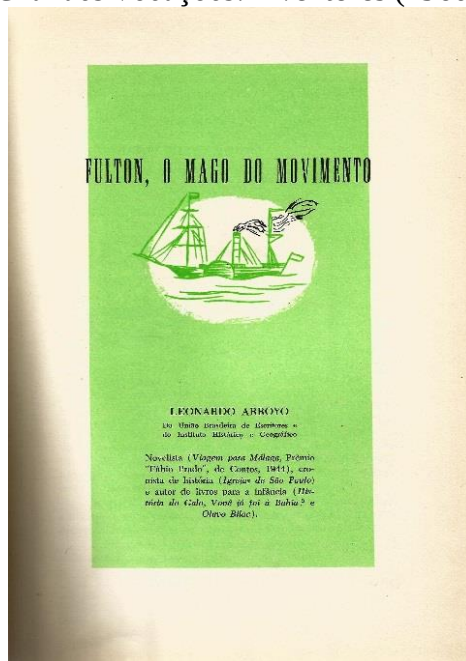
¹⁵² Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981), foi um “[...] jornalista, biógrafo e teatrólogo, estudou humanidades e se iniciou no jornalismo, na *Folha do Comércio*. [...] Desde 1927 escrevia peças de teatro e contos. [...] Era um incansável pesquisador, e do seu trabalho de pesquisa resultaram várias biografias, antologias, dicionários, ensaios e, sobretudo, os volumes da obra esparsa de Machado de Assis. [...] Era membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo e do Ceará.” (s.p.). Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/CGILua.exe/sys/start.htm?infoid=270&sid=317>. Acesso em: 18 mar. 2016.

¹⁵³ Lúcia Matias Benedetti Magalhães (1914- 1998) “[...] nasceu em São Paulo, [...] foi uma contista, escritora de Literatura Infantil, teatróloga, cronista e tradutora brasileira. Ainda estudante, começou a escrever contos, e crônicas para a revista *O Ensaio*. Formou-se em “Ciências e Letras”, pelo Ginásio Bittencourt Silva, em Niterói (RJ). [...] Cursou a faculdade de Direito, em 1932 [...]. Foi precursora do teatro infantil no Brasil encenando em 1948, com a estreia da peça *O Casaco Encantado*, pela *Companhia Artistas Unidos*, [...] lançou as bases do que hoje é considerado dramaturgia infantil brasileira. Disponível em: <http://www.cepetin.com.br/artigos/revisitando-lucia-benedetti/>. Acesso em: 18 mar. 2016.

do espaço”, por Raul de Polillo¹⁵⁴; “Marconi, o animador dos silêncios”, por Antônio D’ella¹⁵⁵.

Figura 44: Capa do capítulo “Fulton, o mago do movimento”, de Leonardo Arroyo no livro *Grandes Vocações: inventores* (1960).



Fonte: Acervo pessoal da autora

Esse capítulo é composto de 32 páginas e foi organizado em 11 tópicos que narram a biografia do inventor e engenheiro norte-americano Robert Fulton. A linguagem empregada é jovem e romanceada, contada por um narrador onisciente que descreve as personagens, mas também influencia o leitor com observações e opiniões.

Os tópicos servem para organizar os pontos principais da vida do personagem, que tem sua história registrada a partir dos 14 anos de idade. O primeiro tópico, intitulado “Sem mastro, nem remo”, narra a primeira invenção de Fulton, que, juntamente com seu amigo

¹⁵⁴ Raul de Polillo (? – 1979) fez “[...] cursos de artes, de estética, de dantologia, de camonologia, de sexologia e de literatura na Europa. Como jornalista profissional, foi crítico de artes plásticas, de teatro e de música; foi redator de política internacional da *Folha da Manhã*. Como escritor publicou seu primeiro romance, *Dança - do Fogo*, em 1922. Depois seguiram *Kyrmath*, *Retrato Vertical - do Brasil*, a biografia intitulada *Santos-Dumont*. [...] Como tradutor, traduziu para o nosso idioma mais de cem obras científicas, biográficas, de estatística, etc., de originais espanhóis, italianos, ingleses, franceses e alemães.” (s.p.). Disponível em: < <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1979/00/00/09/O5/000009O5A.PDF> >. Acesso em: 18 mar. 2016.

¹⁵⁵ Antônio João José D’Elia (1919- ?) “[...] nasceu em São Paulo [...], escreveu crônicas e fez crítica literária para os principais jornais de São Paulo. [...] Em 1943 obteve o 1º prêmio no concurso de contos da revista *Mensagem*, de Belo Horizonte (MG). Publicou ainda: *Notas para um estudo da novelística* (ensaio) (1950); *A mão e a aldrava* (contos) (1950); *O diabo veste-se de preto* (contos) (1959); *Marconi, o animador dos silêncios* (biografia) (1960).” (s.p.) Disponível em: < <http://www.academiapaulistadeletras.org.br/acad%C3%AAmicos-antecedentes/66-cadeira-n%C2%BA-04/355-antonio-d-elia.html> >. Acesso em: 18 mar. 2016.

Cristóvão Gumpf, criou um bote sem mastro e sem remos, no ano de 1779, movido por pás adaptadas à popa do bote.

O segundo tópico “Dias difíceis: esperanças”, narra a situação difícil da família de Fulton após a morte de seu pai, o interesse do personagem pelo desenho e a mudança de sua família para Filadélfia, onde permaneceu até os 18 anos de idade. Em “O caminho da esperança”, conta o encontro de Fulton com Benjamin Franklin e outras personalidades importantes que o ajudaram a desenvolver-se na arte do desenho e da pintura, com a qual pode comprar um sítio para a mãe e os irmãos, partindo, em seguida, para a escola Benjamin West, em Londres, a fim de especializar-se.

Influenciado por essa viagem de navio para a Inglaterra, em 1786, e também pela efervescência industrial da época, no tópico “O pintor frustrado”, Fulton passa a trabalhar com James Watt que realizava estudos sobre a máquina a vapor, abandonando os estudos de desenho. A partir daí, dá início a vários inventos que foram narrados nesse tópico e nos demais, intitulados: “Algum tempo em Paris”; “O submarino, a mina e o barco”; “Entrevista com Napoleão”; “Novamente na Inglaterra”; “A véspera da glória”; “A glória, afinal”.

Algumas das invenções de Robert Fulton foram: a substituição de eclusas nos canais por roletes de madeiras que passaram a subir e descer os barcos; escavadeiras para aprofundar os canais; máquinas para fiar cânhamo e linho; máquinas para serrar e polir mármore; pontes em várias regiões; aquedutos; barco a vapor e submarino.

Além das invenções de Robert Fulton, Arroyo descreve as dificuldades enfrentadas pelo personagem com o descrédito de suas criações pelas autoridades da época, e os problemas com a falta de financiamento, destacando a persistência e criatividade que marcaram a trajetória desse inventor.

2.3 Artigos de jornais com menções a Leonardo Arroyo, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus

Conforme mencionei no capítulo anterior, localizei uma quantidade significativa de textos com menção a Leonardo Arroyo, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus: 694 referências. Desse conjunto, – 414 – são relativas a menções a Arroyo ou citações de textos seus em artigos ou notícias de jornais, publicados entre 1948 e 1986.

Em sua maioria, são notícias relativas à divulgação de prêmios recebidos por Arroyo e lançamento de livros, coleções ou livros de outros escritores com os quais colaborou de

alguma forma, seja por meio de algum capítulo, prefácio, introdução, adaptação, apresentação, legendas, notas ou vocabulários.

Além desse assuntos, localizei 21 menções aos estudos de Arroyo sobre literatura infantil, bem como menções aos seus livros e artigos publicados sobre esse tema. Assim, neste tópico, apresento os artigos publicados em jornais que têm como tema a literatura infantil e a leitura e, nos quais, localizei menções a Arroyo.

Para compreender os tipos de menções referenciadas a Arroyo nesses artigos, apresento, no Quadro 12, as menções ordenadas por assunto, ano e quantidade.

Quadro 12: Artigos de jornais sobre literatura infantil e leitura com menções a Leonardo Arroyo, publicados entre 1949 e 1986, ordenados por ano, tipo de menções e quantidade

Tipos de menções	Livros de literatura infantil	Livro <i>Literatura infantil brasileira</i>	Estudos sobre literatura infantil	Concursos de literatura infantil	Atuação em instituições	Homenagens	Total
Ano							
1949	1	-	-	-	-	-	1
1951	-	1	-	-	-	-	1
1952	1	-	-	-	-	-	1
1960	2	-	-	-	-	-	2
1961	-	-	-	1	-	-	1
1968	-	2	-	-	-	-	2
1969	-	1	-	-	-	-	1
1970	-	-	1	-	-	-	1
1971	-	-	-	1	-	-	1
1972	-	-	-	1	-	-	1
1975	-	1	-	-	1	-	2
1977	-	1	-	-	-	-	1
1978	-	-	-	-	1	-	1
1983	-	-	-	1	-	-	1
1985	-	-	1	-	-	-	1
1986	-	-	-	-	-	3	3
Total	4	6	2	4	2	3	21

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 12, localizei 21 artigos sobre leitura e literatura infantil com menções a Arroyo. A maioria (16 referências) foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, seguidas do jornal *Folha da Manhã* (3 referências); *Correio do Livro* (1 referência); e *Diário Popular* (1 referência). As menções a Arroyo sobre esse tema tiveram início no ano de 1949, quando trabalhava como jornalista no jornal *Folha da manhã*, nesse período, Arroyo já era conhecido como escritor de literatura e de literatura infantil.

Também é possível observar que Arroyo teve mais vezes seu nome mencionado pela publicação do livro *Literatura infantil brasileira* (1968) (6 referências), entre os anos 1951 e 1977. Apresentarei esse livro de forma mais detalhada no capítulo 4 desta tese.

A menção a esse livro que localizei em 1951, refere-se a entrevista mencionada anteriormente que concedeu ao jornal *Folha da Manhã*, onde afirma seu interesse em publicar o livro *Literatura infantil brasileira* para o final daquele ano (1951). No entanto, não localizei informações que indicassem os motivos pelos quais a publicação desse livro ocorreu somente em 1968.

De acordo com o Quadro 12, também localizei menções a livros de literatura infantil (4 referências) que teve publicados ao longo de sua carreira e menções por ter sido membro de Comissões julgadoras de Concursos de literatura infantil (4 referências), realizados entre os anos de 1961 e 1983.

No artigo “Concurso de Poesia do I Salão Infantil”, de 1961, Arroyo foi apresentado como “escritor e crítico literário”, em meio a outros quatro membros da banca que foram apresentados como “especialistas” em literatura infantil.

A seleção das poesias esteve a cargo de um júri constituído pelas seguintes personalidades do mundo literário e jornalístico de São Paulo: poeta Guilherme de Almeida, escritor e crítico Leonardo Arroyo, cronista e poeta José Tavares de Miranda e mais Bárbara Vasconcelos de Carvalho e Valter Neible, poetas especialistas no setor infantil. (FOLHA DE S. PAULO, 22 jul. 1961).

Esse fato pode indicar que, embora naquele momento, Arroyo (1961) já houvesse publicado alguns livros de literatura infantil e artigos sobre esse tema, era mais conhecido e respeitado como escritor de outros assuntos do que como um estudioso da literatura infantil. Fato que viria a acontecer no final daquela década, com a publicação de seu livro mais conhecido *Literatura infantil brasileira* (1968).

Em 1970, Arroyo concedeu uma entrevista ao jornal *Correio do Livro*¹⁵⁶, intitulada “Livro infantil. Essa literatura ainda está na infância?”. Além de Arroyo, o jornal entrevistou outras quatro pessoas: Vania de Andrada e Silva¹⁵⁷, Lélia Vercesi Mader¹⁵⁸, Maria Nazareth Castro e Penna¹⁵⁹ e Lenyra Camargo Fracarolli¹⁶⁰.

¹⁵⁶ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre o jornal *Correio do Livro*.

¹⁵⁷ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Vania de Andrada e Silva.

¹⁵⁸ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Lélia Vercesi Mader.

¹⁵⁹ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Maria Nazareth Castro e Penna.

¹⁶⁰ Lenyra Camargo Fraccaroli (1906-1991) nasceu “[...] em Rio Claro, interior de São Paulo.” Formou-se na “[...] Escola Normal em 1932 [...]”, fez “[...] Administração na conceituada Escola Caetano de Campos em 1933 e Biblioteconomia em 1940. Tornou-se amiga de Monteiro Lobato e, juntos idealizaram e fundaram a primeira biblioteca infantil da cidade de São Paulo, que leva o nome do escritor brasileiro, sendo sua primeira diretora. Em 1950, tornou-se chefe da Divisão das Bibliotecas Infanto-Juvenis de São Paulo [...]” e passou a atuar na instalação de bibliotecas infantis pela cidade. Por sua influência na área, foi “[...] eleita Presidente do Comitê Inter-Americano de Bibliotecas Infanto-Juvenis para a América Latina. [...] Em 1956 tornou-se Presidente da Associação Paulista de Bibliotecários.” (s.p.) Disponível em:

Figura 45: Capa da entrevista que Leonardo Arroyo, Vânia Andrada e Silva, Lélia Vercesi Mader, Maria Nazareth Castro e Penna e Lenyra Camargo Fraccarolli concederam ao jornal *Correio do Livro* (1970).



Fonte: Acervo da Academia Paulista de Letras.

De acordo com a descrição desse jornal, eram “[...] cinco pessoas muito ligadas à literatura infantil [...]” (CORREIO DO LIVRO, 1970, p.7). Leonardo Arroyo e Lenyra Camargo Fraccarolli foram apresentados de forma destacada no jornal, enquanto as demais integrantes do “debate” foram anunciadas como pessoas “[...] intimamente ligadas a bibliotecas infantis”. (CORREIO DO LIVRO, 1970, p. 7).

Para o *Correio do Livro*, nas prateleiras de qualquer livraria do Brasil, havia um “[...] vazio agudamente percebido por pais e mães. São raros os livros infantis de melhor qualidade, excetuando-se as traduções de Andersen, Grimm e La Fontaine ou os nacionais de Monteiro Lobato”. (p. 7). Por isso, o jornal *Correio do Livro* propôs, como tema geral para o debate, as seguintes perguntas: “Qual é o panorama da literatura infantil no Brasil? O que é que nossas crianças lêem? E por que lêem?” (CORREIO DO LIVRO, 1970, p. 7).

Além do tema geral, organizou a entrevista com quatro perguntas.

CL – Por que há tanto distanciamento entre a literatura e a criança? Que causas principais provocam este fenômeno? No plano editorial, não há preocupação com este público infantil?

CL - Há muita controvérsia sobre as histórias em quadrinhos. Elas são nocivas? Contribuem para o desenvolvimento interior da criança?

CL - As fadas, as bruxas, duendes e fantasmas ainda têm lugar na literatura infantil?

CL - O professor contribui para o desenvolvimento da literatura infantil? (CORREIO DO LIVRO, 1970, p. 7-9).

Por meio dessas perguntas é possível observar alguns dos temas e preocupações que envolviam a leitura e a literatura infantil na segunda metade do século XX, no Brasil. Desse conjunto, destaco a resposta de Arroyo sobre a primeira pergunta, para ele, o aumento do número de crianças alfabetizadas relacionava-se diretamente com o aumento do público leitor, mas a escola demonstrava dificuldades em estabelecer o hábito de leitura nas crianças: “[...] creio ser mais um problema de Govêrno, das escolas, de encaminhar mais as crianças para as bibliotecas”. (CORREIO DO LIVRO, 1970, p.7).

Sobre o aspecto editorial dos livros para crianças, para Arroyo (1970), as livrarias não estavam tão vazias de livros infantis quanto afirmava o jornal. Um dos problemas era as diversas “[...] solicitações culturais que cercam a criança [...]” (p. 7), como a televisão, o disco, o cinema, “[...] de forma que eu não acredito que haja um distanciamento, creio ser mais um problema do Govêrno, das escolas, de encaminhar mais a criança para as bibliotecas.” (p. 7).

Arroyo via o mercado de livros infantis como extremamente promissor, o problema, para ele, eram as dificuldades dos alunos com a permanência na escola e o ingresso prematuro dos jovens no mercado de trabalho. Esses fatores não oportunizavam o tempo e o interesse necessários pela leitura.

A bem da verdade, temos que considerar também que existe uma faixa de privilegiados porque grande número de crianças não passa do 1º. ou do 2º. ano primário. São obrigados a abandonar a escola para ajudar economicamente a família; então não há condição para essas crianças lerem. O problema fundamental não é fazer o prédio e pôr a professora, é dar condições à criança para que ela possa freqüentar a escola até o final do curso. E isto é coisa que ainda não se previu. (CORREIO DO LIVRO, 1970, p.7-8).

Outro fator apontado por Arroyo foi a baixa qualidade dos livros de literatura infantil que vinham sendo produzidos no Brasil, e da escassez de livros para o público de 14 a 17 anos nas bibliotecas e no mercado editorial. Arroyo considerou que a profissão de escritor de livros infantis estava cercada de “aventureiros” que não compreendiam o que era um livro para criança: “[a]cho que é um simples espírito de aventura, uma pessoa enche 150 páginas de uma história e acha que aquilo é um livro para criança. (CORREIO DO LIVRO, 1970, p. 9).

Eu acho que a senhora tem tôda a razão. Este é um problema cultural. A nossa interessa-se principalmente pela faixa que vai dos 8 aos 12 anos, é nesta faixa que encontramos maior número de autores, tais como Lobato, Marins, Luís Jardim, etc. Não temos, porém, escritores para esta faixa juvenil. No momento, só me lembro de Isa Silveira Leal, assim mesmo, ela fica restrita à faixa feminina, e aí também há o problema de estágio cultural. Parece-me que nós não temos acompanhado o progresso.

Sobre a questão das histórias em quadrinhos, se são nocivas ou se contribuem para o desenvolvimento interior das crianças, ao contrário de Lenyra C. Fraccaroli que as considera prejudicial por causar “preguiça mental”, Arroyo e as demais professoras a consideram como um “[...] índice de abundância cultural do mundo” (p. 8).

A linguagem está sendo mudada radicalmente. [...] Acho que está havendo uma transformação profunda e a história em quadrinhos, se bem aproveitada, é formidável.[...]. É um defeito nosso achar que tudo o que passou é melhor: o que não corresponde à verdade.

Quando perguntado se o professor contribui para o desenvolvimento da literatura infantil, Arroyo considera essa uma possibilidade, mas não vê no docente o único capaz de desempenhar essa tarefa: “[...] o professor pode contribuir para êsse desenvolvimento. Tudo depende da formação dele. É uma questão cultural.” Por meio desse diálogo, é possível observar que os bibliotecários eram vistos como os mais capazes de contribuir com o desenvolvimento da literatura infantil do que os professores.

Por meio dessa entrevista no jornal *Correio do Livro*, é possível observar que essa discussão vinculava-se em torno da área educacional e, apesar de Arroyo não atuar como professor, apresentado como historiador, ocupava lugar de destaque junto aos profissionais dessa área em relação às discussões sobre o livro, a leitura e a literatura infantil.

Outras duas referências desse conjunto mencionam a indicação do nome de Arroyo e sua participação como membro do júri no Prêmio “Hans Christian Andersen”, organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), realizado em março de 1972, no Museu João de Deus, em Lisboa-Portugal. A indicação do nome de Arroyo para participar como júri desse concurso é indicativa do prestígio que passou a obter como “especialista” em literatura infantil, presumivelmente, após a publicação do livro mencionado.

Localizei duas menções a Arroyo referentes a sua participação na criação da Academia Brasileira de Escritores de Literatura Infantil e Juvenil, idealizada pela professora e bibliotecária Lenyra Camargo Fraccaroli, entre os anos 1975 e 1978, quando reuniu autores e editores de literatura infantil e juvenil preocupados com o desenvolvimento desse setor.

Por iniciativa e organização de Lenyra Fraccaroli (organizadora das bibliotecas infantis do estado de São Paulo), foi realizada a reunião inaugural de fundação da Academia Brasileira de Escritores de Literatura Infantil e Juvenil em sua residência na Av. Faria Lima estiveram presentes: Elza de Moraes Barros Kyrillos, Camila Cerqueira César, Francisco Marins, Hernani Donato, Isa Silveira Leal; Lenyra Fraccaroli, **Leonardo Arroyo**, Lia Souza Campos Ferreira, Lucilla Junqueira Almeida, Maria de Souza Campos Artigas, Marina Tricanico, Maria José Drupré; Zilá Matos Ricci. Não tendo podido comparecer, aderiram a essa iniciativa: Menotti Del Picchia, Barbara Vasconcelos de Carvalho, Ofélia Fontes, Vicente Guimarães e Regina Mello de Souza. Ficou deliberado que serão convocados os escritores de todo o Brasil que se dedicam a esse gênero, a fim de que possam participar dos futuros trabalhos. (FOLHA DE S. PAULO, 1978, p. 2, grifos meus).

Em 1985, o jornal *Folha da Manhã* publicou um artigo sobre Arroyo, intitulado “Robinson Crusoe, um plantador baiano”, que tratava do seu novo estudo na área da literatura infantil – o personagem Robinson Crusoe¹⁶¹, criado, em 1719, pelo escritor inglês Daniel Defoe¹⁶².

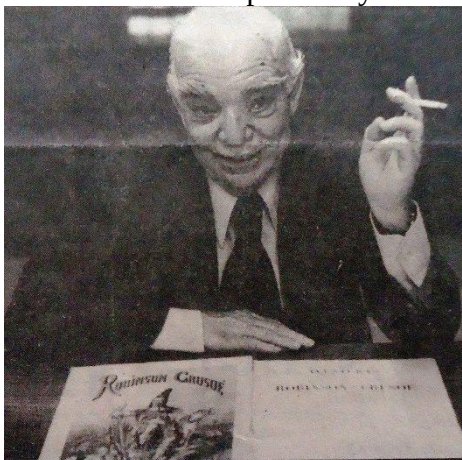
Nesse artigo, Arroyo (1985) foi apresentado como um homem há “[...] décadas dedicado à tarefa de recheiar uma preciosíssima biblioteca [...]”, estava preparando seu próximo livro e que tinha como objetivo contar a história do “Robinson Crusoe baiano” porque

[...] os brasileiros não sabem do papel de seu País na história de Robinson justamente por causa da tradução por Monteiro Lobato da obra de Defoe para a Editora Nacional por volta de 1930. Nela Lobato, ao adaptar e simplificar as aventuras de Crusoe, omitiu justamente sua permanência no Brasil [...]. (FOLHA DA MANHÃ, 1985, s.p.)

¹⁶¹ *Robinson Crusoe* “[...] é um romance escrito por Daniel Defoe [...] publicado originalmente em 1719 no Reino Unido. [...] Epistolar, confessional e didático [...] narra a história de um naufrago que passou 28 anos em uma remota ilha tropical próxima a Trinidad [...]. O livro foi originalmente publicado na forma de folhetins, sendo o primeiro romance-folhetim em edição traduzida para o português cujo título era *Aventuras de Robinson Crusoe*. [...] Supõe-se que o enredo básico tenha sido influenciado pela história de Alexander Selkirk, um naufrago escocês que viveu durante quatro anos em uma ilha do Pacífico. [...] No final do século XIX, nenhum livro na história da literatura ocidental tinha mais reimpressões e traduções [...]” (s.p.). Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/robinson-crusoe-643994.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016. Sobre a adaptação desse livro no Brasil, ver, especialmente: Carvalho (2006).

¹⁶² Daniel Defoe (1660-1731) “[...] foi um escritor e jornalista inglês famoso pelo seu livro *Robinson Crusoe* (1719). [...] Nesse romance narra-se a história de um sobrevivente de um naufrágio que o isola numa ilha aparentemente deserta, na costa do Chile, o marinheiro Alexander Selkirk. O romance se tornou um clássico da literatura infantil mundial. [...] Defoe também escreveu: *O Coronel Jack* (1722); *Lady Roxana ou a cortesã sorte* (1724), *A viagem em toda a ilha da Grã-Bretanha* (1724-1727), *Histórias de piratas* (1724-1728) e *O comerciante Perfeito Inglês* (1725-1727). Disponível em: < <http://www.epdlp.com/escritor.php?id=1631>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Figura 46: Foto de 14 de agosto de 1985, publicado pelo jornal *Folha da Tarde*, onde é possível observar o estudo realizado por Arroyo sobre esse personagem.



Fonte: Acervo da Academia Paulista de Letras

Segundo Arroyo, a tradução integral da obra de Defoe, feita pelas editoras cariocas Garnier¹⁶³ e Laemmert e Cia¹⁶⁴, tinha cerca de 600 páginas e, por isso, não teve circulação no Brasil. No texto original, Robinson Crusoe chegou ao estado da Bahia

[...] com 22 anos e se tornou próspero plantador de açúcar e de tabaco, Robinson viveu [no Brasil] de quatro a cinco anos – 1654 a 1659. Mas, ao partir para a África em busca de escravos para comercialização, naufragou, sobrevivendo nas décadas seguintes em parte às custas dos conhecimentos adquiridos no Brasil. (FOLHA DA MANHÃ, 1985, s.p.).

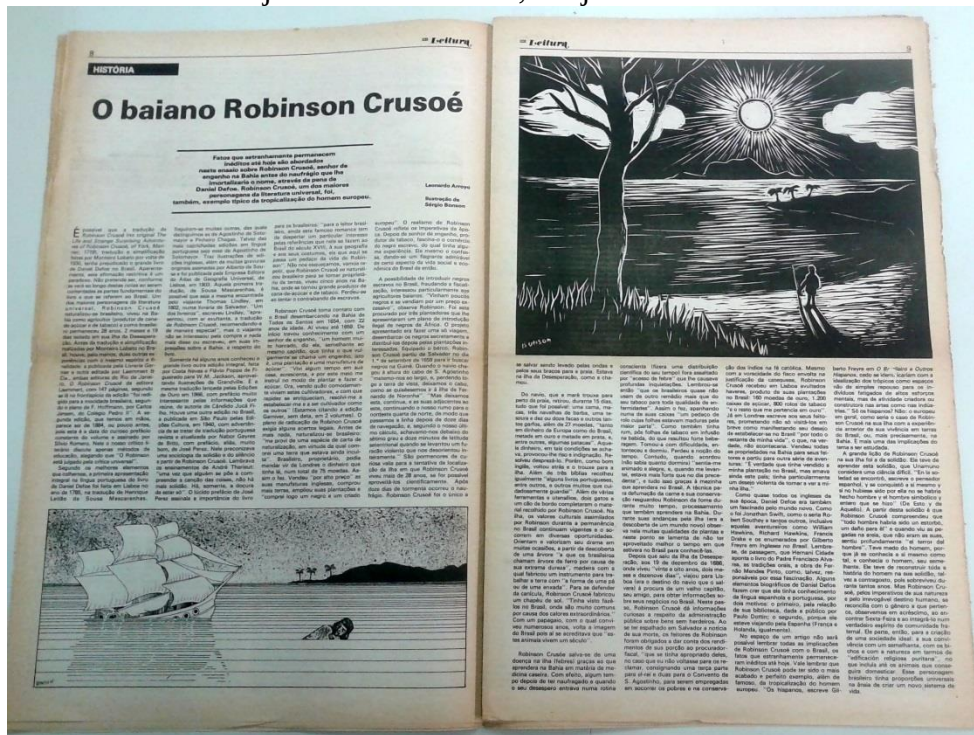
De acordo com esse artigo, foi sua paixão por essa história que “[...] fez Arroyo se deparar há quinze anos com a história integral do personagem e suas andanças pelo Brasil. Até então, como a maioria dos brasileiros, só conhecia a versão de Monteiro Lobato que lhe caiu nas mãos aos doze anos.” (s.p.)

¹⁶³ A Livraria Garnier foi “[...] instalada no Brasil desde 1844 [...] é um exemplo eloquente das novas estratégias do comércio livreiro no movimento internacional de produção e circulação de mercadorias na segunda metade do século XIX. [...] Uma vez instalada no Brasil, Baptiste Louis iniciou suas atividades no Rio de Janeiro em sociedade com a livraria de seus irmãos em Paris, passando a comercializar no Brasil os títulos editados pela Garnier Frères de Paris [...]. Até a década de 1920, a livraria Garnier monopolizou o melhor comércio de livros da capital, tornando-se a principal referência no Brasil na importação de livros de autores europeus em língua francesa e na difusão de autores franceses em geral [...]”. (DUTRA, 2010, p. 70-71). Para maiores informações sobre essa editora no Brasil, ver, especialmente: Dutra (2005).

¹⁶⁴ Laemmert “[...] é o sobrenome dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, nascidos na Alemanha, pioneiros do mercado livreiro e tipográfico brasileiro. Eduardo Laemmert foi o primeiro a chegar ao Rio de Janeiro [...] em 1828, cinco anos mais tarde chegou seu irmão Henrique [...]. Em 1838 inauguraram a *Typographia Universal*, cujo faturamento cresceu 31 vezes em apenas vinte anos. Em 1844, começaram o *Almanack Laemmert*, que superou todos os concorrentes e que, em 1875, chegava a ter 1770 páginas. [...] Com a morte dos Laemmert, em 1891, a firma foi reorganizada com o nome *Laemmert & Companhia*, e em 1898, possuía filiais em São Paulo e Recife. Em 1909, a biblioteca da editora [...] foi destruída por um incêndio, depois disso, nunca mais foi reaberta.[...] Os direitos autorais de sua propriedade foram vendidos a Francisco Alves, que adquiriu o mais famoso de seus títulos, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.” (HALLEWELL, 2005, p. 229-233). Sobre essa editora, ver os seguintes estudos: Silva (2010); Tambara (2002); e Vasconcelos (2013).

Nessa entrevista, o jornal *Folha da Manhã* menciona um artigo que Arroyo teve publicado no jornal *D. O. Leitura* (Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado), no ano anterior (1984), no qual apresenta informações mais ampliadas sobre sua pesquisa.

Figura 47: Foto do artigo “O baiano Robinson Crusóe”, de Leonardo Arroyo, publicado no jornal *D. O. Leitura*, em junho de 1984.



Fonte: Acervo Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade

Nesse artigo, Arroyo (1984) apresenta as diferentes edições e traduções que localizou sobre o livro *Robinson Crusóe* no Brasil, comenta sobre algumas experiências vivenciadas por esse personagem no estado da Bahia e como elas foram importantes para a sua sobrevivência após o naufrágio que sofreu durante uma viagem em busca de escravos, quando ainda vivia e mantinha negócios no Brasil.

Arroyo (1984) explica, também, que pretendia publicar um livro com estudos inéditos incluindo este, sobre Robinson Crusóe. O livro tinha um título indefinido, seria intitulado de *O Moleiro Surdo* ou *Absurda Jerusalém*.

Na verdade, o nosso ensaio mostrando as ligações de Robinson Crusóe com o Brasil [...] é o resumo de trabalho mais longo sob o título *Robinson Crusóe e o Brasil*, com cerca de 30 páginas, a ser publicado, oportunamente, como peça de nosso volume inédito de estudos sob o título provisório de *O Moleiro Surdo* ou *Absurda Jerusalém*. (ARROYO, 1984, p. 18).

Infelizmente, não localizei nenhuma informação sobre a publicação desse livro, no entanto considero-o importante, pois demonstra que o interesse de Arroyo por temas ligados à literatura infantil perpetuou-se até o final de sua vida, especialmente em relação à pesquisa histórica nessa área.

Por meio dos livros analisados é possível compreender aspectos importantes da produção *de* literatura infantil de Leonardo Arroyo que esteve em consonância com as concepções desse gênero literário em meados do século XX, no Brasil. Também foi possível compreender aspectos de sua atuação profissional, pois como escritor para crianças e jovens, contribuiu tematizando a literatura infantil por meio desses livros e capítulo de livros.

No capítulo seguinte, procuro compreender as reflexões de Arroyo *sobre* esse gênero literário, pois, ao longo de sua atuação profissional, deixou de escrever para crianças e passou a dedicar-se às pesquisas e reflexões *sobre* a literatura infantil, publicando seus resultados em artigos, capítulos de livros e livro sobre o tema.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO DE LEONARDO ARROYO *SOBRE* LITERATURA INFANTIL

3.1 O jornalista Leonardo Arroyo

De todo o conjunto de referências reunidas no instrumento de pesquisa (1.706 referências), a maior parte (798) é de artigos que Arroyo teve publicados em diferentes jornais paulistas: *Folha da Manhã*; *Folha da Noite*; *Folha de S. Paulo*; *Diário de Notícias*; *Diário Popular*, entre outros. Essa quantidade de artigos deve-se a atuação de Arroyo como jornalista, pois trabalhou, durante quase 30 anos, no jornal *Folha de S. Paulo*, exercendo diferentes funções, como editor, redator, e diretor da seção “Vida Literária”, fato que justifica o grande número de artigos publicados em periódicos.

No Quadro 10, apresento a quantidade de artigos de jornais que Arroyo teve publicada ao longo de sua atuação profissional como jornalista em diferentes jornais do estado de São Paulo, entre os anos de 1943 e 1984, ordenados por ano, tipo de texto e quantidade. Também nesse quadro, separei de sua produção geral, os artigos em que escreveu crítica literária sobre literatura infantil.

Para ordenar o conjunto de temas abordados por Arroyo ao longo dos 41 anos em que escreveu artigos em jornais, criei categorias por assunto para que fosse possível visualizar a quantidade de temas abordados nesses artigos. As categorias criadas com bases nos assuntos abordados nesses artigos foram as seguintes:

1. Crítica literária em geral;
2. Crítica literária a livros e autores de literatura infantil;
3. Divulgação de eventos sociais, culturais e/ou educacionais;
4. Culinária; e
4. Artigos de abordagem histórica, seja sobre a história da cidade de São Paulo, sobre a formação das igrejas nesse estado ou sobre a história da música popular brasileira.

Assim, no Quadro 13, apresento esses artigos, ordenados por ano, tema e quantidade.

Quadro 13: Artigos de Leonardo Arroyo publicados em diferentes jornais, entre os anos de 1943 e 1984, ordenados por ano, tema e quantidade

Tema Ano	Crítica literária em geral	Literat. infantil	Divulg. de eventos	Form. cidade de São Paulo	Música	Cozinha Brasil.	Artigos ilegíveis	Total por ano	Total por década
1943	-	-	1	-	-	-	-	1	12
1947	-	-	-	-	-	-	1	1	
1948	3	-	1	-	-	-	-	4	
1949	-	-	1	-	-	-	5	6	
1950	-	-	1	-	-	-	-	1	96
1951	-	-	1	2	-	-	-	3	
1952	-	-	-	12	-	-	-	12	
1953	-	-	1	1	-	-	-	2	
1954	-	-	-	1	-	-	1	2	
1956	12	-	2	-	12	-	-	26	
1957	8	-	-	10	8	-	2	38	
1958	-	-	-	4	-	-	-	4	
1959	4	1	1	1	-	-	1	8	
1960	53	22	13	-	-	-	3	91	699
1961	80	10	14	-	-	-	9	113	
1962	27	4	6	-	-	-	15	52	
1963	66	6	18	-	-	-	11	101	
1964	131	11	21	-	-	-	44	207	
1965	76	5	21	-	-	-	18	120	
1966	1	-	1	-	-	-	1	3	
1967	4	3	2	-	-	-	3	12	
1971	-	-	1	-	-	-	-	1	18
1972	-	-	-	-	-	14	-	14	
1977	1	-	-	-	-	-	-	1	
1979	1	-	1	-	-	-	-	2	
1984	1	-	-	-	-	-	-	1	1
Total geral	468	62	107	31	20	14	114	826	826

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 13, Arroyo destacou-se sobremaneira como jornalista durante a década de 1960, quando teve publicados 699 artigos no jornal *Folha de S. Paulo*. Foi nesse período que intensificou sua atuação como crítico literário desse jornal e também quando passou a ter publicadas as suas primeiras reflexões sobre a literatura infantil (62 referências).

No entanto, nos anos de 1968 e 1969, a publicação de artigos de Arroyo diminuiu consideravelmente, se comparados aos anos anteriores. Esse fato coincide com o período em que foi diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, podendo indicar que Arroyo dedicou-se a outras atividades profissionais.

Também é possível observar que, do total de 826 artigos, a maioria (468 referências), confirma o seu trabalho de crítico literário, ao escrever sobre livros e autores que tratavam de

diferentes temas, como: literatura; história; educação; sociologia, antropologia; folclore; música; cultura, entre outros, todos voltados para o público adulto.

A maior parte dos artigos de crítica literária decorrem de livros de literatura (225 referências), história (com 105 referências), e educação (com 28 referências), confirmando inclusive, os temas de maior interesse, e sobre os quais Arroyo vinha publicando alguns livros de sua autoria naquele período.

Também é possível confirmar a variedade de temas tratados por Arroyo e a multiplicidade do autor como características que vinham marcando a produção escrita de Leonardo Arroyo desde a década de 1960.

Além dos artigos de crítica literária, localizei, ainda, 107 referências de artigos em que divulgava algum evento social, cultural ou educacional do período, geralmente promovido na cidade de São Paulo. Há também uma grande quantidade de artigos ilegíveis: 114 referências. Nessa categoria reuni os artigos que não consegui localizar no acervo digital do jornal *Folha de S. Paulo*, embora houvesse a indicação de que ele existia. Reuni também os artigos que não pude realizar a leitura devido ao desgaste do papel.

De acordo com o Quadro 13, os demais temas abordados por Arroyo em artigos de jornais foram: literatura infantil, com 62 referências; formação da cidade de São Paulo, com 31 referências; história da música popular brasileira, com 20 referências; e culinária brasileira, com 14 referências.

As 31 referências de artigos que reuni na seção denominada “Formação da cidade de São Paulo”, resultaram de um conjunto de três séries criadas por Arroyo e publicadas no jornal *Folha da Manhã*, entre os anos de 1951 e 1959.

A primeira delas foi “Igrejas de São Paulo”, publicada entre os meses outubro de 1951 e setembro de 1952, com o total de 14 artigos. Conforme mencionei no capítulo 1, os artigos dessa série resultaram no livro *Igrejas de São Paulo*, publicado pela Livraria José Olympio Editora, em 1954.

A segunda intitula-se “Notas sobre o rio Tietê”, foi publicada entre os meses de fevereiro e março de 1957. Até o momento, não foi possível confirmar a quantidade de artigos que a compuseram, presumo que ela tenha sido composta de seis artigos, pois localizei o primeiro, o terceiro e o sexto artigo. A terceira intitula-se “Tietê e as cartas jesuíticas”, foi publicada entre os meses de novembro de 1958 e janeiro de 1959, e composta de seis artigos. Essas duas últimas possibilitam a publicação de outro livro de Arroyo, *Relação do rio Tietê*, publicado pela Editora Obelisco (SP), como o 9º. volume da coleção “Cadernos de História”.

Entre os meses de maio de 1956 e julho de 1957, Arroyo teve publicado o total de 20 artigos para uma nova série intitulada “Música Popular”. Essa foi a série em que localizei o maior número de artigos e na qual Arroyo escreveu sobre artistas ligados à música brasileira, bem como sobre diferentes gêneros musicais, livros e eventos relacionados a esse tema.

De acordo com o Quadro 13, dos 826 artigos de Arroyo publicados ao longo de sua atuação profissional, em 62 trata de algum aspecto da literatura infantil e temas correlatos, como bibliotecas infantis, livros infantis, escritores e eventos literários ligados a esse público.

Com o objetivo de compreender as características desses artigos e compreender aspectos da produção escrita de Leonardo Arroyo *sobre* literatura infantil, ordenei essa quantidade de artigos por temas, a saber:

- 3.2.1 Livros e autores de literatura infantil;
- 3.2.2 Reflexões *sobre* literatura infantil;
- 3.2.3 Reflexões sobre o escritor Monteiro Lobato;
- 3.2.4 Cursos e prêmios de literatura infantil;
- 3.2.5 Bibliotecas e promoção da leitura;
- 3.2.6. Feiras e exposições de livros infantis;
- 3.2.7 Mercado editorial e a literatura infantil.

3. 2 A produção de Leonardo Arroyo *sobre* literatura infantil: textos de jornais

De acordo com os documentos que reuni, as primeiras tematizações de Arroyo *sobre* a literatura infantil brasileira foram publicadas, inicialmente, no formato de artigos de jornais e capítulos de livros, a partir da década de 1950, conforme comenta em uma entrevista que concedeu ao jornal *Folha da Manhã*, no ano de 1951.

Figura 48: Capa da entrevista que Leonardo Arroyo concedeu ao jornal *Folha da Manhã*, em 6 de maio de 1951.

“HISTORIA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA”

“O tema é absolutamente novo entre nós” — declara o autor de “Viagem para Malaga”

— “Realmente, trata-se de um assunto que eu vem preocupando há mais de um ano e do qual já consegui reunir copioso material, através de pesquisas e de literatura especializada” — disse à reportagem das FOLHAS o escritor Leonardo Arroyo, Premio “Pablo Prado” de 1949, respondendo a uma pergunta sobre se de fato está escrevendo uma “História da Literatura Infantil Brasileira”. E acrescentou o autor de “Viagem Para Malaga” e de alguns livros infantis como “História do Gato” e “Você Já Foi à Baía?”

— “Não tenho a pretensão, já se vê, de realizar uma obra definitiva, pois estou, tentando desbravar um terreno quase inculto. O tema é absolutamente novo entre nós, bastando dizer que em nenhuma das nossas inúmeras histórias literárias existe sequer uma referência especial à ficção dedicada à infância, ficção essa que está assumindo, a partir das últimas conquistas da pedagogia e da psicologia, uma importância fundamental no desenvolvimento cultural da infância de cada país. Por ser exatamente um tema novo é que venho encontrando uma série de dificuldades quase irreversíveis, o suficiente para desanimar qualquer criador. O assunto, porém, é fascinante e a nossa literatura infantil já constitui um patrimônio valioso. Alguns capítulos dessa “História da Literatura Infantil Brasileira” já se encontram prontos e pretendo terminar o livro, se possível e com tempo, no fim do ano, dando uma visão geral do que



Leonardo Arroyo

nas de pessoas no sentido de criá-la, possibilitando à infância um meio de diversão e de educação. Uma literatura que dá “Reina Vea de Marinho” e “Gaudade” não fica nada a dever a uma outra que pode dar, entre outras, uma “Branca de Neve” e um “Pinóquio”.

Fonte: Acervo digital do jornal *Folha de S. Paulo*.

Nessa entrevista, Arroyo considera que a literatura infantil brasileira representada por Monteiro Lobato e Tales de Andrade alcançava um excelente grau de maturidade, mas lamentava o fato de não haver uma produção organizada nesta área como em outros países mesmo após as “[...] últimas conquistas da pedagogia e da psicologia [...]” (s.p.) que caracterizavam a literatura infantil como “[...] fundamental no desenvolvimento cultural da infância de cada país [...]” (s.p.). De acordo com Arroyo, não era possível localizar, no Brasil, nenhuma “[...] referência especial à ficção dedicada à infância [...] dentre as inúmeras histórias literárias que existem no país.” (s.p.).

Com base nos documentos que localizei, a literatura infantil era um tema que “preocupava” Arroyo “[...] há mais de um ano [...]” e sobre o qual já havia conseguido “[...] reunir copioso material através de pesquisas e de literatura especializada.” (s.p.). Com a pesquisa sobre esse tema, estava a “[...] desbravar um terreno quase inculto [...], pois o tema era

[...] absolutamente novo entre nós bastando dizer que em nenhuma de nossas inúmeras histórias literárias existe sequer uma referência especial à ficção dedicada à infância, ficção essa que está assumindo, a partir das últimas conquistas da pedagogia e da psicologia uma importância fundamental no desenvolvimento cultural da infância de cada país [...]. (FOLHA DE S. PAULO, 1951, s.p.).

Ainda comenta que, por se tratar de um “tema novo” estava encontrando uma série de dificuldades “[...] quase irremovíveis o suficiente para desanimar qualquer cristão.” (s.p.). O assunto, para ele, é “fascinante”, pois via a literatura infantil como um “patrimônio valioso”. Lamentava o descaso no Brasil pela “sistematização” de nossa literatura infantil, enquanto em outros países, autores como Wash Burne, Jean de Trigon, V. Battistelli, Albert Thibaldet, apresentavam resultados de estudos sobre a literatura infantil em seus países “[...] aqui ainda não sabemos a quantas andamos mesmo em nossos estabelecimentos de ensino.” (s.p.).

Para se tornar possível a realização de estudos semelhantes no Brasil, Arroyo (1951) chama a atenção para a necessidade de “[...] colaboração de todos os que se interessam pelo assunto, através de sugestões a esse respeito.” (s.p.).

No Quadro 14, apresento os artigos de Arroyo sobre literatura infantil e temas correlatos, como leitura e livros para crianças, publicados nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha de S. Paulo*, entre 1959 e 1967, ordenados por ano, tema e quantidade.

Quadro 14: Artigos de Arroyo sobre literatura infantil e temas correlatos, publicados nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha de S. Paulo*, entre 1959 e 1967, ordenados por ano, tema abordado e quantidade

Tema Ano	Crítica literária de e sobre literatura infantil	Monteiro Lobato	Concursos e prêmios de literatura infantil	Bibliot. e leitura	Feiras e exposições de livros infantis	Merc. Edit.	Total
1959	1	-	1	-	-	-	1
1960	9	7	3	2	1	2	22
1961	5	2	1	-	-	-	8
1962	3	-	-	1	-	-	4
1963	5	1	-	-	-	2	6
1964	8	1	-	-	2	1	11
1965	1	3	-	-	1	-	5
1967	2	-	-	1	-	-	3
Total	34	14	5	4	4	5	62

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

De acordo com o Quadro 14, é possível observar que Arroyo passou oito anos escrevendo sobre literatura infantil nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 1959 e 1967. Os anos em que Arroyo mais teve artigos publicados sobre esse tema foram: 1960, com 22 referências; 1961, com oito referências; e 1964, com 11 referências.

Do conjunto de 62 artigos, a maioria (34) são de crítica literária a livros e autores de literatura infantil. Também tratou da valorização da memória do escritor José Bento Monteiro

Lobato; de cursos de literatura infantil que estavam sendo oferecido naquele período; prêmios nessa área; além de feiras de livros para crianças.

A crítica literária (34) desenvolvida por Arroyo nesses artigos foi diferente, por isso, as subdividi em duas frentes: crítica literária a livros *de* literatura infantil (28 referências); e crítica literária *sobre* a produção desse gênero literário no Brasil e/ou os estudos sobre esse tema (6 referências).

3.2.1 Livros e autores de literatura infantil e juvenil

No conjunto composto de 28 artigos, destaco apenas alguns que considerei representativos do trabalho de crítico literário sobre esse gênero no jornal, pois neles é possível observar a forma como Arroyo entendia os livros para infância, seu objetivo como crítico e a sua função dentro do jornal.

O primeiro artigo de Arroyo que localizei com reflexões sobre a literatura infantil foi “Problemas e crianças”, publicado no ano de 1959, no jornal *Folha da Manhã*. Nesse artigo, Arroyo (1959) apresenta uma coleção de livros infantis, publicada pelo então Serviço de Documentação do Ministério da Viação, intitulada “Mauá-Mirin”. Essa coleção tinha como objetivo focalizar “[...] os principais problemas brasileiros e suas dificuldades [...]”. A coleção dirigida por Antonio Olinto, foi composta de volumes que abordavam como tema as estradas de rodagem, portos, marinha mercante, a seca no Brasil, indústria, agricultura, petróleo, energia elétrica, entre outros.

De acordo com Arroyo (1959), a importância dessa coleção residia em seu “[...] alto interesse educativo [...]” que, por meio de “técnicas de linguagem” adequadas e de “[...] ilustrações acessíveis às crianças de nível primário[...]”, poderiam, desde cedo, familiarizar as crianças “[...] com questões nacionais de profundas repercussões, não só políticas, como sociais e econômicas.” (p. 5).

Essa era uma coleção admirável para Arroyo (1959), pois nela residia dois aspectos importantes, “[...] o aspecto cultural de formação, como também o cívico de surpreendente importância num país como o nosso [...] na sua fase crítica de desenvolvimento e de grandeza.” (p. 5). Desse modo, é possível observar que os livros infantis dessa coleção estavam a serviço de uma formação cultural e cidadã dos jovens leitores.

No artigo “A literatura infantil da Sra. Leandro Dupré” (1960), Arroyo apresenta uma nova edição de três livros dessa autora: *Aventura de Vera Lucia Pingo e Pipoca*; *A ilha perdida* e *O cachorrinho Samba*. Considera que com “[...] seus recursos de escritora, [a autora] coloca as histórias ao alcance das crianças, sem a preocupação contraproducente do

didatismo [...]” (p.5). Arroyo menciona o artigo “Literatura infantil numa perspectiva sociológica”, do professor e sociólogo Fernando de Azevedo, no qual analisa o crescente mercado de livros infantis e destaca o papel das editoras que investiam nesse mercado, tais como: Editora Melhoramentos, Editora Nacional, Livraria Editora Brasiliense, Editora Globo, e Editora LEP. Menciona, ainda, a doação de 1 milhão de cruzeiros anuais que o SESI doaria à Academia Brasileira de Letras, para colaborar com o aumento de prêmios literários a diversas instituições de fomento a literatura infantil.

Para Arroyo (1960), as reedições dos três livros da Sra. Leandro Dupré confirmavam “[...] as qualidades fundamentais que caracterizam a escritora de livros para crianças [...]” (p.5) e também a existência de um “grande mercado” editorial de literatura infantil em nosso país.

Em três artigos publicados entre os anos de 1960 e 1961, Arroyo apresenta críticas a escassez de uma produção de livros especificamente destinados aos jovens leitores. Sob a direção de Tatiana Belinky, Arroyo (1961) apresenta a coleção “História para juventude”, publicada pela Editora das Américas, e ressalta a importância dessa coleção, tendo em vista que a literatura juvenil era “[...] um gênero praticamente não cultivado entre nós, isto é, o de livros para leitores adolescentes. Poucos, aliás, ou mesmo raros, são os autores nacionais no gênero [...]” (p.5).

No artigo “Três volumes de Histórias Curiosas”, indica a leitura do livro de literatura juvenil *Histórias Curiosas*, de Antenor dos Santos Oliveira, ressaltando os temas diversos desse livro e sua “razão educativa” (p. 06). Além disso, destaca a “[...] a técnica adotada pelo escritor, [...] que torna o trabalho narrativo de mais fácil comunicação e proveito [...]”. (ARROYO, 1960, p. 6).

Indica, ainda, a leitura de *Histórias brasileiras para juventude*, de Cid Franco (1961), publicado pela Livraria Martins Editora, com ilustrações de Orlando Matos. Para ele, são histórias “[...] contadas com graça e simplicidade, através da utilização da linguagem decididamente endereçada à juventude, mas sem (e isso seria o mais importante) a chamada “preocupação didática” que perde a grande maioria dos livros no gênero.

Nesse livro, Cid Franco, apresenta 20 personalidades de destaque da história brasileira, considerados por ele, como heróis da vida cotidiana.

O livro de Cid Franco tem todas as características para êxito junto à juventude: instrui, diversifica e educa, sem nenhum ar professoral. É antes o livro de um contador de casos, muitos deles deliciosamente expressos e compostos em estilo claro, enxuto e atraente. (ARROYO, 1961, p. 2).

Em outros dois artigos, é possível observar a compreensão histórica de Arroyo sobre as diferentes características que foram sendo atribuídas aos livros de literatura infantil em cada momento histórico, no Brasil. Em um deles, Arroyo (1962) apresenta a 25ª. edição do livro *Saudade*, de Thales de Andrade, lançado pela Editora Nacional, (SP). Esse livro, para Arroyo (1962),

[...] marca toda uma fase no desenvolvimento histórico da literatura infantil brasileira. Referimo-nos a fase da literatura escolar, que apresentou, no processo do desenvolvimento do nosso livro infantil, uma nítida reação às traduções, que há quase meio século se constituíam em leituras obrigatórias, porque únicas. (ARROYO, 1962, p. 3)

Para ele, a nossa literatura infantil era muito “rica” e “expressiva”, graças aos esforço desse autor e, especialmente, desse livro que “[...] abriu as veredas para a caminhada de nossa literatura infantil [...]” (p. 3).

Em artigo publicado no mesmo ano, 1963, intitulado “Lewis Carroll”, Arroyo (1963) apresenta a 5ª. edição do livro *Alice no país das maravilhas*, desse autor, publicado pela Editora Melhoramentos (SP). Por meio desse artigo, é possível observar uma outra característica de Arroyo como crítico literário, que é o destaque aos autores e suas trajetórias de vida. Nesse artigo, por exemplo, Arroyo (1963) apresenta Lewis Carroll como o “[...] matemático inglês do século passado, [...] é o mago do ‘nonsense’ na literatura infantil [...]”. (p. 3).

O caso de Lewis Carroll é bastante curioso. Nasceu em 1832, e aos 28 de idade começou a publicar várias obras de álgebra e trigonometria. Seu destino, contudo, era outro. Quando tinha 33 anos escreveu, sob o pseudônimo, um livro que imediatamente conquistou o público da Inglaterra, tornando-se depois um clássico da literatura. [...] Para um matemático e filho de vigário, não ficava bem, então, ser autor de livros juvenis onde a realidade aberrava de toda lógica e Dodgson continuou a escrever outras histórias para a juventude com pseudônimo de Lewis Carroll. É como ele é conhecido hoje no mundo inteiro, pois ninguém se lembra do autor das ‘Fórmulas de trigonometria plana’ ou de ‘Dinâmicas de partícula’. Lewis Carroll ficou como grande escritor e sua obra mais famosa é da menina sonhadora. (ARROYO, 1963, p. 3).

Por meio desses primeiro conjunto de artigos é possível observar alguns dos aspectos considerados importante para Arroyo como crítico literário de literatura infantil. Para ele, o sentido dos livros infantis não estava apenas no conteúdo neles expressos, mas também no ilustrador, no tradutor, na editora, e na coleção em que foi publicado. Essa perspectiva “plena” do livro analisada por Arroyo, pode ter decorrido de sua atuação como jornalista, e

das múltiplas funções que exerceu ao longo de sua atuação nesse setor atentando-se para as diferentes etapas de uma publicação impressa, como a diagramação, ilustração, redação, até a sua publicação.

Arroyo destaca o papel das editoras que investiam nesse setor, analisa o crescente mercado de livros infantis e as instituições que estimulavam à produção desse gênero literário. Além desses aspectos, a literatura infantil para Arroyo estava a serviço de uma formação cultural e cidadã dos jovens leitores, embora os textos, para eles não devessem apresentar uma preocupação didática em “tom professoral”, os livros deveriam apresentar uma “razão educativa”. A linguagem de “fácil comunicação e proveito”, foi outra característica ressaltada por ele, a graça e simplicidade de uma linguagem decididamente endereçada à juventude, com estilo claro e atraente.

Outra definição da literatura infantil para Arroyo é que ela é um fenômeno vinculado ao tempo e aos autores-sujeitos e suas trajetórias de vida. Para ele, sem considerar esses aspectos, não é possível compreender o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil.

3.2.2 Reflexões *sobre* literatura infantil

Conforme mencionei, ordenei os artigos de crítica literária em duas frentes e no segundo conjunto contém seis artigos nos quais Arroyo aborda a produção *sobre* literatura infantil no Brasil e/ou os estudos sobre esse tema. Os artigos são os seguintes: “Poesia para a infância”, de 1960; “Polígono”; “Mundo de bichos” e “Dois livros”, de 1964; “O mágico Andersen”, de 1965; e “Tempos de criança – II”, de 1967. Para as análises que proponho, apresentarei apenas quatro artigos desse conjunto, por considerá-los representativos das reflexões de Arroyo *sobre* esse tema.

No artigo “Mundo de bichos”, Arroyo (1964) reclama sobre a ausência de estudos brasileiros na área da literatura infantil e destaca os “esforços isolados” de alguns professores “[...] no sentido de delinear os quadros históricos da literatura infantil brasileira [...]” (p. 02), os estudos e professores mencionados foram os seguintes: *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles (1951); o capítulo “A formação e a conquista do público infantil”, do professor Fernando de Azevedo, publicado no livro *A educação e seus problemas* (1953); e o capítulo “Literatura infantil e juvenil”, de Lourenço Filho, publicado no livro *a História da literatura*, de Marques da Cruz (1957).

Para Arroyo (1964), a ausência de estudos nessa área não poderia ser justificada pela “pobreza” bibliográfica de nossa literatura infantil. Pelo contrário, havia uma

[...] riqueza enorme no Brasil de livros para crianças e seu valor se expressa pelas numerosas traduções das obras de Monteiro Lobato com a projeção do teatro infantil de Maria Clara Machado no exterior e agora, o reconhecimento na Inglaterra e na Alemanha dos trabalhos de Francisco Marins, para cujas línguas estão sendo traduzidos. (ARROYO, 1964, p. 2).

Arroyo (1964) indigna-se nesse artigo pelo fato de o livro laureado *O boi aruá*, de Luís Jardim, delongar-se 24 anos para receber uma nova edição. A 1ª. edição desse livro foi premiada pelo Ministério da Educação, no concurso realizado pela Comissão de Literatura Infantil, organizada por Lourenço Filho, com láurea atribuída por nomes importantes de nossa literatura e cultura brasileira, tais como: Maria Eugenia Celso; Euvira Nizynska da Silva; Manuel Bandeira; Murilo Mendes; Jorge de Lima e José Lins do Rego.

Diante desse fato, Arroyo (1964, p.2) questiona o “[...] quanto andamos divorciados da realidade da infância”. Para ele, não havia justificativa plausível para a falta de críticos e historiadores da literatura infantil no Brasil, a não ser pelo “[...] preconceito que não se proclama, mas se cultiva: o de que ela é um gênero menor, e assim considerada não mereceu e não merece melhor atenção.” (p. 02)

Em outro artigo, intitulado “Dois livros”, trata de outros autores responsáveis pela produção desse gênero literário no Brasil, ressaltando a importância do período denominado por ele de “literatura escolar”. Arroyo (1964) destaca o pioneirismo de escritores como Coelho Neto, Alexina Magalhães Pinto, Prisciliana Duarte, Zalina Rolim, João Ribeiro, João Vieira de Almeida, Olavo Bilac, dentre outros, para a formação de nossa literatura infantil. Para ele, esses autores “criaram condições” que resultaram no aparecimento de Monteiro Lobato e sua literatura infantil.

Nesse artigo, analisa a recepção do livro *Campo e cidade* (1964), de Thales de Andrade, que estava sendo publicado pela Companhia Editora Nacional, naquele ano [1964]. De acordo com Arroyo (1963), a recepção do novo livro não poderia ser a mesma que teve o livro *Saudade* (1919), do mesmo autor, uma vez que “[...] os anseios já não são aqueles [...] tampouco os leitores de 30 anos atrás, pois a literatura infantil é um “[...] fenômeno que se vincula ao tempo [...]”. (p. 2).

O tempo para Arroyo (1964) era um problema difícil na literatura infantil, mas o livro de Thales de Andrade não só resistiu a ele como superou o “período escolar” da literatura infantil, “[...] projetando-se pelo tempo numa reafirmação iniludível de sua natureza especial [...]”. Para ele, esse livro tratava de “[...] valores especificamente brasileiros [...] com o complexo cultural que nos cercava e correspondia exatamente a uma estrutura-histórico

social.” (p.2). O mesmo não ocorreria com *Campo e cidade*, pois a relação entre “leitor-conteúdo-estrutura” já não correspondiam ao tempo presente [1964].

Ainda analisando a produção sobre a literatura infantil no Brasil, no artigo “Tempos de criança – II”, Arroyo (1967), escreve sobre a contribuição do livro *História y antologia de la literatura infantil ibero-americana*, de Carmen Bravo-Villasante (1966), para esse campo de conhecimento. Nesse livro, a autora analisa a produção de literatura infantil de vários países, como: Portugal; Peru; Porto Rico; São Domingos; El Salvador; Uruguai; Venezuela; Brasil¹⁶⁵, Filipinas, por meio de antologias de diversos autores.

De acordo com Arroyo (1967), para realizar esse trabalho, a autora contou com a colaboração de alguns especialistas brasileiros, tais como: Amanda Álvaro Alberto; Fernando de Azevedo; Luís Câmara Cascudo; Lenyra Camargo Fraccaroli, e Paulo Rosas. No entanto, nesse artigo, Arroyo (1967) ressenete-se do fato de Carmen Bravo-Villasante não utilizar o trabalho do professor Lourenço Filho, o capítulo “Literatura infantil e juvenil”, que mencionei anteriormente.

Para Arroyo (1967), as pesquisas brasileiras sobre esse tema “[...] não foram feitas ainda de modo sistemático e criticamente científico” (p. 3), como o que essa autora apresentava, por isso, esse livro significava uma verdadeira lição histórica e um exemplo de “[...] esforço de pesquisa e de domínio do tempo [...]” (p. 3) que ainda precisava ser constituído no Brasil.

Por fim, destaco o artigo “Poesia para a Infância”, no qual é possível observar algumas reflexões de Arroyo (1960) sobre a conceituação e a função da literatura infantil. Nesse artigo, ao apresentar o livro *Poesia brasileira para a infância*, organizado por Ricardo Nunes e Cassiano da Silva Brito, e publicado pela Editora Saraiva (SP), Arroyo (1960) reclama à ausência de uma crítica específica da literatura infantil no Brasil. Para ele, precisávamos de uma teoria e crítica específicas nesse setor, pois a literatura destinada a infância era muito diferente da literatura para adultos. Essa área ainda não era desenvolvida devido ao preconceito que sofria.

São dois processos de um mesmo fenômeno cultural com características eminentemente díspares. Essa contradição de nossa cultura e a tendência em ignorar a literatura infantil deve encontrar a explicação no preconceito, sem dúvida, preconceito que nem mesmo o rigor da produção de um Monteiro Lobato, dando maioridade ao gênero no Brasil, pode destruir. (ARROYO, 1960, p. 56).

¹⁶⁵ Os autores brasileiros que figuraram na antologia desse livro foram: Couto de Magalhães; Silvio Romero; Cecília Meireles; Monteiro Lobato; Humberto de Campos; Thales de Andrade; Lucia Machado de Almeida; Viriato Corrêa; Maria Clara Machado; Francisco Marins e Gerda Brentani.

Poesia brasileira para a infância foi considerada “revolucionária” por Arroyo (1960), em decorrência do “critério estético” adotado por seus organizadores. Para ele, os livros infantis precisam do que chamou de uma “[...] sedimentação de obscura atmosfera irreal [...]” (p. 56). Essa “atmosfera irreal” estava presente nos clássicos desse gênero e explicavam a sua permanência entre os leitores. Para Arroyo (1960), nesse livro “[...] não existem intenções pedagógicas, [...] contudo possuem aqueles valores universais de compreensão que tanto atingem a criança como o adulto, os específicos da natureza humana. [...]” (p. 56)

Pela primeira vez em um livro destinado ao público infantil não se via proclamada a “[...] prevalência dos critérios pedagógicos [...]” (p. 56), chamados por ele de “intimismo pedagógico”. Esse recurso “[...] subvert[ia] a significação e o apelo da literatura infantil, cujo mistério se equaciona no que Paul Hazard chamaria de ‘desmerveilles du possible’, ou no que os exegetas mais autorizados classificam de ‘nonsense’.” (p. 56).

Sobre a antologia *Poesia brasileira para a infância*, Arroyo (1960) assevera que nem todos os 60 poetas escreveram para crianças e que esse fato não trazia “[...] elementos impeditivos para a compreensão da criança. (p.56). No entanto, entende que essa sua própria afirmação poderia ser contestada: “Achamos a seleção de poemas a melhor possível. Mas também a achará a criança?” (p.56).

Para ele, esse era um tipo de pesquisa, dentre muitas outras, que precisavam ser realizadas no Brasil na área da literatura infantil:

[...] acompanhar os resultados de seu contacto com a infância ledoras, se fosse possível em termos estatísticos. Eis aí uma experiência para a Biblioteca Infantil realizar propondo-se saber se realmente, critérios estéticos prevalecem ainda na atitude da criança em relação à literatura. (ARROYO, 1960, p. 56).

Por meio desses artigos é possível vislumbrar o cenário dos estudos sobre literatura infantil no Brasil, até a início da década de 1960. Em alguns desses artigos, Arroyo destaca os “esforços isolados” dos professores Cecilia Meireles (1951), Fernando de Azevedo (1953), e Lourenço Filho (1957), porque delinearam as primeiras reflexões sobre esse tema, bem como os princípios históricos da formação desse gênero literário no Brasil.

Arroyo destaca, ainda, nomes importantes de nossa literatura e cultura brasileira, considerados pioneiros na produção de uma literatura infantil com características especificamente nacionais, autores que integraram o período denominado por ele de “literatura escolar” e autores que permaneceram no tempo.

Outro aspecto importante para Arroyo era a necessidade de os livros infantis apresentarem o critério estético que chamou de “atmosfera irreal”, pois esses critérios explicavam a permanência dos clássicos entre os leitores.

No entanto, Arroyo pondera a necessidade de estudos “sistemáticos” e “criticamente científicos” nesse setor. A ausência desses estudos, para ele, não poderia ser justificada pela qualidade de nossos livros para as crianças, pois eram extremamente “ricos”, com seu valor sendo atestado pela publicação em outros países.

3.2.3 Reflexões sobre o escritor Monteiro Lobato

Arroyo teve publicados o total de 14 artigos sobre o escritor de literatura infantil José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), no jornal *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 1960 e 1965. Nesses artigos Arroyo trata especialmente da valorização da memória do “fundador” da literatura infantil brasileira e do descaso que vinha sofrendo em relação ao atraso de nove anos na desapropriação do sítio onde nasceu o escritor, na cidade de Taubaté (SP).

Desse conjunto, seis artigos tratam da indenização que deveria servir para restaurar a casa de Monteiro Lobato e construir um espaço de memória sobre a vida do escritor, visto que esse local serviu de inspiração para as histórias do Sítio do Picapau Amarelo¹⁶⁶. Os artigos em que tratou desse assunto foram os seguintes: “Monteiro Lobato e o muro” (1960); “A figura de Monteiro Lobato” (1960); “Pássaros sobre Escombros” (1960); “A UBE e a questão Monteiro Lobato” (1960); Tombamento da casa de Lobato” (1960); “Chácara do Visconde” (1961); e “Monteiro Lobato” (1963). No ano de 1963, alguns desses artigos foram publicados no capítulo “Monteiro Lobato e o muro” e publicados no livro *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas*.

No artigo, intitulado “Tombamento da casa de Lobato”, Arroyo (1960), comenta que o diretor do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo de Melo Franco Andrade, estava tomando providências para o tombamento da Chácara do Visconde, pois

¹⁶⁶ A Câmara Municipal de Taubaté (SP) “[...] aprovou lei desapropriando a área onde se localiza o famoso Sítio do Picapau Amarelo e em que nasceu Monteiro Lobato. A Assembleia Legislativa de São Paulo, por iniciativa do deputado Cid Franco, autorizou a doação da verba necessária à aquisição do imóvel [...]” no entanto, a “[...] lei não foi cumprida.” (ARROYO, 1963, p. 78). Essa lei foi aprovada em 1957 e, em 1958, o deputado Cid Franco “[...] entrou com uma nova discussão de aumentar o lugar, mas foi um processo muito demorado para ser aceito por superiores.” (s.p.). Em 1960 foi aprovado um parecer favorável para “[...] ser cumprida a lei que desapropriou a “Chácara do Visconde”, a fim de ser instalado o museu “Monteiro Lobato [...]” (s.p.) Depois de “[...] obras de restauro, concluídas em 1979 [...], [e]m 1981, o museu foi entregue à população, em comemoração à 39ª Semana Monteiro Lobato.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/cultura/museu-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

esteve ameaçada de demolição pelo atual proprietário, pelo fato do governador do estado ter deixado expirar o prazo da lei de indenização pela desapropriação do local.

Por conta do corrido, o governo do Estado de São Paulo e a prefeitura de Taubaté passaram a acusar-se mutuamente sobre as responsabilidades de tomarem para si os encargos de aquisição da Chácara para transformá-la em museu.

Embora providências no sentido de recuperação da Chácara do Visconde tenham sido prometidas, várias e reiteradas vezes, por diversas autoridades inclusive pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nenhuma foi efetivada. O sr. Osvaldo Barbosa Guisar, presidente da Comissão Executiva da Semana Monteiro Lobato, a respeito do assunto declarou que, “o tempo está a desmentir a apregoada boa vontade de uns e outros, de sorte que Taubaté está fadada a perder uma das poucas relíquias históricas que ainda conserva. (ARROYO, 1961, p. 4)

Em trecho do artigo “Chácara do Visconde”, é possível observar o estado em que se encontrava a antiga propriedade, no ano de 1961.

A casa encontra-se completamente abandonada entregue as intemperes e as constantes visitas de garotos travessos que estão acabando com as árvores que circundam aquele solar. Se não for restaurada com urgência, a residência ruirá. (ARROYO, 1961, p. 4)

Arroyo (1960) inicia o artigo “Monteiro Lobato e o muro”, afirmando que “[u]ma grave conspiração cresce em torno do seu nome [Monteiro Lobato], a partir principalmente daqueles de quem se deveria esperar o brado de alerta.” Essa denúncia de Arroyo (1960) deve-se a dois motivos: o primeiro foi o fato de um trabalho premiado no Concurso dos Correios, realizado em comemoração ao aniversário de cinco anos da empresa Petrobrás, ter sido alterado porque homenageava Monteiro Lobato e sua luta contra o subdesenvolvimento. O segundo motivo foi o fato mencionado envolvendo o descaso com a desapropriação da Chácara do Visconde. Arroyo (1963) posiciona-se extremamente contra esses fatos.

Êsses dois fatos positivam o muro de silêncio que se vem construindo em torno da memória de Monteiro Lobato, com a colaboração de tijolos de muita gente. Estas linhas pretendem negar o nosso tijolo, tão certos estamos de que não serão os interesses subalternos de instituições e pessoas que hão de desfigurar Monteiro Lobato principalmente como o criador de nossa literatura infantil. (p. 4)

No mesmo ano, esse artigo foi publicado no jornal *A Tribuna*, da cidade de Taubaté (SP), pelo então presidente da Comissão Executiva da Semana Monteiro Lobato, Oswaldo B. Guisard, “[...] unindo forças para valorização da memória de Monteiro.” (p. 4).

No artigo “Pássaro sobre escombros” (1960), Arroyo comenta sobre uma carta em que o então proprietário da Chácara enviou ao Conselho Permanente da Semana Monteiro Lobato, em que diz não ter condições de manter o prédio que entrou em ruínas, pois sua conservação tornou-se onerosa. Nesse artigo, consta o documento elaborado pelo Conselho em resposta a sociedade.

Quanto a nós [Conselho Permanente da Semana Monteiro Lobato], dormiremos agora com a tranquilidade dos que caem vendidos diante de uma injustiça que se consuma irremediavelmente, após uma luta ingente de quase 9 anos. [...] A luta, porém, foi feita em surdina contra Monteiro Lobato, com ares de romance de capa e espada, chegando-se ao primor de contrariar dispositivos constitucionais no que tange a execução das leis. (ARROYO, 1963, p. 80).

Após essa carta elaborada pela Conselho Permanente da Semana Monteiro Lobato, a União Brasileira dos Escritores (UBE), manifesta-se publicamente por meio de um documento enviado à sociedade e apresentado por Arroyo (1960) no artigo “A UBE e a questão Monteiro Lobato”.

[...] A União Brasileira de Escritores de São Paulo protesta publicamente contra êsse descaso oficial, contra o desrespeito à letra da lei, que não se cumpre por omissão e negligência. Faz um apêlo a tôdas as entidades culturais, não só do Estado de São Paulo, mas ainda de todo o Brasil – porque o nome de Monteiro Lobato é um patrimônio nacional – e insiste para que unam todos os seus esforços, a fim de não se transformar num atentado irreparável o que se está passando com a Casa de Monteiro Lobato em Taubaté. (ARROYO, 1963, p. 82).

As informações que localizei sobre esse assunto são muito confusas e contraditórias, por isso, não foi possível identificar os tramites finais em relação a desapropriação e indenização do local. De acordo com os documentos que reuni, em 1957, a Câmara Municipal de Taubaté (SP) aprovou lei desapropriando a área onde se localiza o famoso Sítio do Picapau Amarelo. A Assembleia Legislativa de São Paulo, por iniciativa do deputado Cid Franco, autorizou a doação da verba necessária para a aquisição do imóvel, no ano de 1958, no entanto essa verba nunca foi liberada. (ARROYO, 1963).

Em 1960 foi aprovado um parecer favorável para “[...] ser cumprida a lei que desapropriou a Chácara do Visconde, a fim de ser instalado o museu "Monteiro Lobato [...]”. Na década de 1970, iniciou-se obras de restauro da Chácara, concluídas em 1979, e, em 1981, o museu foi entregue à população, em comemoração à 39ª Semana Monteiro Lobato¹⁶⁷.

Os demais artigos desse conjunto, tratam de homenagens a Monteiro Lobato realizadas por diversas instituições ligadas a educação e a promoção da leitura no país, como foi o caso da Câmara Brasileira do Livro, que no ano de 1961, realizou, na Biblioteca Municipal de São Paulo, uma conferência sobre o tema “Monteiro Lobato e o folclore”, ministrada por Laura Della Mônica.

Em 1963, Arroyo apresenta informações sobre o Aniversário de Monteiro Lobato e as festas nas cidades de São Paulo e Taubaté, organizadas pela Câmara Brasileira do Livro e a Comissão Permanente da Semana Monteiro Lobato. Na ocasião, Darci Marcondes, presidente do Instituto Monteiro Lobato, proferiu uma palestra intitulada “Monteiro Lobato, jornalista”.

Em 1965, a Comissão Executiva do Conselho Permanente da Semana Monteiro Lobato, presidida por Osvaldo Barbosa Guisard, comemorava a organização da XIII Semana Monteiro Lobato em que se destacavam as obras e a personalidade do criador da literatura infantil brasileira. Essa semana contou com palestra de abertura ministrada pelo escritor Nelson Palmas Travassos, autor do livro *Minhas memórias de Monteiro Lobato*. Na ocasião, esse escritor recebeu o troféu “Jeca Tatu”, pela publicação do livro citado.

Ainda em 1965, em comemoração ao aniversário de Monteiro Lobato, nos estabelecimentos de ensino da cidade de Taubaté realizou-se concurso sobre a vida e a obra desse autor, destacando-se a Maratona¹⁶⁸ literária Monteiro Lobato, patrocinada pela Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura da Secretaria do Governo do Estado de São Paulo.

Para essa semana, a Comissão Executiva preparou, ainda, um volume com trabalhos inéditos de crítica literária do escritor que não constavam em sua bibliografia geral. Esse volume seria publicado pela Editora Brasiliense (SP).

¹⁶⁷ Algumas dessas informações foram retiradas do livro *O tempo e o modo: literatura e outras e notas* (1963) e também no site do Museu Monteiro Lobato. Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/cultura/museu-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 20 maio 2016.

¹⁶⁸ A Maratona literária Monteiro Lobato foi realizada entre os alunos dos “ciclos colegiais e normais” que disputaram o Troféu Candido Fontoura, constituído de bronze, representando o busto ou a cabeça de Monteiro Lobato. A escola vencedora ficaria de posse do Troféu durante um ano, podendo pertencer, de forma definitivamente, ao estabelecimento que vencer o concurso três anos seguidos ou cinco alternados.

Em outros artigos, Arroyo trata de homenagens como essa, apresentando o programa e a festas realizadas pela Câmara Brasileira do Livro, pelo Instituto Cultural Monteiro Lobato e por Centros Acadêmicos de São Paulo e Taubaté.

3.2.4 Cursos e prêmios de literatura infantil

O conjunto de seis textos reunidos neste tópico são, em sua maioria, textos breves de dez a 20 linhas por isso, em decorrência de sua extensão, classifiquei-os como notícia¹⁶⁹.

Localizei duas referências em que Arroyo anuncia cursos de literatura infantil. O primeiro, intitulado “III Curso de Literatura Infantil”, realizado na Biblioteca Municipal “Monteiro Lobato”, na cidade de São Paulo. Esse evento contava com a participação de pessoas renomadas na área da literatura e da cultura do país:

[...] como se sabe, desde 1953 [...], [a Biblioteca Municipal] vem realizando anualmente este curso, o qual já contou com a participação, de, dentre outros: Menotti Del Picchia, Júlio Gouveia, Tales de Andrade, Aldo de Assis Dias, Antônio D’Ávila, Ernani Donato, Chiquinha Rodrigues, Marina Tricanico, Carlos Correia Mascaro, Rafael Grisi, Solon Borges dos Reis, Antenor Santos de Oliveira e Bernardo Pedroso. Nesse ano serão convidadas outras pessoas de grande destaque no meio literário e cultural. (ARROYO, 1960, p. 3).

Em 1962, Arroyo anuncia outro curso promovido pelo Instituto Cultural Monteiro Lobato, realizado na Biblioteca Municipal Mario de Andrade. Os principais temas abordados seriam: a arte de escrever para crianças; a arte de contar histórias; e a psicologia da criança. Esse curso foi organizado principalmente para normalistas e professores primários, mas era aberto para outras pessoas interessadas nesses temas.

As cinco notícias que tratam de prêmios destinados a concursos de literatura infantil, foram publicadas entre os anos de 1959 e 1961. Na notícia “Entrega do prêmio Jabuti de 1959”, Arroyo (1959), anuncia a premiação nas seguintes categorias: romance; poesia; ensaio; novela; contos; literatura infantil; história literária; e imprensa. Na categoria literatura infantil o prêmio foi concedido ao escritor Antonio Olinto.

Na ocasião, foram entregues o diploma “Amigo do livro” e os distintivos “Dedicação ao Livro” para personalidades ligadas a cultura do país, a produção e circulação do mercado editorial.

¹⁶⁹Notícia é o “[...] relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante. A estrutura da notícia é lógica; o critério de importância ou interesse envolvido em sua produção é ideológico: atende a fatores psicológicos, comportamentos de mercado, oportunidade etc.” (LAGE, 2006, p. 73).

Em 23 de setembro de 1960, Arroyo (1960) teve publicada uma notícia sobre o Prêmio Literário concedido à escritora Lygia Fagundes Telles, pelos livros publicados na coleção “Círculo de Boa Leitura”, da Editora Melhoramentos (SP). Os livros dessa coleção tiveram recorde de vendas naquele ano.

Na notícia “Prêmio de Teatro Infantil”, Arroyo (1960) anuncia o prazo de inscrição para o concurso “Hermen Muller Carioba” de teatro para infância, com prêmio no valor “[...] de vinte mil cruzeiros para o melhor autor, patrocinado pela União Brasileira de Escritores (UBE) [...]” (p. 7). Poderiam concorrer a esse prêmio peças inéditas ou publicadas no período entre novembro de 1959 e outubro de 1960.

Em “Prêmio de Literatura Monteiro Lobato”, comenta que o 1º. Concurso de literatura infantil realizado na cidade do Rio de Janeiro premiou o escritor Walmir Ayala com o livro *O Canário e o manequim*. O prêmio foi entregue pela escritora e teatróloga Lúcia Benedetti e pelo professor Lourenço Filho.

Em “Vila-Lobos e o Prêmio Jabuti”, destacou o melhor livro de literatura infantil que concorreria ao Prêmio Jabuti de 1960, trata-se do livro *Villa Lobos: alma sonora do Brasil*, de Arnaldo Magalhães de Giácomo, publicado em 1959, pela Editora Melhoramentos (SP). Trata-se da biografia de Vila-Lobos que aborda muitos aspectos de sua infância.

3.2.5 Bibliotecas e promoção da leitura

Localizei quatro referências de artigos em que Arroyo trata da importância das bibliotecas infantis e da promoção da leitura na infância, desse conjunto, destaco o artigo “Bibliotecas nos Municípios”, no qual apresenta o “apelo” do Instituto Nacional do Livro¹⁷⁰, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura para que as prefeituras de diversos municípios brasileiros aderissem ao convênio com esse Instituto destinado à instalação de bibliotecas infantis nas cidades brasileiras. Com base em informações do ano de 1959, Arroyo (1960) afirma que, até aquele momento, existiam 654 bibliotecas infantis mantidas por governos municipais. Desse conjunto, somente os estados de Minas Gerais, São Paulo e Bahia alcançavam a média de 50 bibliotecas por estado. O território Federal de Rondônia não possuía nenhuma biblioteca municipal. Até o ano de 1960, 121 bibliotecas infantis haviam sido criadas pelo Instituto Nacional do Livro, em diferentes estados:

¹⁷⁰ Cf. nota 82 do Capítulo 1 desta tese.

[...] o Instituto Nacional do Livro, de cujo programa consta, este ano o objetivo de alcançar a instalação de mil bibliotecas até o dia 11 de dezembro próximo [...] lançou o seu primeiro apelo numa carta aberta aos deputados federais. Agora reforça o seu apelo por meio de revistas culturais, jornais e entidades conforme assinala em seu último número a revista 'Leitura'.

As bibliotecas para Arroyo (1960), eram consideradas como um “patrimônio nacional” e era com esse objetivo que o Instituto Nacional do Livro, procurava instaurar convênio com as prefeituras dos municípios, comprometendo-se também com o contínuo fornecimento de livros aos estudantes do interior dos estados.

Em 16 de março de 1962, Arroyo (1962) teve publicado o artigo “Bibliotecas e leitura”, no qual apresenta críticas ao atendimento que a Biblioteca Municipal Mário de Andrade vinha oferecendo aos leitores: “[...] há gigantes deficiências que se vêm observando na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, que abrangem desde a inalterabilidade do acervo até a acomodação de leitores e consulentes e revelam, como é de costume da parte de nossas autoridades, o velho desprestígio pelas coisas culturais. [...]”. (p. 4). Destaca a falta de funcionários e de organização do acervo, para ele, esses aspectos tornavam evidentes o descaso com a cultura, a leitura e o livro na cidade de São Paulo.

Além disso, aponta o corte de 50% no orçamento da Comissão Estadual de Literatura que vinha realizando um “[...] amplo programa cultural, não só editando livros com o desenvolvimento de atividades culturais no interior do Estado e distribuindo prêmios [...]”, como um “menosprezo pelas coisas do espírito”. (ARROYO, 1962, p. 04).

Em contrapartida, o setor privado da indústria, como o Departamento Cultural da Associação dos Funcionários do Instituto Pinheiros, dirigido por Pedro Menezes, realizava um belo trabalho de incentivo à leitura, mantendo 21 bibliotecas patrocinadas por suas filiais em todo Brasil. Além disso, naquele ano, estava organizando uma outra biblioteca em Bogotá, na Colômbia.

A biblioteca central foi fundada em 1955, com 150 volumes, e já no ano passado alcançara o acervo total de 3.000 volumes com o correspondente desenvolvimento do número de consulentes. O crescimento dessas bibliotecas de iniciativa eminentemente particular, acentue-se, pode ser medido pela importância gasta durante o ano passado, que atingiu o total de 7.1 milhões de cruzeiros em compras de livros.

Em 15 de maio de 1967, Arroyo (1967) teve publicado o artigo “Plano para a formação do hábito da leitura”, no qual divulgou informações com base na reunião de que participou com “[...] editores, especialistas e escritores, [...] no Rio de Janeiro, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura [...]” (p.5). O objetivo dessa reunião foi o de

estabelecer uma ampla pesquisa em “[...] escolas, livrarias e lares “[...] para compreender os motivos pelos quais as crianças e jovens não adquiriam a leitura como hábito. (ARROYO, 1967, p. 5). Além dessa pesquisa, a reunião tratou, especificamente, da formação do hábito de leitura entre as crianças brasileiras e estabeleceu um plano que deveria ser desenvolvido com base em cinco ações:

1. Curso de literatura infantil nas escolas. [...] 2. Introdução à literatura [...] no ginásio. 3. Coordenação de Campanhas de Formação do Hábito de Leitura através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Seção Nacional de Literatura Infanto-Juvenil [...]. 4. Criação de Bibliotecas Infantis em todas as escolas [...]. 5. Em convênio com as prefeituras poder-se-á criar uma Seção Infanto-Juvenil nas bibliotecas públicas já existentes, ao mesmo tempo que se efetiva a realização de uma Semana de Literatura Infantil todos os anos, talvez em outubro, aproveitando a Semana da Criança. (ARROYO, 1967, p. 5).

Sobre esse último aspecto, esse plano entende que a existência de bibliotecas não assegura necessariamente que as crianças lerão mais. “É preciso, pois, desenvolver uma promoção permanente da biblioteca, usando-se de meios compulsórios ou persuasivos de leitura.”

A maioria dos “meios persuasivos” deveriam ser exercidos pelos professores nas escolas, tais como: trabalhos de redação que “[...] obriguem o aluno a recorrer à biblioteca; pontos podem ser atribuídos aos alunos que procuram os livros da escola; as próprias matérias podem servir de pretexto para levar os alunos a procurarem determinados livros”. (ARROYO, 1967, p.5)

Além das medidas sugeridas acima, o plano adotava outras ações como a criação de seções infanto-juvenis em bibliotecas públicas já existentes e uma “Semana de Literatura Infantil” todos os anos, onde seriam oferecidos “[...] cursos, conferências públicas ou nas escolas, os alunos fariam trabalhos solicitados pelos professores, as editoras fariam um concurso de redação.” (ARROYO, 1967, p. 05).

3.2.6. Feiras e exposições de livros infantis

Por fim, localizei outras três referências em que Arroyo trata de feiras e exposições de livros para crianças realizadas na década de 1960, como é o caso do artigo “Livros para Crianças”, no qual anuncia as atividades da Casa Goethe, um Centro de Língua e Cultura Alemãs na cidade de São Paulo que estava inaugurando a “[...] Exposição dos Mais Belos Livros Alemães Infantis e Juvenis [...]” (p. 9), com acervo de 200 livros.

Essa exposição foi promovida pela Casa Goethe de Munique-Alemanha e pela Biblioteca Juvenil Internacional daquela cidade, com o objetivo de “[...] dar uma visão geral dos livros do gênero que se encontram atualmente na Alemanha [...]” (p. 09). De acordo com Arroyo (1964), esse acervo já havia sido exposto nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre e era indicativo do “cuidado” dos alemães com a literatura infantil e juvenil.

No artigo “Livros infantis”, Arroyo (1965) apresenta o “Programa de Livros Franklin”, em execução na América Latina naquele momento. De acordo com Arroyo (1965), esse programa estava sendo desenvolvido por editores dos Estados Unidos e tinha como objetivo “[...] proporcionar livros às crianças latino-americanas, através da organização do ‘Fundo para o livro da criança’.” (p. 2).

Esse programa financiava o custeio com a tradução de livros infantis do inglês para o espanhol e português, e poderia “[...] ajudar a cobrir as despesas de realização e especialmente custear uma outra parte dos gastos com o livro infantil, com fornecimento de ilustrações em cores.” (p. 2). Um dos fatores que inspirava programas de acesso ao livro infanto-juvenil na América Latina, segundo Arroyo (1965), decorria do fato de que a população desses países era “[...] predominantemente jovem, com um contingente populacional da ordem dos 200 milhões de pessoas em que 41,1% [tinha] menos de 15 anos [...]” (ARROYO, 1965, p. 2).

3.2.7 Mercado editorial brasileiro sobre literatura infantil

Esse conjunto é composto por cinco artigos nos quais Arroyo aborda temas correlatos à literatura infantil, tais como a leitura e a produção editorial de livros para crianças no Brasil.

Em 13 de março de 1960, Arroyo (1960) teve publicado o artigo “Produção editorial”, no qual apresenta informações sobre a circulação de livros da Editora Melhoramentos (SP) e o aumento do número de leitores no Brasil, aponta, ainda, as dificuldades do mercado no ano 1959: o aumento do custo de vida, a elevação do custo do papel e a elevação dos custos gráficos. Ao todo, foram 232 títulos publicados em 1959, dos quais 90 de literatura infantil e 132 de obras nacionais e estrangeiras.

Menciona ainda, as edições das obras de

[...] dois eminentes educadores, que são os professores Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Esses lançamentos bastariam para justificar todo o trabalho de um ano no setor editorial e para consagrar uma política cultural de caráter privado destinada a beneficiar o grande público. (ARROYO, 1960, p. 4).

No artigo, “Feira de amostras do livro”, Arroyo (1960) apresenta o sucesso da feira de livros que vinha ocorrendo no Viaduto do Chá, na cidade de São Paulo. Em 26 barracas demonstram o progresso da indústria gráfica brasileira. Para ele, além de uma mostra do desenvolvimento das tipografias, atuava na

[...] sensibilidade de milhares de pessoas que transitam diariamente pelo Viaduto do Chá. Porque o livro, embora estático, tem uma natureza dinâmica que age inexoravelmente. É um instrumento que gera respeito mesmo naqueles que dele não fazem comunhão como alimento diário, como o fazem com o pão, ou com o jornal, por exemplo. (p. 4).

Para Arroyo (1960), a Feira de Amostra de Livros, promovida pela Câmara Brasileira do Livro, tinha uma função “didática”, pois a presença dos “[...] livros, das barracas, dos cartazes deve exercer uma poderosa sugestão que o transeunte leva consigo.” (p. 4). Essa relação aproximada com o livro, poderia, para Arroyo (1960), gerar uma “profunda familiaridade, com efeitos benéficos [...] porque os move a um alto sentido social e educativo, um sentido eminentemente cultural.” (p. 4).

O livro deve ser proclamado e defendido por ser um direito do espírito, por ser seu instrumento de eleição. [...] Os grandes povos consideram o livro um instrumento inseparável da vida de cada cidadão. O velho Monteiro Lobato tão caluniado e tão combatido, um dos pioneiros da indústria do livro no Brasil, criou a famosa frase segundo a qual um país se faz de homens e livros. É uma afirmação e uma lição que devem ser permanentemente difundidas. (p. 4).

Por meio dessa iniciativa, livreiros e editores colaboravam com a educação brasileira, promovendo o hábito da leitura e aproximando o livro do trabalho comum que transitava naquela região. Para Arroyo (1960), essa iniciativa deveria ser tomada anualmente pelo poder público, envolvendo parcerias entre o Estado e a Prefeitura de São Paulo e não apenas pela Câmara Brasileira do Livro.

No artigo “O destino do livro”, Arroyo (1963) trata dos problemas econômicos do Brasil e, por consequência, da diminuição da aquisição e da leitura entre os brasileiros. Com base em dados de pesquisa realizada pelo Fundo de Cultura Econômica do México, Arroyo (1963) trata do destino do livro no Brasil e da necessária mudança nas estratégias editoriais para facilitarem o acesso ao livro. A pesquisa mencionada aborda o “verdadeiro renascimento” do comércio de livros na França, após a segunda guerra mundial, tanto do ponto de vista social quanto técnico, em torno do livro. Um fator fundamental desse renascimento foi a criação do livro de bolso, pela Editora Rachette .

O livro de bolso captou e conquistou um novo público leitor: jovens operários e camponeses. Em 1961 venderam-se entre 300 mil e um milhão de exemplares das obras de Saint-Exupéry, Sartre, Vercors e Heimingway, inclusive de clássicos e de autores de obras sobre conhecimentos gerais, história, religião e explorações geográficas. (ARROYO, 1963, p. 4).

Essa nova estratégia editorial fez saltar o número de livrarias na França, de duas mil antes da guerra, para cerca de dez mil. De acordo com Arroyo (1963), trata-se de uma alternativa economicamente vantajosa tanto para o editor, como para o autor e o público. Além disso, essas edições a preços acessíveis criaram condições para o lançamento de edições especiais, mais caras, ilustradas e duradouras, ampliando o mercado em outro seguimento, antes não desenvolvido.

No caso brasileiro, Arroyo (1963) aponta que a crise em torno da leitura não pode ser atribuída apenas ao desenvolvimento de outras formas de diversão, a exemplo da televisão e do cinema, como os únicos fatores que geram o desinteresse em torno do livro, esse fator foi desencadeado principalmente pelo “ritmo vertiginoso da vida moderna” (p. 4). A exemplo dos franceses, cabia aos brasileiros, “[...] criarem as condições melhores para a grande massa poder usufruir, com justiça, das alegrias da literatura, que é, ao final, um instrumento de conhecimento e de felicidade humanas.” (p. 4).

No artigo “Produção de livros”, Arroyo (1964) lamenta a deficiência no setor de produção de livros no contexto brasileiro em relação as estatísticas divulgada nos Estados Unidos e Inglaterra, referentes ao primeiro semestre do ano de 1964: “[...] fica-se a lastimar profundamente a nossa deficiência no setor. É esta insuficiência melancólica.” (p. 2).

Nos seis primeiros meses desse ano foram publicadas 12.932 obras nos Estados Unidos, das quais 9.505 novidades e 3.427 reedições, o que indica índice superior à produção do mesmo período em 1963 [...]. Na Inglaterra, no primeiro semestre deste ano, foram publicadas 12.780 obras, sendo 9.959 novidades e 2.821 reedições [...]. As estatísticas inglesas dão um pormenor interessante: o preço médio do livro em 1964 foi menor que o do mesmo período de 1963.

Nesse artigo, Arroyo (1964) chama a atenção para a necessidade de pesquisas nessa área, pois, embora se pudesse ter uma média aproximada dos lançamentos diários, os dados estatísticos do mercado editorial brasileiro ainda não poderiam ser calculados “cientificamente”.

3.3 A produção de Leonardo Arroyo sobre literatura infantil: capítulos de livros

Conforme apresentei neste capítulo, na década de 1960, enquanto esteve na direção da seção “Vida Literária” do jornal *Folha de S. Paulo*, Arroyo colaborou com produção bibliográfica importante, na forma de artigos sobre a leitura e a literatura infantil. Em decorrência da importância dos textos de Arroyo e, também, de seu interesse sobre esse assunto, alguns de seus artigos foram, posteriormente, publicados sob a forma de capítulos em dois livros de sua autoria, intitulados *O Tempo e o modo: literatura infantil e outras notas* (1963) e *Agravos do tempo* (1976), ambos publicados da coleção “Ensaio” da Comissão de Literatura, da Secretaria de Cultura e Conselho Estadual de Cultura do estado de São Paulo.

3.3.1 A coleção “Ensaio”

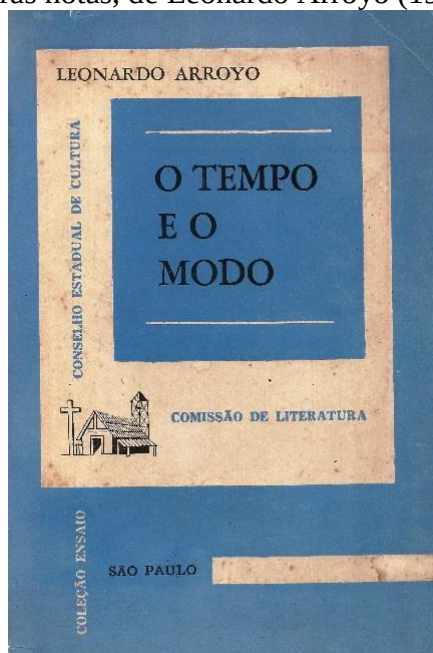
A coleção “Ensaio” teve início em 1959, com a publicação do livro *O observador literário*, do crítico literário Antonio Candido de Melo e Souza. Nesse mesmo ano, foram publicados nessa coleção outros seis livros de diferentes autores, sobre diferentes temas, tais como: literatura, leitura, cultura e filosofia. Entre 1959 e 1976, foram publicados 84 volumes, essa coleção manteve um grande número de publicações anuais que indicam a quantidade de dois a dez volumes em um único ano.

3.3.2 O livro *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas*

Em 1963, Arroyo teve o seu primeiro livro publicado nessa coleção, como o 25º. volume, intitulado *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas*. Nesse período, Arroyo integrava a Comissão de Literatura responsável pela publicação dessa coleção. Além de Leonardo Arroyo, integravam a Comissão Estadual de Literatura, à época:

[...] Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto, presidente; Carlos Bulamaqui Köpke, vice-presidente; Angelo Rodrigues de Mello, André Carneiro, Antônio D’Elia, Heloísa de Almeida Prado, Hovanir Alcântara Silveira, Jannart Moutinho Ribeiro, José Aderaldo Castello, José Pedro Leite Cordeiro, Lívio Barreto Xavier, Lygia Fagundes Telles, e Péricles da Silva Ramos. (ARROYO, 1963, s.p.).

Figura 49: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas*, de Leonardo Arroyo (1963).



Fonte: Acervo pessoal da autora

Impressa em papel flexível e nas cores azul claro e branco, a capa do livro contém o nome do autor seguido apenas da primeira parte do título – *O tempo e o modo* – em letras destacadas. O nome do autor e o título do livro foram escritos na cor preta, diferenciando-se das demais, que foram escritas nas cores azul e branco. Dispostas na lateral esquerda e no sentido vertical da capa, constam informações referentes à editora e na parte inferior da capa, informações referentes à coleção “Ensaio”. Localizada no centro e à esquerda da capa, consta o símbolo da coleção, trata-se de uma igreja com uma cruz na parte da frente e uma torre com um sino na parte de trás.

Entre a capa e a folha de rosto, constam informações sobre os volumes já publicados na coleção “Ensaio” com a indicação dos números de um a 25, seguidos pelos nomes dos autores e dos títulos dos livros publicados na coleção. O livro contém uma segunda folha de rosto onde consta, pela primeira vez, o título completo.

Com 167 páginas e 16 capítulos sobre temas variados, tais como: literatura infantil, leitura, culinária, música popular brasileira, história e crítica literária, esse livro apresenta sete capítulos sobre leitura e literatura infantil, escritos entre julho de 1960 a junho de 1962 e, publicados, inicialmente, no formato de artigos de jornais. Não localizei informações sobre outras edições desse livro.

No Quadro 15, apresento os capítulos de *O tempo e o modo* (1963), ordenados por ano, título dos capítulos, tema e quantidade.

Quadro 15: Capítulos do livro *O tempo de o modo: literatura infantil e outras notas ordenados por título, tema e quantidade*

Ano	Capítulos	Temas	Quant.
1963	Literatura infantil brasileira	Literatura infantil	6
1963	Andersen e os mágicos	Literatura infantil	
1963	Tema para discussão	Literatura infantil	
1963	Dois livros para crianças	Literatura infantil	
1963	Variações em torno das 1.001 noites	Literatura infantil	
1963	Monteiro Lobato e o muro	Literatura infantil	
1963	Capítulo sobre a mesa	Culinária	1
1963	O livro	Leitura	1
1963	Bahia de todos nós	Crítica literária	8
1963	O viajante no tempo	Crítica literária	
1963	O mar e a terra	Crítica literária	
1963	Mestre Antônio Francisco	Crítica literária	
1963	Eça de Queiroz e o Brasil	Crítica literária	
1963	Música Popular	Crítica literária	
1963	Congresso de crítica no Recife	Crítica literária	
1963	O homem, a terra e a história	Crítica literária	
Total	-	-	16

Fonte: *Bibliografia de e sobre* Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016).

Essa coleção publicava, na forma de livro, textos de escritores, jornalistas e professores brasileiros sobre diferentes temas. Seguindo a proposta da coleção, merece destaque a diversidade de temas que Arroyo tratou nesses capítulos.

Conforme é possível observar no Quadro 15, a maioria dos capítulos (08) resulta de seu trabalho como crítico literário do jornal *Folha de S. Paulo*, nos quais apresenta uma análise histórica e crítica de diferentes livros, como é o caso dos capítulos: “Viajante do tempo”, em que exhibe uma nova edição do livro *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto; o capítulo “O mar e a terra”, em que apresenta o livro *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*, de José Alípio Goulart; o capítulo “Mestre Antônio Francisco”, em que trata do escultor e entalhador brasileiro, Antônio Francisco Lisboa (O Aleijadinho), no livro *O Aleijadinho, sua vida, sua obra, seu gênio*, de Fernando Jorge; o capítulo “Eça de Queiroz e o Brasil”, em que trata do livro *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti; e em “Música popular”, apresenta alguns livros antigos que tratam da história da música popular brasileira.

Em todos esses capítulos é possível observar uma análise que apresenta a perspectiva cultural e histórica dos temas, seja ao tratar da culinária brasileira e suas diferentes influências como a indígena, a portuguesa e a africana; a contribuição da religião católica para a formação sociológica do Brasil; ou a música popular brasileira como um patrimônio cultural.

Ainda nesse livro, constam sete capítulos que tratam especificamente da leitura (01) e da literatura infantil (06). Apesar de esse tema aparecer em uma quantidade menor no livro, foram as suas reflexões sobre literatura infantil que inspiraram Arroyo a publicá-lo, conforme explica no texto de apresentação de *O tempo e o modo* (1963).

Êste volume, na maioria de suas notas, pretende justificar apenas o lançamento do ensaio inicial sôbre literatura infantil brasileira, ensaio de síntese e de preliminares históricas. Com a atenção voltada para a literatura infantil há muitos anos, pareceu-nos de bom aviso publicar algumas observações colhidas em pesquisas originais, ainda incompletas, a ver se a letra impressa nos obriga a concluir tão fascinante estudo, cujo término já se arrasta por longo tempo. As demais notas são frutos de uma atividade literária que, se não é importante, tem ao menos a seu favor a condição do lendário vendedor de pastéis de que nos falava Eça de Queiroz [...]. Apenas um testemunho de cronista sôbre seu tempo, o nosso.

L.A.
(ARROYO, 1963, s.p.).

A literatura infantil, portanto, foi tomada como tema central desse livro e publicado como resultado de “antigas” e “longas” pesquisas sobre a literatura infantil brasileira. Por tratar esses textos como “ensaio inicial” de pesquisas “ainda incompletas”, considero, presumivelmente, que Arroyo (1963) vislumbrou na coleção “Ensaio” uma oportunidade de ver publicados seus estudos, como forma de avaliar a relevância de suas pesquisas e a receptividade desse tema entre os leitores.

No Quadro 16, apresento somente os capítulos em que trata da leitura e da literatura infantil publicados no livro *O tempo e o modo*: literatura infantil e outras notas, e indico os capítulos que são inéditos nesse livro, ou seja, aqueles que localizei apenas neste livro e aqueles que foram publicados anteriormente, no formato de artigos, no jornal *Folha de S. Paulo*.

Quadro 16: Capítulos sobre leitura e literatura infantil publicados no livro *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas*, de Leonardo Arroyo (1963)

Ano	Capítulos de literatura infantil	Tipo de publicação	Ano da publicação original	Quant.
1963	“Literatura infantil brasileira”	Inédito	1963	2
1963	“Tema para discussão”	Inédito	1963	
1963	“Andersen e os mágicos”	Publicado como o artigo: “Literatura infantil – II”	1960	5
1963	“Dois livros para crianças”	Publicado como o artigo: “A infância e o poeta.	1961	
1963	Variações em torno das 1.001 noites	Publicado como o artigo: “Notas em 1.001 noites”	1962	
1963	O livro	Publicado como os artigos: - “O perseguido livro”; e - “O Boi, o livro e o Reitor”	1961	
1963	Monteiro Lobato e o muro	Publicado como os artigos: - “Monteiro Lobato e o muro”; - “A figura de Monteiro Lobato”; - “Pássaros sobre Escombros”; e - “A UBE e a questão Monteiro Lobato”	1960 e 1961	
Total	-	2 inéditos / 5 republicações	-	7

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016).

De acordo com o Quadro 16, apenas dois capítulos desse conjunto são inéditos, no entanto, os outros cinco passaram por processos de correção, ampliação e até redução de informações. Por isso, apesar de apresentarem o mesmo assunto, em alguns deles, há diferenças na apresentação das informações e na escrita dos capítulos.

O primeiro, intitulado “Literatura infantil brasileira”, é o mais longo do livro, com seis páginas, nas quais Arroyo (1963a) trata da herança de nossa cultura oral que, para ele, corresponde aos “antecedentes históricos” (p. 13) da literatura infantil. No caso brasileiro, essa herança envolve três culturas: a indígena, a europeia e a africana.

Êstes antecedentes, de modo geral, encontram-se hoje estudados em seus vários aspectos sociológicos, culturais, sociais, numa imensa bibliografia que nos vem inclusive desde as cartas jesuíticas, passando por viajantes na aurora brasileira, até os mais modernos depoimentos. (p. 13).

Nesse capítulo, Arroyo (1963a) questiona a falta de pesquisas na área da literatura infantil em nosso país e o fato de a crítica considerá-la como um “gênero menor”. (p. 13). Dentre as poucas pesquisas existentes na área, destaca as seguintes: “A educação e seus problemas” (1937), de Fernando Azevedo; *Problemas da literatura infantil* (1951), de Cecília Meireles e “Literatura infantil e juvenil”, de Manuel Bergström Lourenço Filho (1957). Nessa argumentação, propõe uma comparação entre os textos sobre literatura infantil

produzidos por brasileiros e os textos produzidos pelos seguintes pesquisadores estrangeiros: Percy Muir, Giovanni Bitelli e Carmen Bravo Villasate¹⁷¹.

Para Arroyo (1963a), apesar de no Brasil existirem estudos de “extensão sociológica e pedagógica” (p.13), como no caso das pesquisas desenvolvidas por Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, esses estudos não podiam ser comparados ao rigor e extensão daqueles desenvolvidos por pesquisadores estrangeiros.

Nesse artigo, Arroyo (1963a) propõe um método para se compreender a formação da literatura infantil brasileira, com base em uma cronologia ordenada em seis momentos da história da leitura no Brasil. Esses momentos foram considerados fundamentais para ele, porque organizam a “gênese” de nossa literatura infantil. São eles: 1. “Literatura oral”; 2. “Literatura traduzida”; 3. “Literatura escolar”; 4. “Imprensa infantil”; 5. “Os precursores”; 6. “Literatura infantil”.

Arroyo (1963a) dedica grande parte desse capítulo tratando da influência da cultura oral na formação da imaginação e de uma cultura de ficção entre as crianças e jovens brasileiros, com base nos registros de alguns memorialistas como Francisco de Paulo Ferreira de Rezende, Gilberto Freyre, e José Lins do Rêgo.

De acordo com Arroyo (1963a), uma mudança significativa no cenário nacional ocorreu com a chegada do livro e das diversas histórias impressas que chegavam por meio da tradução da literatura infantil clássica universal. Sobre esse aspecto, tratou da importância de algumas editoras e tradutores responsáveis pela circulação desse novo bem cultural, como foi o caso da Livraria de Antônio Gonçalves & Cia, no Rio de Janeiro, quando publicou *História verdadeira acontecida no Reino Algarve na qual se referem os sucessos de uma virtuosa dama no tempo que foi escrava do Imperador dos Turcos* (Coleção Contos Populares), publicada em 1865. Esse livro reunia histórias dos irmãos Grimm, Hans Cristian Andersen, Daniel Defoe, Miguel de Cervantes, entre outros.

Apresenta em seguida, alguns livros escritos por brasileiros e classificados por ele, como “literatura escolar” que surgiu como uma reação contrária a essas traduções. Menciona, ainda, a importância dos jornais infantis, destacando, nesse contexto, a revista *O Tico-Tico* (1905). Desse período, segundo Arroyo (1963a), “[...] data enorme e dispersa literatura para crianças, abordando temas patrióticos, aventuras, poesias, teatro, contos, todos de autores

¹⁷¹ Apesar de não mencionar nenhum livro específico desses autores, Arroyo demonstra conhecer as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas na área da literatura infantil, principalmente, na primeira metade do século XX, na Europa.

nacionais [...]. Foi todo um período, por assim dizer, de amadurecimento para a nossa verdadeira literatura infantil”. (p. 26).

Arroyo (1963a) finaliza esse capítulo tratando das qualidades literárias da produção infantil de Monteiro Lobato, a partir do livro *O Saci*, de 1917, que “[...] definiu o gênero, deu-lhe independência e verdadeiras obras-primas.” (p. 26). Arroyo anuncia o caminho que estabeleceu para pensar os marcos históricos da literatura infantil brasileira, marcos que foram explicitados de forma ampliada no livro *Literatura infantil brasileira*, que Arroyo teve publicado cinco anos depois, em 1968.

O capítulo “Tema para discussão”, foi escrito como resposta ao escritor Arnaldo Magalhães de Giácomo que não concordou com a opinião de Arroyo sobre a “[...] ausência de referências sobre a literatura infantil em compêndios de história literária [...]”. (p. 39). Ao discordar de Arroyo, Giácomo falava do apêndice, intitulado “Literatura infantil e juvenil”, de autoria de Lourenço Filho, publicado no livro *História da literatura*, de Marques da Cruz.

Arroyo (1963b) afirma que esse fato não mudava a sua tese de que “[...] a literatura infantil não mereceu ainda dos historiadores o estudo adequado a que faz jus no Brasil.” (p. 39). Nesse capítulo, apresenta, ainda, algumas críticas ao estudo desenvolvido pelo professor Lourenço Filho.

O trabalho do Prof. Lourenço Filho, embora com indisfarçável caráter pedagógico, possui observações e dados históricos de grande importância. Uma observação de grande justeza – e válida sobretudo no desenvolvimento histórico da literatura infantil brasileira – é a que o ilustre educador faz a respeito da confusão inicial dos objetivos do gênero, isto é, os “objetivos didáticos” e os de “puro entretenimento”, de que são exemplos alguns autores clássicos na França e na Itália. (p. 40).

Arroyo (1963b) concorda com a distinção entre os “objetivos didáticos” e de “entretenimento” mencionados por Lourenço Filho, e comenta que a “literatura escolar” produzida por autores brasileiros entre os séculos XIX e XX, não apresentava “[...] preocupação de ordem estética e literária, mas apenas educativa.” (p. 40). No entanto, esse tipo de material de leitura devia ser compreendida como literatura infantil, pois é fruto de um tempo histórico específico em que imperavam essas características.

Arroyo (1963b) finaliza o capítulo considerando que, embora a maior preocupação de Lourenço Filho tenha sido pedagógica e não histórica, trouxe contribuições importantes e “[...] numerosas sugestões para pesquisas nesse campo que, do ponto de vista da sistemática, ou da história, se encontra ainda praticamente inédito entre nós.” (ARROYO, 1963b, p. 40).

Os capítulos “Andersen e os mágicos” e “Dois livros para crianças” são muito semelhantes porque em ambos Arroyo (1963) indaga sobre quais seriam os aspectos responsáveis pela permanência dos clássicos da literatura infantil entre os leitores brasileiros.

Com base nos estudos de Marie-Thérèse Latzarus, publicados no livro *La Littérature Enfantine en France Dans la Seconde Moitié du XIX Siècle*, e nos estudos de Carmen Bravo-Villasante quanto à literatura de Perrault, o fator de permanência dos contos clássicos é o elemento fantasioso “[...] a imaginação das crianças, continuada na dos adultos.” Para Arroyo (1963c), “[...] Grimm, Perrault, Schmid, Defoe, Swift, Lewis Carroll, Mark Twain e tantos outros constituem renovados apelos à criança que existe em todos nós [...]” . (ARROYO, 1963c, p. 32-33).

No entanto, o mesmo proveito da fantasia não estava sendo observado pela produção brasileira para a infância, onde, segundo ele, a fantasia estava sendo “condenada” “[...] pelo chamado ‘didatismo oficial’, isto é, pela pedagogia que combate o maravilhoso, o mito, o ‘nonsense’ [...]” (p. 33). Para Arroyo (1963c), a “excessiva preocupação didática” (p. 33), estava prejudicando a “moderna literatura infantil”, pois não respeitava essa herança dos clássicos e o que eles podiam ensinar sobre a “ótica do maravilhoso” nos livros para crianças. (p. 34).

Arroyo (1963c) observou que os livros produzidos à época, apresentavam-se mais como “[...] manuais de educação que páginas endereçadas à fantasia da criança. (ARROYO, 1963c, p. 35).

Destaca, ainda, a pesquisa de Carmen Bravo-Villasante sobre a literatura infantil espanhola que, para ele, superava os estudos de

[...] Jean de Trigon, de Battistelli, de Luigi Santucci, de Bitelli ou mesmo de Percy Muir, pois é amparado também por um largo lastro pedagógico em sua orientação e conhecimento, por uma erudição haurida no trato de especialistas alemães. [...] [A autora] Focaliza em suas páginas toda a evolução da literatura infantil, desde os seus primeiros autores em várias literaturas, que não apenas a espanhola. (ARROYO, 1963c, p. 34).

No capítulo “Dois livros para crianças”, Arroyo (1963d) apresenta uma crítica a duas traduções/adaptações dos seguintes livros: *A ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson, adaptado por Maria Teresa Cunha de Giacomio¹⁷² e *Maravilhas do Conto Infantil*, adaptado por Olívia Krahënbuhl¹⁷³. No primeiro livro, a personagem principal Jim “[...] é um exemplo do dualismo permanente da vida e suas duas forças antagônicas: o bem e o mal [...]”. Esse

¹⁷² Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre a escritora Maria Teresa Cunha de Giacomio.

livro ensina, principalmente, a lição da coragem “[...] que a vida exige de cada um de nós, muito de sacrifício e esforços, para a realização do que se almeja. [...]” (p. 43). Para Arroyo (1963), esse “[...] dualismo é o tema de verdadeiras obras-primas da literatura infantil.” (p. 43).

Já o livro *Maravilhas do Conto Infantil*, que reúne uma antologia de contos clássicos, adaptado por Olívia Krahënbuhl, “perde” o sentido pedagógico para “[...] ganhar em profundidade e conteúdo de ‘nonsense’” (ARROYO, 1963d, p. 43). Esse livro reúne contos de Andersen, Grimm, Perrault, La Fontaine, peças de Mme D’Aulnoy e fábulas de Fedro e Esopo, valorizando a “liberdade de diversão”, considerada por Arroyo (1963d), como o “objeto real” da literatura infantil. (ARROYO, 1963d, p. 44).

Para ele, na antologia de Olívia Krahënbuhl também poderia figurar contos do brasileiro José Bento Monteiro Lobato “[...] o legítimo criador da literatura infantil no Brasil” (p. 44), pois foi ele quem deu início à produção de uma literatura infantil “legítima”. Para Arroyo (1963d), a “[...] verdadeira literatura infantil só se realizou integralmente com o aparecimento de Monteiro Lobato, que definiu o gênero, deu-lhe independência e verdadeiras obras-primas.” (ARROYO, 1963d, p. 26).

Em “Variações em torno das ‘1001 noites’”, critica as traduções que contos clássicos da literatura infantil mundial sofriam em função de uma literatura para crianças que fosse adaptada ao sistema escolar brasileiro. Nesse capítulo, Arroyo (1963e) apresenta uma nova edição integral do livro *Mil e Uma Noites*, com oito volumes, publicada pela Editora Saraiva (SP)¹⁷⁴ e explica que esse livro é resultado de contos de “[...] múltiplos autores, idéias, pensamentos diferentes e, muitas vezes, contraditórios. (p. 49).

Ao longo dos largos volumes do grande livro encontrará o leitor contos que encerram todos os elementos do gênero [...] romances de aventuras, de cavalaria, histórias ou narrativas políticas, histórias de “suspense” e de lógica ordenada à maneira de Sherlock Holmes, anedotas, narrativas fesceninas, apólogos e fábulas, todo um verdadeiro tratado da imaginação humana, em momentos de alta beleza e enunciação. (ARROYO, 1963e, p. 51).

Para ele, em decorrência das várias adaptações desses contos para a literatura infantil e juvenil, no Brasil, os leitores ficaram por muito tempo, sem a oportunidade de conhecer as histórias em sua forma integral. Por isso, essa publicação se tornara um “[...] verdadeiro acontecimento cultural brasileiro”. (ARROYO, 1963e, p. 51).

¹⁷³ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre a escritora Olívia Krahënbuhl.

¹⁷⁴ Até o momento, não pude confirmar o ano em que essa coleção foi publicada.

No capítulo “O livro”, Arroyo (1963f) propõe uma reflexão sobre os aspectos formativos da leitura e do leitor nas escolas brasileiras, aspectos que, para ele, não poderiam prescindir do acesso ao livro. A política cultural brasileira, à época, deparava-se com um aumento de 40% nos custos com o papel, decorrentes dos preços com a importação. Ao contrário de uma política de acesso a esse bem cultural, as políticas de governo inviabilizavam financeiramente a aquisição do livro, dificultando o acesso à leitura.

Arroyo (1963f) preocupava-se com leitura em sentido amplo – não se tratava apenas da leitura literária –, pois a considerava como um elemento da formação humana capaz de promover o “esclarecimento popular”.

Os responsáveis pela saúde social do povo tem um conceito aristocrático de cultura ou puramente literário. Talvez não entendam por isso mesmo – ou entendem demais até – que é toda uma soma de comportamento, de atitudes, de deveres, de compreensão na vida social que se deve acolher como cultura e que estes valores somente serão cultivados, praticados e aperfeiçoados mercê da cultura popular, que encontra sua difusão no instrumento eleito, que é o livro [...]. (ARROYO, 1963f, p. 72).

Para que uma cultura popular em torno do hábito da leitura fosse possível, era necessário que a formação escolar tivesse como base a leitura: “[...] interêsse que deve ser cultivado em todo o seu estágio escolar, para habituá-lo ao livro.” (ARROYO, 1963f, p. 71).

Para Arroyo (1963f), os problemas em torno do livro, no Brasil, originavam-se de dois fatores: do “método de alfabetização”¹⁷⁵ e da “produção material” (p. 71). Para ele, pelo fato de o método de alfabetização não ser pautado na leitura, os brasileiros sentiam “aversão” ao livro, por isso, as autoridades de ensino é que deveriam criar as condições necessárias para que alfabetizado não desprezasse a leitura.

[...] a criança não é educada no amor ao livro, na necessidade de ler, não se realizam o que as técnicas modernas de propaganda chamam de “promoção” do livro entre os escolares, o que deveria preocupar desde já nossas autoridades de ensino. (ARROYO, 1963f, p. 71).

Neste tópico, não abordarei o capítulo “Monteiro Lobato e o muro”, pois, conforme apresento no Quadro 15, referi-me a ele quando tratei dos artigos sobre literatura infantil que Arroyo teve publicados em jornais.

¹⁷⁵ Segundo Mortatti (2000), a década de 1960, no Brasil, caracterizou-se pela “relativização” da importância dos métodos de ensino e por disputas entre o método analítico e os métodos mistos (sintéticos-analíticos; analíticos-sintéticos), devido à influência das ideias do professor Manuel Bergström Lourenço Filho e seus estudos de base psicológica, especialmente, os publicados no livro *Testes ABC*: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, publicado no ano de 1934.

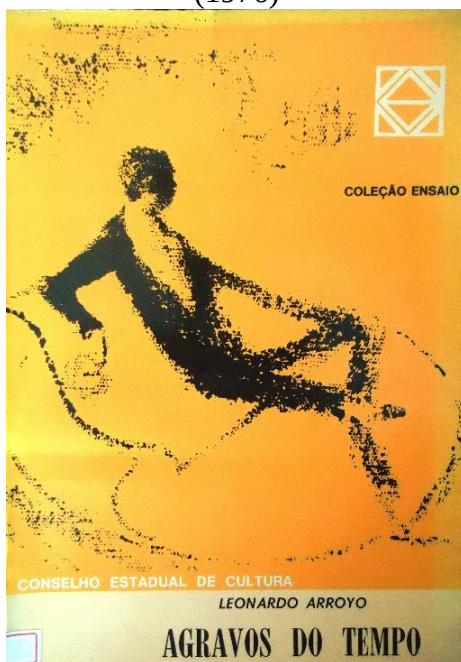
3.3.3 O livro *Agravos do tempo* (1976)

Em 1976, 13 anos após a publicação de *O tempo e o modo*, Arroyo teve o seu segundo livro publicado na coleção “Ensaio”. Trata-se de *Agravos do tempo*, publicado como 84º. volume dessa coleção.

Impressa em papel flexível, nas cores amarelo e bege, a capa apresenta mudanças radicais em relação ao livro anterior. As únicas informações que se mantiveram foram o título da coleção e a organização do Conselho Estadual de Cultura.

No centro da capa consta a ilustração de um homem encostado em algumas linhas levemente onduladas, que fazem alusão a uma poltrona. O desenho ocupa cerca de 80% da capa e foi criado a partir de um conjunto de traços e pontos irregulares.

Figura 50: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Agravos do tempo*, de Leonardo Arroyo (1976)



Fonte: Acervo pessoal da autora

O título do livro aparece na parte inferior da capa, escrito de forma bastante destacada e na cor preta. O nome do autor está acima do título, em letras menores e na mesma cor do título. Esse livro traz como símbolo da coleção, não mais a imagem da igreja apresentada na capa do livro anterior, mas dois quadrados dispostos nas posições horizontal e perpendicular, representando dois triângulos.

O livro tem 133 páginas distribuídas em oito capítulos. No Quadro 17, apresento os capítulos de *Agravos do tempo* (1976), ordenados por ano, título dos capítulos, tema e quantidade.

Quadro 17: Capítulos do livro *Agravos do tempo*, ordenados por título, tema e quantidade

Ano	Capítulos	Temas abordados	Total por tema
1976	O realismo do padre Manuel da Nóbrega	Religião	1
1976	Música popular urbana	História da música brasileira	1
1976	Casa de Lúculo	Culinária	2
1976	Temas da cozinha brasileira	Culinária	
1976	Armazém literário (Acheegas ao Modernismo)	Literatura	3
1976	Chaplin e Montaigne	Literatura	
1976	A posse da terra	Literatura	
1976	Camões e os meninos	Literatura infantil	1
Total geral	8 capítulos	5 temas diferentes	8

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 17, dos oito capítulos que constam em *Agravos do tempo* (1976), apenas o último – “Camões e os meninos” – trata da leitura e da literatura infantil. Esse capítulo foi, inicialmente, publicado como artigo no jornal *Folha de S. Paulo*, em 1964, e ampliado para a publicação no livro *Agravos do tempo*, em 1976.

Nesse capítulo, Arroyo (1976), tem como objetivo apresentar uma nova edição de *Os Lusíadas*, publicada pela Editora José Aguilar (RJ) no ano de 1963. Essa nova edição foi considerada por ele como a “[...] mais atual e moderna edição das obras completas de Luís de Camões [...]” (p. 119). Nesse capítulo, apresenta, ao todo, 22 edições de *Os Lusíadas*, nas versões “populares” e “escolares” desde a primeira edição escolar, de 1856. Segundo ele, era difícil distinguir as diferenças entre os formatos das duas versões, pois “[...] ambas traz[ia]m o necessário aparato didático” (ARROYO, 1976, p. 123).

Ao analisar essas diferentes edições, Arroyo (1976) explica que muitas delas sofreram supressão devido à censura: “Eram em número de 55 as estrofes proibidas e não poucas vezes o mestre se via em dificuldades para explicar a razão por que da estrofe 21 se passava para a estrofe 51 e da 63 para a 89, e quase sem convencer.” (ARROYO, 1976, p. 125). No entanto, eram essas estrofes “proibidas” que “[...] tornaram o veículo de conciliação entre o aluno e o poema muitas vezes.” (p. 127).

Tendo em vista a ampla circulação desse livro nas escolas brasileiras, Arroyo (1976) destaca o seu aspecto formativo e didático no Brasil. O predomínio de Camões nas escolas brasileiras ocorreu principalmente, no período do Império (1822-1889) e, eram de tal modo presentes que, segundo Arroyo (1976), tornaram-se responsáveis pela aprendizagem e permanência da cultura lusitana no Brasil.

Em *Os Lusíadas*, como texto escolar, como razão de estudo da língua, do apuramento do gosto e do conhecimento literário, há todo um passado brasileiro de fortes reminiscência. Lá nasceram as raízes de um culto a um poeta que transcende o tempo e as possíveis diferenciações linguísticas entre os dois países. (ARROYO, 1976, p. 130).

3.3.4 Apresentação do livro *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*

Em 1969, um ano após a publicação do livro *Literatura infantil brasileira* (1968), Arroyo foi convidado para adaptar o livro *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*, da professora, crítica literária e editora de livros infantis, Nancy Larrick¹⁷⁶, para o contexto brasileiro.

Essa professora tem uma bibliografia variada de textos para crianças e ficou muito conhecida pelo fato de seus livros oferecem orientação aos pais e professores a fim de ajudá-los quanto à seleção de livros para crianças e ao incentivo da prática de leitura em casa.

Guia dos pais na escolha de livros para crianças foi publicado inicialmente nos Estados Unidos, no ano de 1957, alcançando a 4ª. edição, em 1975. No Brasil, sua publicação ocorreu pelo Instituto Roberto Simonsen¹⁷⁷ e o Centro de Bibliotécnica para o Desenvolvimento (SP), com a supervisão do professor Manuel Bergström Lourenço Filho. De acordo com as informações do texto de orelha desse livro, a supervisão de Lourenço Filho garantia a essa publicação os “[...] conhecimentos especializados de psicologia, pedagogia, vivência de problemas educacionais, do ilustre mestre brasileiro [...]” (LARRICK, 1969, s.p.).

Além de Leonardo Arroyo e do professor Lourenço Filho, a publicação desse livro contou com a colaboração de Alcina Jorge de Almeida¹⁷⁸, responsável pela tradução do inglês para o português e com a apresentação da professora Maria Braz¹⁷⁹ que, naquele momento, era membro do Conselho de Orientação do Centro de Biblioteconomia, do Instituto Roberto Simonsen, e diretora da Divisão de Educação Fundamental das escolas SESI, no Brasil.

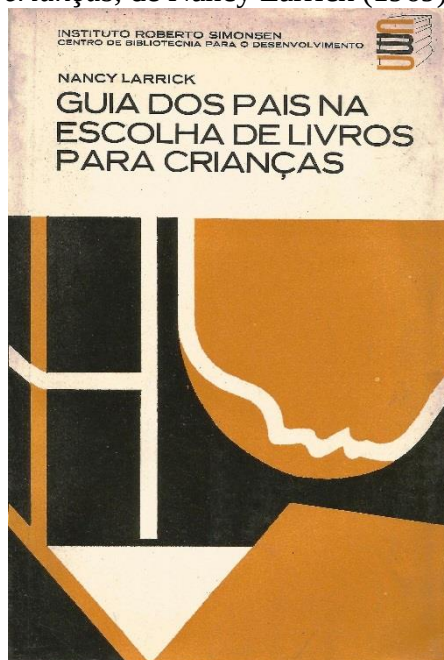
¹⁷⁶ Cf. nota 129 do Capítulo 1 desta tese.

¹⁷⁷ Cf. nota 130 do Capítulo 1 desta tese.

¹⁷⁸ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Alcina Jorge de Almeida.

¹⁷⁹ Maria Braz “[...] nasceu em Avaré, interior de São Paulo, e iniciou sua carreira de educadora na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, ministrando aulas em uma escola rural. [...] Em 1946, entrou para o SESI, [...] em 1959, assumiu a diretoria da recém-criada Divisão de Educação Fundamental. A partir daí, durante vinte anos, transformou as escolas SESI numa das mais conceituadas redes de ensino particular do país. A educadora [...] integrou o Conselho Estadual de Educação, o Instituto Roberto Simonsen e a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil.” (s.p.). Disponível em: < http://www.smeourinhos.com.br/patronos/nei_maria.pdf >. Acesso em: 14 mar. 2016.

Figura 48: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*, de Nancy Larrick (1969).

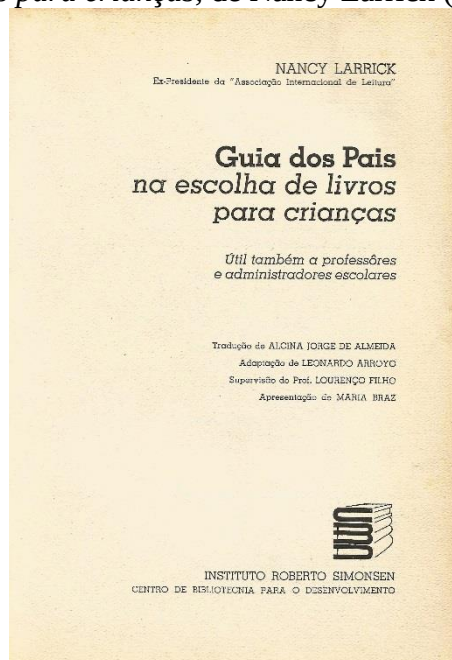


Fonte: Acervo pessoal da autora

Conforme mencionei, Leonardo Arroyo ficou responsável pela adaptação do livro às condições culturais do país, principalmente em função de seu conhecimento acerca do mercado editorial brasileiro e dos livros de literatura infantil destinados a esse público.

A adaptação de Leonardo Arroyo significou todo um trabalho objetivo de proporcionar aos pais e orientadores escolares aqueles livros que de fato existem na literatura infantil-juvenil brasileira ou traduzidos, e que podem ilustrar as lições da autora. (LARRICK, 1969, s.p.).

Figura 52: Segunda capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*, de Nancy Larrick (1969).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em seu texto de apresentação, Arroyo (1969) destaca a importância desse livro no Brasil, sobretudo em relação aos temas “leitura”, “literatura” e “livros para crianças” que eram escassos: “[n]ão possuímos obra congênere em português, embora já tenhamos especialistas capazes de fazê-la no âmbito da temática, da variedade e do desenvolvimento da literatura infantil brasileira. (ARROYO, 1969, p. 7).

Dentre os brasileiros que dedicavam-se aos estudos sobre esses temas no Brasil, Arroyo destaca o professor Lourenço Filho¹⁸⁰, a professora e bibliotecária Lenyra Fraccaroli¹⁸¹ e a professora e poetisa Cecília Meireles¹⁸².

Além desses estudos, ressalta a importância de dois volumes: o primeiro, intitulado *Estudos Sociais na Escola Primária*, publicado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, do Ministério da Educação e Cultura, organizado por Josephina de Castro e por Silvia Gaudenzi, em que consta um capítulo especial de bibliografia para a infância.

O segundo, *Bibliografia Brasileira de Livros Infantis*, compilado pelo Centro de Bibliotecária e Centro de Bibliotecária para o Desenvolvimento, publicado pelo Sindicato Nacional de Editôres de Livros do Rio de Janeiro. Esses dois livros, de acordo com Arroyo

¹⁸⁰ Arroyo menciona o texto “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de Lourenço Filho (1943) sobre a análise desse texto ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Bertoletti (2003, 2006, 2012); Lima (1999); Menin, (1999); Mortatti (2008, 2014); Oliveira (2009, 2010, 2012); Pinto (1996); Pivatto (2000); Souza (2002); Stanislavski (2001).

¹⁸¹ Cf. nota 146 deste capítulo desta tese.

(1969), completavam “[...] o esforço pioneiro de Lenyra Camargo Fraccarolli na bibliografia¹⁸³ de livros para a infância que o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo lançou em 1958.” (p. 7).

Arroyo (1969) valoriza a linguagem simples do livro, “[...] acessível a qualquer interessado [...] ” (p. 8) e salienta que a adaptação foi necessária, pois “[...] muita coisa do que ela [Nancy Larrick] nos diz [...] não servirá para a situação brasileira.” (p. 8)

Não foi, porém, tarefa fácil realizar a adaptação para o caso brasileiro. A cultura norte-americana apresenta algumas peculiaridades e certo avanço na faixa da literatura infantil que não nos permite, por várias e numerosas razões que não vêm a pêlo discutir aqui [...]. É o caso, por exemplo, do interesse da criança americana pelo progresso tecnológico e a pertinente literatura infantil. O número de livros para crianças existentes a respeito nos Estados Unidos é imenso. [...] O que possuímos nesse setor pertence à área da tradução e, assim mesmo, em nível muito deficiente. (ARROYO, 1969, p. 8).

Com 140 páginas, o livro foi organizado em três capítulos, no primeiro, “Como os pais podem ajudar na prática diária”, a autora demonstra como a leitura pode ser divertida para os filhos; no segundo, “Como a leitura é agora ensinada”, Larrick (1969) explica como as técnicas de alfabetização auxiliavam na formação do hábito de leitura na escola. E, no terceiro, intitulado “A aquisição de livros para crianças”, auxilia os pais e professores a organizarem uma biblioteca em casa com base na idade das crianças e dos livros disponíveis no mercado editorial. (ARROYO, 1969).

Em seu texto, Arroyo (1969) destaca as sugestões práticas de leitura apresentadas pela autora.

Dar livros às crianças, como dar êsses livros, como despertar o amor da criança pelo livro, o que a criança deve ler e como deve ler – eis a **matéria viva** desta pequenina obra de Nancy Larrick em suas lições particularmente endereçadas aos pais de jovens leitores. Temos nestas páginas um verdadeiro instrumento de trabalho, destinado a abrir novas perspectivas nesse vasto e complexo campo de livros para crianças. (ARROYO, 1969, p. 9, grifos meus).

No artigo “Plano para a formação do hábito da leitura” (ARROYO, 1967) que apresentei neste capítulo, localizei informações de que a publicação desse livro já estava sendo aguardada desde 1967, visto que, serviria como orientação básica para a execução da

¹⁸² Cf. nota 10 da Introdução desta tese.

¹⁸³ Trata-se do livro *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*, publicado em 1953, pela Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis do Departamento de Cultura do município de São Paulo (SP), para obtenção de

campanha organizada pelo Ministério da Educação e Cultura que tinha como objetivo promover “[...] a formação do hábito de leitura entre crianças visando o homem futuro [...]” (FOLHA DE S. PAULO, 1967, p.5).

Conforme mencionei, essa campanha abrangeu uma série de iniciativas, tais como: a criação de Cursos de Literatura Infantil nas escolas; Campanhas de Formação do Hábito de Leitura através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Criação de Bibliotecas Infantis em todas as escolas, entre outros.

A proposta de constituir bibliotecas em casa apresentada nesse livro, foi utilizada como base nessa campanha e chamada de “Uma biblioteca em cada lar”, que visava “[...] não só criar, mas também manter o hábito da leitura [...], conhecer a realidade brasileira e responder a pergunta: por que as crianças não lêem? [...]”. (FOLHA DE S. PAULO, 1967, p. 5).

Os temas serão fornecidos pela Pesquisa projetada na idéia de “Uma biblioteca em cada lar”, essas campanhas devem ser permanentes objetivando não só criar, mas também manter o hábito da leitura. Quanto às publicações institucionais abrangem elas dois pontos principais: 1. *Bibliografia Infantil Brasileira*, exemplo de trabalho idêntico feito por Lenyra C. Fraccaroli, com base no levantamento feito pelo Departamento de Biblioteconomia. 2. *Guia de leitura para pais e mestres*, já traduzido, em vias de ser adaptado às condições brasileiras. (ARROYO, 1967, p. 5).

Conforme explicita esse fragmento do artigo, o Ministério da Educação aguardava a finalização do trabalho de adaptação desse livro à realidade brasileira, que estava sendo organizado por Leonardo Arroyo.

Maria Braz, no seu texto de apresentação, destaca o trabalho realizado por Arroyo, que, segundo ela, trouxe informações “oportunas” sobre as condições de leitura no Brasil.

Merece realce, também, o trabalho a cargo do abalizado conhecedor da Literatura Infantil – Leonardo Arroyo –, pois enriquecendo o texto com dados úteis e oportunos, foi vantajosamente além da adaptação exigida pelas condições do nosso meio. (BRAZ, 1969, p. 6).

Essas e muitas outras reflexões de Arroyo sobre a leitura e a literatura infantil foram reunidas e ampliadas no livro *Literatura infantil brasileira* (1968), que apresento, de forma detalhada, no próximo capítulo. Esse livro sintetiza a trajetória de pesquisas de Arroyo sobre

esse tema, nele, Arroyo reúne as teorias vigentes e, até contraditórias, que vinham sendo desenvolvidas sobre a literatura infantil no Brasil e no exterior, organiza e sintetiza os documentos que preservou ao longo de sua trajetória como escritor e jornalista.

Além disso, com base na opção metodológica que fez, estrutura os marcos de nossa literatura infantil, apontando autores, editoras, livros e fontes documentais que foram pouco exploradas, conferindo a esse tema possibilidades de pesquisa e “ensinando” aos seus pósteros os caminhos desses estudos no Brasil.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO DO LIVRO *LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA*, EM SUAS TRÊS EDIÇÕES

4.1. Aspectos gerais do livro *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1968)

A 1ª.edição de *Literatura infantil brasileira* (1968) foi publicada pela editora Melhoramentos (SP) e integrou a coleção “Biblioteca da Educação”. Essa coleção foi criada e organizada pelo “[...] educador, administrador escolar, psicólogo, editor, autor de cartilhas, livros de leitura e livros de literatura infantil” (MORTATTI, 2008, p. 45), Manuel Bergström Lourenço Filho em 1927, a qual teve longa duração, sendo publicada até a década de 1970. Durante os 43 anos de circulação dessa coleção, foram publicados 37 títulos, além de diversas reedições de alguns desses livros.

Nas décadas de 1950 e 1960, segundo Carvalho e Toledo (2004), a coleção “Biblioteca de Educação” passou a publicar livros em duas séries: “Grandes Textos”, cujos livros tinham formato grande, e “Iniciação e Debate”, cujos livros tinham formato médio. O livro de Arroyo (1968) integrou a série “Grandes Textos” dessa coleção.

Na quarta capa do exemplar da 1ª. edição de *Literatura infantil brasileira* (1968) consta a seguinte informação sobre essa série: “Série organizada pelo Prof. Lourenço Filho, que visou à formação de um conjunto de obras de grande interesse e utilidade para estudantes e professores, assim como aos que se interessam pelos conhecimentos fundamentais da Educaçãoⁱⁱ.” (ARROYO, 1968, s.p.). Assim, publicado em uma série prestigiada por divulgar os “fundamentos” da educação brasileira e, somada a influência que recebeu de Lourenço Filho como prefaciador e organizador dessa série, a literatura infantil passa a fazer parte dos assuntos educacionais, como tema científico e necessário à formação docente.

Possivelmente, em decorrência do esgotamento da 1ª. edição, o livro teve outras duas edições: a 2ª., publicada em 1988, também pela Editora Melhoramentos (SP); e a 3ª., em 2011, pela Editora UNESP (SP).

A 1ª. edição desse livro tem formato 16,5 cm x 23,5 cm e contém 239 páginas; a 2ª., formato 14 cm x 21 cm e 248 páginas; a 3ª., publicada pela Editora UNESP, tem formato 14 cm x 21 cm e 408 páginas.

Assim como há diferença nas dimensões e quantidade de páginas entre os exemplares, há diferenças também nas capas.

Impressa em papel flexível, nas cores verde-escuro, branco e vermelho, a capa da 1ª. edição foi desenhada por Gioconda Uliana Campos¹⁸⁴ e contém a ilustração de um grupo de crianças sentadas em círculo.

¹⁸⁴ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Gioconda Uliana Campos.

Figura 53: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1968), de Leonardo Arroyo



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Conforme se observa na figura 41, a ilustração ocupa cerca de 70% da capa, mais posicionada na parte inferior. Na parte superior, consta, em um fundo branco, o traço de duas linhas horizontais na cor vermelha. Acima da primeira linha vermelha, em letras menores, aparece o nome da editora. Acima da segunda linha, em letras maiores, o título da coleção “Biblioteca de Educação”. O título do livro aparece centralizado no fundo branco da capa e escrito em letras maiúsculas. Na lateral esquerda do título e em letras menores, aparece o nome do autor.

A informação sobre o subtítulo do livro: “ensaio de preliminares para sua história e suas fontes” consta somente na página de rosto da 1ª. edição. Esse subtítulo remete à ideia de um livro que tenta, modestamente, contribuir para a compreensão desse fenômeno literário, oferecendo apenas “subsídios” para pensar a história e as fontes desse gênero. No entanto, nas outras duas edições, o subtítulo foi retirado. Esse fato pode ser mais um indicativo de que a “história” contada por Arroyo não foi contestada, passando de “ensaio de preliminares” para a “história das fontes” da literatura infantil brasileira.

Impressa também em papel flexível e na cor vermelha, a capa do exemplar da 2ª. edição da obra apresenta o nome do autor e o título do livro centralizados na parte superior da capa: o título está escrito em letras bastante destacadas.

Abaixo do título, em letras menores e à direita da capa, consta menção à apresentação da 1ª. edição, escrita pelo professor Lourenço Filho.

Figura 54: Capa do exemplar de 2ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira* (1988), de Leonardo Arroyo



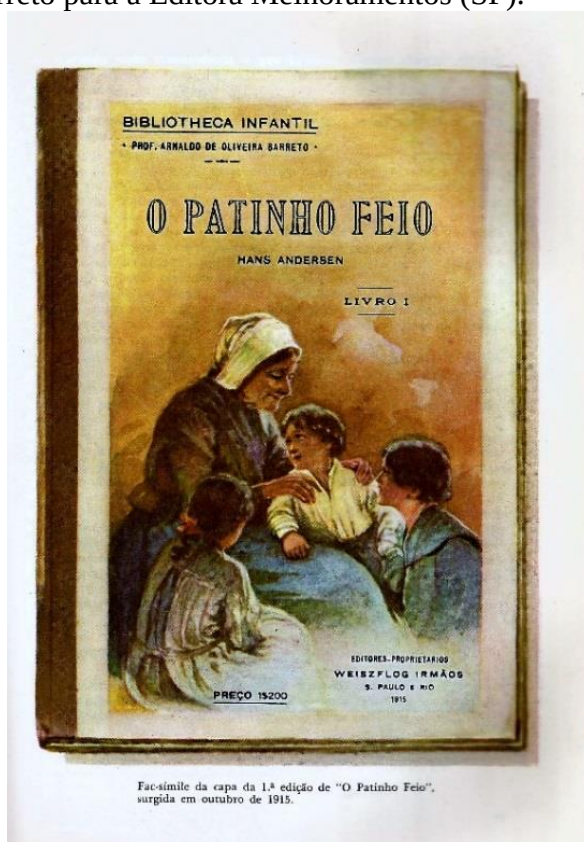
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Conforme se observa na figura 42, a imagem sugere um momento de “contação de histórias”. Segundo Mortatti (2011), essa ilustração é uma reprodução da capa do primeiro volume – “O patinho feio”, de Hans Cristian Andersen –, publicado na coleção “Biblioteca Infantil”¹⁸⁵, criada, em 1915, pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto¹⁸⁶, para a editora Melhoramentos. Essa ilustração e a informação sobre a sua utilização no Brasil constam também no segundo capítulo do livro de Arroyo, intitulado “A cultura oral”.

¹⁸⁵ Cf. nota 18 da Introdução desta tese.

¹⁸⁶ Cf. nota 18 da Introdução desta tese.

Figura 55: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *O Patinho feio*, de Hans Cristian Andersen, publicado na coleção “Biblioteca Infantil”, idealizada e organizada pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto para a Editora Melhoramentos (SP).



Fonte: *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*, de Leonardo Arroyo (1968).

Impressa em papel resistente, tipo “cartão”, e nas cores branco, verde-claro e lilás, a capa da 3ª. edição apresenta o nome do autor e o título do livro na parte superior. Todas as palavras foram escritas em verde-claro, e a palavra “brasileira”, do título, aparece de forma destacada, em letras maiores.

Figura 56: Capa do exemplar de 3ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira* (2011), de Leonardo Arroyo



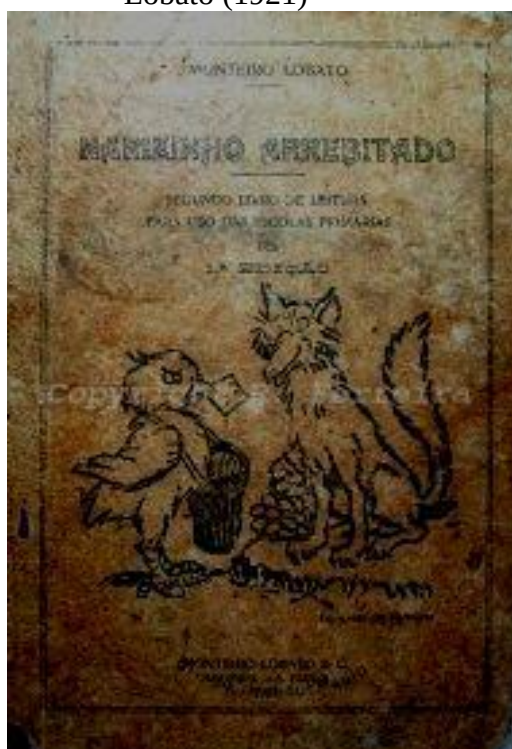
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A ilustração da 3ª. edição dessa livro é a mesma que consta na 1ª. edição do livro *Narizinho arrebitado*¹⁸⁷ (1921), de Monteiro Lobato. É possível presumir que a escolha dessa ilustração para a 3ª. edição do livro de Arroyo (2011) se deve ao reconhecimento que, hoje, se atribui aos livros de Lobato. Outro aspecto é a identificação de um conceito de literatura infantil brasileira vinculada à escrita literária de Lobato, como uma espécie de modelo/padrão para o que pode ser considerado, ou não, literatura para crianças.

Conforme se observa na figura 44, no centro da capa, consta a ilustração publicada inicialmente na 1ª. edição do livro *Narizinho arrebitado* (1921), de José Bento Monteiro Lobato.

¹⁸⁷ Cf. nota 15 da Introdução desta tese.

Figura 57: Capa do exemplar de 1ª. edição do livro *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato (1921)



Fonte: Acervo do GPHELLB – Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil”

As capas das três edições aqui analisadas apresentam orelhas com informações sobre o conteúdo do livro. Na orelha da capa da 1ª.edição, contém informações sobre a coleção “Biblioteca de Educação” e a série “Grandes Textos”. O restante da primeira orelha e cerca de 70% da segunda contém um fragmento do texto de apresentação, escrito pelo professor Lourenço Filho, o que dava legitimidade ao autor e ao livro, por ser Lourenço Filho uma referência de educador na época.

Na orelha da quarta capa da 1ª edição, consta, ainda, a seguinte nota da editora:

O livro faz parte da série “Grandes Textos”, que integra a Biblioteca de Educação, das Edições Melhoramentos, e servirá como leitura complementar para os estudantes de Literatura de nossas Faculdades de Filosofia, bem como a professores e a leigos interessados no tema. (ARROYO, 1968, s.p.).

Na orelha da capa da 2ª. edição, consta uma apresentação feita pela editora, a qual também menciona fragmentos do texto de apresentação à 1ª. edição, escrito pelo professor Lourenço Filho, e na orelha da quarta capa, consta uma pequena foto de Leonardo Arroyo.

Na orelha da 3ª. edição, consta um texto do Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini¹⁸⁸, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *Campus* de Assis. Nesse texto, Ceccantini (2011, s. p.) menciona a relevância do livro *Literatura infantil brasileira*, em relação à produção *sobre* literatura infantil, e sua reedição 43 anos após a publicação da 1ª. edição.

O relançamento da obra – fora do mercado há algum tempo – desse jornalista, historiador e crítico literário de perfil muito dinâmico no cenário cultural brasileiro delineado a partir da década de 1940 é dos mais apropriados. Recoloca em circulação um texto imprescindível para todo aquele que se interesse especificamente por nossa literatura infantil, assim como, de um modo mais geral pela história da leitura, do livro, da imprensa e da educação no Brasil.

Nas páginas de rosto dos exemplares das três edições, com pequenas modificações quanto à disposição das informações, repetem-se as informações contidas nas capas. Conforme mencionei, a informação sobre o subtítulo do livro – “ensaio de preliminares para sua história e suas fontes” – aparece somente na página de rosto do exemplar da 1ª. edição do livro (1968).

A supressão desse subtítulo nas capas posteriores à 1ª. edição são indicativas de que o “ensaio” proposto por Arroyo tornou-se a “verdadeira” história da literatura infantil brasileira não contestada até os dias atuais. Presumivelmente, esse fato tenha ocorrido pela quantidade de fontes documentais apresentadas por Arroyo e pelo rigor científico empregado no tratamento dessas fontes que ainda não tinham sido exploradas por nenhum outro pesquisador naquele momento histórico.

¹⁸⁸ João Luís Cardoso Tápias Ceccantini tem “[...] graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, campus de Assis (1987), onde também realizou seu mestrado (1993) e doutorado em Letras (2000). [...] Atualmente é professor assistente doutor da UNESP, instituição em que trabalha desde 1988. Atua junto à Disciplina de Literatura Brasileira, desenvolvendo pesquisa principalmente nos seguintes temas: literatura infantil e juvenil, leitura, formação de leitores, literatura e ensino, Monteiro Lobato e literatura brasileira contemporânea [...]. É coordenador do Grupo de Pesquisa ‘Leitura e Literatura na Escola’, que congrega professores de diversas Universidades do país. [...] Tem realizado diversos projetos de pesquisa aplicada, voltados à formação de leitores e ao aperfeiçoamento de professores no contexto do Ensino Fundamental.” (s.p.). Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4794048Y7>>. Acesso em 13 fev. 2016.

No verso da página de rosto da 1ª. edição, constam informações bibliográficas sobre Leonardo Arroyo. O exemplar da 2ª. edição apresenta informações sobre a editora e o exemplar da 3ª. edição é o único que contém ficha catalográfica.

Na página de rosto dos exemplares das três edições constam as seguintes informações: o nome do autor, seguido do título do livro e do nome da editora. Após a página de rosto, constam a dedicatória e a epígrafe do livro. Arroyo dedica seu livro aos seguintes professores e escritores: Arnaldo Magalhães de Giacomo¹⁸⁹, Décio Diegoli¹⁹⁰, Francisco Marins¹⁹¹, Leão Machado¹⁹², Lourenço Filho¹⁹³, Otacílio de Carvalho Lopes¹⁹⁴ e Lenyra Camargo Fraccaroli¹⁹⁵.

Após a dedicatória, consta o sumário com a apresentação de seis capítulos, a saber: “I. Introdução”; “II. A literatura oral”; “III. A paisagem cultural”; “IV. A literatura escolar”; “V. A imprensa escolar e infantil” e “VI. A literatura infantil”. Cada capítulo tem vários tópicos, que variam entre três e 15 por capítulo. Os capítulos mais extensos são os de número cinco e seis, com 15 tópicos cada um.

Observa-se que não houve supressão ou acréscimo de capítulos e nem alteração na ordem de sua apresentação; as mudanças ocorreram apenas nos textos de apresentação, com a inserção de um novo texto em cada edição.

¹⁸⁹ Arnaldo Magalhães de Giacomo (1928-1977) nasceu em “[...] Ribeirão Preto, SP. Mudou-se para a cidade de São Paulo onde se formou em Filosofia. Foi professor de Língua Portuguesa e História do Brasil e também contribuía com textos para jornais locais. Ingressou na Editora Melhoramentos, que, por sua iniciativa, começou a editar livros para o público jovem. Iniciou sua carreira literária em 1952 com a publicação de *Eulália Neutra* e recebeu o prêmio Jabuti por sua obra *Villa-Lobos: a alma sonora do Brasil*, considerada a mais importante do escritor. Postumamente foi consagrado membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil.” (s.p.). Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/arnaldo_giacomo/index.php?p=5442> . Acesso em 25 mar. 2016.

¹⁹⁰ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre Décio Diegoli.

¹⁹¹ Cf. nota 26 da Introdução desta tese.

¹⁹² Leão Salles Machado (1904-1976) “[...] nasceu em Itápolis (SP) [...]. Concluiu o curso primário em 1916 [...]. Foi autodidata [...] tendo se aperfeiçoado em vários idiomas espanhol, francês, italiano e inglês [...]. É aprovado em um concurso para escriturário do Tribunal da Justiça [...]. Em seguida, foi convidado a ocupar o cargo de chefe de gabinete da Agricultura do Estado. [...] Participou de vários concursos literários organizados pelas academias Paulista e Brasileira de Letras.”. Disponível em: <<http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/3173/Vamos%2Bvisitar%2Ba%2Btia%2BTuca%252C%2Bla%2Bno%2Bbairro%2BIndianopolis>> . Acesso em 25 mar. 2016.

¹⁹³ Cf. nota 7 da Introdução desta tese.

¹⁹⁴ Otacílio de Carvalho Lopes (1904-1975) “[...] nasceu na cidade de Barreiras, Bahia [...]. Realizou seus estudos no Ginásio Ipiranga, no Colégio Figueiredo e na Faculdade de Medicina. Foi diplomado em Medicina, pela Faculdade de Medicina da Bahia [...]. Portador de ampla cultura humanística, ingressou na Academia Paulista de Letras, recebendo diversos títulos honoríficos na Academia Nacional de Medicina, na Associação Paulista de Medicina e no Instituto Oscar Freire.” (s.p.). Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/272-otacilio-de-carvalho-lobes.html>> . Acesso em: 25 mar. 2016.

¹⁹⁵ Cf. nota 146 do Capítulo 2 desta tese.

O texto de apresentação à 1ª. edição foi escrito em dezembro de 1967, pelo professor Manuel Bergström Lourenço Filho¹⁹⁶, e tem como título “Um livro básico sobre literatura infantil brasileira”. Esse texto tem três páginas e está organizado em quatro partes, separadas por pequenas marcações gráficas no texto.

Em seu texto, Lourenço Filho explica que o uso corrente do termo “literatura infantil” para denominar um conjunto de publicações “[...] sem conteúdo especialmente didático [...]” [era] relativamente recente no Brasil: “Da literatura geral, ou comum, só recentemente se destacou esse gênero específico, com aspectos técnico-formais caracterizados”. (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 11). Em relação a outros estudos sobre a literatura infantil brasileira que vinham sendo produzidos no país, naquele período, Lourenço Filho destaca o trabalho “pioneiro” de Arroyo.

Lourenço Filho (1968) considera que, em seu livro, Arroyo aborda amplos aspectos da literatura infantil e destaca o importante período de “reação nacional” em que trata de forma detalhada os volumes traduzidos e a crescente produção de uma literatura infantil nacional “[...] já de maior valor artístico, registrando observações muito exatas” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 14).

Lourenço Filho (1968, p. 15-16) conclui que:

[n]ão se pode deixar de admirar, neste livro, a riqueza das informações, a multiplicidade das fontes, a consistência geral do método adotado. Não se poderá deixar de admirar também a largueza e profundidade de muitas das inferências, algumas das quais não deixarão de suscitar úteis debates.

[...]

Pelo seu conteúdo tão valioso como atraente aos olhos de educadores, sociólogos, historiadores e homens de letras, em geral, este substancioso trabalho de Leonardo Arroyo desde agora nessa classe passa a figurar.

Na 2ª. edição, manteve-se a apresentação de Lourenço Filho e foi acrescida uma nota, escrita em junho de 1988, por Glória Maria Fialho Pondé¹⁹⁷ (1948-2006), professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) que dedicou toda sua carreira aos estudos sobre a leitura e a literatura infantil no Brasil, ocupando cargos em diferentes instituições na área. Nessa nota, a autora chama a atenção para o momento histórico e educacional em que

¹⁹⁶ Cf. nota 7 da Introdução desta tese.

¹⁹⁷ Glória Maria Fialho Pondé (1948-2006) “[...] foi professora titular da Universidade Federal Fluminense e dedicou toda sua vida ao ensino. [...] Graduiu-se na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também fez seu mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, com enfoque na literatura infantil, tema ao qual se dedicou ao longo de sua carreira. [...] Em 1978, começou a trabalhar na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), onde ocupou o cargo de diretora entre 1984 e 1986. Ministrou curso de literatura infantil e juvenil em vários estados e integrou a equipe criadora do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), em 1990.” (s.p.). Disponível em: http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=2923 Acesso em: 23 mar. 2016.

ocorreu a publicação da 2ª. edição desse livro de Arroyo (1988), pois considera que ele responde à demanda de um tema que vinha ganhando cada vez mais notoriedade no Brasil, seja na “[...] área acadêmica, nas escolas de 1º. e 2º. graus, na imprensa e na preocupação dos pais em torno do gosto pela leitura, da formação de público e da melhoria da produção editorial [...]”. Pondé (1988) conclui que:

[...] mais do que uma história da literatura infantil, apresenta-nos uma história da pedagogia brasileira: as origens e transformações da educação formal em nosso país, bem com o papel do folclore visto como transmissor da ideologia popular. (PONDÉ, 1988, s.p.).

Na 3ª. edição, também se mantiveram a apresentação de Lourenço Filho e a nota à 2ª. edição, de Glória Pondé, sendo, porém, acrescida uma apresentação, escrita em fevereiro de 2011, por Maria do Rosário Longo Mortatti¹⁹⁸. Esse texto contém cinco páginas e foi organizado em três partes. Inicialmente, Mortatti (2011) comenta sobre as mudanças no formato do livro, o acréscimo das apresentações, bem como algumas informações bibliográficas sobre Arroyo e destaca, ainda, a relevância da publicação da 3ª. edição do livro, pois, transcorridos 23 anos da publicação da 2ª. edição (1988), o livro continua sendo utilizado.

Embora se tenha modificado as condições sociais, culturais e educacionais do momento histórico em que Arroyo produziu o ensaio e embora se tenham esgotado os exemplares das edições anteriores, o livro continua sendo utilizado por meio da leitura de exemplares que integram acervos pessoais de estudiosos e pesquisadores e de bibliotecas universitárias, sobretudo. (MORTATTI, 2011, p. XV).

A pesquisadora destaca o valor desse livro em relação aos estudos sobre a literatura infantil no Brasil, além de aspectos como o objeto de investigação, o método, a abordagem histórica e a diversidade das fontes documentais. Mortatti (2011) considera que, pelo conjunto de documentos que Arroyo “reuniu” e “interpretou”, esse livro apresenta

¹⁹⁸ Maria do Rosário Longo Mortatti “[...] é professora titular da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília (SP), Livre-Docente em Metodologia da Alfabetização pela mesma Universidade (2007). Graduiu-se em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) de Araraquara (SP), tem mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordena, desde 1994, o Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”. Atuou também como presidente da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf) (2012-2014) e é autora dos livros: *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo-1876/1994 (Ed. UNESP, 2000); *Educação e letramento*; (Ed. UNESP, 2004); *Em sobressaltos*: formação de professora (Ed. UNICAMP, 1993); *Leitura, literatura e escola*: sobre a formação do gosto (Ed. Martins Fontes-1989). Em 2012, ganhou o 54º. Prêmio JABUTI – categoria Educação com o livro *Alfabetização no Brasil*: uma história de sua história (Cultura Acadêmica/Oficina Universitária, 2011).” (s.p.). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4723126P1>. Acesso em: 19 mar. 2016.

[...] caráter inaugural e pioneiro, derivado da formulação – de um ponto de vista até então inédito – de um objeto de investigação, de uma versão da história da literatura infantil brasileira e de um tipo de abordagem histórica desse tema. E é também dessas características “de fundo” que derivam as inquestionáveis qualidades e a reiterada atualidade do livro: inaugura tanto a tradição de abordagem histórica da literatura infantil quanto de formulação de um objeto específico – a literatura infantil *brasileira* – [...]. (MORTATTI, 2011, p. XVIII-XIX, grifos da autora).

Mortatti (2011) ressalta ainda o valor desse livro como “documento histórico” e a necessidade de ampliação de alguns aspectos abordados em seu prefácio, tais como, “[...] o conceito de literatura infantil em que se fundamenta o pensamento do autor, a trajetória editorial do livro, a história de sua leitura.” (MORTATTI, 2011, p. XXII).

Para Mortatti (2011), Arroyo ocupa lugar de destaque no discurso sobre o tema, pois seu livro se tornou leitura obrigatória para os especialistas que surgiram após um movimento de grande produção e circulação de livros *de e sobre* literatura infantil, no Brasil, a partir da década de 1970. Segundo Mortatti (2011), antes da publicação do livro de Arroyo, a “[...] a produção brasileira sobre o tema, contava-se, até a década de 1960, com iniciativas esparsas, predominantemente vinculadas a ou motivadas por necessidade e pontos de vistas educacionais e didáticos-pedagógicos [...]” (MORTATTI, 2011, p. XVII).

Mortatti (2011) conclui que o livro de Arroyo

[...] inaugura a tradição tanto de abordagem histórica da literatura infantil quanto de formulação de um objeto específico – a literatura infantil *brasileira* – com base na configuração do correspondente fenômeno em nosso país, o qual o autor busca compreender; e recupera, reúne e interpreta, pioneiramente, o conjunto de fontes documentais até então desconhecidas ou dispersas. (MORTATTI, 2011, p. XVIII-XIX, grifos da autora).

Por fim, por meio da análise dos textos de apresentação das três edições do livro de Arroyo, é possível perceber que os pesquisadores apresentam aspectos importantes quanto à constituição do campo da história da literatura infantil e destacam o pioneirismo de Arroyo ao abordar esse tema naquele momento histórico de publicação do livro.

4.2. Aspectos do conteúdo de *Literatura infantil brasileira*: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes

4.2.1 Texto de apresentação

O texto de apresentação foi escrito em dezembro de 1967 e tem sete páginas. No primeiro parágrafo, Arroyo (1967) demonstra total consciência do ineditismo do estudo que apresentava por meio desse livro, colocando-se no papel do “oleiro humilde” que constrói os

tijolos e as telhas para servir ao arquiteto e mestre de obras (ARROYO, 1967). Por meio da análise das fontes que reuniu ao longo de vários anos de pesquisa, sabia que seu trabalho apresentava um “valor histórico irrecusável”, no entanto, para ele, ela serviria a outra obra definitiva, que seria elaborada por seus pósteros: “O subtítulo do trabalho é bem claro a respeito: ensaio de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil. E não, amplamente, uma história.” (ARROYO, 1967, p. 17).

O período histórico abrangido por Arroyo (1968) compreende o Brasil Colonial e a produção de literatura infantil de Monteiro Lobato. Arroyo (1968) encerrou a reunião das fontes documentais no ano de 1966, lamentando, sobre esse aspecto, a ausência de pesquisas profundas sobre a literatura infantil brasileira, bem como o pouquíssimo material disponível, que, em seu entender, poderia servir tanto para o seu conforto como para o confronto de suas ideias.

Seu apoio teórico esteve alicerçado, principalmente, em bibliografia estrangeira publicadas na França, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha, Alemanha e na Itália. Desse conjunto de estudos, deixa claro que não foi leitor dos textos alemães pela dificuldade com a língua. O método de trabalho utilizado por Arroyo foi o da “[...] caracterização das diversas fases da nossa literatura infantil e não da análise crítica [...]” dessas fases (p. 18), também procurou, quando possível, apresentar a relação entre o “fenômeno literário” e o “momento histórico-social” em que foram produzidos os livros para crianças, pois, segundo Arroyo, pretendia apresentar “[...] os fenômenos em sua realidade pura [...]” mais do que em sua “[...] realidade vinculada.” (p. 18).

Arroyo (1967) compreende a literatura infantil como um “nôvo gênero literário”, atribuindo a ela uma especificidade que a diferenciava da literatura para adultos, assim, o termo “infantil” não é um adjetivo para ele, mas uma definição que caracteriza e constitui a produção desse “gênero”. Arroyo (1967) trata das fases da literatura infantil como um processo “evolutivo” que dependia de vários fatores para se desenvolver, tais como: da área educacional, cultural e econômico, por isso, a “evolução” da literatura infantil variava de acordo com o tempo, o espaço geográfico e cultural e, também, de acordo com o recursos culturais e econômicos do local em que foi produzida. Assim, para ele, “[...] o processo de evolução da literatura infantil brasileira não obedeceu a critérios rígidos e claramente distintos no espaço e no tempo.” (p. 19).

Sua pesquisa baseou-se em materiais antigos, recolhidos ao longo de vários anos, como catálogos de editoras, livros de memorialistas, estudos sociológicos e depoimentos de leitores. A preservação desse material, segundo Arroyo (1967), ocorreu de forma diferente em

cada estado brasileiro, por isso os resultados sobre a “evolução” da literatura infantil em cada estado foi diferente. Por meio das fontes que reuniu, foi possível criar uma “estrutura” (p. 19) que proporcionou inteligibilidade sobre as “fases” de desenvolvimento da literatura infantil: a tradição oral ou folclore; a literatura escolar; a imprensa escolar; o teatro; até chegar ao modelo criado por Monteiro Lobato.

No texto de apresentação, Arroyo (1967) lamenta as “insuficiências” do último capítulo, intitulado “A literatura infantil” e, para supri-las, pretendia publicar uma antologia da literatura infantil brasileira que pudesse “ilustrar” as fases evolutivas desse gênero por meio de “[...] trechos de obras de literatura infantil de nossos mais importantes e representativos autores.” (p. 224). No entanto, até o momento, não localizei nenhuma informação sobre a produção e/ou publicação desse volume.

Presumo que o volume que Arroyo pretendia publicar, assemelha-se ao estudo apresentado pelas pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman no livro *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira – histórias, autores e textos, publicado no ano de 1986, pela Global Editora (SP). Nesse volume, as autoras apresentam uma pequena antologia de textos infantis que “ilustram” cada fase da literatura infantil brasileira, assim como Arroyo pretendia fazer.

Embora não mencionem esse fato, é possível que a orientação inicial ou a “inspiração” para a realização desse trabalho tenha vindo de Arroyo, pois as autoras conheciam seus estudos, e até dedicaram-lhe um de seus livros: “[...] [ao] mestre e pioneiro dos estudos de literatura infantil brasileira [...]”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, dedicatória).

4.2.2 “I. Introdução”

O primeiro capítulo foi organizado em cinco tópicos: “Origens: tema e problemas”, “Cronologia necessária”, “Conceitos e temas”, “O adulto e a criança”, e “Fantasia e valor”. De modo geral, nesse capítulo trata do(s) conceito(s) de literatura infantil que circulavam aquele momento histórico e dos problemas com a definição da literatura infantil.

Para Arroyo (1968), a literatura infantil, como a conhecemos, resulta de um processo de “acomodação” entre as expressões culturais de diferentes povos. Além disso, os temas e a linguagem, chamadas por ele de “técnico-pedagógica”, se modificam a partir do país e do momento histórico em que foram traduzidas. (ARROYO, 1968, p. 25).

Para ele, os textos de literatura infantil sempre estiveram relacionados ao que chamou de “temas de circunstância” e/ou “relações técnico-pedagógicas” (ARROYO, 1968, p. 25). Esses termos representam a forte ligação com a escola de modo particular e com a educação

de modo geral, por isso, a literatura infantil variava “[...] no espaço e no tempo da cultura humana.” (p. 25). “Se prestarmos atenção às edições dos autores dos séculos XVIII e XIX, comparando-as com as mais modernas, vamos constatar diferenças fundamentais na construção, no desenrolar do tema, na utilização da linguagem e do vocabulário.” (p. 25).

Para Arroyo, desde a sua formação, a literatura infantil esteve ligada a pedagogia como instrumento de educação. No entanto, segundo ele, o critério de valor de um livro de literatura infantil deveriam ser medidos pelo “gosto do leitor infantil” (p. 25), pois esse foi o critério responsável pela permanência dos autores clássicos da literatura infantil como Esopo e Perrault.

Esta realidade específica não pode ser confundida com exercícios intelectuais ou pedagógicos estritos, fórmulas de moral ou de pureza gramatical, variáveis em suas vinculações históricas. Deixa-se bem claro o valor fundamental do gosto infantil como único critério de aferição da literatura infantil. (ARROYO, 1968, p. 25).

De acordo com Arroyo (1968), as concepções pedagógicas, psicológicas e sociológicas que envolviam a criança influenciavam a definição conceitual de literatura infantil. Portanto, a pedagogia, mais do que a literatura, responderia sobre a conceituação da literatura infantil.

A conceituação de literatura infantil tem variado muito no espaço e no tempo, tão íntima é a relação, em sua natureza, com a pedagogia. E tão imponderáveis são também os critérios constituídos para o estabelecimento de um conceito definitivo que, na maioria das vezes, ou geralmente, atendem apenas a determinadas implicações históricas, sociais e, sobretudo, pedagógicas. (ARROYO, 1968, p. 34).

Com base nos estudos de Carmen Bravo-Villasante, Arroyo (1968) apresenta duas direções sobre o conceito de literatura infantil: “a) não deve haver literatura especialmente para crianças, mas a utilização, condensada ou adaptada, das obras primas da literatura universal; b) a diferença de mentalidade na criança implicaria na feitura de obras especiais para elas.” (p. 34). Arroyo (1968) apoia a primeira direção e entende que a produção de livros específicos para crianças gerou várias “experiências” no gênero, que “inflacionaram” o mercado e o “desmoralizaram.” (ARROYO, 1968, p. 35).

De acordo com Arroyo (1968), os autores estrangeiros como Anton S. Makarenko, Lorenzo Luzuriaga, Montaigne, Paul Hazard negam o tom moralizante nos livros infantis, mas consideram a necessidade de a literatura infantil tratar de temas humanos, ou seja, que apresente as “melhores ideias humanas”. (ARROYO, 1968, p. 37).

De igual modo, os autores brasileiros, Alceu Amoroso Lima¹⁹⁹ e Orlando Leal Carneiro²⁰⁰, entendem que o objetivo primeiro da literatura infantil é o de “povoar a imaginação” e “despertar sua curiosidade”. Para esses autores, a literatura infantil deveria ser um prazer, “[...] o mais engraçado dos brinquedos [...]”. Somente após esses aspectos terem sido desenvolvidos no livro infantil poder-se-ia dar início “[...] a obra de ensino e de educação moral.” (LIMA, 1966, *apud* ARROYO, 1968, p. 40). Para Arroyo (1968), esse modo de compreender a literatura infantil aproximava-se do tipo de literatura apresentada por Monteiro Lobato e pelos livros consagrados desde o aparecimento de Perrault.

No entanto, aponta que a conceituação da literatura infantil gerava opiniões muito divergentes, “[...] marcadas por extrema ortodoxia, ao invés de aclararem o problema e consagrar diretrizes pacíficas sobre o mesmo [...], mais concorriam para a dificuldade de sua inteligência.” (ARROYO, 1968, p. 40 - 41). Por isso, o melhor critério de análise de uma boa literatura infantil

[...] é a capacidade crítica da criança em contacto com o livro. O que ela aprovar deve ser naturalmente a legítima literatura infantil. O melhor argumento dessa tese é a própria história da literatura infantil ao longo dos anos, desde o aparecimento das *Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, [...] os clássicos, os verdadeiramente consagrados pela infância, podem ser apontados facilmente. (ARROYO, 1968, p. 41).

Arroyo (1968) apresenta a relação entre a literatura infantil europeia e a tradição oral, explicando que, apesar de o livro infantil começar a ser publicado na Europa no século XVII, suas raízes são mais antigas, em especial a tendência de chamar de “literatura” tudo o que era direcionado à criança, como as lições de moral, de comportamento, boas maneiras e orações.

Apresenta, também, uma síntese das fases de constituição da literatura infantil mundial por meio de 36 livros de literatura infantil que considerou representativos da constituição desse gênero literário. Essa síntese decorreu da ampliação que fez do quadro sinótico elaborado por Jean de Trigon²⁰¹, no livro *Histoire de la littérature enfantine*, de 1950. Arroyo (1968) considera que o quadro de Trigon (1950) é “sugestivo” e “eficiente”, mas aponta falhas sobre suas origens na antiguidade em relação à literatura popular.

¹⁹⁹ Os textos de Alceu Amoroso Lima mencionados por Arroyo foram: *Estudos* (1ª. série), de 1929 e *Estudos Literários* (vol. 1), de 1966.

²⁰⁰ O texto de Orlando Leal Carneiro mencionado por Arroyo foi: *Metodologia da Linguagem*, de 1958.

²⁰¹ Jean Trigon (1902-1968) “[...] nasceu na Grã-Bretanha, [...] Em seu trabalho de interesse, escreveu sobre vários gêneros, como história, romances e crítica de arte. Pertence à velha aristocracia Breton. Prolífico cronista da região de Morlaix, mas também um pintor e desenhista [...]. Em 1950, publicou o livro *Histoire de la littérature enfantine* [...]” (s.p.). Disponível em <http://www.skoluhelarvro.org/culture-bretagne/ecrivains/ecrivain_biographie.php?no=1079> . Acesso em 25 mar. 2016.

A cronologia é por ele apresentada a partir de “[...] fatos, nomes, livros e tempo [...]” da “evolução literária”. Nessa cronologia, a tradição oral aparece em primeiro lugar, seguida das fábulas: *PanthaTantra*²⁰², *Calila e Dimna*²⁰³ e *Mil e uma noites*. Na sequência, apresenta: *Ilíada*²⁰⁴, *Odisséia*²⁰⁵, as fábulas de Esopo²⁰⁶ e Fedro²⁰⁷ e o personagem Bertoldo criado por Giulio Cesare Della Croce²⁰⁸ (1550-1620), que “[...] divertiu o mundo e trouxe o humorismo como tema de literatura infantil” (ARROYO, 1968, p. 32). Essa cronologia estendeu-se até 1966, com Walt Disney²⁰⁹ (1901-1966), considerado por Arroyo (1968, p. 34), “o gênio da

²⁰² O Panchatantra “[...] é a mais antiga coleção de fábulas indianas conhecidas [...] com animais em verso e prosa. [...] O texto original foi escrito em sânscrito, atualmente perdido, foi provavelmente composto no século III AC, é atribuído a Vishnu Sarma. [...] É certamente o produto literário da Índia mais traduzido e possui mais de 200 versões em mais de 50 línguas.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.cesarobeid.com.br/livro%20historias%20indianas%20do%20pantchatantra.html>> . Acesso em: 25 mar. 2016.

²⁰³ Calila e Dimna “[...] é uma versão da coleção de fábulas hindus *Panchatantra*. Estes contos alcançaram enorme popularidade durante a Idade Média, e a versão árabe de Ibn al-Mukafa foi em grande parte responsável por isso, uma vez que foi a base para traduções ao siríaco, persa, hebreu, latim e castelhano. Vários manuscritos árabes de *Calila e Dimna* existem, mas nenhum deles é o original de Ibn Al-Mukafa e há várias diferenças estilísticas entre eles, de maneira que é difícil reconstruir exatamente a tradução original.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.wdl.org/pt/item/8933/>>. Acesso em 25 mar. 2016.

²⁰⁴ A *Ilíada* “[...] é um poema épico cuja autoria é atribuída a Homero, poeta grego, do século VIII a.C. Nesta obra, o autor descreve a Guerra de Troia em vinte cantos [...].O termo *Ilíada* é uma adaptação da expressão grega *ílion*, o nome grego para a cidade de Tróia. [...] A *Ilíada* é constituída por 15.693 versos [...] Foi composta por uma mistura de dialetos, resultando numa língua literária artificial, que nunca foi de fato falada na Grécia. Tornou-se, juntamente com a *Odisseia* [...] modelo da poesia épica [...]” (s.p.). Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/iliada.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

²⁰⁵ A *Odisséia* “[...] é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuídos a Homero [...]. É, em parte, uma sequência da *Ilíada*, outra obra creditada ao autor. [...] A *Odisseia*, assim como a *Ilíada*, é um poema elaborado ao longo de séculos de tradução oral, tendo tido sua forma fixada por escrito, provavelmente no fim do século VIII a.C.[...] O poema relata o regresso do protagonista Odisseu da Guerra de Tróia.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/filosofia/odisseia-homero.htm>>. Acesso em 27 mar. 2015.

²⁰⁶ Esopo foi um “[...] escritor de várias fábulas populares, considerado como o criador desse gênero literário. [...] Sua data de nascimento é incerta e pouco se sabe quanto à origem de suas fábulas, nas quais, de modo geral, os animais falam, têm características humanas e apresentam caráter moral e alegórico. [...] As fábulas de Esopo serviram como base para recriações de outros escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine.” (HIGTON, 1994, p. 6-7).

²⁰⁷ Caio Júlio Fedro “[...] (30/15 a.C. – 44/50 d.C.) foi um fabulista romano nascido na Macedônia, Grécia. Filho de escravos, provavelmente foi alforriado pelo imperador romano Augusto. [...]” (s.p.). Foi um “[...] seguidor de Esopo [...] fez a sátira dos costumes e personagens da época. Por isso, com o grande incômodo que causaram as suas críticas, acabou sendo exilado. [...] Publicou cinco livros de fábulas esópicas, com prováveis alusões aos acontecimentos de sua vida.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/biografia/caio-julio-fedro.htm>> . Acesso em: 27 mar. 2016.

²⁰⁸ Giulio Cesare della Croce (1550-1609) “[...] foi um escritor e dramaturgo italiano [...]. Ficou conhecido por ser um excelente contador de histórias, [...] contava suas histórias em turnês, feiras e mercados, sempre acompanhado por um violino [...]. Abordava temas populares, as quais eram a inspiração para as suas histórias, como as de *Bertoldo*, que teve diferentes versões na Idade Média. Croce deixou mais de 600 obras, alterando a língua italiana para o dialeto de Bolonha, foi um dos principais expoentes da literatura carnavalesca italiana, importante na literatura europeia.” (s.p.). Disponível em: <http://www.giuliocesarecroce.it/Biblio_Croce_finale.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

²⁰⁹ Walter Elias Disney (1901-1966) foi “[...] um produtor cinematográfico, cineasta, diretor, roteirista, dublador, animador, empreendedor, filantropo e co-fundador da *The Walt Disney Company*. Tornou-se conhecido, nas décadas de 1920 e 1930, por seus personagens de desenho animado, como Mickey e Pato Donald. Ele também foi o criador do parque temático sediado nos Estados Unidos chamado Disneylândia, além de ser o fundador da corporação de entretenimento, conhecida como a Walt Disney Company [...]. Existe ainda um outro

imagem”, responsável pela abertura da literatura infantil a nova dimensão do desenho e do cinema.

Arroyo (1968) acrescenta que muitos autores

[...] deram sua contribuição à literatura infantil e não figuram na relação. Pareceu-nos, contudo, que os trinta e seis autores relacionados, inclusive com o tema primário da tradição oral, representam basicamente o que de mais significativo houve no gênero ao longo dos anos de sua formação. (ARROYO, 1968, p. 34).

Considera, ainda, que, apesar de o século XVII ter tido grande significado pelo advento e ampliação da literatura infantil, os séculos XVIII e XIX são a “Idade de Ouro” da literatura infantil, em decorrência das obras de autores como os irmãos Grimm²¹⁰, Hans Christian Andersen e Lewis Carroll²¹¹. Segundo Arroyo (1968, p. 31), Lewis Carrol “[...] introduziria na literatura infantil a manipulação sistemática da imaginação, mesmo aparentemente absurdo, como sistema. E de forma declarada, sem subterfúgios, como o haviam feito alguns clássicos”.

Além desses autores, destaca Júlio Verne²¹², Emilio Salgari²¹³, Fenimore Cooper²¹⁴, Rudyard Kipling²¹⁵, Robert Louis Stevenson²¹⁶, Edgar Rice Burroughs²¹⁷, este último muito conhecido no Brasil pela série de Tarzan.

parque semelhante, chamado Walt Disney World, perto de Orlando, na Flórida, que foi inaugurado em 1971 [...]” (s.p.). Disponível em: <http://www.viajandoparaorlando.com/parques/disney/waltereliasdisney.php>. Acesso em: 07 fev. 2016.

²¹⁰ Os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm “[...] eram linguistas, poetas e escritores [...]. nasceram na Alemanha [...], e dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis presentes na cultura oral de seu povo ganhando assim grande notoriedade. [...] Também deram grandes contribuições à língua alemã, com a publicação do *Dicionário Definitivo da Língua Alemã* (o *Deutsches Wörterbuch*), que não chegaram a completar, devido a morte de ambos entre as décadas de 1850 e 1860. Com seus contos os irmãos Grimm ajudaram a valorizar a identidade nacional e cultura do povo comum. Os irmãos começaram a coleção de contos com o “[...] propósito de criar um tratado acadêmico de histórias tradicionais e de preservar as histórias como eles haviam sido transmitidos [...]”. O primeiro volume de contos foi publicado em 1812 e continha 86 contos, tais como: *Rapunzel*, *A bela adormecida*, e *João e Maria*, entre outros.” (s.p.). Disponível em: <http://www.pitt.edu/~dash/grimm.html>. Acesso em: 24 mar.. 2016.

²¹¹ Lewis Carrol é o pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), que “[...] nasceu na Inglaterra, foi romancista, contista, fabulista, poeta, desenhista, fotógrafo e professor de matemática. [...] Formou-se em matemática na Universidade de Oxford. [...] A história de *Alice no País das Maravilhas* originou-se em 1862, quando Carroll fazia um passeio de barco no rio Tâmisa com sua amiga Alice Pleasance Liddell e as suas duas irmãs. Ele começou a contar uma história que deu origem à atual. [...] A sua amiga Alice gostou muito da história e pediu para Carroll escrevê-la, [...] em 1864 surpreendeu-a com um manuscrito chamado *Alice's Adventures Underground*, ou *As Aventuras de Alice Embaixo da Terra*, em português. Mais tarde ele decidiu publicar o livro e mudou a versão original, aumentando de 18 mil palavras para 35 mil.” (s.p.) Disponível em: <Chap<http://www.buscabiografias.com/biografia/verDetalle/960/Lewis%20Carrolleleiro>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

²¹² Júlio Verne (1828-1905) foi um “[...] escritor francês [...] considerado o inventor do gênero de ficção científica. [...] Júlio Verne é um dos escritores cuja obra foi mais traduzida em toda a história, com traduções em 148 línguas [...]. Estudou Direito na cidade de Nantes [...] no entanto, começou a se interessar mais pelo teatro. A carreira literária de Júlio Verne começou a se destacar quando se associou a Pierre-Jules Hetzel, editor experiente que trabalhava com grandes nomes da época. Hetzel publicou a primeira grande novela de sucesso de

É possível observar que algumas questões sobre o valor na literatura infantil haviam sido exploradas em alguns artigos de Arroyo, mas foi neste capítulo que apresentou diferentes teóricos estrangeiros e brasileiros e suas preocupações com a definição desse gênero literário no Brasil.

Para Arroyo (1968), todos os critérios de valoração da literatura infantil devem guardar em si as tendências de cada cultura e suas teorias educacionais, assim os aspectos da “magia” ou do “maravilhoso” na literatura infantil, embora fundamentais, não poderiam ser os únicos a conceituar um livro como “legítima” literatura infantil, mas a “[...] capacidade crítica da criança em contacto com o livro. O que ela aprovar deve ser naturalmente a legítima literatura infantil.” (p. 41)

De acordo com Arroyo (1968), haviam ainda outros aspectos, considerados importantes por educadores, como Orlando Leal Carneiro, que atribuíam valor e características específicas a literatura infantil, são eles: a) desenvolvimento de uma atividade

Júlio Verne em 1862, intitulado *Cinco semanas em um balão* [...]. Esse livro lhe rendeu fama e dinheiro, a partir dessa publicação, Hetzel publicava novos livros de Verne quase todos os anos, dentre eles, destacam-se *Viagem ao Centro da Terra*, de 1864, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de 1870 e *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*, de 1873.” (s.p.). Disponível em: http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/centenario_morte_julio_verne.htm. Acesso em: 24 mar. 2016.

²¹³Emilio Salgari (1862-1911) foi um “[...] escritor italiano, autor de vários romances de aventura. [...] Iniciou seus estudos em um instituto técnico e naval de Veneza, mas não conseguiu terminá-los. [...] Em 1882, retornou para Verona, onde organizou uma biblioteca itinerante e dedicou-se ao jornalismo. [...] Assim começou uma intensa atividade que o levou a publicar 130 contos e 85 romances, que desde o início, obteve grande aceitação do público e foram traduzidos em muitas línguas.” (s.p.). Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/salgari.htm>. Acesso em: 24 mar. 2016.

²¹⁴James Fenimore Cooper (1789-1851) foi um “[...]escritor que nasceu nos Estados Unidos [...], é conhecido como um novelista que escreveu diversas histórias marítimas, romances históricos e de espionagem.[...] Entre suas obras mais famosas está o romance *O último dos moicanos*, que muitos consideram sua obra-prima.” (s.p.). Disponível em: < http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/cooper_james.htm>. Acesso em: 24 mar. 2015.

²⁵⁸Joseph Rudyard Kipling (1865-1936) foi um “[...] escritor e poeta britânico. [...] É considerado o maior inovador na arte do conto curto; [...] os seus livros para crianças são clássicos da literatura infantil [...]. Foi um dos escritores mais populares da Inglaterra, em prosa e poema, foi laureado com o Nobel de Literatura de 1907, tornando-se o primeiro autor de língua inglesa a receber esse prêmio” (s.p.). Disponível em: <http://aviagemdosargonautas.net/2014/12/30/neste-dia-em-30-de-janeiro-nasceu-rudyard-kipling/>. Acesso em 14 fev. 2016.

²¹⁶Robert Louis Stevenson (1850-1894) foi um “[...] influente novelista, poeta e escritor de roteiros de viagem britânico, nascido na Escócia. [...] Escreveu clássicos como *A Ilha do Tesouro*, *O Médico e o Monstro* e *As Aventuras de David Balfour*. Considerado um dos mais importantes escritores britânicos do século XIX, está entre os autores mais traduzidos em todo o mundo. [...] Em 1866 entrou para a faculdade de Engenharia de Edimburgo. Durante esse período, escreveu durante dois anos para o jornal universitário, o *Edinburgh University Magazine*, revelando seu gosto e talento para a arte e literatura.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/stevenson.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

²¹⁷Edgar Rice Burroughs (1875-1950) nasceu em “[...] Chicago, nos Estados Unidos [...]. Foi o criador de Tarzan e de John Carter, herói da guerra civil americana que foi abduzido por marcianos verdes. [...] Ele também foi jornalista antes de se tornar escritor. [...] Dezoito livros de Tarzan foram publicados no Brasil pela Companhia Editora Nacional a partir de 1933. As traduções foram feitas por importantes escritores, como Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e Manuel Bandeira. Disponível em: <http://www.findagrave.com/cgi-bin/fg.cgi?page=gr&GRid=152>. Acesso em: 24 mar.. 2016.

feliz e fácil; b) imaginação; c) dramatismo; d) técnica de desenvolvimento e e) linguagem. (ARROYO, 1968). Esse tema envolvia para Arroyo, uma “grande problemática”, pois abrangia “[...] o interesse de valores educacionais colhidos na própria experiência da sociedade humana.” (p. 41).

4.2.3 “II. A literatura oral”

O segundo capítulo, intitulado “A literatura oral”, foi organizado em três tópicos: “Nacional e regional”; “Depoimentos e variações”; e “Tradições e sobrevivências”. De modo geral, nesse capítulo, Arroyo (1968) explora alguns aspectos já abordados em artigos e capítulos de livros, principalmente, sobre a influência de diferentes culturas na literatura infantil brasileira. Nesse capítulo, apresenta “[...] livros de memórias de nossos escritores, daqueles principalmente que tiveram sua infância transcorrida na segunda metade do século XIX [...]” (p.45), no Brasil.

Portanto, escreve sobre a infância de alguns escritores brasileiros, com vistas a “[...] proporcionar um panorama do que liam aquelas crianças.” (ARROYO, 1968, p. 45). Para isso, utilizou-se principalmente das obras de Gilberto Freyre²¹⁸, tais como: *Artigos de jornal* (s.d.); *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis* (1944); *Casa grande e senzala* (1950); *Sobrados e mocambos* (1951); *Ordem e progresso* (1959); *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (1965).

Para Arroyo (1968), antes de compreender o livro infantil era preciso compreender o predomínio da literatura oral sobre esse gênero. A tradição oral-popular trouxe consigo o elemento profano, oposto às leituras religiosas que chegavam ao Brasil por meio de marinheiros portugueses e misturavam-se às tradições indígenas e africanas. “São, portanto, três correntes culturais agindo no plano histórico da formação brasileira: a europeia, a indígena e a africana.” (ARROYO, 1968, p. 45).

Para ele, o repertório de histórias do folclore, como contos, lendas, parlendas e músicas sofreu um intercâmbio poderoso com os negros e negras, amas de leite, que eram

²¹⁸ Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) “[...] nasceu em Recife (PE), [...] foi um escritor que se dedicou a interpretação do Brasil com base na sociologia, antropologia e história. Foi também autor de ficção, jornalista, poeta e pintor. É considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX. [...] Foi estudar nos Estados Unidos em 1908, no Colégio Americano Batista Gilreath [...]. Aos dezoito anos, com bolsa da Igreja Batista, foi estudar na Universidade Baylor no Texas, onde se formou bacharel em artes liberais. Continuou seus estudos na Universidade de Columbia nos Estados Unidos onde conheceu Franz Boas, referência intelectual para ele. Em 1922 publicou sua tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (*Vida social no Brasil nos meados do século XIX*). Seu primeiro e mais conhecido livro é *Casa-Grande & Senzala*, publicado no ano de 1933 e escrito em Portugal.” (s.p.). Disponível em:

chamados, em suas culturas, de *akpalôs*, *dialis* e *alôs*, e caracterizavam-se pela grande capacidade de “contação de histórias”. Com base no livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire (1933) e no conceito de “aculturação” nele apresentado, Arroyo (1968) afirma que muitas “estórias”²¹⁹ portuguesas sofreram modificações com elementos da cultura africana. Por isso, o que cada região ou país conhece e entende como literatura infantil seria resultado de um processo de “acomodação” das diferentes influências da cultura oral que foram transportadas para as fontes escritas.

O processo do conhecimento de tôdas essas fontes da literatura infantil foi muito complexo no mundo ocidental. Vieram elas também, as fontes, por meio da expressão oral, espalhando-se pelos povos da Europa, sofrendo em cada região uma acomodação bem acentuada. As alterações e os acréscimos de cada povo a cada estória em sua forma original foi um fenômeno de profunda repercussão. (ARROYO, 1968, p. 29).

Para compreender esse processo de transposição da cultura oral para a cultura escrita na sociedade brasileira, Arroyo (1968) tomou como base a experiência de grandes memorialistas, como Silvio Romero²²⁰ (1943), Câmara Cascudo²²¹ (1938; 1952; 1953; 1954), e José Lins do Rego²²² (1958), registradas em livros.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2016.

²¹⁹ No texto de apresentação, Lourenço Filho (1968) explica que a utilização “sistemática” da grafia “estória” ao invés de “história” nesse livro serve para distinguir “[...] ‘conto popular’, ‘narrativa imaginosa’, ‘tema de literatura infantil’ [...]” de “[...] ‘narração exata de acontecimentos’ [...]” (p. 16). Essa modificação gráfica era empregada por alguns folcloristas estadunidenses que preferiam “*story*” ao invés de “*history*” para designar narrativa de ficção, em decorrência “[...] da variação do acento tônico [...]”. (p. 16). Para Lourenço Filho (1968), esse não seria o caso brasileiro, pois a pronúncia das palavras é a mesma. (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 15-16).

²²⁰ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) “[...] foi advogado, jornalista, crítico literário, folclorista, poeta, historiador, filósofo, político e professor. [...] Nasceu em Lagarto, no Sergipe, cursou a Faculdade de Direito do Recife entre 1868 e 1873. Nos anos 1870, colaborou como crítico literário em vários periódicos pernambucanos e cariocas. [...] No Rio de Janeiro, lecionou filosofia no Colégio Pedro II entre 1881 e 1910. Estava entre os intelectuais que fundaram a Academia Brasileira de Letras em 1897. [...] Como resultado de pesquisas sobre o folclore brasileiro escreveu *O elemento popular na literatura do Brasil e Cantos populares do Brasil*, em 1883. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_romero.html. Acesso em: 24 mar. 2016. Arroyo baseia-se em dois livros de Silvio Romero, intitulados: *História da literatura brasileira* (3ª. ed., 1943) e *Contos populares do Brasil* (1883).

²²¹ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) “[...] nasceu em Natal, foi um historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. [...] Dedicou-se ao estudo da cultura brasileira, foi professor da Faculdade de Direito de Natal, hoje Curso de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), cujo Instituto de Antropologia leva seu nome. Alguns de seus livros são: *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1952); *Alma patricia* (1921); *Contos tradicionais do Brasil* (1946); *Geografia do Brasil holandeses* (1956).” (s.p.). Disponível em: http://www.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/downloads/as_contribuicoes_luis_camara_cascudo_para_infancia_brasileira.pdf. Acesso em: 24 mar. 2016. Arroyo baseia-se nos seguintes livros Luís da Câmara Cascudo: *Dicionário do folclore brasileiro* (1954); *Literatura oral* (1952); *Cinco livros do povo* (1953); e *Vaqueiros e contadores* (1938).

²²² José Lins do Rego Cavalcanti (1901- 1957) foi um “[...] escritor da literatura regionalista nacional. [...] Nasceu em Pilar, PE [...] Seu primeiro romance foi *Menino de Engenho* (1932). [...] Escreveu cinco livros que nomeou de ciclo da cana-de-açúcar [...]. Esses livros apresentam a decadência do engenho açucareiro nordestino,

José Lins do Rego (1958) foi autor, dentre outros, do livro de literatura infantil *Estórias da Velha Totônia* (1957), que, inspirado na negra Totônia, representa e valoriza a figura das negras, amas de leite, que, ao contarem suas histórias aos filhos de seus senhores, misturavam “[...] [r]eis, rainhas, o Pequeno Polegar, Joãozinho e Maria, o Barba Azul, a menina cuja madrasta a enterrara no jardim, o próprio Jesus Cristo [...].” (ARROYO, 1968, p. 57).

Os nossos memorialistas não são poucos, e deles podemos colher um enorme material ilustrativo sobre a preeminência das velhas negras e, em alguns casos de velhos negros, que contavam estórias para crianças. Estórias nem sempre de ternura e suavidade. Algumas mesmo violentas, cheias de bichos querendo comer o pinguelo do menino mais rebelde e que gostasse de urinar na cama. (ARROYO, 1968, p. 50).

Em 1917, como resultado de um inquérito realizado pelo o jornal *O Estado de S. Paulo*, Monteiro Lobato recebeu vários testemunhos dos leitores sobre as travessuras do Saci ouvidas na infância por negros e negras contadores de histórias. Esses diferentes testemunhos resultaram no livro *Saci-Pererê*, de Monteiro Lobato, em que consta uma dedicatória “[...] à memória da saudosa tia Esméria, e de quanta preta velha nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com estórias de cucas, sacis e lobisomens [...]”. (LOBATO, 1944, *apud*, ARROYO, 1968, p. 59).

De acordo com Arroyo (1968), muitas histórias da tradição oral foram modificadas e adaptadas aos aspectos regionais por meio da supressão ou acréscimo do enredo ou ainda pela troca de vocabulário. Acrescenta que a nossa literatura infantil soube aproveitar em sua temática, muitos valores colhidos da tradição oral, como o fizeram os “precursores” Couto de Magalhães²²³ e Silvio Romero²²⁴, no aproveitamento desse material para a produção literária infantil.

visto de modo cada vez menos nostálgico e mais realista pelo autor. O conjunto de sua obra é um marco histórico na literatura regionalista por representar o declínio do Nordeste canavieiro, são eles: *Menino de Engenho* (1932); *Doidinho* (1933); *Bangüê* (1934); *O Moleque Ricardo* (1935); e *Usina* (1936).” (s.p.). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=752&sid=256>>. Acesso em: 24 mar. 2016. Arroyo baseia-se nos seguintes livros de José Lins do Rêgo: *Menino de engenho* (1958) e *Meus verdes anos* (1957).

²²³ Couto de Magalhães (1837-1898) “[...] nasceu em Diamantina (MG), [...] formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1859.” (s.p.). Foi “[...] escritor e folclorista brasileiro. [...] É considerado o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil, publicando *Os Selvagens*, em 1876, e *Ensaio de Antropologia*, em 1894. Foi também político e Militar. Falava inglês, francês, alemão, italiano e diversos dialetos indígenas. [...] Exerceu o cargo de Secretário do Governo de Minas Gerais entre 1860 e 1861. Foi Presidente das Províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo.” (s.p.). Disponível em: <http://www.calendario.cnt.br/COUTOMAGALHAES.htm>. Acesso em: 24 mar. 2016.

²²⁴ Cf. nota 200 deste capítulo desta tese.

Afirma Arroyo (1968) que, depois desses dois autores, “[...] a confluência das três correntes culturais características da formação brasileira foram amplamente estudadas e analisadas, de modo a se erguer um prodigioso mundo de encantamentos, extremamente original” (ARROYO, 1968, p. 63).

Com efeito, todo êsse imenso repositório de tradições passou a ser valorizado devidamente, não só na literatura em geral, nas artes plásticas, no teatro, mas também, e principalmente, na área da literatura infantil de expressão mais moderna.

O tema popular, o tema da terra em sua complexa e rica diversificação, reflete-se amplamente na criação literária para a infância entre a maioria de nossos atuais escritores. (ARROYO, 1968, p. 63-64).

4.2.4 “III. A paisagem cultural”

O terceiro capítulo, intitulado “A paisagem cultural”, contém três tópicos - “D. João VI: a mudança cultural”; “Urbanização e escolas”; e “A educação de Pedro II”. De modo geral, nesse capítulo, Arroyo (1968) trata do início da formação de um “sistema” de ensino durante o Brasil Colonial e o período do Império, por meio do advento da Imprensa Régia, do livro e de professores estrangeiros que vieram ensinar as famílias mais abastadas do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.

Arroyo (1968) inicia o capítulo com a seguinte afirmação: “[é] bem de ver a íntima relação entre o ensino e a literatura infantil no panorama do desenvolvimento cultural brasileiro.” (ARROYO, 1968, p. 65). Para ele, o ensino sistematizado na escola foi o espaço gerador do livro infantil: “[ê]ste nasceu nos bancos escolares, vinculados ao sistema de educação [...]” (ARROYO, 1968, p. 65).

Com a constituição de 1824, que declarava a gratuidade da instrução primária a todos os cidadãos, o ensino passou a ser promulgado como uma necessidade à população. Nesse período, D. João VI permitiu a qualquer interessado a abertura de escolas primárias, chamadas de escolas de primeiras letras, que valorizavam o método do ensino mútuo²²⁵ como o mais adequado a esta tarefa em todo o Brasil.

Foi, portanto, de acordo com Arroyo (1968), em decorrência da educação escolarizada que se começou a pensar em livros especialmente voltados para a infância.

²²⁵ Ensino Mútuo foi utilizado como método oficial de ensino para a Instrução Pública no Brasil, por meio da Lei de 1827. O principal elemento que definia esse método era o uso de monitores no ensino, em geral, alunos em estágios mais “avançados” de aprendizagem que ensinavam outros alunos mais novos ou em estágios menos “avançados”. Os monitores, escolhidos pelos mestres, recebiam instrução à parte. Na prática, os monitores eram responsáveis pela instrução de um grupo de 10 alunos. (NEVES, 2003).

O estudo de desenvolvimento da educação entre nós mostra que somente com a fundação de escolas, formação de professores, advento de livros de texto, possibilitou-se o aparecimento de uma literatura, a escolar, intimamente ligada à literatura infantil propriamente dita. Ou melhor, aquela é a gênese desta na perspectiva do nosso processo de formação. (ARROYO, 1968, p. 65).

A partir da segunda metade do século XIX, juntamente com a abertura de vários colégios, o Brasil recebeu diversos professores estrangeiros, sobretudo franceses, ingleses e norte-americanos, que, segundo Arroyo (1968), colaboraram com a “[...] permanência do *status* religioso na educação [...]” (p. 68) e transferiam para Colônia todo o endereçamento cultural dos colonizadores.

Ina von Binzer²²⁶, professora alemã que veio ensinar no Brasil entre os anos de 1881-1883, avalia negativamente o predomínio estrangeiro na educação de crianças brasileiras.

Reconheço, escreve Ina von Binzer em 1881, ser indispensável adotar-se uma pedagogia aqui, mas ela deve ser brasileira e não alemã, calcada sobre moldes brasileiros e adaptada ao caráter do povo e às condições de sua vida doméstica. As crianças brasileiras, em absoluto, não devem ser educadas por alemãs; é trabalho perdido, pois o enxerto da planta estrangeira que se faz à juventude daqui não pegará. (ARROYO, 1968, p. 80).

Para Arroyo (1968), a influência desses professores estrangeiros foi, também, um fator determinante no atraso da constituição da literatura infantil “brasileira”, pois comumente falavam em sua língua, ensinava-a nas escolas e indicavam leituras em sua língua, “[...] criando um consumo de livros que não aqueles de língua portuguesa.” (ARROYO, 1968, p. 79).

Com base no livro *A Pedagogia de Rui Barbosa*, de Lourenço Filho (1966), Arroyo (1968) explica que a educação era muito precária nesse período, ainda por volta de 1879, o número de alunos matriculados representava 2% da população livre, com taxas de analfabetismo que atingiam 78% na população acima de 15 anos de idade. Assim, o tardio desenvolvimento da literatura infantil entre nós, decorre do demorado desenvolvimento da educação escolar brasileira.

²²⁶ Ina von Binzer (1856-1916) foi uma “[...] educadora alemã que permaneceu no Brasil entre 1881 e 1884. [...] Essa educadora escreveu diversas cartas que, mais tarde, foram publicadas sob o título *Os meus romanos*: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil (1887). O livro relata sua experiência como educadora de crianças de famílias abastadas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e aborda aspectos do momento histórico do Brasil, nesse período.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/58/51>>. Acesso em: 24 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação de Ina von Binzer e sobre análise do livro que mencionei, ver Weber (2010) e Marcusso (2012).

4.2.5 “IV. A literatura escolar”

O quarto capítulo, intitulado “A literatura escolar”, contém cinco tópicos - “Continuidade portuguesa”; “Camões e os meninos”; “Os livros de leitura”; “Tradução e ficção - I”; “Tradução e ficção - II”; e “Capítulo de transição”. Nesse capítulo, é possível observar temas já abordados por Arroyo (1968) em outros momentos, publicados no formato de artigos e capítulos de livros, principalmente quando trata da tradução dos contos clássicos da literatura infantil universal e de como esses contos contribuíram para a formação de um público leitor no Brasil. Além disso, trata das primeiras leituras escolares utilizadas entre o período do Império e da República brasileira.

Para ele, o precário desenvolvimento da “educação primária” no Brasil e o difícil acesso aos livros contribuíram significativamente para o “tardio” desenvolvimento da literatura infantil brasileira. De acordo com Arroyo (1968), não era possível “[...] examinar-se a gênese e o largo quadro histórico precursor da literatura infantil brasileira, sem que se volva a atenção para os fundamentos da educação primária no Brasil [...]”. (p. 79)

Nossa educação primária sofreu ao longo dos anos uma falta de compreensão [...] um desinteresse do ponto de vista prático [...] que explica o enorme atraso para exigir uma literatura infantil plenamente desenvolvida. Enquanto nos perdíamos, por exemplo, em bizantinices constitucionais ou legais [...] o mesmo sofria um processo profundo de deterioração, sem perspectivas para o futuro. (ARROYO, 1968, p. 79).

O livro era um objeto raro no Brasil, foi somente a partir da segunda metade do século XIX que o Império passou a receber a impressão de livros escolares. Dentre eles, segundo Arroyo (1968), não era fácil discernir os livros de “entretenimento puro” e os de “leitura para aquisição de conhecimento e estudos nas escolas” (p. 93), pois as cartilhas, manuais de boas maneiras, o Velho e o Novo Testamento, histórias religiosas, tradução dos clássicos da filosofia, clássicos da literatura e os livros de leitura eram chamados de “literatura escolar”. (ARROYO, 1968).

Eram difíceis de discernir também o autor português do autor brasileiro “[...] mesmo porque muitos dos nossos livros eram impressos, quando não escritos, em Portugal e na França [...]” (p. 94). Arroyo (1968) afirma que “[...] a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático.” (p. 94). Tudo o que se dirigia à infância e à escola era chamado de “literatura escolar”. Tais leituras, confusas e misturadas, do ponto de vista do presente, são tomadas por Arroyo (1968) como a

“gênese” do processo de formação da literatura infantil propriamente dita. (ARROYO, 1968, p. 65).

Tais leituras eram quase sempre pesadas, de um espírito moralista acentuado na sua falsidade ou precariedade, obrigacionais, sem o menor interesse pelo entretenimento, como o compreendemos hoje. O objetivo de tais leituras era armazenar na cabeça da criança conhecimentos, fatos e conceitos dentro dos padrões sociais e educacionais então vigentes. (ARROYO, 1968, p. 83).

Dentre a literatura escolar do final do século XIX e início do século XX, os livros de leitura foram a primeira tentativa da instrução pública para oferecer leituras “[...] mais condizentes com a mente de uma criança [...]”. (ARROYO, 1968, p.120). Para Arroyo (1968), os livros de leitura exerceram um papel fundamental na história da literatura infantil porque provocaram o hábito de ler nas crianças.

[...] a literatura escolar [...] exerceu papel relevante. Não só quanto ao espírito pedagógico propriamente dito em função do seu objetivo didático, mas também revelando e preparando, despertando e cultivando o hábito da leitura entre as crianças da época. [...] Traziam também aquele necessário condimento que é o sal da curiosidade, muitos deles tecnicamente enriquecidos por ilustrações e desenhos, a que não eram estranhas as preocupações estéticas. (ARROYO, 1968, p. 98).

Esses livros funcionavam como um “ajuntamento” de leituras para o ensino e dividiam-se em conhecimentos gerais e algum entretenimento. Tinham conteúdos variados, dependendo da concepção de seu autor, e alguns traziam textos em prosa e verso, gramática, aritmética, geografia geral, história geral. Outros vinham com zoologia, astronomia, física, folclore e literatura; outros, ainda, com lições de boas maneiras, educação e moral, instrução cívica. (ARROYO, 1968).

Os primeiros livros de leitura utilizados na escola eram “[...] uma espécie de oásis entre o aprendizado das letras e o trato pesado para os meninos com aqueles gigantes da literatura, como um Luís de Camões, como um Cervantes, como um Dante, como um Milton. (ARROYO, 1968, p. 121-122). A exemplo disso menciona o livro *Mário*: livro de leitura enciclopédica para meninos, de Paulo Tavares (1907), à época membro do Conselho Superior de Instrução Pública e secretário do externato do então Ginásio Nacional do Rio de Janeiro.

Compreende o livro noções de geografia astronomia e física, ciências físico-químicas, naturais, história, folclore e literatura. Está o livro profusamente ilustrado: as gravuras distraem a imaginação das crianças e dão melhor idéia das coisas do que todas as definições. É um livro que as crianças podem ler fora das escolas, cheio de bonitas histórias [...]. (LIVRARIA H. GARNIER, 1907, p. 5 *apud* ARROYO, 1968, p. 97).

Foi nesse tipo de livro, pensado para infância daquele século que se começou a ideia de uma literatura como entretenimento que pudesse também ser lido “fora da escola”, conforme menciona Paulo Tavares (1907).

O Livro das crianças (portuguesas e brasileiras), publicado pela Livraria Ferreira Editora²²⁷, de Lisboa, em 1909, é uma das coletâneas elaboradas como primeira tentativa de nacionalização da leitura. Nessa coletânea constam poesias, contos e lendas dos seguintes autores brasileiros e portugueses: Olavo Bilac²²⁸, José de Alencar²²⁹, Júlia Lopes de Almeida²³⁰, Julio José Machado²³¹, João de Deus²³² e Edmundo Amicis²³³.

²²⁷ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre a Livraria Ferreira Editora, de Lisboa.

²²⁸ Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918), “[...] nasceu no Rio de Janeiro, foi um jornalista, poeta, e inspetor de ensino. [...] Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. É conhecido por sua produção na área da literatura infantil e por sua atuação como republicano. Em sua militância, iniciou campanhas cívicas a favor da alfabetização e o serviço militar obrigatório. [...] Foi o responsável pela criação da letra do Hino à Bandeira, inicialmente criado para circulação na capital federal da época (Rio de Janeiro). Em 1907 foi eleito “príncipe dos poetas brasileiros”, pela revista *Fon-Fon* e é considerado um dos mais importantes poetas parnasianos do Brasil.” (s.p.). Alguns de seus livros para crianças são: *Através do Brasil*, em coautoria com Manuel Bonfim (1910); e *Contos pátrios* (1904). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=445&sid=184>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

²²⁹ José Martiniano de Alencar (1829-1877) foi “[...] advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, [...] nasceu em Messejana, CE. [...] Em 1844 foi para São Paulo estudar Direito e permaneceu até 1850. Depois de formado, foi trabalhar no Rio de Janeiro e passou a colaborar nos jornais *Correio Mercantil* e do *Commercio*. Tornou-se redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* em 1855. [...] Desde então passou a escrever “[...] romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, ensaios [...]. Por estes últimos, José de Alencar incorporou-se no movimento do indianismo na literatura brasileira do século XIX [...]”. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=889&sid=239>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

²³⁰ Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934) “[...] foi uma escritora brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro, mas viveu parte da infância em Campinas (SP), onde estreou sua carreira de escritora em 1881, escrevendo no jornal *Gazeta de Campinas*. [...] Teve uma vasta produção literária de romances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas. Escreveu *Contos Infantis* em parceria com sua irmã, Adelina Lopes Vieira, em 1886, que foi a primeira de suas obras destinadas às crianças. Publicou ainda: *Histórias de nossa Terra* (1907); e *Era uma vez* (1917). (VIDAL, 2004, p. 37-39). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417103>>. Acesso em 27 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Adelina Amélia Lopes Vieira, ver o estudo desenvolvido no âmbito no GPHELLB: Stanislavski (2001).

²³¹ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre Julio José Machado.

²³² João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896), “[...] é mais conhecido por João de Deus, foi um poeta e pedagogo, que propôs um método de ensino da leitura, apresentado na *Cartilha Maternal*, a qual teve grande aceitação popular. Estudou latim no Seminário de Coimbra e, em 1850, aos dezenove anos, ingressou na Universidade de Coimbra como estudante de Direito. Envolveu-se nas campanhas de alfabetização [...]. (PASQUIN, 2013, p. 43-44). Para maiores informações sobre a *Cartilha Maternal* e o “método João de Deus” de alfabetização, ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Mortatti (2000) e Pasquim (2013).

²³³ Edmundo De Amicis (1846-1908) foi um “[...] escritor e militar italiano [...]. Sua obra de maior destaque é *Cuore*, que foi adotado como livro de leitura em quase todas as escolas da Itália. [...] Cursou a escola militar de Módena, formando-se como oficial em 1865. [...] Em 1867, dirigiu o diário *La Itália Militare*, de Florença. Suas obras são traduzidas em muitas línguas e tem um prestígio especial em seu país de origem. Fez sua estréia literária em 1866, com o livro *La Vita Militare*. [...] Teve seus textos literários publicados nas seguintes revistas *A Leitura* (1894-1896) e *Branco e Negro* (1896-1898). Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/12452/8754>>. Acesso em 27 mar. 2016.

Naquele momento histórico, tornou-se comum as editoras encomendarem a algum escritor/tradutor uma coletânea ou álbum de leitura para crianças e, embora os textos de autores brasileiros não sejam os únicos nessa coletânea, eles eram a maioria. Além disso, em decorrência das diversas traduções dos livros de João de Deus e Edmundo Amicis, esses autores tornaram-se muito conhecidos no Brasil.

Outro importante movimento em prol da infância brasileira entre o séculos XIX e XX foram as traduções de clássicos da literatura infantil mundial. Segundo Arroyo (1968, p. 101), esse movimento de tradução, apesar de parecer ruim ou alheio a uma produção de cultura nacional em relação ao livro, foi importante “[...] em uma perspectiva histórica mais larga”. (p. 101). Segundo Arroyo (1968), “[t]ôda essa enorme massa de traduções, lida durante o século XIX no Brasil, criou condições, sem dúvida, para o próprio aparecimento da literatura infantil brasileira em suas mais fortes e definidas características.” (p.101).

Já o período entre os séculos XIX e XX foi marcado pela constituição de uma literatura ainda chamada por ele de “escolar”, mas diferente da anterior, pois valorizava o folclore e a cultura nacional. Esses livros foram inspirados em clássicos estrangeiros, como *Le tour de la France par deux enfants*²³⁴, com subtítulo de *Dever e pátria*, de G. Bruno²³⁵ que inspirou Manuel Bomfim²³⁶ e Olavo Bilac²³⁷ a escreverem *Através de Brasil*²³⁸ (1937).

²³⁴ *Le Tour de la France par deux enfants* (1877) é um livro francês, foi escrito por Augustine Tuillerie-Fouillée que usou o pseudônimo de G. de Bruno. Esse livro foi amplamente utilizado “[...] nas escolas da rede de escolas francesas e influenciou gerações de crianças na criação de um sentimento de uma nação unificada da França. [...] O seu sucesso foi tal que chegou a uma tiragem de 6 milhões de cópias em 1900. Em 1914 ele vendeu 7 milhões de cópias, ainda era usado nas escolas até a década de 1950 e ainda se mantém em versão impressa até hoje.” (s.p.) Disponível em: http://www.demassieux.fr/Site/Tour_de_la_France.html. Acesso em: 14 fev. 2016.

²³⁵ Augustine Tuillerie-Fouillée (1833- 1923), é uma escritora francesa conhecida pelo pseudônimo de G. Bruno [...]. Em 1869, ela publicou *Francinet*, livro didático e de moralidade, [...] que também fornece o conhecimento das leis, economia e ciência. [...] Em 1877 ela publicou *O Tour de France por duas crianças*. Como um livro de leitura [...]. Augustine é mãe do filósofo Jean-Marie Guyau [...], seu pseudônimo foi inspirado no nome do filósofo e escritor italiano Giordano Bruno.” (s.p.). Disponível em: < http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anaais/30/1405475811_ARQUIVO_TextoparaANPUH.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2016.

²³⁶ Manuel Bomfim (1868-1932) “[...] nasceu em Aracajú, (SE) [...] foi um médico, psicólogo, professor, sociólogo, historiador e intelectual brasileiro. [...] Em 1886 ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, transferindo-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, onde concluiu o curso em 1890 [...]. Em 1891, foi nomeado médico da Polícia Militar do Rio de Janeiro. [...] Lecionou Educação Moral e Cívica na Escola Normal do Rio de Janeiro, na qual assumiu a cátedra de Pedagogia e Psicologia. [...] Autor de: *Lições de pedagogia* (1915). *Noções de psicologia* (1916); *O methodo dos testes* (1926); *Cultura do povo brasileiro* (1932)” (s.p.). Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Manoel_Bomfim.html>. Acesso em 27 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Manuel Bomfim, ver: Aguiar (2000).

²³⁷ Cf. nota 208 deste capítulo desta tese.

²³⁸ *Através do Brasil* é um “[...] livro clássico da literatura paradidática brasileira [...], publicado em 1910 [...] surpreendeu os leitores ao trocar as velhas cartilhas portuguesas por um texto leve, original e muito mais brasileiro. [...] Olavo Bilac e Manoel Bomfim criaram uma história simples, em que dois meninos, Carlos e Alfredo, que saem em busca de suas famílias [...]. O livro *Le Tour de La France par Deux Enfants*, de G. Bruno

*Cuore*²³⁹ (1886), de Edmundo Amicis²⁴⁰, inspirou por sua vez, *Saudade*²⁴¹ (1919), de Thales de Andrade²⁴². Esses livros traziam em seu fundamento uma reação nacional à influência cultural estrangeira dos livros traduzidos, tal movimento alcançou o seu ápice, nas três primeiras décadas do século XX.

De acordo com Arroyo (1968), o movimento de produção da “literatura escolar” percorreu dois caminhos distintos sobre a compreensão do que seriam os livros escolares: um destinado ao aprendizado de conteúdos escolares, e outro destinado à fruição estética, chamado por Arroyo (1968), posteriormente, de literatura infantil.

4.2.6 “V. A imprensa escolar e infantil”

O quinto capítulo, intitulado “A imprensa escolar e infantil”, contém 15 tópicos – “Imprensa e literatura”; “Imprensa escolar em São Paulo”; “Amazonas e Pará”; “Maranhão; Piauí e Ceará”; “Rio Grande do Norte e Paraíba”; “Pernambuco”; “Rio Grande do Sul”; “Bahia”; “Rio de Janeiro”; “Minas Gerais”; “Aparecimento de *O Tico-Tico*”; “Luís Bartolomeu de Sousa e Silva”; “Primeiros passos de *O Tico-Tico*”; e “Personagens e colaboradores”.

provavelmente foi fonte de inspiração para esse livro.” (s.p.). Disponível em: http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html. Acesso em: 27 mar.. 2016.

²³⁹ *Cuore* “[...] é um livro para crianças escrito pelo italiano Edmondo de Amicis, e publicado, pela primeira vez, em 1886. [...] O texto apresenta uma intenção de ensinar jovens cidadãos das virtudes civis como o amor à pátria, o respeito à autoridade e para os pais, o espírito de sacrifício, heroísmo, a caridade, a piedade, obediência e resistência de infortúnios. [...] O romance é estruturado como a escrita de um diário de um aluno de uma escola primária em Turin. [...] O sucesso foi tal que de Amicis se tornou o escritor mais lido da Itália. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/12452/8754>>. Acesso em 26 mar. 2015. Para maiores informações sobre a circulação desse livro no Brasil, ver Bastos (2004). Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69860478521258430832067372732759813984.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

²⁴⁰ Cf. nota 213 deste capítulo desta tese.

²⁴¹ *Saudade*, de Thales de Andrade, foi “[...] escrito em 1917 e publicado em 1919 [...] conta, até os dias atuais, com mais de noventa edições. [...] A primeira edição, com tiragem de 15 mil livros, foi publicada pelo Governo do Estado de São Paulo, o que confere a ele um caráter oficial. [...] A publicação do livro *Saudade* coincide com o surgimento da literatura infantil no Brasil. [...] Esse livro foi dedicado à infância, para o uso vinculado apenas à escola, com finalidade de ensinar valores morais e sociais, de forma agradável, [...] é dessa “literatura escolar” que se origina a literatura infantil brasileira”. (s.p.) (STANISLAVSKI, 2004, s.p.). Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo8/431.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2016.

²⁴² Thales Castanho de Andrade (1890-1977) “[...] nasceu em Piracicaba (SP). [...] Foi professor e escritor, teve grande importância na área educacional na cidade de São Paulo. [...] Exercendo o magistério no interior, conheceu as carências do sistema de ensino, principalmente a falta de livros infantis. Desse conhecimento, resultaram as medidas oficiais tomadas por ele quando foi diretor geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Foi colaborador de diversos jornais e revistas estaduais. Escreveu livros dirigidos ao público infantil e juvenil. Publicou [...] em 1918, *A filha da floresta* [...]. Sua obra mais importante de literatura infantil intitula-se *Saudade* (1919) [...]” (s.p.). Disponível em: <http://dandonota.com/minhas-materias/olhares-academicos-sobre-thes-de-andrade/> Acesso em: 18 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Thales de Andrade ver, Stanislavski (2006, 2011); Hilsdorf e Alexandre (2013).

Arroyo (1968) aborda a importância da imprensa escolar e infantil durante o século XIX. Trata-se de um capítulo inédito, pois não localizei nenhum outro texto seu em que abordasse esse tema. Para Arroyo (1968), a imprensa escolar e infantil foi muito importante na história da literatura para crianças em um país como o nosso, vinculado a cultura oral como um “[...] instrumento lúdico e instrutivo por excelência [...]” (p. 131) e cujo acesso a livros era difícil e raro, a imprensa alcançou um lugar de destaque nas “[...] questões relativas ao aprendizado escolar.” (p. 131).

De acordo com Arroyo (1968), a imprensa e a escola foram determinantes no desenvolvimento de nossa literatura infantil, pois atuaram como pilares da cultura escrita no Brasil. Por isso, nesse capítulo, apresenta resultados de grande esforço de localização²⁴³, organização e análise de jornais infantis, publicados, no Brasil, durante o século XIX e disseminados nos diferentes estados brasileiros, como São Paulo, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Apresenta algumas informações sobre a constituição de jornais e revistas infantis em cada um desses estados e destaca a necessidade de pesquisas nessa área, pois, segundo ele, na história desses jornais consta a “[...] pré-história da literatura infantil brasileira. Elementos que possam fundamentar a sistematização de fatos, e estruturar todo o longo caminho percorrido pelos precursores do gênero”. (ARROYO, 1968, p. 133).

Alguns dos jornais localizados por Arroyo (1968) foram: *O adolescente* (1831), publicado no estado da Bahia; *O recompilador* ou *Livraria dos meninos* (1837), publicado na cidade de Salvador; *O juvenil*, no estado do Rio de Janeiro (1835); *Jornal de instrução e de recreio* (1845), no estado do Maranhão, *A saudade*, no estado do Pernambuco (1850); e *Kaleidoscopio*, no estado de São Paulo (1860). Muitos deles foram inspirados em jornais da Europa, principalmente franceses e espanhóis, que chegavam ao Brasil e nos ensinaram muito sobre a imprensa infantil.

Segundo Arroyo (1968), era muito comum as escolas e faculdades produzirem seus jornais, no entanto essas publicações perderam-se no tempo, tornando sua localização muito difícil, em decorrência, dentre outros fatores, da falta de organização de acervos em nosso país. Foi na produção de jornais escolares que muitos escritores “ensaíram” suas primeiras

²⁴³ Sobre a localização dos jornais infantis, Arroyo (1968) menciona a consulta a dois títulos: o artigo “Imprensa Paulista (Memória Histórica)”, de Lafayette de Toledo (s.d.), publicado no 3º. volume da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*; e o livro *O jornal e a Tipografia no Brasil*, de Carlos Rizzini (1945). Arroyo (1968) organizou esse capítulo com base no livro *Historia de la Litertura Infantil Eapañola*, de Carmem Bravo-Villassante (1959).

tentativas literárias. De acordo com Arroyo (1968), esses jornais geralmente tinham dois formatos: 16 x 23 cm ou 24 x 33 cm, com o total de três ou quatro colunas, apresentando conteúdo variado.

Usavam clichês, as mais das vezes desenhos, ilustrando a variada matéria literária que apresentavam. Matéria entre muita moral, muita religião e muita poesia também. [...] Nessas páginas observa-se igualmente forte preocupação cívica, uma preocupação cívica que não se reduzia apenas a termos estaduais. Ia além, por figuras de destaque na história do país. [...]. (ARROYO, 1968, p.138).

Arroyo (1968) explica que o texto literário apresentado nesses jornais não poderia ser comparado com a literatura infantil

[...] como é compreendida hoje [1968]: uma livre manifestação da imaginação. A expressão literária dos meninos dos fins do século XIX era bitolada, condicionada, por acentuada educação cívica e moral, em cujo lastro, por exemplo, o temário folclórico raramente se encontrava. (ARROYO, 1968, p. 138).

O primeiro jornal dedicado às meninas foi *Álbum de meninas*, criado em 1898, por Anália Emília Franco, “[...] o único, dirigido por mulheres e endereçado às jovens, registrado no século XIX.” (p. 138-139). A imprensa escolar foi muito ativa nesse século e, esse fato demonstrava o interesse das crianças e jovens por um tipo de

[...] leitura, literatura que, praticamente, não existia e que ela mesmo começava a fazer, criando uma atmosfera, um clima propício, que logo foi percebido por alguns autores aparecidos na época, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Alexina Magalhães Pinto, Manuel Bonfim e tantos outros. (ARROYO, 1968, p. 140).

Além dos jornais, destaca, ainda, a revista infantil *O Tico-Tico*²⁴⁴ (1905) como um marco na produção de revistas literárias para crianças no Brasil, principalmente pelos temas e personagens nacionais, como Pipoca, Pandareco, Para-choque, Vira-Lata e Barão de Rapapé. Essa revista circulou mais de meio século sob a direção de Luís Bartolomeu de Sousa e Silva²⁴⁵, considerado por Arroyo (1968) um “[...] educador e contribuinte da educação

²⁴⁴ A revista *O Tico Tico*, “[...] foi criada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, em 1905, [...] foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil. [...] Até 1930 não havia nenhuma outra revista com essas características [...]. A revista deixou de manter a periodicidade semanal em 1957 e depois disso, passou a circular apenas em almanaques até ser fechada, em 1977. [...] Exemplares dessa revista e seu almanaque encontram-se digitalizados a cores pela Biblioteca Nacional.” (s.p.) Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero1/artigosn1_2v2.htm> Acesso em: 27 mar. 2016. Para maiores informações sobre a revista *O Tico-Tico*, ver: Rosa (2002).

²⁴⁵ Luís Bartolomeu de Sousa e Silva “[...] Nasceu em Rio Preto (MG), tendo iniciado a sua atividade jornalística nos jornais *O País* e *A República*. Em 1902, fundou a revista ilustrada *O Malho* e, em 1905, a revista *O Tico-Tico*.” (SANTOS, 2008, p. 24). Para maiores informações sobre Luís Bartolomeu de Sousa e Silva e a revista *O Tico-Tico*, ver Rosa (2002).

brasileira através de um instrumento – a imprensa – que mais facilmente poderia levar mensagens de educação política e social às massas e às elites.” (ARROYO, 1968, p. 153).

Jornalista com vários anos de experiência na direção de diferentes jornais, Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, visou uma revista “tecnicamente concebida”, em 1905, na cidade do Rio de Janeiro, onde, segundo Arroyo (1968), a imprensa escolar e infantil não havia se desenvolvido como nos outros estados da federação. Após a circulação de *O Tico-Tico*, o número de jornais para crianças diminuiu consideravelmente, tornando-se difícil localizar qualquer outra produção nessa área durante os cinco primeiros anos da revista.

Aos poucos, ela foi sendo substituída novamente por obras estrangeiras como as de Julio Verne²⁴⁶ e Edmundo Amicis²⁴⁷, além de revistas em quadrinhos e outros livros “[...] produzidos em escala industrial, e praticamente econômica [...]” (ARROYO, 1968, p. 160). Assim, em meados do século XX, o prestígio da imprensa escolar já não era mais o mesmo. A produção em massa das revistas em quadrinhos e dos livros infantis substituiu “[...] como leitura, o jornal infantil”. (ARROYO, 1968, p.160).

Segundo Arroyo (1968), recontar a história da imprensa escolar e infantil no Brasil é muito difícil, pois não é possível realizar o “[...] levantamento de tôdas as publicações”. No entanto, o papel que essas publicações desempenharam foi extremamente importante na história da literatura para crianças no Brasil, pois, o jornal “[...] preenchia, sem dúvida, o lugar do livro, então mais difícil e que pouca atenção ainda estava a merecer dos livreiros e editôres brasileiros.” (p. 151). Outro aspecto, é que os jornais eram de fabricação mais barata e “atendiam” melhor ao “complexo criador dos meninos” em relação aos livros daquele período. (ARROYO, 1968, p. 151).

4.2.7 “VI. A literatura infantil”

O sexto capítulo, intitulado “A literatura infantil”, também é composto de 15 tópicos: “A reação nacional”; “O livro do povo”; “A biblioteca escolar”; “Clássicos traduzidos”; “Figueiredo Pimentel”; “Esforço e libertação”; “O tema da terra”; “Biblioteca infantil”; “Teatro, um ensaio”; “O gênio de Monteiro Lobato”; “Tentativa de um panorama atual”; “Poesia para crianças”; “Os ilustradores”; e “Os contadores de estória”.

É o capítulo mais extenso, embora Arroyo (1968) o considere “deficiente”, conforme mencionou em seu texto de apresentação. De modo geral, retoma aspectos da reação nacional de escritores, professores e intelectuais brasileiros contra as traduções de clássicos da

²⁴⁶ Cf. nota 192 deste capítulo desta tese.

literatura infantil estrangeira e trata dos primeiros livros nacionais para crianças, destacando o papel das coleções infantis, de professores e editoras nesse setor.

No fim no século XIX e início do século XX, escritores brasileiros conseguiram produzir livros de grande valor, como, por exemplo, *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac (1910); *Saudade*, de Thales de Andrade (1919); *Contos infantis*, de Adelina Lopes Vieira²⁴⁸ e Julia Lopes de Almeida²⁴⁹, cuja primeira edição foi publicada em Lisboa, em 1886. Esse livro foi classificado por Arroyo (1968) como um exemplo dos livros que abasteciam a nova concepção nacionalista e de combate às traduções, pois apresentava “[...] estilo leve e de temas mais ou menos apropriados, com o endereço certo do público infantil.” (p.165). De acordo com Arroyo (1968), esses livros apresentavam características das “[...] da própria miscigenação interna [...]” de nosso país (p. 165).

A literatura escolar desse período é vastíssima, pois, de acordo com Arroyo (1968), “[...] todo professor sentiu-se na obrigação de fazer pelo menos um livro [...]” (p. 187). Assim, na categoria chamada por ele de “literatura escolar” encontram-se uma infinidade de livros, conforme apontou no capítulo anterior. Arroyo (1968) incluiu nessa categoria alguns livros em formato de folhetins, como a série da *Gazeta da Tarde*, no Rio de Janeiro, intitulada “Histórias para crianças”, dirigida por Maria Dulce: “[...] eram contos de fundo moral e bem de acôrdo com os conceitos da época em matéria de leituras para crianças.” (p. 168).

O *Livro do Povo*, de Antônio Marques Rodrigues, impresso em São Luís do Maranhão, na Tipografia Frias, com data presumida de 1864, foi extremamente lido no nordeste e considerado como um legítimo representante dos “[...] antecedentes da literatura infantil brasileira.” (p. 169).

No setor das traduções, Carlos Jansen²⁵⁰ foi muito importante nessa fase da história da literatura infantil brasileira, pois ajudou a modificar as traduções dos originais portugueses, e,

²⁴⁷ Cf. nota 213 deste capítulo desta tese.

²⁴⁸ Adelina Amélia Lopes Vieira (1850- ?) “[...] nasceu em Lisboa, veio para o Brasil com sua família quando tinha um pouco mais de um ano. [...] Foi uma escritora, contista e teatróloga brasileira. Irmã de Júlia Lopes de Almeida[...]. Trabalhou como professora no estado do Espírito Santo e dedicou-se a criação de textos poéticos, teatrais e infantis. Colaborou na revista *Brasil-Portugal* (1899-1914) e escreveu *Contos Infantis* em parceria com sua irmã, Julia Lopes de Almeida, em 1886. (COELHO, 2002, p. 27). Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Adelina Amélia Lopes Vieira, ver o estudo desenvolvido no âmbito no GPHELLB: Stanislavski (2001).

²⁴⁹ Cf. nota 210 deste capítulo desta tese.

²⁵⁰ Carl Jacob Anton Christian Jansen (1823/1829-1889) foi um “[...] educador, militar, escritor e jornalista alemão [...], não se tem certeza sobre a sua data de nascimento [...]. Veio para o Brasil em 1851, e permaneceu em Porto Alegre [...]. Em 1856 fundou a *Tipografia Brasileiro-Alemã*, onde imprimia a *Folhinha Rio-Grandense* [...] Organizou um dos primeiros almanaques populares, em alemão, do Brasil. Em 1878 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Jansen, e mais tarde, através de concurso, foi nomeado professor de alemão no Colégio Pedro II. Traduziu e adaptou diversos clássicos da literatura mundial para a infância e juventude

dada a sua carreira como professor, tinha consciência do imenso problema vivenciado pelas crianças nas escolas brasileiras em relação aos livros. É dele a tradução e adaptação de diversos clássicos como *Robinson Crusoe*²⁵¹, *Viagens de Gulliver*²⁵², *D. Quixote de La Mancha*²⁵³, *Mil e uma noites*²⁵⁴, *Aventuras Pasmosas do Celeberrimo Barão de Munchhausen*²⁵⁵ e *Contos para filhos e netos*²⁵⁶.

Carlos Jansen “[...] inscreve-se, desse modo, entre os pioneiros de nossa literatura infantil não só pelas traduções que realizou, como também pela consciência que tinha do problema” (p. 172). Ele “[...] foi de uma atividade incansável no que diz respeito à difusão de literatura para a infância, quer traduzindo, quer adaptando obras imortais para os leitores brasileiros da transição entre o século XIX e o século XX”. (ARROYO, 1968, p.174).

Conforme mencionei, Arroyo (1968) dedica dois tópicos desse capítulo para tratar das traduções onde destacou diversos tradutores e editoras, pois, para ele, não era possível pensar a literatura infantil sem compreender o comércio livreiro no país. No entanto, explica que muitos nomes de tradutores perderam-se na memória, pois não havia o costume de se fazer tal referência em livros.

brasileira.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000320939&fd=y>>. Acesso em 27 mar. 2016.

²⁵¹ Cf. nota 147 do Capítulo 2 desta tese.

²⁵² *As viagens de Gulliver* “[...] foi publicado primeiramente em 1726 [...]. Obra-prima, Jonathan Swift (1667-1745) conta as fantásticas aventuras de Lemuel Gulliver, um cirurgião naval que faz as vezes de curioso, observador, repórter e, frequentemente, vítima das circunstâncias nas terras as mais estranhas [...]. Com esse delicioso romance, Jonathan Swift critica e satiriza não apenas a sociedade dos homens, mas a própria natureza humana. Razão pela qual é tão atual hoje quanto na época de seu lançamento.” Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=816351&ID=516099>. Acesso em: 29 mar. 2016.

²⁵³ *D. Quixote de la Mancha* foi “[...] publicado em 1605, [...] obra-prima de Miguel de Cervantes, que marcou o início do romance moderno e o nascimento do ‘mito quixotesco’ [...]. A literatura nunca mais foi a mesma depois que um fidalgo espanhol fã de romances de cavalaria chamado Quijano leu demais destas histórias heróicas e, delirante, decidiu sair pelo mundo afora, na companhia do pangaré Rocinante e de Sancho Pança, seu fiel escudeiro e contraponto, para fazer o bem e salvar donzelas em perigo.” (s.p.). Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/10_Artigo_-_Quixote_-_Alberis.pdf16>. Acesso em: 29 mar. 2016.

²⁵⁴ *As Mil e uma Noites* “[...] é o título de uma das mais famosas obras da literatura árabe [...] A obra conta a história do rei da Pérsia, que traído pela esposa mandou matá-la, desse momento em diante decidiu passar cada noite com uma mulher diferente, que era degolada na manhã seguinte. [...] Com sua esperteza, Sherazade escapou da morte deixando a continuação da história para a noite seguinte. [...] As Mil e uma Noites se tornou conhecida no ocidente a partir de 1704, graças ao francês Antoine Galland.” (s.p.). Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/apcg/edicao10/Rosane.Souza.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2016.

²⁵⁵ O autor de *Aventuras Pasmosas do Celeberrimo Barão de Munchhausen* “[...] foi Karl Friedrich Hieronymus von Münchhausen (1720-1797), um militar e senhor rural alemão. Os relatos de suas aventuras serviram de base para a célebre série *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, compiladas por Rudolph Erich Raspe e publicadas em Londres em 1785. São histórias fantásticas e bastante exageradas, propagadas sobretudo na literatura juvenil. [...]” (s.p.). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ZJqaBQAAQBAJ&dq=Aventuras+Pasmosas+Bar%C3%A3o+de+Munchausen&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 29 mar. 2016.

As editoras cariocas Garnier²⁵⁷, Laemmert²⁵⁸ e Quaresma²⁵⁹ figuraram como responsáveis pelo fornecimento de livros no Rio de Janeiro, na primeira década do século XX, são chamadas por Arroyo (1968) de “trindade dos livros populares” e pelo desejo de “abrasileirar” o comércio de livros. De acordo com Arroyo (1968), a Editora Quaresma destacou-se na produção de livros populares ao contratar o escritor Figueiredo Pimentel²⁶⁰ para organizar uma biblioteca de livros infantis. Essa biblioteca foi organizada por meio de um catálogo com as traduções das obras que esse escritor considerava indispensáveis à leitura das crianças brasileiras.

Figueiredo Pimentel, junto à Livraria Quaresma, conferiu uma característica popular nos livros destinados à infância e foi responsável pela circulação da literatura infantil entre um público mais amplo, desvinculado da leitura escolar e da educação de modo geral. Esse trabalho foi inovador pelo amplo acesso à leitura que essa nova proposta de livros anunciava, tanto econômica como intelectualmente, às classes populares. Eram todos pequenos livros de formato popular, muitas vezes até simples folhetos escritos “[...] em linguagem solta, livre, espontânea e bem brasileira para o tempo”. (ARROYO, 1968, p. 178).

A parceria com o gerente da Livraria Quaresma, José Matos, teve início com a publicação de *Contos de Fadas*, em 1886, seguido de *Contos da Carochinha*, de 1894 e *Histórias da Avozinha*, em 1896. Foram, ao todo, dez títulos que popularizaram o acesso e a circulação da literatura infantil naquele período.

Dentre os esforços pela “libertação das traduções” de livros infantis estrangeiros, Arroyo (1968) destaca o livro *Os nossos brinquedos*, de Alexina de Magalhães

²⁵⁶ Até o momento da redação final deste texto, não localizei informações sobre o livro *Contos para filhos e netos*, sendo possível que eu afirme apenas que ele integrou o rol de livros para crianças que partir de 1880 começam a circular no Brasil com traduções e adaptações realizadas, dentre outros, por Carlos Jansen.

²⁵⁷ Cf. nota 149 do capítulo 2 desta tese.

²⁵⁸ Cf. nota 150 do capítulo 2 desta tese.

²⁵⁹ Quaresma “[...] foi uma livraria e editora fundada por Pedro da Silva Quaresma em 1879, no Rio de Janeiro. [...] Quaresma oferecia livros com formato reduzido e preço acessível [...]. Estas edições formavam várias coleções acessíveis aos leitores do Brasil. Quaresma publicou uma série de livros infantis escritos por Figueiredo Pimentel, tais como *Histórias da Carochinha*, *Histórias do Arco da Velha*, *Histórias da avózinha*, *Histórias da baratinha*, *Os meus brinquedos*, entre outros. [...] Pedro da Silva Quaresma é considerado como o editor precursor da literatura popular, da literatura infantil e da publicidade impressa para vender livros. (HALLEWELL, 2005, p. 274-276). Sobre a Editora Quaresma, ver, especialmente: Quintela (2010).

²⁶⁰ Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) “[...] nasceu na cidade de Macaé (RJ) [...], foi um romancista, cronista, diplomata, contista, poeta e jornalista brasileiro, [...] autor de literatura infantil e tradutor. Manteve desde 1907, uma seção chamada “Binóculo” na *Gazeta de Notícias*. Iniciou no jornalismo aos dezessete anos de idade e é considerado um de seus pioneiros no Brasil. Destaca-se ainda como o primeiro intelectual a se preocupar em popularizar o livro [...]. Pimentel reuniu em *Contos da Carochinha* contos populares, morais e proveitosos, de vários países, traduzidos ou recolhidos diariamente da tradição local. [...] Escreveu ainda *Histórias da Avozinha*; *Histórias da Baratinha*; *Contos de Fadas*; *Contos do Tio Alberto*; e *Histórias do Arco da Velha*.
Disponível em:

Pinto²⁶¹(1909), pois valorizava a figura do português, do índio e do negro por meio de temas “[...] impressionantemente brasileiros.” (p. 179). Foi autora, ainda, de várias canções a partir de temas do folclore que lembravam do “[...] negro e sua influência por largos anos na educação dos meninos brasileiros [...]” (p. 181), demonstrando profundo interesse pelos “[...] valores culturais brasileiros.” (ARROYO, 1968, p. 182).

Alexina de Magalhães Pinto organizou, ainda, a “Biblioteca para a infância no Brasil”, em 1917, por meio de uma relação mínima de livros indicados para a leitura das crianças, “[...] começava a libertar a infância do livro escolar propriamente dito, procurando dar-lhe uma literatura adequada à idade.” (ARROYO, 1968, p. 182).

Anteriormente à “Biblioteca para a infância no Brasil” organizada por Alexina de Magalhães Pinto, Arnaldo de Oliveira Barreto²⁶² organizara, em 1915, a coleção “Biblioteca Infantil”²⁶³, para a editora Melhoramentos (SP), “[...] que se tornaria famosa com o correr dos anos e a publicação de mais de 100 títulos na série.” (p. 186). De acordo com Arroyo (1968), do ponto de vista histórico, essa coleção integrou o movimento de popularização do livro infantil, como “[...] a mais popular coleção de livros para crianças, como também a única em extensão e seleção de leitura.” (ARROYO, 1968, p. 186).

Outro aspecto “revolucionário” dessa coleção foi a produção gráfica, “[...] representavam um divórcio dos moldes escolares. [...] Eram volumes de poucas páginas entremeadas de gravuras também coloridas, histórias compostas em tipo grande, com um equilíbrio de texto em cada página que se constituía em verdadeira atração para a leitura.” (ARROYO, 1968, p. 187).

Nessa geração, já havia uma reação de professores e escritores contra o que eles chamaram de “amontoados didáticos” nos livros de leitura, como “[...] regras de bem viver, noções de geografia e apontamentos de zootecnia, descrições botânicas e quadros históricos [...]” (p. 192). conforme mencionam Manuel Bonfim e Olavo Bilac, no livro *Através do Brasil* (1910).

<http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/figueiredo_pimentel.html>. Acesso em: 27 mar. 2016.

²⁶¹ Alexina Magalhães Pinto (1870-1921) foi uma “[...] folclorista e professora mineira, uma das pioneiras nos esforços de renovação do ensino e das leituras infantis. [...] Considerada a primeira folclorista brasileira e a primeira a usar material folclórico na elaboração de livros infantis de cunho educativo.” (s.p.). Disponível em: <<http://www.oexplorador.com.br/alexina-magalhaes-pinto-uma-das-pioneiras-na-renovacao-do-ensino-e-das-leituras-infantis/>>. Acesso em: 27 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Alexina Magalhães Pinto, ver: Carnevali (2009).

²⁶² Cf. nota 18 da Introdução desta tese.

²⁶³ Cf. nota 18 da Introdução desta tese.

O livro *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato (1921), também integrou o conjunto de classificados por Arroyo (1968) como “literatura escolar”, pois foi publicado como o segundo livro de leitura para crianças em fase de escolarização. No entanto, esse livro “renovou” o conceito de literatura infantil que se tinha até aquele momento no Brasil, em razão do

[...] apêlo À *Imaginação* em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar, fase essa expressa, geralmente, em um português já de si divorciado do que se falava no Brasil. (ARROYO, 1968, p. 198, grifos do autor).

Os livros de literatura infantil de Monteiro Lobato deram início a um outro momento da constituição da literatura infantil brasileira e, de acordo com o Arroyo (1968), propiciou uma distinção entre a “literatura infantil” e a “literatura escolar”:

[...] a literatura escolar não deve, nem pode, ser confundida com a literatura infantil propriamente dita. Esta possui características próprias, com determinada significação, com valores próprios e em torno dos quais os maiores especialistas nos países europeus pouco divergem. (ARROYO, 1968, p. 165).

Arroyo (1968) afirma que não teve pretensão de avaliar a herança deixada por Monteiro Lobato, pois partilhava de um tempo histórico muito aproximado da produção escrita desse autor fato o impedia de analisar. No entanto, nesse capítulo, apresenta o que chamou de “a gênese” da literatura infantil desse escritor, por meio das cartas que trocou com Godofredo Rangel e que foram reunidas no livro *A Barca de Gleyre*, por Edgar Cavalheiro (1944). Por meio dessas cartas, Arroyo (1968) traça o perfil crítico e artístico de Monteiro Lobato e destaca o seu poder de criação: “E é êsse *poder* a razão do seu êxito e da sua permanência. Tudo aí é possível.” (ARROYO 1968, p. 206, grifos do autor).

Embora considere a existência de uma “legítima” literatura infantil iniciada por Lobato e seguida por seus contemporâneos, Arroyo (1968) explica que “[...] correntes tradicionais [...]” permaneciam na produção de livros para crianças e das quais “[...] não se libertaram totalmente. A literatura escolar, por exemplo, tem nela um prolongamento e sobrevivência facilmente demonstráveis”. (ARROYO, 1968, p. 210).

Por isso, aponta a necessidade de outros estudos críticos e históricos sobre o tema, pois, para ele, o fato de a literatura infantil brasileira não ter encontrado seus “críticos” e

“historiadores” até meados do século XX, pouco antes de seu livro ser publicado, se deve ao “[...] preconceito que não se proclama, mas se cultiva: o de que ela é um gênero menor e, assim considerada, não mereceu, nem merece, melhor atenção.” (ARROYO, 1968, p. 210).

Arroyo (1968) apontou como “esforço isolado”, nesse sentido, os estudos de Cecília Meireles (1951), com o livro *Problemas de literatura infantil*²⁶⁴; Lourenço Filho (1957), com o capítulo “Literatura Infantil e juvenil”²⁶⁵; e Fernando de Azevedo (1958), com o artigo “A educação e seus problemas”²⁶⁶.

Além desses estudos, destaca também o livro *O ensino de literatura*, de Nelly Novaes Coelho²⁶⁷ (1966), pois considera que esse livro apresenta “[...] perspectivas novas para compreensão e avaliação devidas da literatura infantil entre nós”. (p. 213). Nesse livro, Coelho (1966) “[...] esquematiza a teoria da literatura infantil brasileira atual de acordo com o desenvolvimento psicológico da criança [...]”, compreendido em três fases: “a) dos 5 aos 7

²⁶⁴ Esse livro resulta de três conferências que essa escritora ministrou para professores da Secretaria da Educação de Belo Horizonte (MG), em 1949.

²⁶⁵ Esse texto foi publicado como apêndice do livro *História da Literatura*, de José Marques da Cruz (1957) e apresenta-se, nesse livro, como um “resumo” do texto *Como aperfeiçoar a literatura infantil*, de Lourenço Filho (1943), publicado na *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras. Sobre a análise desse texto, ver os seguintes estudos desenvolvidos no âmbito do GPHELLB: Bertoletti (2003, 2006, 2012); Lima (1999); Menin, (1999); Mortatti (2008, 2014); Oliveira (2009, 2010, 2012); Pinto (1996); Pivatto (2000); Souza (2002); Stanislavski (2001).

²⁶⁶ A primeira edição do livro *Educação e seus problemas* “[...] foi publicada em 1937, pela Companhia Editora Nacional. [...] Esse livro contém 17 discursos e conferências de Fernando de Azevedo, realizadas entre 1921 e 1936. [...] Fernando de Azevedo foi um educador que ganhou destaque na década de 1920, quando fez parte do movimento de renovadores da educação e foi reconhecido pelo seu projeto de reforma do ensino no Distrito Federal em 1927. Durante a sua trajetória profissional escreveu [...] cerca de 30 livros, tendo como foco principal as áreas de Sociologia e Educação [...]. Dos principais trabalhos de Fernando de Azevedo sobre Educação destacam-se *A reforma do ensino no Distrito Federal*, em 1929, *Novos caminhos e novos fins*, em 1932, *Educação e seus problemas*, em 1937 e *A Cultura brasileira*, em 1943.” (s.p.). (ALMEIDA; CIMINO, 2012, s.p.). Disponível em: < <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0359.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Fernando de Azevedo, ver Rocha (2008); Toledo (2001); Vidal (1994); Vidal; Faria Filho (2003); e Xavier (1998).

²⁶⁷ Nelly Novaes Coelho (1922-) “[...] nasceu na cidade de São Paulo, [...] graduou-se em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo, em 1959. [...] Em 1960, inicia a carreira de docente universitária na Universidade de São Paulo, como professora-assistente do Prof. Antônio Soares Amora, área de Literatura Portuguesa [...] Em 1961, acumula esse cargo com o de professora titular de Teoria da Literatura, na Faculdade de Letras de Marília (onde lecionava nos fins de semana). [...] Em 1966, inicia a carreira de escritora, com a publicação de *O ensino da literatura*, obra destinada à formação de professores, na área da Literatura [...]. Segue a carreira universitária: doutorado em Letras (USP, 1967), livre docência (USP, 1977). Professora-adjunta (USP, 1981) e professora titular de Literatura Portuguesa (USP, 1985). [...] Em 1980, em face do novo *boom* de Literatura Infantil em expansão, criou na USP [...], a disciplina de literatura infantil, em nível de graduação [...]. Ao longo da carreira, exerceu vários cargos administrativos ou acadêmicos: chefe-suplente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP; vice-diretora do CEP-Centro de Estudos Portugueses/USP; membro fundador e presidente do CELIJU-Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil; diretora do CELAB-Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiros de LIJ; diretora da APCA-Associação Paulista de Críticos de Arte (setor Literatura) e outros.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.letraselvagem.com.br/pagina.asp?id=286>>. Acesso em 16 mar.2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita de Nelly Novaes Coelho, ver Oliveira (2014).

anos, fase do pensamento lúdico [...]; b) dos 8 aos 11 anos, a fase do pensamento mágico [...]; c) dos 12 aos 14 anos, fase do pensamento lógico [...]”. (ARROYO, 1968, p. 213).

De acordo com Arroyo (1968), outro fator responsável pela ausência de “críticos” e “historiadores” da literatura infantil brasileira se deve ao fato de que um grande número de escritores teve apenas um ou dois livros para crianças publicados e que, até aquele momento, essa produção ainda não havia sido organizada. Arroyo (1968) sugere que pesquisas com essas características deveriam ser desenvolvidas por bibliotecários, investigando “[...] tendências de temas, métodos de composição e ilustradores [...]”. No entanto, “[...] a falta de especialização [...]” dos diretores e funcionários dificultavam as pesquisas. (p. 211). No âmbito desses estudos, Arroyo (1968) destaca o trabalho de Lenyra Camargo Fraccaroli, intitulado *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*, publicado pela prefeitura municipal de São Paulo, em 1953.

Segundo Arroyo (1968), as dificuldades com as pesquisas nesse setor se deviam ao fato de que, a partir da década de 1940, o Brasil vivenciou um grande movimento da indústria cultural na área dos livros para crianças, esse cenário dificultou a “[...] sedimentação profunda das obras de real valor [...]” (p. 217). Para ele, a grande quantidade de autores e livros de literatura infantil produzidos no Brasil contribuiu para “sobrecarregar” esse gênero literário com livros “inadequados”, “presunçosos” e “falsos”, que dificultavam a sua análise e compreensão do problema. (ARROYO, 1968, p. 214).

De acordo com Arroyo (1968), a literatura para crianças, assim como a produzida para o público adulto, precisava de determinado tempo para a sua consagração e, quando a circulação de livros é muito rápida, esse tempo não encontra o momento apropriado para acontecer. Outro fator preponderante é que o interesse pelas obras se modifica de acordo com as gerações, assim como os “conceitos de educação” e a “[...] a própria orientação da literatura infantil”. (p. 219).

Após esses apontamentos, Arroyo (1968) apresenta um “panorama atual” da literatura infantil brasileira, em que aponta três vertentes que vinham sendo produzidas naquele momento [1968]:

a) “tradicional”, com base no folclore e que, segundo ele, vinha sendo “[...] largamente explorada entre os autores brasileiros [...]” (p. 212), misturando as influências indígenas, africanas e europeias;

b) “educativa”, que “insistia nos temas didáticos” (p. 212), considerada por Arroyo (1968) como um tipo de literatura infantil “não ideal”, no entanto “[...] necessária em um país como o nosso, em franco desenvolvimento cultural, em que é preciso insistir na difusão de

conhecimentos de educação, de valores cotidianos, de história, de higiene, de ciência, etc.” (p. 212);

c) “ficcional”, considerada uma vertente mais difícil e rara, pois representava a “legítima” literatura infantil que teria iniciado a partir da publicação do livro *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato (1921).

Ao final do capítulo, apresenta uma lista com mais de 100 autores que contemplavam aspectos das três vertentes mencionadas anteriormente: tradicional, educativa e ficcional. Para Arroyo (1968), em todos eles era possível observar um conceito novo de “cultura” e de “nacionalidade” decorrentes do “[...] despertar da consciência nacional, mercê de uma melhor integração do país tanto em sua área econômica quando social e cultural, [...]” (p. 229).

Para ele, independente da vertente a que se filiavam, nessas obras verificava-se um “[...] teor mais brasileiro, mais da terra com o aproveitamento dos seus próprios valores culturais e da contribuição das correntes imigratórias que ajudam a construir a nação. (ARROYO, 1968, p. 229).

4.3. As editoras

4.3.1. Editora Melhoramentos

Conforme mencionei, *Literatura infantil brasileira* foi publicado pela Editora Melhoramentos (SP) em 1968. Segundo Donato (1990), essa editora foi oficialmente fundada em 1890, como a fábrica de papel Companhia Melhoramentos de São Paulo, dirigida pelo brasileiro Antônio Proost Rodavallo²⁶⁸, na região de Caieiras (SP). Somente em 1906, foi fundada a Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico, pelos irmãos alemães Otto Weiszflog, primeiro a chegar ao Brasil em 1884, e Alfried Weiszflog, em 1886.

A década de 1920, foi muito importante para o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro e para a produção de materiais de leitura pela Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico que já era uma empresa consagrada pela publicação de livros didáticos e de outros materiais escolares, tais como: “[...] mapas, álbuns, blocos, baralhos, e cadernos de caligrafia [...]” (SOARES, 2010, p. 158). Nesse período, a gráfica passou por momentos de crise em

²⁶⁸ Antônio Proost Rodovallo (1838-1913) “[...] nasceu em São Paulo [...]. Em 1875 foi nomeado gerente tesoureiro da caixa filial do Banco do Brasil e onze anos mais tarde presidente da diretoria do Branco Commercial de São Paulo, do qual fora o criador e continuava sendo o maior acionista. [...] Em 1885, colaborou para a fundação da Caixa Econômica [...]. Administrou as obras da Estrada de Ferro da Companhia S. Paulo e Rio de Janeiro (Central do Brasil); participou da organização da Companhia de Gás de São Paulo [...]. Oficial da Guarda Nacional desde 1857, atuou no apoio ao Exército na guerra do Paraguai, atingindo o coronelato. [...]” (p. 31). Em 1925 a “[...] Melhoramentos homenageou a memória do idealizador, colocando seu retrato no salão nobre da administração de Caieiras.” (DONATO, 1990, p. 31).

decorrência, dentre outros, dos altos custos com o papel, fazendo com que, em dezembro daquele ano, essa empresa fosse incorporada à Companhia Melhoramentos de São Paulo. Da fusão dessas duas empresas, resultou a Companhia Melhoramentos de São Paulo – Weiszflog Irmãos Incorporada.

A união dessas duas empresas possibilitou intensificar a publicação de materiais didáticos, como cartilhas e livros de leitura destinados a alunos da escola primária, escritos por vários professores, tais como: Arnaldo de Oliveira Barreto e Manuel Bergström Lourenço Filho. De acordo com Hallewell (2005, p. 334), “[...] a viga mestra da atividade editorial da Melhoramentos est[ava] apoiada na literatura infanto-juvenil e nos livros didáticos, que respond[ia]m aproximadamente por dois terços da produção total em títulos”.

Segundo Razzini (2007c), no período de 1907 a 1940, foi publicado por essa editora

[...] 852 títulos, sendo 283 didáticos, 288 infantis e 281 títulos variados, indicados para os adultos e classificados no trabalho de pesquisa como “outros”. Os títulos da Melhoramentos incluem não só livros, mas também álbuns, cartazes, quadros, cadernos, mapas, globos, jogos, brinquedos e aparelhos educativos. A produção direcionada para crianças e jovens, que soma 571 títulos, representa 67% da produção geral da Melhoramentos. De literatura infantil, foram publicados 122 títulos, de leitura para jovens, 50 títulos; e de brinquedos, 116 títulos. Além da produção didática, a pesquisa aponta a importância da Biblioteca Infantil, que entre 1915 e 1958 teve cem títulos lançados. (RAZZINI, 2007c, p. 1).

Conforme mencionei, a partir de 1915, Arnaldo de Oliveira Barreto passou a organizar a coleção de livros de literatura infantil, intitulada “Biblioteca Infantil”, cujo primeiro título – *O patinho feio* – foi publicado naquele ano. De acordo com Razzini (2007b), em 1918, os títulos dessa coleção foram oficialmente indicados “[...] junto com outros livros didáticos e não-didáticos para as *leituras suplementares e auxiliares*, destinando-se ao treino dos alunos que já sabiam ler (São Paulo, 1918).” (RAZZINI, 2007b, p.8, grifos da autora). Esse fato reforça a relação histórica que a literatura infantil brasileira tem com a escola primária.

Interessante notar que entre os livros recomendados “para leituras suplementares e auxiliares”, em 1918, aparecem, pela primeira vez, obras de valor mais estético e menos didático, como os pequenos e coloridos volumes da Biblioteca Infantil, organizada e adaptada por Arnaldo de Oliveira Barreto, para a Weiszflog Irmãos, a partir de 1915. [...] No Catálogo de 1922, da Editora Melhoramentos, são oferecidos 28 volumes da Biblioteca Infantil, sendo cada volume vendido a 1\$500 (mil e quinhentos reis), o mesmo preço da cartilha “Ensino Rápido da Leitura”, de Mariano de Oliveira (Melhoramentos, 1922, p. 1 e p. 44). (RAZZINI, 2007c, p.5).

Em 1926, após a morte de Barreto, o professor Lourenço Filho foi convidado, por essa editora, para revisar os textos da série “Biblioteca Infantil”. Vale destacar que, em 1925,

Lourenço Filho assumiu a função de consultor editorial da Companhia Melhoramentos, “[...] emitindo pareceres sobre originais didáticos e para a infância. Ao longo de algumas décadas viria a emitir quase 30.000 pareceres”. (DONATO, 1990, p. 82).

De acordo com Donato (1990, p. 82), a atuação desse educador foi decisiva para o período, porque “[...] ativava, junto com outros educadores modernos e prestativos, a Escola Nova, influenciada por correntes filosóficas e pedagógicas americanas e europeias”. (DONATO, 1990, p.82). Assim, a atuação de Lourenço Filho à frente da Companhia Melhoramentos de São Paulo contribuiu para a renovação proposta pelas ideias escolanovistas e “[...] inspir[ou] toda uma geração de reformadores educacionais em todo o Brasil.” (HALLEWELL, 2005, p. 335).

Uma das editoras que empreenderam pioneiramente a difusão e nacionalização das cartilhas, livros de leitura, de literatura e de teorias educacionais foi a Companhia Melhoramentos de São Paulo, uma vez que essa Editora investia “fundo” na nacionalização de livros didáticos, editando e comercializando obras dos principais expoentes do novo pensamento pedagógico, e priorizando, dessa maneira, os livros para crianças, tanto didáticos quanto recreativos e teóricos sobre a educação infantil. (BERTOLLETI, 2006, p. 49).

4.3.1.1 A coleção “Biblioteca de Educação”

Em 1927, um ano após assumir a revisão da série “Biblioteca Infantil”, Lourenço Filho cria a coleção “Biblioteca de Educação” da Companhia Melhoramentos de São Paulo. Segundo Soares (2010), com essa coleção, as “[...] referências teóricas e científicas abraçadas pelo educador encontraram um importante veículo de difusão no Brasil [...]” (p. 161).

A escolha do nome de Lourenço Filho para estar à frente de uma das maiores editoras do país não foi aleatória, pois já havia alcançado posição de destaque no cenário educacional e cultural do país. Segundo Warde (2003), no percurso de sua carreira profissional, “[...] Lourenço Filho envolveu-se em laços de sociabilidade e pertenceu a redes intelectuais e políticas [...]” (p. 143) que propiciaram a constituição de seu “arsenal intelectual” (p. 142).

Nesse sentido, Warde (2003) destaca aspectos da formação, atuação e influência das ideias de Lourenço Filho que, segundo essa autora, foram fundamentadas pelo seu envolvimento com os primeiros republicanos reformistas de São Paulo.

[...] Rangel Pestana, Gabriel Prestes, Caetano de Campos, Márcia Browne e João Köpke – alguns vivos outros mortos –, mas a presença deles era, quiçá, tão forte quanto a dos vivos. Faziam parte do imaginário daquelas redes; eram símbolos potentes do passado recente, responsáveis pelos atos inaugurais de inserção do ensino público no coração da república paulista. (WARDE, 2003, p. 143; 145).

A partir de 1917, além do contato com intelectuais da imprensa e cultura do país, Lourenço Filho cursa o ano final da Escola Normal Secundária (Escola Normal da Praça), onde foi aluno do professor Sampaio Dória²⁶⁹. De acordo com Warde (2003), esse professor exerceu grande influência na formação pedagógica de Lourenço Filho, “[...] se afigura o principal balizador da formação de Lourenço Filho, não em termos genéricos, mas naqueles traços que singularizam Lourenço Filho como intelectual da educação.” (p. 145).

A partir de 1920, com o apoio de Sampaio Dória e Almeida Júnior²⁷⁰ Lourenço Filho foi nomeado professor substituto de Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal Primária de São Paulo. No ano seguinte, assume a cadeira de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal de Piracicaba. Em 1922, vai para o Ceará, nomeado diretor-geral da Instrução Pública e, ao lado de João Hippolyto²⁷¹, diretor da Escola Normal de Fortaleza, realiza reforma de ensino nos moldes da reforma paulista de Sampaio Dória.

De volta a São Paulo, em 1924, reassume a cadeira na Escola Normal de Piracicaba e passa a desenvolver atividades de pesquisa em Psicologia. Em 1925, muda-se para São Paulo, assumindo, em substituição a Sampaio Dória, o cargo de Professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo, onde reativa o Laboratório de Psicologia.

²⁶⁹ Antonio de Sampaio Dória (1883-1964) “[...] nasceu em Belo Monte, Alagoas [...] foi um político, jurista e educador brasileiro [...]. Em 1914, tornou-se professor na Escola Normal da Praça da República. Em 1920, foi nomeado diretor geral da instrução pública paulista, cargo que ocupou até 1924, quando, via concurso, tornou-se catedrático de Direito Constitucional na Faculdade de Direito de São Paulo [...] Coordenou várias reformas de ensino realizadas no Estado de São Paulo, sendo o responsável pelo primeiro recenseamento escolar realizado no país [...]. Formou-se também bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo (1908) exercendo a advocacia (1908-1920) e a educação. [...] Dentre suas publicações, destacam-se: *Recenseamento escolar*: relatório (1920), *Questões de ensino*: a reforma de 1920 em São Paulo (1923), *Espírito das democracias* (1924), *Educação Moral* (1928), *O comunismo caminha no Brasil* (1933), *Os direitos do homem* (1942), *Direito Constitucional - Curso e Comentários à Constituição* (1953), *Psicologia da educação* (1959)” (s.p.). Disponível em: < <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AntSDori.html>>. Acesso em: 31 mar. 2016. Para maiores informações sobre a atuação e produção escrita desse educador, ver: Carvalho (2010); Mathieson (2012); Medeiros (2005); Mortatti (2000).

²⁷⁰ Antonio Ferreira de Almeida Júnior (1892-1971) “[...] nasceu em Joanópolis (SP), [...] formou-se professor normalista em 1909, na Escola Normal da Praça da República, em São Paulo. Em 1910 iniciou suas atividades no magistério [...]. Almeida Júnior graduou-se, em 1921, com 29 anos, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, defendendo a tese *O Saneamento pela Educação*. [...] Em 1928 foi nomeado, por concurso, professor livre-docente de medicina legal da Faculdade de Direito de São Paulo do Largo São Francisco, galgando a condição de professor catedrático, em 1941. Foi um dos fundadores da Universidade de São Paulo, em 1934.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/305/BIOGRAFIA-ANTONIO-FERREIRA-DE-ALMEIDA-JUNIOR.pdf>> . Acesso em 31 mar. 2016. Para maiores informações sobre esse professor, ver: Gandini (1999).

²⁷¹ João Hippolyto de Azevedo e Sá (1881- ?) “[...] nasceu em Fortaleza[...]. Fez o curso de preparatórios no Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II, e matriculou-se a princípio na Faculdade da Bahia, em que fez o primeiro ano, e depois na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendeu tese em 22 de janeiro de 1904.[...] Em 1904, foi nomeado professor interino de Física e Química na Escola Normal do Estado [...]. Permaneceu várias décadas como diretor da Escola Normal Justiniano de Serpa, cujo cargo se aposentou. [...]” (s.p.). Disponível em: < http://www.luiz.delucca.nom.br/acbneo/bonde_08.html> Acesso em 31 mar. 2016. Para maiores informações sobre esse educador, ver: Cavalcante (2000) e Carvalho (2000b).

A escolha do nome de Lourenço Filho para estar à frente da coleção “Biblioteca de Educação” e de uma das maiores editoras do país justifica-se, portanto, por toda sua trajetória de formação e atuação profissional, diretamente ligadas ao cenário educacional do país. De acordo com Carvalho e Toledo (2007),

[...] o nome do organizador, do ponto de vista de uma editora comercial, deveria garantir o convencimento do público que a seleção ali operada, sobretudo quando se trata de livros científicos, seria confiável e serviria para os fins determinados pela apresentação da coleção. O nome do organizador é a garantia da obra comprada pelo público; é a chave de sua difusão. (p. 99).

Assim, segundo Carvalho (2000), com essa coleção, Lourenço Filho conseguia traduzir sua expectativa sobre a formação dos professores e implementar mudanças por meio da escolha dos títulos que considerava leitura fundamental, “[...] constituindo e organizando o campo dos saberes representados como necessários ao exercício da docência [...]” (p. 119). De acordo com Oliveira e Arce (2012), as décadas de 1920 e 1930, foram marcadas por projetos editoriais como os dessa coleção e pelo desenvolvimento de muitas outras coleções e periódicos educacionais que visavam tornar conhecido dos professores as teorias científicas da educação. (OLIVEIRA; ARCE, 2012).

No Brasil, a situação que caracteriza o boom das coleções é o florescimento do mercado editorial nas décadas de 1920 e 1930, tanto em termos do crescimento do número de títulos, autores e das tiragens, quanto pelo número de editoras que nascem no período. É com a descoberta de que o livro é um bom negócio, que as coleções se multiplicam, tendo em vista chegar àqueles que não liam os livros brasileiros e que agora podem passar a lê-los. Se a prática de trabalhar com novas estratégias editoriais e – entre elas, com coleção – na década de 1920, ainda é tímida, na década de 1930 vai se intensificar e se difundir. (CARVALHO; TOLEDO, 2007, p. 95).

Segundo Magnani (1997), essa coleção era destinada a “[...] professores primários e secundários, normalistas, estudantes e pais [...]” e tinha como objetivo apresentar as “[...] bases científicas da educação.” (p. 74). No entendimento de Ruy C.B. Lourenço Filho e Márcio C. B. Lourenço Filho (1958), a “Biblioteca de Educação” tornou-se conhecida por todos quantos se interessavam pelos problemas pedagógicos no país, “[...] ela pôs o público brasileiro em contato com o pensamento renovador da educação do mundo”. (p. 193).

Nessa política, a *Biblioteca de Educação* é coleção que compendia os saberes pedagógicos necessários à transformação da mentalidade e da prática do professorado. Formar o professor é transformar a sua mentalidade. É fazê-lo percorrer o caminho que leva à superação de suas concepções sobre a atividade do aluno, descolando-as do terreno constituído por uma pedagogia centrada no exercício das faculdades da criança. É levá-lo à compreensão das novas finalidades sociais da escola. (CARVALHO, 2000, p. 118).

Além de idealizador dessa coleção, Lourenço Filho alimentava-a com traduções e/ou textos de sua autoria que tiveram repercussão internacional, tais como: *Introdução ao Estudo da Escola Nova*²⁷² (1930); *Testes ABC* – para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita²⁷³ (1933); *Tendências da Educação Brasileira*²⁷⁴ (1940) e *Pedagogia de Rui Barbosa*²⁷⁵ (1954). (LOURENÇO FILHO; LOURENÇO FILHO, [1957], p. 193).

Essa coleção teve longa duração, de 1927 a 1970, publicando 37 títulos e diversas reedições. Ao longo desse período, ela teve duas fases distintas, “[...] percebe-se que o projeto organizado nos anos 1920 e 1930 foi praticamente abandonado [...]”:

[...] desaparecem dos versos das capas as referências aos títulos anteriormente publicados; [...] os textos de apresentação da coleção desaparecem das contracapas; a numeração que cada volume recebia ao sair na **Biblioteca** é abandonada. Assim, a partir de 1943, não restam sequer

²⁷² *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho tem “[...] formato in-16 (14cm x 19,5cm), 345 páginas, publicado em junho de 1930 na coleção Bibliotheca de Educação, organizada e dirigida pelo próprio Lourenço para a Companhia Melhoramentos de São Paulo. Para os padrões da época, o livro foi publicado com uma tiragem surpreendente: 12 mil exemplares. [...]”. Esse livro está em “[...] estreita correspondência com o clima de efervescência cultural característico do imediato pós-30, quando intelectuais de diferentes orientações ideológicas perfilaram-se na construção do ‘Brasil novo’, mediante soluções programáticas para múltiplos problemas postos insistentemente pela realidade contemporânea.” (s.p.). (MONARCHA, 2000, s.p.). Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000200014&script=sci_arttext>. Acesso em 27 mar. 2016.

²⁷³ *Testes ABC* – para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita, de Lourenço Filho (1933), tem “[...] 152 páginas e pequeno formato (19,5 cm por 14 cm) contém, ainda: prefácio do próprio autor; uma introdução seguida de 4 capítulos; 120 notas de rodapé; 39 ilustrações - 8 quadros, 18 gráficos, 8 figuras e 5 reproduções de resultados de aplicação dos testes -; e, ao final, bibliografia - 66 títulos [...], de acordo com os princípios da educação renovada, os testes ABC se apresentam como uma fórmula simples e de fácil aplicação, com fins de diagnóstico ou de prognóstico, e como critério seletivo seguro, para definição do perfil das classes e sua organização homogênea [...]”. (MAGNANI, 1996, p. 150-151). Disponível em: < <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1680/4245>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

²⁷⁴ *Tendências da Educação Brasileira*, de Lourenço Filho (1940) apresenta “[...] temas e teses do ideário do movimento da Escola Nova, acolhidos como fontes constitutivas de uma reflexão moderna sobre o social. Coerentemente com os princípios organicistas que representam a sociedade como ‘organismo social’, a escola é idealizada como ‘célula viva’, que deve contribuir para a criação da identidade nacional brasileira.” (MONARCHA, 1999, p.67). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30257/pdf>>. Acesso em 27 mar. 2016.

²⁷⁵ *Pedagogia de Rui Barbosa*, de Lourenço Filho (1954) apresenta estudos sobre a “[...] temática pedagógica no conjunto da obra do famoso jurista brasileiro. Ele é composto por 5 capítulos. O primeiro, ‘A pedagogia de Rui’, foi pronunciado como conferência, em 1949 [...]. O segundo, ‘À margem dos pareceres sobre o ensino’, também foi uma conferência, [...] como parte das comemorações pelo lançamento do primeiro volume das obras completas de Rui Barbosa. O terceiro capítulo, ‘Rui e as ‘Lições de coisas’’, foi texto escrito como prefácio para a reedição das ‘Lições de Coisas’, volume XIII, tomo I das referidas obras completas, em 1947. Os dois últimos capítulos – ‘Roteiro para estudo da obra pedagógica de Rui’ e ‘Ementário pedagógico de Rui’ – parecem ter sido escritos especialmente para o livro.” (s.p.). Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20DISSEMINACAO%20DA%20PEDAGOGIA%20MODERNA%20POR%20RUI%20BARBOSA.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

vestígio do conjunto de obras editadas no período anterior. (CARVALHO; TOLEDO, 2004, p. 517).

O livro de Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira* (1968), integra o que as autoras chamaram de “segunda fase” dessa coleção. Apesar das mudanças na coleção, o nome de Lourenço Filho aparece em dois lugares nesse livro, como organizador das séries “Grandes Textos” e “Iniciação e Debate” e como autor do prefácio, atuando assim, segundo Carvalho e Toledo (2004), como uma “etiqueta”, que legitima o lugar desse livro na coleção. Assim, por ter integrado essa coleção, *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968), passou a circular entre os professores como um livro necessário ao saber docente.

De acordo com Monarcha (1997), a maioria dos títulos publicados na “Biblioteca de Educação” tratava de temas da psicologia, sociologia ou metodologia de ensino. O livro de Arroyo (1968), apesar de se configurar como um tema novo nessa coleção recebe o *status* de livro prefaciado por Lourenço Filho e passa a integrar o “[...] processo de construção de uma nova mentalidade educacional.” (MONARCHA, 1997, p. 44).

4.3.1.2 Editora UNESP

A última edição de *Literatura infantil brasileira*, foi publicada em 2011, pela Editora UNESP, com prefácio à 3ª. edição escrito pela professora Maria do Rosário Longo Mortatti.

A editora UNESP foi criada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 1987 e, com o objetivo de expandir as atividades da editora, em 1996, após aprovação pelo Conselho Universitário, passou a denominar-se Fundação Editora UNESP, “[...] visando expandir sua atuação através deste novo modelo de organização social, que estava mais de acordo com a representatividade que a instituição pretendia alcançar”. (EDITORA UNESP, s.p.).

Um dos objetivos da editora é promover a relação entre a produção acadêmica e a sociedade brasileira “[...] como uma forma de mostrar o extenso trabalho de pesquisa realizado nesta instituição.” (EDITORA UNESP, s.p.). Além disso, essa editora visa

[...] contribuir para a modernização e o alinhamento da UNESP com as grandes universidades brasileiras e internacionais; ser uma vitrine da Universidade perante a sociedade; exercer, ao lado da melhor tradição universitária ocidental, a missão de publicar livros e periódicos científicos relevantes para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal. (EDITORA UNESP, s.p.).

A Editora UNESP tem como presidente, o professor José Castilho Marques Neto²⁷⁶ e como diretor executivo, o economista Jézio Hernani Bomfim Gutierre²⁷⁷. Desde 1990, vem ganhando diversos prêmios pela qualidade da produção de seu acervo. Até 2014, foram 29 prêmios em diversas categorias: “Tradução”; “Educação”; “Gastronomia”; “Ciências Humanas”; “Comunicação”; “Economia, Administração e Negócios”; e “Educação, Psicologia e Psicanálise”.

A Editora UNESP mantém 26 coleções²⁷⁸ nas quais são distribuídos os títulos publicados por essa editora. Além dos títulos publicados nas coleções, a Editora UNESP mantém, ainda, a *Revista Unesp Ciência*, onde ocorre a divulgação científica da UNESP. “Seu principal objetivo é dar destaque para o conhecimento gerado na instituição.” (EDITORA UNESP, s.p.). Essa revista foi lançada em setembro de 2009, está no seu 61º. volume e circula entre os meses de fevereiro e dezembro de cada ano.

A Fundação da Editora UNESP tem ainda um segundo selo chamado de “Cultura Acadêmica”. Esse selo foi criado em decorrência das dificuldades editoriais em atender a Universidade Estadual Paulista (UNESP), uma vez que é constituída de multicampus, muitos professores, pesquisadores e pós-graduandos.

O selo Cultura Acadêmica, é autônomo em relação ao selo Editora UNESP. Em suas atividades editoriais, a Cultura Acadêmica procurou criar parceria com Faculdades e Institutos da UNESP, a partir da qual foi possível criar a coleção PROPG-Digital, que publica livros (de 1ª. edição) em formatos digitais. Por meio da coleção PROPG-Digital a editora disponibiliza para *download* os textos que foram produzidos no âmbito da Pós-Graduação de sua

²⁷⁶ José Castilho Marques Neto “[...] possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1976) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Araraquara, e exerce, desde 1988, funções de direção editorial junto à Editora UNESP. Desde abril de 1996, é Diretor Presidente da Fundação Editora da UNESP. [...] Especializou-se também em editoração universitária, sendo consultor de organismos nacionais e internacionais de editoração e leitura. [...]” (s.p.). Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4777347E2>> . Acesso em: 31 mar. 2015.

²⁷⁷ Jézio Hernani Bomfim Gutierre “[...] possui graduação em Economia pela Universidade de São Paulo (1977), mestrado em Filosofia - University of Cambridge (1994), mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (1987) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. [...] Desde 2001, exerce a função de Editor Executivo da Fundação Editora da UNESP.” (s.p.). Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4783964T1>> . Acesso em: 31 mar. 2015.

²⁷⁸ As coleções nas quais essa editora tem livros publicados são as seguintes: “Adorno”; “Affonso Romano de Sant’Anna”; “Arte e Educação”; “Biblioteca de Filosofia”; “Ciência e Cidadania”; “Clássicos”; “Dante Moreira Leite”; “Economia Contemporânea”; “Estudos Camponeses e Mudança Agrária”; “Grandes Filósofos”; “Habermas”; “Mauricio Tragtenberg”; “Nomes de Deuses”; “Nossa História”; “Paradidáticos”; “Pequenos Frascos”; “Perfis Brasileiros”; “PROPG”; “PROPG - Didático”; “PROPG eBook”; “Relações Internacionais”; “Revoluções do Século 20”; “Saúde e Cidadania”; “Série Paulo Freire”; “Teses Premiadas Unesp”; e “Todorov”.

instituição, “[...] permitindo um alcance social ilimitado aos usuários.” (EDITORA UNESP, s.p.).

Além da coleção PROPG-Digital, essa editora mantém duas revistas científicas, *Revista Ciência em Extensão* e *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*. A primeira é publicada pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), e tem como objetivo “[...] difundir os resultados das atividades de extensão universitária e a sua indissociabilidade com o ensino e a pesquisa.” (EDITORA UNESP, s.p.). Trata-se de uma revista eletrônica, publicada quadrimestral.

A segunda é publicada pelo Observatório de Educação em Direitos Humanos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), e tem como objetivo refletir de forma “histórico-crítica” sobre os direitos humanos. É uma revista publicada semestralmente e está disponível no formato digital e impresso.

Assim, publicado por uma editora universitária de grande reconhecimento no mercado editorial brasileiro, a 3ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (2011), alcança maior visibilidade e se perpetua, como apontado por Mortatti (2011), na formação de uma nova “[...] geração de leitores, entre pesquisadores, professores, bibliotecários e demais interessados no assunto.” (p. XXII).

4.4 Interlocutores brasileiros de Leonardo Arroyo no livro *Literatura infantil brasileira* (1968)

No texto de apresentação que escreveu para esse livro Arroyo (1967) reclama da “pobreza” de estudos *sobre* literatura infantil em língua portuguesa: “[m]eia dúzia de autores apenas entre nós tratavam especialmente do tema.” (ARROYO, 1967, p. 21). Por isso, com o objetivo de conferir com quais interlocutores brasileiros Leonardo Arroyo dialogou para a produção de seu livro, qual o referencial teórico e metodológico adotado por ele ao longo dos seus anos de pesquisa, apresento, neste tópico, a bibliografia brasileira mencionada por Arroyo nas referências bibliográficas de *Literatura infantil brasileira* (1968).

No Quadro 18, apresento os livros e autores brasileiros que desenvolveram algum estudo *sobre* literatura infantil, e que foram mencionados por Arroyo em seu livro. O Quadro 17 está ordenado por ano, nome dos autores, título dos livros e artigos mencionados, editora e quantidade.

Quadro 18: Bibliografia brasileira sobre literatura infantil mencionada por Leonardo Arroyo no livro *Literatura infantil brasileira* (1968), ordenada por ano, autores, livros e artigos mencionados, editora e quantidade

Ano	Autores	Livros/ artigos	Editora/Estado	Quant. por década
1883	Sílvia Romero	<i>Contos populares do Brasil</i>	Livraria Internacional Editora (Lisboa)	1
1909	Alexina de Magalhães Pinto	<i>Os nossos brinquedos</i>	Tipografia a Editora (Lisboa)	1
1916	Alexina de Magalhães Pinto	<i>Cantigas das crianças e do povo</i>	Livraria Francisco Alves (RJ)	2
1918	Benedito Otávio	<i>Teatro da infância</i>	Editor Carlos Góes (BH)	
1921	Agostinho Campos	<i>Trancoso: histórias de proveito e exemplo</i>	Aillaud Bertrand (Lisboa)	1
1930	Guerino Casassanta	<i>Jornais escolares</i>	Companhia Editora Nacional (SP)	2
1934	Monteiro Lobato	<i>A barca de Gleyre</i>	Companhia Editora Nacional (SP)	
1943	Sílvia Romero	<i>História da literatura brasileira</i>	Livraria José Olympio Editora (RJ)	2
1948	Manuel Bergström Lourenço Filho	“A criança na literatura brasileira”	<i>Revista da Academia Paulista de Letras</i> , n°. 44	
1951	Orlando Leal	<i>Metodologia da linguagem</i>	Agir (RJ)	11
1952	Luís da Câmara Cascudo	<i>Literatura oral</i>	Livraria José Olympio Editora (RJ)	
1953	Lenyra Camargo Fraccaroli	<i>Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa</i>	Prefeitura do Município de São Paulo (SP)	
1955	Maria Clara Machado	<i>Como fazer teatrinho de bonecos</i>	Melhoramentos (SP)	
1957	José Marques da Cruz	<i>História da literatura</i>	Melhoramentos (SP)	
1957	Manuel Bergström Lourenço Filho	“Literatura infantil e juvenil”	Melhoramentos (SP)	
1957	José Lins do Rêgo	<i>Meus verdes anos</i>	Livraria José Olympio Editora (RJ)	
1958	Olga Obry	<i>O teatro na escola</i>	Melhoramentos (SP)	
1958	Fernando de Azevedo	<i>A educação e seus problemas</i>	Melhoramentos (SP)	
1958	José Lins do Rêgo	<i>Meninos de Engenho</i>	Livraria José Olympio Editora (RJ)	
1960	Mário da Silva Brito	<i>Poesia brasileira para infância</i>	Saraiva (SP)	16
1960	Cassiano Nunes	<i>Poesia brasileira para infância</i>	Saraiva (SP)	
1960	Paulo Rosas	<i>Interpretação da literatura infanto-juvenil no nordeste</i>	Instituto Pernambucano de Estudos Pedagógicos (PE)	
1960	Nelson Werneck Sodré	<i>História da literatura brasileira</i>	Livraria José Olympio Editora (RJ)	
1961	Antônio Ávila	<i>Literatura infanto-juvenil</i>	Editora do Brasil (SP)	
1961	Bárbara Vasconcelos de Carvalho	<i>Compêndio de Literatura infantil</i>	LEIA (SP)	
1962	Edgar Cavaleiro	<i>Monteiro Lobato: vida e obra</i>	Brasiliense (SP)	
1963	Leonardo Arroyo	<i>O tempo e o Modo</i>	Comissão Estadual de Literatura, Conselho do Estado de São Paulo	
1963	Herma Lima	<i>História da caricatura no Brasil</i>	Livraria José Olympio Editora (RJ)	

Ano	Autores	Livros/ artigos	Editora/Estado	Quant. por década
1964	Godim da Fonseca	<i>Figueiredo Pimentel e a livraria Quaresma</i>	Gazeta de Notícia (SP)	
1964	M. Cavalcante Proença	<i>Literatura popular em verso</i>	Editora da Casa de Rui Barbosa, Ministério de Educação e Cultura (RJ)	
1964	Nelson Palmas Travassos	<i>Minhas memórias dos Monteiro Lobatos</i>	Edart Livraria- Editora (SP)	
1965	Lindolfo Gomes	<i>Contos populares brasileiros</i>	Melhoramentos (SP)	
1966	Nelly Novaes Coelho	<i>O ensino da literatura</i>	FTD (SP)	
1966	Alceu Amoroso Lima	<i>Estudos literários</i>	José Aguilar (RJ)	
1968	Eunice Breves Duarte	“Algumas idéias sobre literatura infantil”	Revista <i>Anhembi</i> (SP)	
s/d	Dante Moreira Leite	“A influência da literatura na formação da criança”	<i>Atualidades Pedagógicas</i> , nº. 53 (SP)	1
s/d	Jorge Rizzini	<i>História de Monteiro Lobato</i> (Para infância e juventude)	Editora Piratininga (SP)	1
Total	3 autores aparecerem mais de uma vez	35 livros; 3 artigos	4 estados diferentes e 3 livros publicados em editoras de Lisboa	38

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo*: um instrumento de pesquisa. (ASSIS, 2016).

Do conjunto de 38 títulos apresentados no Quadro 16, a maior parte foi publicado no formato de livros (35 títulos), e três, em formato de artigos. Destaco que esses não são os únicos títulos de autores brasileiros que constam da bibliografia de *Literatura infantil brasileira* (1968), mas são aqueles que apresentam maior relação com o tema literatura infantil, seja pela produção *de* ou pela análise *sobre* esse gênero. Os demais livros e autores brasileiros apresenta estudos de carácter histórico, sociológico e educacional.

É possível observar que nem todos os estudos mencionados por Arroyo são, de fato, estudos *sobre* a literatura infantil brasileira, muitos deles, ao contrário, são livros *de* literatura para crianças como os de Alexina de Magalhães Pinto (*Os nossos brinquedos; Cantigas das crianças e do povo*) ou ainda as coletâneas de contos e poesia de Mário da Silva Brito e de Lindolfo Gomes, intituladas *Poesia brasileira para infância* (1960); e *Contos populares brasileiros* (1965).

Outros livros mencionados por Arroyo são memorialísticos ou biografias como os de José Lins do Rêgo: *Meus verdes anos* (1957) e *Meninos de engenho* (1958). No entanto, eles foram tomados, por Arroyo (1968), como fontes documentais e registro histórico sobre o material de leitura existente ainda no século XIX, no Brasil. O modo de abordar esses textos conferiu a eles características de conjunto e possibilitou a Arroyo (1968), compreensão sobre a produção cultural de uma época.

Destaco, também, outros estudos sobre a literatura infantil mencionados, cuja finalidade era, dentre outras, a de servir de manual de ensino para a disciplina “Literatura Infantil”²⁷⁹ que, a partir de 1947, passou a integrar o currículo dos cursos Normais de formação de professores primários em nível médio. Alguns dos livros mencionados por Arroyo foram: *Metodologia da Linguagem*, de Orlando Leal Carneiro (1951); *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles (1951); *Literatura infanto-juvenil*, de Antônio Ávila (1961); *Compêndio de Literatura infantil*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1961) e *Ensino de Literatura*, de Nelly Novaes Coelho (1966).

Do conjunto de livros, três foram publicados por editoras portuguesas, são eles: *Contos populares do Brasil*, de Sílvia Romero (1883); *Os nossos brinquedos*, de Alexina de Magalhães Pinto (1909); e *Trancoso: histórias de proveito e exemplo*, de Agostinho Campos (1921). Os demais estudos, por editoras brasileiras, de quatro estados da federação: Rio de Janeiro; São Paulo; Minas Gerais; e Pernambuco.

²⁷⁹ Para maiores informação sobre a história da disciplina “Literatura infantil” nos cursos de formação de professores no estado de São Paulo, ver, especialmente, a Tese de Doutorado de Fernando Rodrigues de

As editoras que mais publicaram estudos nessa área foram: Livraria José Olympio Editora (RJ) (6 referências); Companhia Melhoramentos (SP) (5 referências); Editora Saraiva (SP) (2 referências); e Companhia Editora Nacional (SP) (2 referências).

Os três artigos sobre literatura infantil são: “A criança na literatura brasileira”, de Manuel Bergström Lourenço Filho, publicado na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 1948; “Algumas idéias sobre literatura infantil”, de Eunice Breves Duarte, publicado na revista *Anhembi* (SP), em 1968; e “A influência da literatura na formação da criança”, de Dante Moreira Leite, publicado no vol. 53 da revista *Atualidades Pedagógicas* (SP), cujo ano não pude identificar.

Com base na bibliografia brasileira sobre o tema elencada por Arroyo (1968), é possível verificar que os estudos sobre literatura infantil, no Brasil, passaram a se desenvolver, principalmente, no início da década de 1950. Arroyo (1968) mencionou 11 estudos publicados nessa década, são eles:

Quadro 19: Estudos brasileiros sobre literatura infantil publicados na década de 1950 e mencionados nas referências bibliográficas de *Literatura infantil brasileira* (1968)

Ano	Autor	Título
1951	Orlando Leal	<i>Metodologia da linguagem</i>
1951	Cecília Meireles	<i>Problemas da literatura infantil</i>
1952	Luís da Câmara Cascudo	<i>Literatura oral</i>
1953	Lenyra Camargo Fraccaroli	<i>Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa</i>
1955	Maria Clara Machado	<i>Como fazer teatrinho de bonecos</i>
1957	José Marques da Cruz	<i>História da literatura</i>
1957	Manuel Bergström Lourenço Filho	“Literatura infantil e juvenil”
1957	José Lins do Rêgo	<i>Meus verdes anos</i>
1958	Olga Obry	<i>O teatro na escola</i>
1958	Fernando de Azevedo	<i>A educação e seus problemas</i>
1958	José Lins do Rêgo	<i>Meninos de Engenho</i>
1960	Mário da Silva Brito	<i>Poesia brasileira para infância</i>

Fonte: *Bibliografia de e sobre* Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa. (ASSIS, 2016).

Ainda, de acordo com dados apresentados por Arroyo (1968), esses estudos intensificaram-se na década seguinte, 1960, com o total de 16 estudos.

Quadro 20: Estudos brasileiros sobre literatura infantil publicados na década de 1960 e mencionados nas referências bibliográficas de *Literatura infantil brasileira* (1968)

Ano	Autor	Título
1960	Mário da Silva Brito	<i>Poesia brasileira para infância</i>
1960	Cassiano Nunes	<i>Poesia brasileira para infância</i>
1960	Paulo Rosas	<i>Interpretação da literatura infanto-juvenil no nordeste</i>
1960	Nelson Werneck Sodré	<i>História da literatura brasileira</i>
1961	Antônio Ávila	<i>Literatura infanto-juvenil</i>
1961	Bárbara Vasconcelos de Carvalho	<i>Compêndio de Literatura infantil</i>
1962	Edgar Cavaleiro	<i>Monteiro Lobato: vida e obra</i>
1963	Leonardo Arroyo	<i>O tempo e o Modo</i>
1963	Herma Lima	<i>História da caricatura no Brasil</i>
1964	Godim da Fonseca	<i>Figueiredo Pimentel e a livraria Quaresma</i>
1964	M. Cavalcante Proença	<i>Literatura popular em verso</i>
1964	Nelson Palmas Travassos	<i>Minhas memórias dos Monteiro Lobatos</i>
1965	Lindolfo Gomes	<i>Contos populares brasileiros</i>
1966	Nelly Novaes Coelho	<i>O ensino da literatura</i>
1966	Alceu Amoroso Lima	<i>Estudos literários</i>
1968	Eunice Breves Duarte	“Algumas idéias sobre literatura infantil”

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo*: um instrumento de pesquisa. (ASSIS, 2016).

O estudo mais antigo mencionado por Arroyo (1968) foi *Contos populares do Brasil*, de Sílvio Romero, publicado em 1883, pela Livraria Internacional Editora, de Lisboa-Portugal e o mais recente foi o artigo “Algumas idéias sobre literatura infantil”, de Eunice Breves Duarte, publicado em 1968, na revista *Anhembi* (SP).

No Quadro 18, destaquei os autores que tiveram mais um estudo mencionado por Arroyo (1968), pois considerei que esses dados demonstravam os autores com mais estudos nessa área de conhecimento. Os autores e títulos destacados foram: Alexina de Magalhães Pinto; com os livros *Os nossos brinquedos* (1909) e *Cantigas das crianças e do povo* (1916); Manuel Bergström Lourenço Filho, com o artigo “A criança na literatura brasileira” (1948), e o capítulo “Literatura infantil e juvenil” (1957); José Lins do Rêgo, com os livros *Meus verdes anos* (1957) e *Meninos de engenho* (1958).

4.5 Interlocutores estrangeiros de Leonardo Arroyo no livro *Literatura infantil brasileira* (1968).

Para a produção do seu livro, Arroyo (1968) ateve-se não somente à produção brasileira sobre esse assunto, mas também manteve diálogo com estudos realizados em outros países como na França, Inglaterra, Itália, Espanha, Argentina, Alemanha, Estados Unidos, México, Uruguai e Cuba. Esse fato é indicativo, dentre outros, da erudição de Arroyo como leitor em outras línguas, e, também que vinha acompanhando os estudos realizados fora do país sobre esse tema.

No Quadro 19, apresento a quantidade de estudos estrangeiros *sobre* literatura infantil mencionados por Arroyo (1968) em *Literatura infantil brasileira*, ordenados por ano, países em que foram publicados e quantidade.

Quadro 21: Quantidade de estudos estrangeiros *sobre* literatura infantil mencionados por Leonardo Arroyo no livro *Literatura infantil brasileira* (1968), ordenados por ano, países em que foram publicados e quantidade

Países Ano	França	Itália	Argentina	Estados Unidos	Espanha	Inglaterra	Alemanha	Uruguai	Cuba	México	Total por ano	Total por década
s.d.	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2	2
1899	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1
1910	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
1922	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	9
1923	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	
1924	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3	
1925	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1928	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1929	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2	
1930	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	
1937	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	3
1942	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	14
1944	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
1945	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1946	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
1947	-	1	2	2	-	-	-	-	-	-	5	
1948	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1949	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
1950	2	1	-	-	-	-	-	-	-	1	4	22
1951	1	-	2	-	-	-	1	-	-	-	4	
1952	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1953	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2	
1954	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
1955	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
1956	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
1957	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	7
1959	-	-	3	-	1	-	1	-	-	-	5	
1960	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
1961	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1962	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	
1963	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	
1964	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
1966	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
Total	15	13	9	7	6	3	3	1	1	1	59	59

Fonte: *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo*: um instrumento de pesquisa. (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 19, Arroyo menciona 59 estudos estrangeiros *sobre* literatura infantil, a maioria foi publicada no formato de livros (57), entre os anos de 1899 e 1966, e desenvolvidos por pesquisadores de dez países diferentes. A maior parte deles, por pesquisadores franceses (15); italianos (13); argentinos (09); norte-americanos (07); Espanhóis (06); ingleses (03); alemães (03); uruguaios (01); cubanos (01) e mexicanos (01).

Com base nas referências bibliográficas apresentadas no livro de Arroyo (1968), é possível presumir que os estudos nesses países tiveram início ainda no século XIX, pois o

livro mais antigo mencionado é de 1899, intitulado *Pages and Pictures from Fogotten Children Books*, do inglês A. W. Tuer. No entanto, também é possível observar que a produção era bastante rara e esparsa, assim como na produção brasileira, passando a ocorrer com maior regularidade a partir das décadas de 1920 e 1930.

Para propiciar visão de conjunto e síntese dos títulos estrangeiros que foram consultados por Arroyo (1968) em seu livro, apresento, no Quadro 22, a bibliografia estrangeira *sobre* literatura infantil, ordenada por ano, nome dos autores, títulos mencionados, países em que foram publicados e quantidade por década.

Quadro 22: Bibliografia estrangeira sobre literatura infantil citada por Leonardo Arroyo no livro *Literatura infantil brasileira* (1968), ordenada por ano, autores, títulos mencionados, países e quantidade por década

Ano	Autores	Títulos	País de publicação	Total por década
1899	A. W. Tuer	<i>Pages and Pictures from Fogotten Children Books</i>	Inglaterra	1
1910	G. Compayré	<i>Fénelon et l'Educacion Attrayant</i>	França	1
1922	F. S. Parton	<i>Children's Book in England</i>	Estados Unidos	9
1923	W. A. Eddy	<i>Gulliver's Travels: a critical study</i>	Inglaterra	
1924	W. A. Bone	<i>Children's Stories and How to Tell Them</i>	Estados Unidos	
1924	Paul Dottin	<i>Daniel De Foe et ses Romans</i>	França	
1924	Marie-Thérèse Latzarus	<i>La Littérature Enfantine Dans la Deuxième Moitié du XIX° Siècle</i>	França	
1925	Émile Pons	<i>La Jeunesse de Swift et le Conte du Tonneau</i>	França	
1928	Marie Lahy Hollebecque	<i>Les Charmeurs d' Enfants</i>	França	
1929	G. Fanciulli	<i>Letteratura per l'Infanzia</i>	Itália	
1929	A. Groom	<i>Writing for children. A manual of juvenile fiction</i>	Inglaterra	
1930	Gumuchaian & cie	<i>Les Livres de l'Enfance du XV ou XIX Siècle</i>	França	3
1930	W. de La Mare	<i>Lewis Carrol in the Eighteen-Eighties (Essays by Fellows of the Royal Society of Litterature)</i>	Estados Unidos	
1937	Elva S. Smith	<i>The History of Children's Literature</i>	Estados Unidos	
1942	Luige Santucci	<i>Limiti e Ragioni dela Letteratura Infantile</i>	Itália	14
1944	Fryda Schultz Mantovani	<i>El Mundo Poético Infantil</i>	Argentina	
1945	Vito Fazio Allmayer	<i>Commento a Pinocchio</i>	Itália	
1946	G. Galò	<i>La Letteratura per l'Infanzia</i>	Itália	
1946	J. Cappe	<i>Les Problèmes de la Littérature de Jeunesse</i>	França	
1946	J. Cappe	<i>L'Arte de Raconter des Histoires aux Enfats et des Histoires à Leur Raconter</i>	França	
1947	May Hill Arbuthnot	<i>Children and Books</i>	Estados Unidos	
1947	Fredrik Book	<i>La vida del poeta H. Ch. Andersen</i>	Argentina	
1947	Walter Ganzaroli	<i>Breve Storia dela Letteratura per L'Infanzia</i>	Itália	
1947	Bertha E. Mahony	<i>Illustrators of Children's Books</i>	Estados Unidos	
1947	Maria del Carmen Schell	<i>Titeres, Sombras Y Marionetas</i>	Argentina	
1948	E. Codignola	<i>Infanzia, La Nueva Italia</i>	Itália	
1949	Paul Hazard	<i>Les Livres, Las Enfants et Les Hommes</i>	França	
1949	M. Loeffler-Delachaux	<i>Le Symbolisme des Contes de Fées</i>	França	
1950	A. Deplanque	<i>La Pensée de Fénelon</i>	França	
1950	Luige Santucci	<i>Letteratura Infantile</i>	Itália	

Ano	Autores	Títulos	País de publicação	Total por década
1950	Lydia Blanca Trejo	<i>La Literatura Infantil en México</i>	México	22
1950	Jean de Trigon	<i>Histoire e la Littérature Enfantine</i>	França	
1951	A. Brauner	<i>Nos Livres d'Efants ont Menti</i>	França	
1951	Graebische Irene Dyrenfurth	<i>Geschichte des Deutschen Jugendbuches</i>	Alemanha	
1951	Marta N. S. de Interguglielmo	<i>Libros para Niños em la República Argentina</i>	Argentina	
1951	Fryda Schultz Mantovani	<i>Fábula del Niño en el Hombre</i>	Argentina	
1952	Lancelot Hogben	<i>From Cave Painting to Comic Strip</i>	Itália	
1953	Cornelia Meigs; Anne Thaxter; Elisabeth Nesbitt; Ruth Hill Viguers	<i>A Critical History of Children's Litterature</i>	Estados Unidos	
1953	Olga Visentini	<i>Scritori per l'Infanzia</i>	Itália	
1954	A. Cibaldi	<i>Griteri per la Scelta dei Livri di Litteratura per l'Infanzia</i>	Itália	
1954	G. Leone	<i>La Letterature per l' Infanzia</i>	Itália	
1955	Pedro Collado	<i>La Literatura Infantil y los Niños</i>	Espanha	
1956	Ottavia Bonafin	<i>La Letteratura per l'Infanzia</i>	Itália	
1956	Revista ENFANCE	“Les Livress pour Enfants “(Edição especial com prefácio de Henri Wallon)	França	
1957	Carolina Toral	<i>Literatura Infantil Española</i>	Espanha	
1959	Haydée Jofre Barroso	<i>Monteiro Lobato</i>	Argentina	
1959	Bettina Hürlimann	<i>Eupäische Kinderbücher in drei Jahrhunderten</i>	Alemanha	
1959	Jesualdo Sosa	<i>La Literatura Infantil, Ensaíos sobre ética, estética y psicopedagogia de la literatura infantil</i>	Argentina	
1959	Fryda Schultz Mantovani	<i>Sobre las Hadas (Ensayos de literatura infantil)</i>	Argentina	
1959	Carmen Bravo-Villasante	<i>Historia de la Literatura Infantil Española (1ª. ed.)</i>	Espanha	
1960	Anton S. Makarenko	<i>Acerca de la Literatura</i>	Uruguai	7
1961	Mary Chiesa Tibaldy	<i>Letteratura Infantile</i>	Itália	
1962	Dora Pastoriza Etchebarne	<i>El Cuento em la Literatura Infantil</i>	Argentina	
1963	Enzo Petrini	<i>Estudio Critico de la Literatura Juvenil</i>	Espanha	
1963	Carmen Bravo-Villasante	<i>Historia de la Literatura Infantil Española (2ª. ed.)</i>	Espanha	
1964	Anatole France	<i>Le Livre de Mon Ami</i>	França	
1966	Carmen Bravo-Villasante	<i>Historia y Antología de la Literatura Infantil Ibero-americana</i>	Espanha	
s/d	Antoni orrobes	<i>El maestro y el cuento infantil</i>	Cuba	1
s/d	E. Clark	<i>More Stories and How to Tell Them</i>	Inglaterra	1
Total: 59 títulos				

Com base na bibliografia utilizada por Arroyo (1968), as décadas de 1910 e 1920 foram marcadas pelo predomínio dos estudos franceses sobre esse tema no exterior, pois dos 13 estudos nesse período, seis são de pesquisadores franceses, tais como: *Fénelon et l'Educacion Attrayant*, de G. Compayré (1910); *La Littérature Enfantine Dans la Deuxième Moitié du XIX^e Siècle*, de Marie-Thérèse Latzarus (1924); *La Jeunesse de Swift et le Conte du Tonneau*, de Émile Pons (1925); e *Les Charmeurs d' Enfants*, de Marie Lahy Hollebecque (1928).

Também é possível observar que a quantidade de estudos estrangeiros sobre literatura infantil tiveram um significativo aumento na década de 1940, quando 14 livros foram mencionados, dentre eles: cinco italianos; quatro franceses; três argentinos e dois norte-americanos.

Na década de 1950, as pesquisas nessa área alcançaram o seu apogeu com o total de 22 livros publicados, na sua maioria, por pesquisadores italianos (06), seguidos dos argentinos (05); franceses (04); espanhóis (03); alemães (02); mexicanos (01); e norte-americanos (01).

Alguns dos livros publicados na década de 1950 e mencionados por Arroyo foram os seguintes: *La Literatura Infantil en México*, de Lydia Blanca Trejo (1950); *Libros para Niños em la República Argentina*, de Marta N. S. de Interguglielmo (1951); *Scritori per l'Infanzia*, da italiana Olga Visentini (1953); *A Critical History of Children's Litterature*, dos autores norte-americanos Cornelia Meigs; Anne Thaxter; Elisabeth Nesbitt; e Ruth Hill Viguers (1953); *Literatura Infantil Española*, da espanhola Carolina Toral (1957), entre outros.

O estudo estrangeiro mais recente mencionado por Arroyo (1968), foi *Historia y Antologia de la Literatura Infantil Ibero-americana*, da espanhola Carmen Bravo-Villasante, publicado em 1966. Além desse livro, Arroyo (1968) menciona outro livro dessa autora, *Historia de la Literatura Infantil Española* (1959), que alcançara a 2ª. edição em 1963.

Além de Carmen Bravo-Vilassante, outros dois autores tiveram mais de um título mencionados por Arroyo (1968), são eles: a argentina Fryda Schultz Mantovani, com os livros: *El mundo poético infantil* (1944); *Fábula del niño em el hombre*, (1951); e *Sobre las hadas* (Ensayos de literatura infantil) (1959); e o francês J. Cappe, com os livros *Les problèmes de la Littérature de Jeunesse* (1946); e *L'arte de raconter des histoires aux enfats et des histoires à Leur Raconter* (1946).

É possível presumir que, com a leitura desses livros, Arroyo (1968) observava a constituição de um novo campo de estudo, sobretudo, historiográfico, que surgia no exterior e percebia a necessidade e, também, a possibilidade de fazer o mesmo no Brasil, onde, sobre esse assunto, quase nada se conhecia a respeito. A maior preocupação de Arroyo (1968) foi a

de reunir fontes documentais que possibilitassem a formulação de uma história da literatura infantil brasileira, assim como estava sendo produzida nesses países, conforme ele mesmo afirma em uma entrevista que concedeu ao jornal *Folha da Manhã*, no ano de 1951.

Não tenho a pretensão, já se vê, de realizar uma obra definitiva, pois estou tentando desbravar um terreno quase inculto. O tema é absolutamente novo entre nós bastando dizer que em nenhuma de nossas inúmeras histórias literárias existe sequer uma referencia especial à ficção dedicada à infância [...]. É simplesmente lamentável o descaso no Brasil pela sistematização da literatura infantil. Enquanto em outros países surgem um Wash Burne, um Jean de Trigon, um V. Battistelli, um Albert Thibaldet, analisando, estudando e apresentando vários volumes sobre a questão, aqui ainda não sabemos a quantas andamos mesmo em nossos estabelecimentos de ensino. (FOLHA DA MANHÃ, 6 maio 1951).

Nesse sentido, presumo que Arroyo vinha acompanhando esse movimento de época na publicação de estudos *sobre* literatura infantil no exterior, em que diversos pesquisadores buscavam compreender a história da leitura, dos livros e da literatura para crianças em seus países. Mais do que isso, Arroyo era um leitor dessas pesquisas antes mesmo da publicação de *Literatura infantil brasileira* (1968).

A exemplo dessa extensa produção estrangeira publicada até meados do século XX, na Europa e em alguns países da América, Arroyo, intelectual paulista, jornalista, escritor e, sobretudo, historiador, pela ótica que adotava em toda a sua produção escrita, formular o que ele mesmo chamou de “preliminares para a história e fontes” da literatura infantil brasileira entre nós.

Conforme foi possível observar por meio da apresentação dos capítulos, em seu livro, Arroyo (1968) não tem a preocupação didática de ensinar a literatura infantil para crianças ou de ensinar a professores a ensinarem a literatura infantil na escola primária, uma vez que o interesse de Arroyo foi o de sistematizar os marcos históricos da literatura infantil brasileira, por meio da organização de autores, editoras, livros e dos diferentes tipos de texto disponíveis para a leitura impressa ao longo de quase um século na história do Brasil. Portanto, o enfoque, a estrutura e organização do livro visaram a ordenação das informações, garantindo ao tema *status* de pesquisa e de objeto de investigação (MORTATTI, 2011), assim como vinha sendo feito em outros países.

4.6 Aspectos da permanência e circulação do livro *Literatura infantil brasileira* (1968)

Com os objetivos de compreender aspectos da permanência e circulação desse livro no Brasil, apresento neste tópico resultados que objetive com a análise do instrumento de pesquisa *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa* (ASSIS,

2016), onde reuni uma quantidade significativa de textos com menção a Leonardo Arroyo, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus e, principalmente, de textos com menções a esse livro.

Para propiciar visão de conjunto e síntese das menções a esse livro no Brasil, apresento, no Quadro 23, a quantidade de referências que localizei, distribuídas por ano de publicação, entre 1948 e 2015, considerando, no caso de livros, a 1ª. edição ou edição mais antiga que localizei.

Quadro 23. Bibliografia sobre Leonardo Arroyo, ordenada por ano, tipo de texto com menções a Leonardo Arroyo, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus, e quantidade

Menções Ano	Livros com menções	Textos acad. com menções	Artigos científicos com menções	Total por ano	Total por década
1968	1	-	-	1	1
1979	-	-	1	1	1
1980	-	1	1	2	18
1981	2	-	-	2	
1982	2	-	-	2	
1983	1	-	-	1	
1984	2	-	-	2	
1985	3	-	-	3	
1986	2	-	1	3	
1987	-	-	1	1	
1988	-	1	-	1	
1989	1	-	-	1	
1990	1	-	2	3	8
1991	-	-	1	1	
1994	1	-	1	2	
1996	-	-	1	1	
1998	-	-	1	1	
2000	2	-	1	3	73
2001	1	3	3	7	
2002	1	-	3	4	
2004	1	3	4	8	
2005	-	1	1	2	
2006	-	8	4	12	
2007	1	3	8	12	
2008	-	3	5	8	
2009	1	6	10	17	
2010	1	5	8	14	56
2011	1	5	6	12	
2012	-	2	4	6	
2013	1	3	6	10	
2014	1	-	10	11	
2015	-	-	3	3	
Total	27	44	86	157	157

Fonte: Bibliografia *de e sobre* Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016).

Conforme é possível observar no Quadro 23, a partir da década de 1980 e, de forma significativa, durante as três décadas seguintes (1990, 2000, 2010), Arroyo passou a ter seu nome e/ou produção escrita mencionados em textos científicos e acadêmicos, a saber: 86 menções em artigos científicos publicados em periódicos e/ou anais de eventos; 27 menções em livros e 44 menções em teses, dissertações e monografias de graduação.

Também é possível observar uma quantidade crescente de menções a Arroyo entre os anos de 2000 a 2009, período em que localizei 73 referências de textos. Outro dado que confirma as crescentes menções a Arroyo são as 56 referências de textos de livros, textos acadêmicos e artigos científicos localizadas somente nos últimos cinco anos – 2010 a 2015.

O primeiro tipo de texto com maior número de menções a Leonardo Arroyo – 86 – é relativa a menções ou citações de textos seus em artigos científicos publicados, de 1979 a 2015, em periódicos ou anais de eventos. Desse conjunto, 63 referem-se ao livro *Literatura infantil brasileira*, em suas três edições, 1968, 1988, 2011, e as demais menções (23) referem-se a outros livros de Arroyo.

A maioria dos artigos científicos publicados em periódicos e/ou anais de eventos, em que localizei menções a Arroyo foi publicada a partir do ano 2000. Os anos em que localizei maior quantidade de referências foram os seguintes: 2007 e 2010, com oito referências em cada ano; 2009 e 2014, com dez referências em cada ano; 2011 e 2013, com seis referências em cada ano.

As menções a Arroyo nesse tipo de texto tiveram início no final da década de 1970, exclusivamente no formato de artigos publicados em periódicos. As menções em textos publicados em anais de eventos tiveram início a partir de 2001, intensificando-se a partir de 2006.

Alguns desses textos foram publicados nos seguintes eventos: XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação, realizado na cidade de Campo Grande (MS), em 2001; VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), realizado na cidade de Belo Horizonte (MG), no ano de 2006; 16º. Congresso de Leitura do Brasil (COLE), realizado na cidade de Campinas (SP), em 2007; II Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (CILLIJ), realizado na cidade de Porto Alegre (RS), em 2009; XXV Simpósio Nacional de História (ANPUH), realizado na cidade de Fortaleza (CE), em 2009; Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado na cidade de Curitiba (PR), em 2011; e III Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLI), realizado na cidade de Maringá (PR), em 2014.

A 1ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira*, publicada em 1968, foi a mais mencionada pelos pesquisadores desse campo de conhecimento, com o total de 38 menções. Localizei, ainda, 16 menções a 2ª. edição desse livro, publicada em 1988, e apenas quatro menções a 3ª. edição, publicada em 2011. Em cinco referências não foi possível identificar a edição do livro pelo fato de não constarem nas referências bibliográficas desses textos e/ou pelo fato de os autores apenas mencionarem o nome de Arroyo como estudioso da literatura infantil e não fazerem referência a esse livro especificamente.

Com base nas leituras das fontes documentais que reuni até o momento, é possível observar que a quantidade de menções a 1ª. edição desse livro se deve ao fato de a maioria desses textos apresentarem uma cronologia dos estudos sobre a literatura infantil brasileira. Assim, atendendo a uma ordem linear dos estudos sobre esse tema, a menção a 1ª. edição desse livro se faz necessária, no entanto, pude observar que, em alguns casos, esses artigos fazem menção a 1ª. edição do livro *Literatura infantil brasileira* (1968), mas, no corpo do texto, citam fragmentos de outras edições desse livro (1988; 2011). Portanto, o pesquisador cita a primeira edição, pois sabe que o discurso de Arroyo pertence ao momento histórico da publicação do livro (1968), mas, por falta de zelo ou pelo acesso facilitado às edições recentes, utiliza-se da edição a que tem acesso.

Também localizei menções ao livro de Arroyo em “textos acadêmicos”, com total de 44 referências de textos de monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, publicados entre os anos de 1980 e 2013. (Quadro 23).

A maioria dessas pesquisas (31) aborda temas relacionados à leitura escolar e à literatura infantil e faz menção a ou cita o livro *Literatura infantil brasileira*, em suas diferentes edições: 1968; 1988; 2011. As demais pesquisas fazem menção a ou citam outros livros de Arroyo.

Desse conjunto de menções ao livro *Literatura infantil brasileira*, 23 referências fazem menção a 1ª. edição desse livro (1968), seis referências à 2ª. edição (1988) e duas referências à 3ª. edição (2011). Assim, é possível observar que, apesar de a 1ª. edição ser a mais antiga, continua sendo a mais utilizada pelos pesquisadores dessa área de conhecimento. Esses dados corroboram com as informações apresentadas em “artigos científicos e/ou textos completos publicados em anais de evento”, quando as menções a 1ª. edição desse livro (1968) também foram quantitativamente maiores em relação as demais.

Conforme é possível observar no Quadro 23, a maioria dos textos acadêmicos (42) foi publicada a partir do ano de 2001, indicando que esse tipo de texto com menções ao livro de Arroyo teve início a partir dos anos 2000 e não na década subsequente à sua morte – 1990.

Dentre as 44 referências de textos, constam 18 teses, 21 dissertações e cinco monografias de graduação. A maior parte dessas referências é da área de Letras (20), seguidas pelas áreas de Educação (15), História (04), Geografia (2), Psicologia Social (01), Música (01) e um estudo cuja área não pude identificarⁱⁱⁱ. Esses dados indicam que os textos de Arroyo circulam e são mais utilizados nas áreas de Letras e Educação e, de forma majoritária, na área de Letras.

A maioria desses textos foi produzida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com 15 referências, e na Universidade de São Paulo (USP), com 14 referências. Os demais foram produzidos: na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *Campus* de Niterói (RJ): 2; Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *Campus* de Cuiabá (MT): 1; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), *Campus* de Três Lagoas (MS): 1; Universidade Estadual Paulista (UNESP), *Campus* de Assis (SP): 1; e *Campus* de Marília (SP): 3; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP): 1; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), *Campus* de Porto Alegre (RS): 1; Universidade Estadual de Maringá (UEM): 2; Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRGN), *Campus* de Natal (RN): 1; e Faculdades Integradas Ipiranga, na cidade de Belém (PA): 1.

Com base nessas informações, é possível afirmar que esse livro de Arroyo circula e é mais utilizado nos estudos produzidos por pesquisadores das universidades do estado de São Paulo (SP), em comparação com os demais estados da federação. O que mostra o pioneirismo deste estado no que se refere aos estudos sobre a literatura infantil, uma vez que foi o berço de instituições promotoras do livro e da leitura, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), do Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973) e da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979). (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Localizei, ainda, 27 referências de livros com menções a Arroyo e/ou citações de textos seus publicados entre 1968 e 2014, considerando a 1ª edição ou edição mais antiga que localizei.

A década de 1980 foi a de maior publicação de livros com menções ou citações a Arroyo, pois 13 dos 27 livros foram publicados nessa década. Na década de 1990, localizei apenas duas referências e de 2000 a 2014, 11 referências de livros com menções a Arroyo.

Assim, é possível observar que a década subsequente a sua morte (1990), foi caracterizada por um silêncio em relação à influência de Arroyo nesse campo de estudo, mas que, dos anos 2000 em diante, houve um retorno às menções a Arroyo, e principalmente, ao seu livro *Literatura infantil brasileira*.

Os livros em que constam menções a Arroyo foram escritos por pesquisadores brasileiros que estudam temas relacionados à literatura infantil, leitura e escrita. Alguns livros foram escritos pelos seguintes pesquisadores renomados da literatura infantil: Coelho (1981, 1985, 1995); Zilberman (1981, 1986); Lajolo (1982, 2009); Abramovich (1985); Perroti (1986, 1990); Magnani (1989); Mortatti (2000); e Ceccantini (2004).

Coelho (1988), em comentário na quarta capa da 2ª. edição desse livro, afirma que ele tem servido de “[...] ponto de partida obrigatório a tudo quanto se tem publicado sobre o assunto [...]”. (COELHO, 1988, s.p.). Desse modo, é possível observar que o livro *Literatura infantil brasileira* tem sido utilizado como apoio documental aos pesquisadores que escrevem sobre teoria e história da literatura infantil no Brasil.

Ainda, segundo Mortatti (2011, p. 21), as pesquisas que mencionam esse livro, o fazem

[...] ora como inspiração e ponto de partida para o desenvolvimento de estudos históricos *stricto sensu* sobre o tema; ora como obra de referência para consulta de informações ou para sumarização de fatos e interpretações da história da literatura infantil, da “literatura escolar”, da educação e da cultura brasileiras, ora, ainda, como fonte documental secundária, uma espécie de “fonte das fontes”, que abrevia o trabalho de pesquisadores relativamente à localização e à recuperação de fontes primárias para seus estudos. (MORTATTI, 2011, p. 21).

Conforme mencionei, ao longo da trajetória de suas edições, o subtítulo desse livro “ensaio de preliminares para sua história e suas fontes” foi retirado, fazendo com que a conotação de ensaio/tentativa também fosse superada. Dessa forma, transcorridos 48 anos de publicação desse livro, no período compreendido entre 1968 e 2016, é possível perceber sua circulação na produção acadêmico-científica *sobre* literatura infantil, sobretudo, a partir dos anos 2000.

Anteriormente a esse período, o livro de Arroyo (1968) foi mencionado e citado em livros por pesquisadores brasileiros que estudam temas relacionados à literatura infantil e que hoje também são referência teórica e metodológica nessa área de estudo. Esse fato corrobora com o pioneirismo de Arroyo (1968) no campo de estudos de abordagem história sobre literatura infantil, pois serviu de base a outros pesquisadores durante a década de 1980, quando no Brasil, teve início a pesquisa acadêmico-científica sobre esse tema.

CAPÍTULO 5

A LITERATURA INFANTIL COMO PRODUÇÃO CULTURAL

5.1 A contribuição da produção escrita *de e sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo para a história da literatura infantil brasileira

Conforme foi possível observar nos capítulos anteriores, a carreira de jornalista de Arroyo acompanhou de forma concomitante as suas atividades como escritor e historiador. A sua atuação profissional foi múltipla e diversificada, assim como a sua produção escrita, caracterizada pela diversidade de tipos de textos, pelo longo período de sua produção e pela versatilidade do escritor.

Os textos desse autor aqui apresentados indicam que Arroyo iniciou a sua carreira na década de 1940, como jornalista e como escritor de livros para crianças. A partir da década de 1950, a sua produção escrita ascendeu quantitativamente com o total de 86 textos, dentre eles, 20 livros e 66 artigos publicados em diferentes jornais de notícias. Nessa década, a quantidade, a variedade de textos e de assuntos, característicos da produção escrita de Arroyo, já podiam ser percebidas por meio da publicação de livros com abordagem histórica, livros de literatura para adultos e livros de literatura infantil. Com uma intensa produção escrita, esses números apontam para a consolidação das carreiras de jornalista e de escritor de Arroyo nesse período.

Na década de 1960, essas variedade e quantidade intensificam-se com o total de 725 textos publicados, entre eles: livros de literatura infantil; livro *sobre* literatura infantil; livros de história e crítica literária; livros com abordagem histórica; e artigos publicados em jornais de notícias e revistas especializadas. (Quadro 3). Após meados de 1960, Arroyo deixa de escrever livros *de* literatura infantil e livros *de* literatura para adultos, passando a escrever *sobre* esses temas. Arroyo também colaborou, de forma bastante diversificada, em livros de outros escritores, escrevendo introduções, prefácios, notas biográficas, notas explicativas, legendas, revisões, anotações, vocabulários e índices, em decorrência, possivelmente, de seu reconhecimento como escritor e historiador.

Entre 1980 e 1985, durante os últimos cinco anos de sua vida, teve publicados 12 textos. Assim, é possível observar que, em termos quantitativos, as décadas de 1950 e 1960 registram o período áureo da produção escrita de Leonardo Arroyo.

Diante desse conjunto de textos foi possível observar dois aspectos marcantes em sua bibliografia: o aspecto cultural e o aspecto histórico, pois aparecem como certa “matriz” de seu pensamento e podem ser identificados como uma “assinatura” que perpassa toda a sua produção escrita.

A relação de Arroyo com a cultura pode ser observada em sua atuação como jornalista, pois foi responsável pela seção cultural dos jornais *Folha da Manhã* e *Folha de S. Paulo*, função que lhe oportunizou o cargo de Diretor do Departamento de Cultura, do município de São Paulo, entre os anos de 1968 e 1969. Recebeu duas medalhas e o título de “Personalidade Musical” da Associação Paulista de Críticos de Artes, em decorrência de sua atuação como diretor desse departamento.

Arroyo foi membro de nove instituições diferentes ligadas à área da cultura e da literatura no Brasil. Atuou como membro da Comissão Estadual de Cultura da Secretaria de Cultura do estado de São Paulo, dirigiu duas revistas também ligadas à cultura: *A Revista do Arquivo Municipal* e a *Revista da Academia Paulista de Letras*, instituição da qual participou durante 15 anos de sua vida.

Frequentou, por 20 anos, a “Pensão Humaitá”, confraria de amigos, artistas, políticos e intelectuais onde tratavam de diferentes assuntos ligados a cultura e a gastronomia. Tematizou a culinária brasileira enfocando aspectos históricos e sociológicos da cultura do Brasil, valorizando o léxico dessa área e a “[...] dinâmica transformadora da língua e da cultura”. (BELUZZO, 2013, p. XII).

O interesse de Arroyo em relação à cultura pode ser observada também nos temas de seus livros: *A cultura popular em Grande sertão: veredas* (1984), *Armazém Literário* (Achegas ao Modernismo) (1969); *Bertioga, chão de histórias* (1970); *Memória e tempo das igrejas de São Paulo* (1970); *São Paulo* (1977); *O Tempo e o modo* (1963); e *Agravos do tempo* (1976), livros dedicados a cidade de São Paulo e aos diferentes aspectos da cultura dessa cidade e do Brasil.

Conforme mencionei no capítulo 3 desta tese, Arroyo foi convidado para adaptar às condições brasileiras o livro *Guia dos pais na escolha de livros para crianças*, de Nancy Larrick (1969) devido aos seus conhecimentos sobre aspectos culturais do país, principalmente em relação ao mercado editorial brasileiro e aos livros destinados às crianças e jovens.

Diante do conjunto de sua produção escrita e também do percurso de sua atuação profissional, é possível observar que Arroyo foi um homem interessado, principalmente, pela cultura brasileira. A literatura infantil foi uma das “lentes” utilizadas por ele para compreender e abordar a cultura nacional, observada a partir da visão que dela tinha também os seus interlocutores como Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, dentre outros, mencionados, sobretudo, no livro mais emblemático de Arroyo *Literatura infantil brasileira* (1968).

A literatura infantil para Arroyo é herdeira de nossa cultura oral que recebeu influências indígenas, europeias e africanas. Arroyo trata das “fases” da literatura infantil como um processo “evolutivo” que dependia de vários fatores para se desenvolver, e que era “mutável” com o passar do tempo, do espaço geográfico e cultural na qual foi produzida.

Para Arroyo (1968), a literatura infantil, como a conhecemos, resulta de um processo de “acomodação” entre as expressões culturais de diferentes povos. Com base no livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire (1933) e no conceito de “aculturação” nele apresentado, Arroyo (1968) afirma que muitas “estórias” portuguesas sofreram modificações com elementos da cultura africana e indígena. Afirma Arroyo (1968) que, José Lins do Rego; Câmara Cascudo e Gilberto Freire foram grandes pesquisadores dessa confluência cultural, transformando a nossa concepção de literatura infantil e atribuindo a ela uma “expressão original”. (ARROYO, 1968, p. 63).

No período em que começou a escrever seus livros infantis, o livro, de modo geral, fazia parte do projeto de modernização do país que incluía o acesso à escola e o domínio das capacidades de ler e escrever. Arroyo observou esse mercado em ascensão, conseguindo estabelecer-se como escritor desse novo ramo por meio de uma editora de grande prestígio na época.

5.2 Características da literatura infantil de Leonardo Arroyo

Conforme mencionei no capítulo 2 desta tese, a maioria dos livros de literatura infantil e juvenil de Arroyo foram publicados pela editora Melhoramentos (SP): *Você já foi à Bahia?* (1950); *História do Galo* (1950); *Olavo Bilac* (1952); e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961). Esses livros de Arroyo apresentavam os temas e espaços que, segundo Lajolo e Zilberman (1984), foram idealizados para crianças desse período, sobretudo o espaço rural, conforme é possível observar em *História do Galo* (1950) e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961).

De acordo com Lajolo e Zilberman, (1984), outra tendência nos livros de literatura infantil desse período foi a tematização de regiões consideradas “exóticas” ou “selvagens” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984), como foi possível observar no livro *Você já foi à Bahia?* (1950), o constante estranhamento do personagem Belito com a cultura da cidade de Salvador (BA), uma região que, embora fizesse parte do seu país, era totalmente desconhecida para ele.

Nos livros de Arroyo também é possível observar uma forte relação entre a literatura infantil e o ensino, como nos livros *Você já foi à Bahia?* (1950); *Olavo Bilac* (1952) e no

capítulo “Fulton: o mago do movimento” (1960), esses últimos destinados à “juventude estudante do Brasil” com o objetivo de oferecer “[...] relatos leves mas vivamente agradáveis [...]” “ (MELHORAMENTOS, 1952, s.p.) à respeito de escritores, inventores e pessoas importantes na história da humanidade.

Diversos autores desse período escreveram livros de literatura infantil que estavam em sintonia com os temas escolares. A relação entre a literatura e o ensino pode ser observada, por exemplo, em alguns livros de Monteiro Lobato, tais como: *História do mundo para crianças* (1933); *Emília no país da gramática* (1934); *Aritmética de Emília* (1935); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Serões de Dona Benta* (1937); *História das invenções* (1935); a *Reforma da Natureza* (1941), entre outros. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984). Outro padrão mencionado por Lajolo e Zilberman (1984) e observado nos livros de Arroyo é a projeção de uma criança ideal, no caso do personagem Belito.

Segundo Perrotti (1986), no entanto, na década de 1960 em diante, tem início no Brasil, uma produção de literatura infantil de vertente mais crítica e, com ela, a abertura de um novo ciclo na literatura infantil brasileira, de tendência contestadora: narrativas que “[...] tematizam a pobreza, miséria, injustiça, marginalidade [...]”, autoritarismo, preconceito, entre outros (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 140). De acordo com Lajolo e Zilberman (1984), a partir desse período, também é possível observar mudanças nos enredos e nos personagens, pois “[...] deixaram de ser exemplares do ponto de vista dos valores dominantes [...]”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 153).

Conforme Perrotti (1986) afirma, após 1960, abandona-se o discurso “utilitário” nos livros infantis e tem início uma “nova tendência” denominada por ele, de “primado da estética”, em que escritores “[...] reclama[va]m a condição de artistas e desejavam que suas obras [fossem] compreendidas enquanto objeto estético, abandonando, assim, o papel de moralistas ou ‘pedagogos’”. (PERROTTI, 1986, p. 11).

Considero que essa transposição na natureza do livro infantil pode ser observada em três contos do livro *Estórias do Galo e do Candimba*, de Leonardo Arroyo (1961) – “Candimba, a onça e a girafa”; “O poço vigiado”; “A sabedoria de Candimba” – principalmente no plano do enredo, dos personagens e do conteúdo que se quer transmitir, pois o personagem Candimba assume uma tendência contestadora e irreverente muito diferente dos demais personagens apresentados por Arroyo até então.

Candimba provoca estranheza e reações polêmicas do ponto de vista social, pois não associa-se a difusão de civismo e patriotismo, de linguagem modelar e de ensino dos contos

anteriores. De acordo com Luft (2010), muitos autores e obras desse período, passaram a apresentar

[...] a criança capaz de rebeldia e de ruptura com a normatização do mundo dos adultos. Enfraquece, assim, a velha prática de representar nos livros infanto-juvenis apenas situações não problemáticas. (LUFT, 2010, p. 113).

Perrotti (1986) afirma, ainda, que esse “desejo de renovação” resultou, em muitos casos, em um conjunto de obras “equivocadas”, as quais reuniu sob o título de “o utilitarismo às avessas” (PERROTTI, 1986, p. 23), pois, embora renovadas pelo fato de acolherem o ponto de vista da criança e não mais do adulto, sua dinâmica procurava impor um novo comportamento ao leitor.

Esse fato criou novamente, um outro “[...] modelo de criança ideal [...]” que deveria ser seguido. (PERROTTI, 1986, p. 123). Nesses três contos, as mudanças de concepção de literatura infantil de Arroyo salta aos olhos. É possível observar grandes mudanças no estilo de escrita de Arroyo durante o intervalo de 11 anos entre a publicação dos quatro primeiros contos publicados originalmente em *História do Galo*, de 1950, e nos três últimos inseridos em *Estórias do Galo e do Candimba*, em 1961. Nos contos anteriores, os personagens infantis são representados como aqueles que sempre “erram” e precisam aprender a “lição” com os adultos; nos contos recentes [1961], o personagem Candimba tem “autorização” para fazer tudo o que quiser, pois o importante é que sua vontade seja satisfeita.

Desse modo, por meio do conjunto da produção de literatura infantil e juvenil de Arroyo: *Você já foi à Bahia?* (1950); *História do Galo* (1950); *Olavo Bilac* (1952); “Fulton: o mago do movimento” (1960); e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961), é possível observar concepções de literatura infantil diferentes e/ou contraditórias, que resultaram de determinada produção cultural de uma época, ora influenciada pelos temas das coleções, pelas propostas editoriais, pelos pareceristas ou pela força educacional do período.

Por meio desse conjunto é possível observar a dinâmica transformadora da literatura infantil, ou, nas palavras de Perrotti (1986), os momentos de “crise” dessa literatura. Assim, Arroyo produz uma literatura infantil e juvenil múltipla e “vinculada” aos valores ou “modismos” de cada momento, conforme o conceito de literatura infantil teorizado por ele que é, em muitos sentidos, determinado pela educação e pela cultura.

A análise histórica do conjunto de textos de literatura infantil de Arroyo nos permite vislumbrar, do ponto de vista do presente, os lugares de origem de nossa literatura infantil. Os livros *Você já foi à Bahia?* (1950); *História do Galo* (1950); *Olavo Bilac* (1952); e *Estórias do Galo e do Candimba* (1961), e o capítulo “Fulton: o mago do movimento” (1960); ilustram

as contradições entre a continuidade de uma tradição e o desejo de renovação nos livros de literatura infantil e juvenil no país.

5.3 Características da produção *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo

Além dos textos *de* literatura infantil, Arroyo teve uma extensa produção *sobre* esse gênero literário. De acordo com Mortatti (2008), reflexões mais sistematizadas sobre esse tema começam a ser desenvolvidas no Brasil, somente na primeira metade do século XX, a maioria na forma de ensaio, artigos ou manuais de ensino que acompanharam “[...] a produção *de* [literatura infantil], no final do século XIX e início do século XX.” (MORTATTI, 2008, p. 45).

As primeiras reflexões de Arroyo sobre esse tema circularam sob a forma de artigos publicados no jornal *Folha de S. Paulo*. Os resultados obtidos por meio da pesquisa documental permitem compreender que, como crítico literário desse jornal por quase 30 anos, Arroyo colaborou tematizando a literatura infantil, bem como difundindo diferentes informações sobre escritores, livros, editoras, feiras, encontros, cursos, intelectuais que atuavam escrevendo e/ou publicando livros de literatura infantil, formando professores, bibliotecários e outros interessados nesse tema. Além disso, Arroyo escreveu um conjunto de textos que pode ser compreendido como o início de uma crítica literária específica sobre esse gênero no Brasil.

Considero que foi como jornalista que Arroyo constituiu-se e posicionou-se como crítico literário de livros para crianças, sempre apontando aspectos gráficos, estilísticos e de conteúdo que considerava importantes. Em muitos artigos, problematizou o “excesso de didatismo” nos textos infantis e a necessária “ficcionalidade” no mundo da criança. Ao afirmar isso, Arroyo fundamentava a sua análise no sucesso que sempre obteve os contos clássicos, conforme ele mesmo pode experimentar pela longevidade da “Coleção Encantada”, da qual foi autor de vários títulos conforme apresentei no capítulo 2 desta tese.

A análise do conjunto de artigos de Arroyo publicados em jornais tem propiciado constatar quatro preocupações recorrentes em seus textos: a literatura infantil, a leitura, o livro e as bibliotecas nas escolas brasileiras. Pode-se compreender alguns dos aspectos que Arroyo considerava fundamentais para a formação do hábito de leitura das crianças e jovens, alguns deles é o papel quase exclusivo da escola e dos professores como formadores desse hábito naquele momento histórico.

Outro aspecto é a necessidade de políticas governamentais de acesso ao livro que envolvessem tanto o seu custeio, como campanhas de valorização da leitura desenvolvidas

pelo governo, escolas, editoras e empresas privadas do Brasil. Assim, é possível observar que a compreensão de Arroyo sobre a formação do hábito de leitura estava relacionada a institucionalização desse processo envolvendo o livro, a escola e a formação dos professores.

No conjunto desses artigos, destaca-se também o lugar de Leonardo Arroyo na valorização do livro para crianças, pois suas discussões em diferentes jornais contribuíram para que esse tema ocupasse lugar de destaque em importantes periódicos brasileiros, mesmo naqueles não especializados, tais como: *Folha da Manhã*; *Folha de S. Paulo*, *Diário Popular*; e *Correio do Livro*. Os 62 artigos (Quadro 10) de Arroyo publicados nesses jornais marcaram o lugar da literatura infantil como tema importante da cultura brasileira, assim como o lugar das bibliotecas infantis, escritores, editoras e eventos literários ligados a esse público e toda a “cadeia produtiva” (MORTATTI, 2008), que envolvia esse setor.

Com esses artigos, Arroyo produziu uma crítica literária específica a livros e autores de literatura infantil e juvenil e também contribuiu com reflexões *sobre* esse tema, apresentando professores e escritores que dedicavam-se ao estudo dessa temática no Brasil, divulgando cursos, feiras de livros e prêmios nessa área. A atenção de Arroyo sobre esses assuntos confirma a multiplicidade do autor também nesse tema, como uma das características que marcam a produção escrita de Leonardo Arroyo, desde o início de sua atuação profissional.

5.4 A literatura infantil como objeto de investigação e campo de conhecimento no Brasil

Com o objetivo de situar a contribuição de Arroyo *sobre* literatura infantil no conjunto dos outros estudos que abordaram esse tema no mesmo período histórico e, a fim de compreender com quais autores Arroyo dialogava, apresento em forma de síntese o conjunto de reflexões *sobre* literatura infantil produzidos no Brasil, até a década de 1960. Para isso, tomei como base algumas referências reunidas nos documentos: *Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano* (MORTATTI, 2003); e *Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil: 2003-2011* (BBHELLB) (MORTATTI, 2011). Esses documentos resultaram de Projetos Integrados de Pesquisa, coordenados pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, entre os anos de 1999 e 2003; e 2009 a 2011, no âmbito do GPHELLB.

No primeiro documento constam 544 referências de diferentes textos *sobre* literatura infantil, produzidos por brasileiros entre 1874 e 2002. Desse total, constam: 113 livros; 60 capítulos de livros; 209 artigos em periódicos; seis números especiais de periódicos; 103

dissertações e teses; três publicações institucionais; 38 obras de referência; dois verbetes em dicionário; 10 prefácios e apresentações.

No segundo documento, encontram-se reunidas 477 referências de texto sobre literatura infantil, produzidos por brasileiros entre 2003 e 2011. Desse total, constam os seguintes tipos de textos: 57 livros; 99 capítulos de livros; 117 artigos em periódicos; 24 dissertações de mestrado; 180 teses de doutorado.

Por meio da análise do conjunto das referências reunidas nesses documentos, pude observar que, até o final da década de 1960, havia poucos estudos que abordassem historicamente a literatura infantil no Brasil. Os estudos existentes enfocavam diferentes aspectos, tais como: a sua utilização na escola primária; a relação entre a leitura e a criação de hábitos saudáveis de comportamento; e sua utilização para o desenvolvimento da leitura das crianças na escola.

De acordo com o documento *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano* (2003), até a década de 1960, período em que localizei a maioria²⁸⁰ dos textos de Arroyo sobre esse tema, foram publicados, no Brasil, o total de dez livros, dez capítulos de livros e 30 artigos sobre literatura infantil.

Os livros publicados nesse período foram: *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), de Alexina de Magalhães Pinto²⁸¹; *Problemas da literatura infantil* (1951), de Cecília Meireles²⁸²; *A literatura infantil de Monteiro Lobato, ou comunismo para crianças* (1957), de Sales Brasil²⁸³; *Literatura infantil* (1959), de Nazira Salem; *Interpretação da literatura infanto-juvenil no nordeste* (1960), de Paulo Rosas²⁸⁴; *Poesia na escola: orientação didática* (1966), de Alaíde Lisboa de Oliveira²⁸⁵; *Criança e*

²⁸⁰ Após a década de 1960, localizei apenas dois textos de Arroyo sobre literatura infantil, são eles: o capítulo “Camões e os meninos”, publicado no livro *Agravos do tempo* (1976) e o artigo “Robinson Crusóé, um plantador baiano”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* (1985).

²⁸¹ Cf. nota 261 do Capítulo 4 desta tese.

²⁸² Cf. nota 10 da Introdução desta tese.

²⁸³ Até o momento da redação final deste texto, localizei poucas informações sobre Sales Brasil, sendo possível que eu afirme apenas que foi autor do livro *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças* (1957) e um “[...] influente padre que denunciou Lobato com duras críticas, censura e perseguição por parte da Igreja Católica.” (VALENTE, 2011, p. 56-58). Disponível em: <http://www.editoraunesp.com.br/_img/arquivos/Monteiro_Lobato-digital.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.

²⁸⁴ Paulo Silveira Rosas (1930-2003) “[...] nasceu em Natal. Em 1953, concluiu o bacharelado na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco. Interessado pela Psicologia, realizou pós-graduação em Psicologia Aplicada e Orientação Profissional no Instituto de Cultura Hispânica de Madri em 1954.. Sua preocupação com questões sociais levaram-no a participar como um dos sócios fundadores e coordenador de pesquisas do Movimento de Cultura Popular entre 1960 e 1964. Em 1976 tornou-se livre docente e doutor em História da Psicologia pela UFPE, [...] aposentou-se da Universidade em 1988.” (s.p.). Disponível em: <<http://freireano.blogspot.com.br/2009/10/um-texto-de-paulo-rosas-sobre-o.html>>. Acesso em: 04 mar. 2014.

²⁸⁵ Alaíde Lisboa de Oliveira (1904-2006) “[...] foi uma pedagoga, jornalista, escritora e política brasileira.

literatura (1968), de Tereza Casassanta²⁸⁶; *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*; de Leonardo Arroyo (1968); *Guia dos pais na escolha de livros para crianças: útil também a professores e administradores escolares* (1969), de Nancy Larrick²⁸⁷; e *Fantasia, violência e medo na literatura infantil* (1969), de Ofélia Buisson Cardoso.

Arroyo esteve diretamente envolvido na publicação de dois desses livros, *Literatura infantil brasileira* (1968), de sua autoria, e *Guia dos pais na escolha de livros para crianças* (1969), de Nancy Larrick, com a adaptação do texto e a apresentação, conforme mencionei no capítulo 4. Esses dados são indicativos de um intenso envolvimento de Arroyo com esse tema durante a década de 1960 e que ele se destacava na publicação de livros sobre literatura infantil.

Outro dado que pode ser observado nesses documentos é que a produção de livros sobre literatura infantil no Brasil teve início efetivo a partir da década de 1950, especificamente, após o livro *Problemas da literatura infantil* (1951), de Cecília Meireles. Antes dessa publicação, havia sido publicado apenas um livro sobre esse tema: *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), de Alexina de Magalhães Pinto.

Além desses livros, nesse período, haviam sido publicados dez capítulos de livros sobre esse tema, são eles: “Espaço provisório de uma biblioteca infantil”, de Alexina Magalhães Pinto (1907); “Literatura infantil”, de Afrânio Peixoto (1923); “Poesia infantil”; “Literatura infantil” e “Livros para crianças”, de Tristão de Athaíde²⁸⁸ (s.d.; 1929; 1966); “A formação e a conquista do público infantil”, de Fernando de Azevedo [1948]; “Literatura infantil e juvenil”, de Lourenço Filho (1957); “A arte de escrever para a infância”, de Thales Castanho de Andrade²⁸⁹ (1958); “Aspectos da literatura infantil na escola primária”, de

Sua estréia na literatura infantil ocorre em 1938, quando publicou os clássicos *A bonequinha preta* e *O bonequinho doce*. [...]. Em 1949 assumiu o cargo de vereadora na Câmara Municipal de Belo Horizonte, tornando-se a primeira mulher da história a exercer esse cargo em Minas Gerais. [...] Em 1951 iniciou sua carreira acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde lecionou Didática, foi vice-diretora da Faculdade de Educação, e coordenou cursos de pós-graduação em Pedagogia.” (s.p.). Disponível em: <http://www.literar.com.br/bonequinha-preta/>. Acesso em: 04 abr. 2015.

²⁸⁶ Até o momento da redação final deste texto de qualificação, não localizei informações sobre Tereza Casassanta.

²⁸⁷ Cf. nota 130 do Capítulo 1 desta tese.

²⁸⁸ Tristão de Athaíde ou Alceu Amoroso Lima (1893-1983) “[...] nasceu na cidade de Petrópolis, RJ [...]. Cursou o Colégio Pedro II e formou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1913. Crítico literário e polígrafo adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde, [...] tornou-se um dos mais respeitados paladinos da Igreja Católica no Brasil. [...] Foi um dos fundadores, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [...]. Além de diversos livros desenvolveu grande atividade jornalística.” (s.p.). Disponível em: < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=69&sid=359>>. Acesso em: 04 mar 2015.

²⁸⁹ Cf. nota 205 do Capítulo 2 deste texto de qualificação.

Consuelo da Silva Dantas²⁹⁰ (1958); “Literatura infantil brasileira”, de Leonardo Arroyo (1963). (MORTATTI, 2003; 2011).

Esses dados apontam que Arroyo teve um capítulo publicado sobre o assunto, no entanto, por meio da pesquisa documental, pude identificar que a contribuição de Arroyo por meio de capítulos foi maior, totalizando sete capítulos *sobre* literatura infantil e um capítulo sobre leitura e o mercado editorial para a infância, publicados em dois livros de sua autoria: *O tempo e o modo: literatura infantil e outras notas* (1963) e *Agravos do tempo* (1976).

Nesses dois livros foram reunidos oito capítulos *sobre* literatura no quais, de modo geral, Arroyo discute que a literatura destinada à infância não era considerada “literatura” como aquela produzida para o público adulto e, por isso, não havia alcançado ainda a autonomia necessária para se desvincular de uma literatura destinada ao público escolar. Nesses capítulos, Arroyo tratou também da necessidade de pesquisas brasileiras sobre esse tema, e dos problemas com a linguagem ao adaptarem-se ao sistema escolar brasileiro.

Outro tema importante para Arroyo nesses capítulos foi o desenvolvimento do mercado editorial para crianças, pois a impressão de livros custava muito caro. Além dos altos custos que inviabilizavam a aquisição de livros, critica o método de alfabetização utilizado nas escolas, pois não incentivava a prática da leitura. (ARROYO, 1963; 1976). De acordo com Arroyo, a leitura e o acesso ao livro não eram uma atividade presente na cultura brasileira, no cotidiano do cidadão comum, por isso, precisava da escola e de um método de alfabetização adequados para se estabelecer.

A leitura reivindicada por Arroyo não se restringia ao “puramente literário”, mas a tudo o que contribuísse para o desenvolvimento social e cultural da população. Desse modo, é possível observar que a compreensão de Arroyo *sobre* a literatura infantil está profundamente ligada ao acesso do material impresso e à relação histórica entre a leitura e a escola brasileira.

Essas e muitas outras reflexões de Arroyo *sobre* a leitura e a literatura infantil foram reunidas e ampliadas no livro *Literatura infantil brasileira* (1968). Esse livro sintetiza a trajetória de pesquisas de Arroyo sobre esse tema. Nele, Arroyo apresenta diferentes conceitos de literatura infantil que existiam à época e estudos *sobre* esse tema que vinham sendo desenvolvidas no Brasil e no exterior e organiza os documentos que preservou ao longo de sua trajetória como escritor e jornalista.

²⁹⁰ Até o momento da redação final desta tese, não localizei informações sobre Consuelo da Silva Dantas.

Conforme mencionei, até a publicação de *Literatura infantil brasileira* (1968), havia poucos estudos de abordagem histórica sobre a origem e a produção de e sobre literatura infantil no Brasil. De todo o conjunto de textos mencionados nos documentos *Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano* (MORTATTI, 2003); e *Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil: 2003-2011* (BBHELLB) (MORTATTI, 2011), foi possível constatar a existência de apenas cinco estudos que podem ser considerados de abordagem histórica sobre literatura infantil, ao longo desse período.

Dentre eles constam três livros e dois artigos: o artigo “Como aperfeiçoar a Literatura Infantil”, do professor e psicólogo Manuel Bergström Lourenço Filho, escrito em 1943, e publicado na *Revista Brasileira*; o artigo “A literatura infantil numa perspectiva sociológica”, do professor e sociólogo Fernando de Azevedo, publicado em 1952, na revista *Sociologia*; e os livros *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles (1951); *Literatura infantil*, de Nazira Salem (1959); e *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968).

Pelo fato de alguns desses textos terem sido analisados por outros pesquisadores, tais como Mortatti (2001; 2008)²⁹¹; Bertoletti (2007)²⁹² e Oliveira (2014)²⁹³ apresento, sucintamente cada um deles, com o objetivo de verificar, comparativamente, a contribuição de Arroyo em relação ao que já havia sido produzido sobre o tema e em que aspectos o seu livro *Literatura infantil brasileira* (1968) avançou com contribuições inéditas para esse campo de conhecimento.

O artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de Lourenço Filho (1943), embora não seja o primeiro texto sobre literatura infantil brasileira²⁹⁴, é considerado, nesta pesquisa, com base em Bertoletti (2006) e Mortatti (2008), como o primeiro que propõe a organização e sistematização da produção desse gênero literário no Brasil. Organizado em oito seções, esse artigo apresenta categorias de análise que envolveram a criação, produção, circulação e crítica

²⁹¹ Trata-se dos artigos “Leitura crítica da literatura infantil”, publicado na revista *Itinerários* e “Literatura infantil e/ou juvenil: a ‘prima pobre’ da pesquisa em Letras?”, publicado na revista *Guavira*.

²⁹² Trata-se do capítulo “A produção brasileira sobre literatura infantil e juvenil (1943-2004)”, publicado em *Pesquisa em Educação: política, sociedade e tecnologia*.

²⁹³ Trata-se da tese intitulada *História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo (1947-2003)*, de Fernando Rodrigues de Oliveira, orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, no âmbito do GPHELLB.

²⁹⁴ No livro *Um Brasil para crianças – Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e texto*, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986), as autoras disponibilizam vários textos, tais como prefácios, apresentações e correspondências, que foram produzidos por brasileiros desde o final do século XIX. Nesses textos é possível observar as primeiras tematizações sobre a leitura, literatura infantil e bibliotecas escolares no Brasil.

da literatura infantil no Brasil.

Lourenço Filho (1943) inicia sua argumentação apresentando um resumo histórico desse gênero literário na Europa e destaca a oscilação entre a “literatura didática”, característica da escola, e a “literatura infantil”, entendida como “arte”, que segundo os estudos da psicologia, promulgados no Brasil pelos ideais escolanovistas, contribuía com a formação do “espírito da criança”.

O autor considera que até a publicação do livro *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, as crianças brasileiras apenas conheciam os livros escolares. A partir desse livro e com o subsequente crescimento da produção de obras originais e da profissionalização dos escritores, tem início alguns “estágios” na literatura infantil brasileira, tais como, a “leitura escolar” e a “leitura recreativa”. Além dos estágios, Lourenço Filho (1943) apresenta “modalidades” desse gênero, diferenciando a literatura “infantil” da literatura “juvenil” e, ainda, os livros destinados à “pré-leitura” e os “tipos” de narrativas: “narrativas de viagem”; “narrativas de aventura”; “biografias romanceadas”, entre outros. (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 153).

Com base nessa distinção entre “literatura escolar” e “literatura recreativa”, o autor considera que a literatura infantil é um gênero específico e se destina a um público também específico e por isso, a literatura infantil precisa respeitar a evolução psicológica da criança. Para ele a literatura infantil tem como finalidade a emoção estética, é produzida para exprimir o belo e para o “deleite do espírito”, no entanto, ressalta que ela deve servir a um fim prático que é o de contribuir para o desenvolvimento psicológico infantil.

Por se tratar de um gênero específico, precisava de estudos que proporcionem maior compreensão sobre a sua especificidade.

[...] para sermos francos, tem-nos faltado medidas sistemáticas tendentes à sua elevação, ou “sistematização social”, digamos assim, e que encorajem maior número de autores de alta qualificação a juntar-se ao que, do mesmo valor, de modo continuado ou acidentalmente tenham já dedicado a necessária atenção ao assunto. (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 165).

Como critérios para o “aperfeiçoamento” da literatura infantil, o autor propõe “[...] medidas de esclarecimento social [...]” (p. 166) sobre esse tema; chama a atenção sobre a necessidade de “[...] conceituação do gênero literário especialíssimo [...]” (p.165); e propõe “[...] estímulos aos autores nacionais [...]” (p. 167). No âmbito das medidas, ele propõe: palestras, conferências, publicação de folhetos, organização de bibliotecas especializadas, estímulos a autores, ilustradoras e editoras, concursos e prêmios nessa área. Nesse sentido,

Lourenço Filho (1943), apresentou um panorama ampliado sobre esse tema e indicou categorias de análise para esse campo de conhecimento específico no Brasil.

O livro *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles (1951), resulta de três conferências ministradas para professores em um curso de férias, no ano de 1949, a pedido da Secretaria da Educação de Belo Horizonte (MG). O livro tem 19 capítulos todos breves e em tom ensaístico, em que abordam três assuntos: a literatura oral (folclore); a compreensão da autora sobre a literatura infantil; e os aspectos morais presentes nos livros para crianças.

Meireles (1951) afirma que definir ou conceituar a literatura infantil não é tarefa fácil porque exige a confluência de três elementos: a “moral”, a “instrução” e a “recreação”. Meireles (1951) inicia sua argumentação com a pergunta: “A Literatura Infantil faz parte dessa Literatura Geral?” (p. 19), a autora entende que sim, pois, para ela “[...] tudo é uma Literatura só”. (MEIRELES, 1951, p.19).

Com base nessa perspectiva, a criança é quem deveria escolher a “literatura infantil” que lhe agrada e não os adultos que costumam acreditar que qualquer livro com “[...] suficiente elevação moral, exposto em forma singela e correta pode transformar-se num livro infantil”. (MEIRELES, 1951, p.27).

Para identificar a literatura infantil, a melhor maneira seria submeter os livros à leitura das crianças. Com isso: “Não haveria, pois uma leitura a ‘priori’, mas ‘a posteriori’”. (MEIRELES, 1979, p. 19). Assim, a escolha dos livros deveria ser feita pelas crianças, pois os adultos costumavam subestimá-las quanto à crítica e o gosto pela arte.

Para Meireles (1951), portanto, não há distinção entre a “Literatura Geral” e a “Literatura Infantil”, mas existe a distinção entre os “livros infantis” e os livros de “literatura infantil”. Os livros infantis incluem os “[...] de aprender a ler, e as séries de leituras graduadas que os completam, os livros das diferentes disciplinas escolares [...]” (p. 23), entre outros. Os livros de literatura infantil são aqueles que oportunizam “mundos de prazer espiritual”. (p. 23).

Um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se a criança, desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito. (MEIRELES, 1979, p. 96)

A autora concentra-se, ainda, no panorama histórico dos contos que não foram escritos para crianças, mas que formaram uma “biblioteca clássica” para a infância. Essas histórias foram precedidas pelo folclore e a tradição oral e incluem canções de ninar, parlendas, jogos

rítmicos, entre outros. Portanto, a literatura infantil, para a autora, assume uma perspectiva de arte literária acima de tudo.

Para finalizar, a autora trata da “crise na literatura infantil”, que envolvia o paradoxo entre a abundância do texto literário e o desinteresse pela leitura entre as crianças e jovens. Um dos fatores causadores dessa crise seria a rapidez empregada nas outras formas de lazer, tais como, “[...] o cinema, o rádio, o noticiário rápido das revistas [...] em tom anedótico [...]” (p. 115), pois não solicitavam “reflexão” nem “inspiravam grande respeito.” (MEIRELES, 1979, p. 115).

No artigo “A literatura infantil numa perspectiva sociológica”, Fernando de Azevedo (1952) analisa a leitura e o crescente mercado de livros de literatura infantil como um novo fenômeno cultural. Para ele, as crianças e os adolescentes passaram a ocupar um novo lugar nas sociedades modernas, constituindo-se como uma classe antes não percebida. Azevedo (1952) afirma que o impresso, o rádio, a televisão, o circo, o teatro, entre outros, atuavam influenciando, principalmente, a este novo público. Portanto, para ele, tornava-se necessário estudar as instituições responsáveis pela produção de bens culturais voltados à infância, tais como editoras, livrarias, tradutores, governos, financiadores e a própria escola.

Com esse artigo Azevedo (1952) analisa sociologicamente os problemas que cercam a questão do livro, da leitura e da literatura infantil no Brasil e pretende tornar o tema mais acessível aos professores, escritores, historiadores e críticos literários.

Segundo Azevedo (1952), enquanto vivíamos em uma sociedade aristocrática e patriarcal, a cultura das crianças ficava submetida a autoridades isoladas dos pais, mucamas, escravas ou damas de companhia. Foram as novas formas de organização da sociedade e principalmente, da família que possibilitou a entrada de uma cultura escrita entre nós.

A mudança da vida doméstica gerou aberturas no relacionamento entre pais e filhos por meio do aparecimento de instituições que passaram a operar com certa parcela de contribuição na formação das crianças e adolescente. Azevedo (1952) destaca o desenvolvimento das ciências humanas como influência direta na nova organização familiar e social, principalmente a sociologia, pedagogia e psicologia. O autor destaca, ainda, a escola pública obrigatória para crianças de sete a 12 anos, no caso brasileiro, como o principal fator de desenvolvido da literatura infantil no Brasil.

Outro fator destacado pelo autor envolve as questões de mercado, produção e circulação de livros infantis. Nesse cenário, as editoras tomam lugar de destaque, principalmente, Editora Melhoramentos, Companhia Editora Nacional, Editora Brasiliense e Globo, como instituições diretamente ligadas a qualidade das obras destinadas a infância.

Segundo Azevedo (1953), este foi um fator nem sempre levado em conta nos estudos sobre a literatura infantil, mas é o responsável pela circulação cada vez maior dos livros que vemos no mercado e, conseqüentemente, nas mãos dos leitores.

Portanto, estudar as instituições responsáveis pela produção e circulação dos livros é tão importante quanto estudar o livro, o autor e o leitor, visto que, todos estão envolvidos nessa “forma social” analisada por Azevedo (1952).

Nas partes finais do artigo, Azevedo (1952) analisa, brevemente, aspectos que fundamentam a literatura infantil, principalmente quanto a oposição entre “instrução e recreação” (AZEVEDO, 1952, p. 57). O autor entende que a instrução e a recreação “[...] são objetivos de toda literatura infantil ou juvenil”. (AZEVEDO, 1952, p. 57). Para ele, ambos os elementos fundamentam a natureza desse gênero, o problema ocorre quando os autores fazem um aspecto sobressair ao outro, trazendo desequilíbrio a narrativa.

O livro *Literatura infantil*, de Nazira Salem (1959), então consultora da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato” centra-se na história da literatura infantil mundial, principalmente, em relação aos livros adaptados para a língua portuguesa que, segundo a autora, oportunizaram o “aparecimento da literatura infantil” no Brasil. Esse livro foi produzido com o intuito de fornecer material de apoio para a disciplina “Literatura Infantil”²⁹⁵ do Ensino Normal do estado de São Paulo.

A autora organizou o livro em duas partes: a primeira, intitulada “Esboço histórico da literatura infantil: da antiguidade clássica até nossos dias”, com quatro capítulos e a segunda “Compilação de biografias e bibliografias”, com dois capítulos. Na primeira parte a autora apresenta como se originou e se desenvolveu a literatura infantil na Europa, onde muitos textos, embora escritos para adultos, figuravam nas bibliotecas infantis como leituras apropriadas para a infância.

No século XVII, com autores como Miguel de Cervantes, La Fontaine, Charles Perrault e Fénelon foi que se constituiu uma “base da literatura infantil”, oportunizando o aparecimento de textos especificamente escritos para o público infantil. Conforme as ciências psicológicas, sociológicas e educacionais avançam, autores e livros se multiplicam, favorecendo, no século XX, um tipo de literatura variada que pudesse atender a crianças e jovens de diferentes idades: infância (3 a 6 anos); meninice (7 a 12 anos); puberdade (13 a 14 anos) e para adolescentes (15 a 18 anos). A autora trata das teorias educacionais que

²⁹⁵ Sobre a história da disciplina “Literatura infantil” nos cursos Normais de formação de professores, ver, especialmente, Oliveira (2014).

influenciaram na produção de literatura infantil ao longo do tempo, trazendo o aspecto recreativo/lúdico para a produção desse gênero.

Ainda na primeira parte de seu livro, destaca a atuação do professor Carlos Jansen na tradução de clássicos como: *As mil e uma noites* (1882); *Robinson Crusoe* (1885); *As viagens de Gulliver* (1885); *Barão de Münchhausen* (1891), e os “precursores” brasileiros de nossa literatura infantil, tais como: Alberto Figueiredo Pimentel; Olavo Bilac; Coelho Neto; Arnaldo de Oliveira Barreto; Thales Castanho de Andrade; Paulo Menotti Del Picchia; Monteiro Lobato; Viriato Correia; Humberto de Campos; Érico Veríssimo; entre outros.

Na segunda parte do livro, a autora apresenta 82 breves biografias de autores desde a Antiguidade Clássica até o século XX, seguidas de suas bibliografias.

Considero que esses textos assemelham-se quanto à busca por uma conceituação da literatura infantil e por meio de um discurso que reivindica a valorização desse gênero como arte literária. Produzido em um momento histórico que dialoga com esses textos, *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968), avança em direção a outros aspectos poucos explorados e em relação à organização e sistematização da literatura infantil *brasileira*, principiada por Lourenço Filho.

Ao contrário dos demais estudos, esse livro de Arroyo baseia-se em bibliografia estrangeira publicada na França, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha, Alemanha e na Itália, com o objetivo de apresentar as “[...] diversas fases da nossa literatura infantil e não da análise crítica [...]” dessas fases (ARROYO, 1968, p. 18). Por meio da análise de documentos antigos, reunidos ao longo de vários anos, como catálogos de editoras, livros de memorialistas, estudos sociológicos e depoimentos de leitores, Arroyo organizou essas “fases” em seis momentos diferentes: a conceituação de literatura infantil; a tradição oral ou folclore; a literatura escolar; a imprensa escolar; o teatro; até o “modelo ideal” de literatura infantil criado por José Bento Monteiro Lobato.

Publicado na coleção “Biblioteca de Educação” da editora Melhoramentos (SP), que fornecia “modelos” de educação e de saberes necessários à profissão docente (CARVALHO; TOLEDO, 2004), esse livro recebe o prefácio de Lourenço Filho e é elogiosamente apresentado como um “estudo básico” sobre o tema, com “[...] documentação muito abundante, haurida em livros, artigos de jornal e mesmo correspondência particular [...]” que lhe conferem “[...] na bibliografia da especialidade uma posição de real preeminência [...]” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 12).

Com base nas primeiras edições impressas no Brasil e em Portugal, direcionadas às crianças, Arroyo (1968), estabeleceu uma historiografia da literatura infantil brasileira e

formulou uma narrativa sobre a “origem” desse gênero literário no Brasil. A partir de depoimentos de memorialista, apresenta leituras para crianças que circulavam em cada momento histórico e a forte ligação desse gênero com a escola.

Arroyo (1968) trata do início da formação de um “sistema” de ensino durante o Brasil Colonial e o período do Império, que propiciou a formação do livro infantil. Para ele, o precário desenvolvimento da “educação primária” e o difícil acesso aos livros contribuíram significativamente para o “tardio” desenvolvimento da literatura infantil brasileira. As primeiras leituras produzidas para crianças, confusas e misturadas, do ponto de vista do presente, são tomadas por Arroyo (1968) como a “gênese” do processo de formação da literatura infantil propriamente dita, porque provocaram o hábito de ler nas crianças. (ARROYO, 1968, p. 65).

A “literatura escolar” desenvolvida entre os séculos XIX e XX, trouxe em seu fundamento, um desejo de reação contra à influência estrangeira trazida pelos professores de outros países e pelo material de leitura utilizado por eles na formação das crianças brasileiras.

A imprensa escolar e infantil foi outro tema inédito em relação aos estudos aqui apresentados, e representou, para Arroyo (1968), os pilares da cultura escrita no Brasil, bem como a “[...] pré-história da literatura infantil brasileira.” (ARROYO, 1968, p. 133).

De modo geral, nesse livro, Arroyo empenhou grande esforço em reunir nomes de escritores, professores e intelectuais brasileiros que formularam os primeiros livros nacionais para crianças, destacando as coleções infantis e o papel das editoras como Garnier, Laemmert, Quaresma, e Melhoramentos na formulação de projetos que visavam “popularizar” o livro infantil.

Destacou o empenho de professores na organização de bibliotecas de livros infantis e catálogos que orientavam à leitura das crianças brasileiras, tais como Figueiredo Pimentel, Alexina de Magalhães Pinto, Arnaldo de Oliveira Barreto, Lenyra Camargo Fraccaroli, apresentando a distinção entre a “literatura infantil” e a “literatura escolar”, a partir da “renovação” provocada por Monteiro Lobato.

Além desses aspectos, o livro de Arroyo (1968) apresenta uma bibliografia com 176 nomes entre autores brasileiros, franceses, norte-americano, espanhóis e italianos; índice onomástico com 12 folhas contendo os nomes dos escritores citados no livro; e lista contendo 20 catálogos de acervos consultados. Esses aspectos contribuem para confirmar a cientificidade e rigor da pesquisa que, segundo Mortatti (2011), é “[...] obra de maturidade em relação a sua produção intelectual.” (p. XVIII).

O livro de Arroyo, portanto, não apresenta preocupação didática em “ensinar” professores a “ensinar” literatura infantil para as crianças na escola primária, como faziam os manuais de ensino publicados naquele momento histórico, uma vez que o seu enfoque, sua organização e estrutura foram outros. O interesse de Arroyo foi o de sistematizar os marcos históricos da literatura infantil brasileira, por meio da organização de autores, editoras, livros e dos diferentes tipos de textos disponíveis para a leitura impressa das crianças ao longo de quase um século na história do Brasil.

Publicado pela editora Melhoramentos, que se firmou como uma das principais editoras brasileiras em assuntos educacionais, *Literatura infantil brasileira* (1968) foi apresentado por Lourenço Filho como científico e teórico, desvincilhado do âmbito das práticas e, assim, calcado no princípio da Escola Nova que propõe pensar a educação como um campo científico. (MAGNANI, 1997).

De acordo com informações presentes na quarta capa, *Literatura infantil brasileira* (1968) foi o único livro cujo tema era a literatura infantil, publicado na série “Grandes Textos” da Editora Melhoramentos (SP) em que a maioria dos títulos abordavam temas das áreas de psicologia e sociologia²⁹⁶. Assim, esse livro, bem como o tema nele abordado, alcança a posição de “relevante” e “necessário” para a renovação educacional do país.

Anunciado como pesquisa e vindo de Arroyo, sujeito do circuito da cultura, esse texto passa a representar as bases científicas dos estudos sobre história da literatura infantil coerentemente relacionado com os livros publicados nessa coleção, por essa editora e por seu prefaciador. Portanto, *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo (1968), assenta esse tema em outro patamar ligado ao rigor científico da área educacional.

Entendo que, principalmente com esse livro, Arroyo cria um “campo de pesquisa” sobre a literatura infantil no Brasil quando apresenta o que existe nessa área e o que ainda não havia sido estudado, como livros, autores, editoras e períodos específicos. Além das fontes apresentadas e da organização histórica que propõe, Arroyo contribui para pensar o conceito de literatura infantil e a relação entre as aspectos didáticos e estéticos no livro para crianças.

²⁹⁶ Alguns dos livros publicados nesse período e mencionados na quarta capa do livro de Arroyo foram: *Teoria e pesquisa em Sociologia* (1965), de Donald Pierson; *Noções de Psicologia* (1959), de Iago Pimentel; *Pequena história da Educação* (1936), de Madres Peeters e Cooman; *Elementos de Psicologia* (1978), de Iva Wisberg Bonow; *A arte de ensinar* (1964), de Gilbert Highet; *Fundamentos de Sociologia* (1963), de A. Carneiro Leão; *A orientação profissional e as carreiras liberais* (1962), de Léon Walther; *Psicologia Geral* (1964), de Emílio Mira y López; e *Problemas da meninice* (1967); *Problemas da infância* (1956); *Problemas da mocidade* (1967); *Problemas da adolescência* (1965), de Ofélia Boisson Cardoso.

Em todos os textos *sobre* literatura infantil de Arroyo que localizei, publicados entre os anos de 1959 e 1976, a relação entre os aspectos estético e o didático não era um problema para ele, o problema era quando um aspecto se sobressaía ao outro. Nesses textos ele não demonstra preocupação de definir valorativamente a literatura infantil, pois a entendia a partir de um conceito amplo que contemplava a produção oral, os livros de leitura, a literatura escolar, e, depois, a literatura infantil. Arroyo não demonstrava preocupação em definir um tipo de literatura que fosse “melhor” ou “pior” de que outra, pois, para ele, literatura infantil era tudo o que foi produzido no Brasil.

Assim, a literatura infantil não era uma só e precisava ser compreendida como produto cultural de uma época. O seu conceito de literatura infantil como produção cultural atribui a literatura infantil um conceito amplo, convergente e integralizador. Nesse sentido, as definições rígidas não eram relevantes para ele e, de certo modo, atrapalhavam a compreensão histórica sobre o processo de formação de nossa literatura infantil.

Embora ele não apresente explicitamente o seu conceito de literatura infantil em nenhum de seus textos, ele pode ser observado no conjunto de sua obra. Como um sujeito culturalista, Arroyo reconhecia a literatura infantil como um produto cultural destinado ao público infantil, e que, por isso, oscilava com o tempo. Ele observava a literatura infantil a partir dessa multiplicidade, em que um tipo de literatura oportunizou o surgimento de outra e assim sucessivamente, como resultado da produção cultural de sujeitos de seu tempo.

Em vista do exposto, é possível observar que o conjunto de textos, especialmente *sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo, contribuiu para a ordenação e sistematização, de uma versão da história da literatura infantil inédita em sua época, não contestada até os dias atuais, e perpetuada por seus pósteros como no caso das pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, que dedicam o seu livro mais conhecido, *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (1984), à Arroyo: “A Leonardo Arroyo, **mestre e pioneiro** dos estudos de literatura infantil brasileira, dedicamos este livro”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, s.p., grifos meus).

De acordo com Mortatti (2011), as reedições de *Literatura infantil brasileira* (1988; 2011) acompanharam “[...] a crescente importância da literatura infantil (e juvenil) para os envolvidos com atividades educacionais, editoriais e acadêmico-científicas em nosso país.” (p. XX). Assim, esse livro, a história da literatura infantil nele apresentada, bem como o conceito de literatura infantil desenvolvido por Arroyo vêm colaborando com um modo de pensar a literatura infantil brasileira que se perpetuou, tendo em vista que continuou sendo

editado a partir do final da década de 1980, quando, no Brasil, foi-se “[...] constituindo uma teoria da literatura infantil brasileira.” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 256).

Desse modo, Arroyo, o jornalista, escritor e historiador, contribuiu para formular os princípios da literatura infantil como “objeto de investigação” (MORTATTI, 2011), atuando em diferentes frentes e criando bases para um movimento progressivo de estudos nessa área no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese de doutorado, focalizei a análise do conjunto da produção escrita *de e sobre* literatura infantil de Leonardo Arroyo, com o objetivo de compreender as principais características dessa produção e a contribuição de Arroyo para a história da literatura infantil no Brasil.

Destaco a importância da elaboração do instrumento de pesquisa, que resultou no documento *Bibliografia de e sobre Leonardo Arroyo*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016), como fundamental para a compreensão de aspectos da vida e atuação profissional de Leonardo Arroyo, a partir do qual também pude elaborar o segundo instrumento, *Bibliografia de Leonardo Arroyo de e sobre literatura infantil*: um instrumento de pesquisa (ASSIS, 2016) e compreender aspectos específicos da produção de Arroyo para a infância e para o estudo da literatura infantil no Brasil.

Conforme foi possível observar, Arroyo teve uma contribuição relevante também em outras áreas, essa produção foi quantitativamente maior do que os seus estudos *de e sobre* literatura infantil, no entanto, foi pelos textos dessa área que Arroyo ficou mais conhecido, principalmente pela publicação de seu livro mais emblemático: *Literatura infantil brasileira* (1968).

Para Arroyo, a literatura infantil possui um conceito amplo que envolve a produção de textos escritos e também as formas orais de expressão de nossa cultura. Em diálogo com Meireles (1951), Arroyo entende que literatura deve ser aquilo que agrada a criança. Para ele, a literatura infantil era “Literatura”, por isso, é recorrente em seus textos a insistência sobre o domínio do estético. No entanto, observo que a relação entre o estético e o pedagógico não era um problema para ele tanto quanto para outros autores com quem dialogava nesse período, pois entendia que a literatura infantil mantinha uma relação intrínseca com a escola desde sua formação inicial.

Assim, entendo que Arroyo não exclui a “didática” dos livros infantis, mas chama a atenção para a necessidade de que esses livros apresentem o aspecto estético que, durante muito tempo, não foi considerado nos textos para crianças. Essa posição de Arroyo é fundamental para ele, pois foi escritor de literatura ao longo de toda a sua vida.

Dentre os textos que localizei desse autor, ele não demonstra “preocupação” em definir conceitualmente a literatura infantil, tendo manifestado-se poucas vezes explicitamente sobre esse assunto e, quando o fez, reclamava o “excesso” de didatismo ou a “ausência” do elemento estético.

Embora não tivesse relação direta com a educação, como no caso dos professores com quem dialogava, torna-se inegável o lugar ocupado por Arroyo nos estudos sobre esse tema,

como também o fato de que *Literatura infantil brasileira* tornou-se o maior legado de Arroyo para os seus pósteros.

É possível observar que, ao longo do tempo, esse livro foi estabelecendo-se também como um guia de fontes, hoje raras ou inexistentes aos pesquisadores, em consequência da extensa reunião de autores, obras e instituições desconhecidas ou pouco exploradas, e pelo exercício de recuperação, organização e interpretação de diferentes fontes documentais.

Por meio da apresentação e análise das fontes, Arroyo (1968) formulou um primeiro cenário desse objeto específico que é a literatura infantil brasileira, fazendo com que hoje, inegavelmente, seu livro apresente “valor histórico irrecusável” (ARROYO, 1968) e ocupe um lugar significativo na historiografia brasileira sobre o tema. A cada nova edição, a importância desse livro foi sendo atribuída também por seus prefaciadores, em decorrência da influência que exerceram/exercem e do lugar social que ocuparam/ocupam em cada momento histórico.

Desse modo, Arroyo ingressa no cenário da literatura infantil brasileira como autor de livros para crianças e termina a sua trajetória como historiador e teórico desse tema. A sua produção demonstra que Arroyo foi um intelectual situado na fronteira e no diálogo com vários conhecimentos. Do mesmo modo, a tese que apresento situa-se na fronteira entre a história da literatura infantil, a história das ideias, a história dos intelectuais, e, como um trabalho aberto, pode dialogar com essas diferentes perspectivas de pesquisa e com a nova historiografia da literatura infantil brasileira que a academia e o GPHELLB vêm produzindo.

Assim, com esta tese, espero contribuir para situar Leonardo Arroyo no conjunto dos autores clássicos da história da literatura infantil brasileira, contribuir para a compreensão de aspectos ainda inexplorados ou pouco conhecidos da história da literatura infantil no Brasil e para a abertura de um espaço fecundo de debate acadêmico-científico nessa área.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. *Discursos de Leonardo Arroyo e Osmar Pimentel na sessão realizada a 14 de outubro de 1970*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972, 51 p.

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000

ARCE, Alessandra. *A Pedagogia na 'Era das Revoluções': uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel*. Campinas: Autores Associados, 2002.

ARAÚJO, Cristina. A Reforma Antônio Carneiro Leão no final dos anos de 1920. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 9, n. 1 [19], 2012.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande Sertão: Veredas* (1984). Filiações e sobrevivências tradicionais, algumas vezes eruditas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. vii – viii. (Nota biográfica da editora).

ARROYO, Leonardo. *Você foi à Bahia?* São Paulo: Melhoramentos, 1950, 79 p. (BML)

ARROYO, Leonardo. *História do Galo*. São Paulo: Melhoramentos, 1950. (BML)

ARROYO, Leonardo. *Histórias do Galo e do Candimba*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, 61 p. (Coleção Verdes Anos). (APL)

ARROYO, Leonardo. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte; Brasília, DF: INL, 1985, 161p. (Coleção 10, v. 14) (BML)

ARROYO, Leonardo. *Absalão e o rei*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, 132p. (Coleção Novela brasileira; 6)

ARROYO, Leonardo. *Viagem para Málaga: contos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950. 187 p. (Prêmio Fábio Prado em 1949) (APL – BMA)

ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande Sertão: Veredas*. Filiações e sobrevivências tradicionais, algumas vezes eruditas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; Brasília. DF: INL, 1984, 315 p. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 195) (APL)

ARROYO, Leonardo. *O Tempo e o modo*. (Literatura infantil e outras notas). São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1963, 170 p. (Coleção Ensaio; 25).

ARROYO, Leonardo. Armazém Literário (Achegas ao Modernismo). Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1969, ano 32, v. 177, p. 103-126.

ARROYO, Leonardo. *Agravos do tempo*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Cultura, 1976, 142p. (Coleção Ensaio; 84)

ARROYO, Leonardo. *Histórias maravilhosas das mil e uma noites*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 8. ed. São Paulo: LEP, 1955. 70 p. (Coleção Encantada)

ARROYO, Leonardo. WALPETERIS, Guilherme (Il.). *A gata borralheira*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 2. ed. São Paulo: Edições LEP, 1949. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *Ali-Babá e os quarenta ladrões*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 13. ed. São Paulo: LEP, 1961. 84 p. (Coleção Encantada)

ARROYO, Leonardo; PIRES, Gustavo (Il.). *O violino mágico*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 11. ed. São Paulo: LEP, 1960, 89 p. (Coleção Encantada)

ARROYO, Leonardo. *O Príncipe querido*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 7.ed. São Paulo: LEP, 1956, 89 p. (Coleção Encantada)

ARROYO, Leonardo. *Os Cisnes Encantado*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 9. ed. São Paulo: LEP, 1958, 73 p.(Coleção Encantada)

ARROYO, Leonardo. *As Valentias de Julião, O Alfaiate*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 8. ed. São Paulo: LEP, 1958. 73 p. (Coleção Encantada)

ARROYO, Leonardo. *O gato de botas*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães. 3. ed. São Paulo: Edições LEP, 1951. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *Histórias Encantadas*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães. 6. ed. São Paulo: Edições LEP, 1951. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. WALPETERIS, Guilherme (Il.). *Branca de Neve e os sete anões*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 3. ed. São Paulo: Edições LEP, 1949. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *O Chapeuzinho Vermelho*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 12. ed. São Paulo: Edições LEP, 1961. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *Contos do tempo das fadas*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 10. ed. São Paulo: Edições LEP, 1958. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *A bela adormecida no bosque*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 10. ed. São Paulo: Edições LEP, 1958. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *O Barba Azul*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 8. ed. São Paulo: Edições LEP, 1958. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *O Sargento Verde*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 9. ed. São Paulo: Edições LEP, 1960. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *Os três cabelos de Ouro do Diabo*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 8. ed. São Paulo: Edições LEP, 1958. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *O soldadinho de chumbro*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 11. ed. São Paulo: Edições LEP, 1961. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *O pequeno Polegar*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 6. ed. São Paulo: Edições LEP, 1953. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *Viagens de Sindbad, o marítimo*. Adaptação e revisão de Leonardo Arroyo. 4. ed. São Paulo: Edições LEP, 1952. (Coleção Encantada).

ARROYO, Leonardo. *Olavo Bilac*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952, 43 p. (Coleção Grandes vultos das letras; 3)

ARROYO, Leonardo (et. al). *Roberto Fúlton*. São Paulo: Donato Editora, 1960. 362 p. (Coleção Inventores; Grandes Vocações; 3).

ARROYO, Leonardo. *Sílvio de Almeida: estudos*. São Paulo: Comissão Estadual de Literatura; Conselho Estadual de Cultura. 1967. 174 p. (Coleção Ensaio; 48).

ASSIS, Vivianny Bessão de. *O poema infantil na escola: estudo bibliográfico*. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009.

ASSIS, Vivianny Bessão de. *Bibliografia de e sobre de Leonardo Arroyo: um instrumento de pesquisa*, 2014a. 49 p. (digitado).

ASSIS, Vivianny Bessão. *Relatório de Atividades de Pesquisa em acervos da cidade de São Paulo (22 a 30 de maio de 2014)*. 2014b. 31 p. (digitado).

ASSIS, Vivianny Bessão. A leitura e a literatura infantil sob a perspectiva de Leonardo Arroyo (1918-1985). *Leitura: teoria e prática*, Campinas, SP, p. 1-16, 2014c. (artigo enviado em 04/08/ 2014).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Norma Brasileira de Referências* (NBR 6023). Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, Fernando. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia – (Escola de sociologia e Política)*. vol. XIV, n. 1, mar. 1952.

AZEVEDO, Fernando. O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932). *Revista HISTEDBR*. Campinas, n°. especial, p. 188-204, ago. 2006.

BELLOTTTO, Heloísa Liberali. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4, 1979, *Anais...*, p. 133-147.

BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A Queiroz, 1991.

BELLUZZO, Rosa. Prefácio. In: ARROYO, Leonardo; BELLUZZO, Rosa. *Arte da cozinha brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2013, p. 11-13.

BENJAMIN, Walter. “Ensaio sobre literatura e história da cultura”. In.: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio P. Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDES, Vanessa Cuba. *Um estudo sobre Cartilha analítica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1969-1925)*. 2003. 67f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

BERTOLLETTI, Estela Natalina Montovani. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!:* o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

BERTOLETTI, Estela Natalina Montovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição*. 2006. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

BERTOLETTI, Estela Natalina Montovani. *Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora UNESP, 2012. .

BERTOLETTI, Estela Natalina Montovani. Como aperfeiçoar a literatura infantil, segundo Lourenço Filho. *Revista Inter Ação*, v. 2, p. 50-69, 2003.

BERTOLETTI, Estela Natalina Montovani. A produção brasileira sobre literatura infantil e juvenil. In: Doracina Aparecida de Castro Araujo. (Org.). *Pesquisa em Educação: política, sociedade e tecnologia*. 1ed. Campo Grande: UNIDERP, 2007, v. , p. 79-89.

BRAGANÇA, Aníbal. *A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil*. Leitura, história e história da leitura. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, p. 451-476, 2000.

BRAGANÇA, Aníbal. *A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro*. Texto apresentado ao I Seminário Brasileiro sobre Livro e Mercado Editorial. Rio de Janeiro, UFF/Casa de Rui Barbosa, 2004.

BRAGANÇA, Aníbal. *As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: O Instituto Nacional do Livro (1937-1967)*. MATRIZES, v. 2, n. 2, 2010.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, 664p.

BRANDÃO, Zaia. Diálogo com Anísio Teixeira sobre a escola brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 80, n. 194, p. 95-101, jan/abr. 1999.

CARNEVALE, Flávia Guia. *“A mineira ruidosa” cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhaes Pinto (1870-1921)*. 2009. 235 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Estratégias Textuais e Editoriais de Difusão do Escolanovismo no Brasil: uma perspectiva”. In: GVIRTZ, Silvana (Org). *Escuela Nueva en Brasil y en Argentina: Visiones Comparadas*. Buenos Aires, Mino y Davila Editora, 1996, pp. 59-71.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; VIDAL, Diana Gonçalves. *Biblioteca e formação docente*. Belo Horizonte (MG): Autêntica; Centro de Memória da Educação: FEUSP/FINEP, v.1, 2000, 91 p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. *São Paulo em perspectiva*, v. 14, n. 1, p. 111-120, 2000b.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “A Caixa de Utensílios, o Tratado e a Biblioteca: Pedagogia e Práticas de Leitura de Professores”. VIDAL, Diana Gonçalves; HILSFORF, Maria Lucia (Orgs.). *Tópicos de História da Educação*. São Paulo, Edusp, 2001, pp. 373-409.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: a educação escolar em perspectiva histórica. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Sampaio Dória*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. 158 p. (Coleção Educadores)

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Pedagogia moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas; PINTASSILGO, Joaquim (Orgs.). *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais: Portugal e Brasil, Histórias Conectadas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011, p. 185-212.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil*. 2006. 539 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CAVALCANTE, Juraci Maia. João Hippolyto de Azevedo e Sá: o espírito da reforma educacional de 1922. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

CECCANTINI, João Luís C. Tápias. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In: _____ (Org.). *Leitura e literatura infantil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004.

CECCANTINI, João Luís. Orelha do livro (2011). In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. “Prefácio a terceira edição” do livro *Literatura infantil brasileira* de Leonardo Arroyo. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria M. Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. Fronteiras, Dourados – MS, v.13 , n.23, jan/jun., 2011, p. 15-29.

CHAVES, Maria Deosdedite Giaretta. *Estudo do poema - o linguístico e o poético na poesia de Cecília Meireles*. Osasco: Edifício, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 1. ed. São Paulo: Edições Quiron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711 – 2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COUTINHO, Afrânio (1961). *Brasil e brasileiros de hoje, enciclopédias de biografias*. v.1, Rio de Janeiro: Sul América.

CUNHA, Fausto. Estudo introdutório: o conto de atmosfera em Leonardo Arroyo. In: ARROYO, Leonardo. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte; Brasília, DF: INL, 1985, p. 20-30. (Coleção 10, v. 14).

DEBUS, Eliana Santana Dias. *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores*. 2001 257 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

D'ONOFRIO, Silvio Cesar Tamaso. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DONATO, Harnâni. *100 anos de Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DUTRA, Eliane de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 67-88.

EDITORA UNESP. *Rosa Beluzzo é reconhecida por Arte da cozinha brasileira*. Blog da Editora UNESP. Seção Prêmios. Disponível em: <<http://blog.editoraunesp.com.br/2015/03/premio.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira: Tomo IV. O Brasil Republicano - sociedade e política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1991.

FOLHA DA MANHÃ. Conferidos os premios Fábio Prado de 1949. São Paulo, 16 maio 1949. Caderno único, p. 05.

FOLHA DA MANHÃ. Premio “Tentativa” de Literatura. São Paulo, 24 fev., 1952. Caderno único, p. 03.

FOLHA DA MANHÃ . Grifo sete. São Paulo, 06 fev. 1949. Caderno único, p. 03.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. *Intelectuais, Estado e Educação*: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1944-1952. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. *Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira (1930-1935)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GAZOLI, Monalisa Renatai. *O método analítico para o ensino da leitura em 'Série de leitura Proença' (1926-1928), de Antonio de Firmino Proença*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação [Marília]) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

GHIRALDELLI JÚNIOR. Paulo. *História da educação brasileira*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º. Grau. Série formação do professor).

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª. ed. rev. ampl. São Paulo: Edusp, 2005.

HISTÓRIA da Literatura Infantil Brasileira. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 maio 1951. Caderno único, p. 197596.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo; ALEXANDRE, Fernando Luiz. Thales de Andrade, autor de literatura infantil: trajetória e constituição do campo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v.13, n.1 (31), p. 129-157, jan./jul., 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Ficção. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 jan. 1951. Caderno único, p. 4.

IANNI, Octávio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

JORGE, J. G. de Araújo; Cid Silveira. *Antologia da Nova Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi Ltda, 1948.

KLEIMAN, Adelaide Caramuru Cezar. *Natureza, funcionalidade e valoração da literatura infantil vistas em três momentos significativos*: Cecília Meireles, Leonardo Arroyo e Regina Zilberman. 1986. 284 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP, SP.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário e editor*. São Paulo: EDUPS, 2006, 225 p. (Coleção Memória editorial; 4)

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Org). *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra infantil. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

LENÇÓES Paulista reúne escritores e lança concurso “Leonardo Arroyo” de literatura. *Diário Popular*, Lençóis Paulista, 28 fev. 1986.

LENÇÓIS Paulista lança amanhã Concurso “Leonardo Arroyo”. *Diário Popular*. Lençóis Paulista, SP, 7 mar. 1986.

LIVRO Infantil. Essa literatura ainda está na infância? *Correio do livro*, São Paulo, p. 7-10, nov. 1970.

LIMA, Senise Camargo. *Bem do seu tamanho* (1980), de Ana Maria Machado: afirmação de um gênero literário. 1999. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. “Um livro básico sobre literatura infantil brasileira”. In: ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 4. ed. Revista argumentada. São Paulo: Melhoramentos, 1937. (Bibliotheca de Educação, v.11).

LOURENÇO FILHO, Ruy C. B.; LOURENÇO FILHO, Márcio C. B. O publicista pedagógico. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (Org.). *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Editora Melhoramentos, [1957], p. 197-198.

MATHIESON, Louisa Campbell. *O militante e o pedagogo Antonio de Sampaio Doria: a formação do cidadão republicano* [online]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012. Dissertação de Mestrado em Educação. [acesso 2015-03-31]. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24012013-160437/>>.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização: a "questão dos métodos" e a constituição de um objeto de estudo* (São Paulo/1876-1994). 1997. 389f. Tese (Livre-Docência em Metodologia do Ensino de 1º Grau: Alfabetização) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1997a.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas (SP): Mercado de Letras; Marília: UNESP, 1997b, p. 59-90.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, Campinas, v. 31, p. 145-169, 1996.

MARQUEZI, Rosângela Aparecida. *Um estudo sobre poemas de **Ou isto ou aquilo** de Cecília Meireles*. 2000. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

MEDEIROS, VALÉRIA ANTONIA. *Antonio de Sampaio Dória e a modernização do ensino em São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. 2005. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MEIRELES, Cecília *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

MELO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. *O discurso especializado em literatura infanto-juvenil no Brasil na década de 50: da criança mitificada à atitude política*. 310 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

MELO, Luis Correa (1954). *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis. (Comissão do VI Centenário da cidade de São Paulo).

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *Um estudo sobre o pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre a alfabetização*. 2003. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2003.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *Emilia Ferreiro e a alfabetização no Brasil: Um estudo sobre a Psicogênese da língua escrita*. São Paulo: UNESP, 2007.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. *O “Patinho Feio”, de H.C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*. 280 f. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1999.

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *A Série 'Na roça', de Renato S. Fleury, na história do ensino da leitura no Brasil*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação [Marília]) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *Um estudo sobre **Na Roça**: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008. 76f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

MONARCHA, Carlos (Org.). Lourenço Filho e a Biblioteca de Educação. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas, SP: Mercado de Letras; Marília: UNESP, 1997, p. 27-57.

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. Lembrança de Leonardo Arroyo. *Leitura*. São Paulo, out. 1988.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da educação*. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Uma proposta para o próximo milênio: o pensamento interacionista sobre alfabetização. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 5, n. 29, p. 21-28, 1999b.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo - 1876/1994). São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Itinerários*, Araraquara, 17: 178-187, 2001a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Produção didática e de literatura infantil. In: Carlos Monarcha; Ruy Lourenço Filho. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2001b, v. 1, p. 127-134.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*. Marília: FFC/UNESP, 2003. (não publicado).

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004, 136 p. (Coleção Paradidáticos; Série Educação).

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Da alfabetização ao letramento. In: Marcos Del Roio. (Org.). *A universidade entre o conhecimento e o trabalho: o dilema das ciências*. Marília: Unesp-Marília Publicações, 2005, v. 1, p. 227-238.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Literatura (a boa): mantenha sempre ao alcance das crianças. *Criar – Revista de Educação Infantil*, n. 18, p. 8-13, nov./dez. 2007a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Armadilhas discursivas da leitura: contra a ditadura da idiotia. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. Anais... Campinas: ALB, 2007b. p. 1-14.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Letrar é preciso, alfabetizar não basta ... mais? In: SCHOLZE, L.; ROSLING, T. M. K. (Org.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: INEP; Passo Fundo: Editora UFPF, 2007c, p. 155-168.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Literatura infantil e/ou juvenil: a “prima pobre” da pesquisa em Letras? *Revista Guavira Letras*. Três Lagoas, n.6, p. 43-52, 31 mar. 2008a. Disponível em: <<http://ceul.ufms.br/guavira/guavira1.htm>>. Acesso em: 29 maio 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Literatura e ensino: notas quixotescas? da fronteira. *Leitura: Teoria & Prática*, v. 26, p. 25-31, nov. 2008b.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A "querela" dos métodos de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Acolhendo alfabetização nos países de Língua portuguesa* (ACOALFAPLP). São Paulo, v. 3, n.5, p. 91-114, 2008c. Também disponível em: www.acoalfaplp.net. >

MORTATTI, Maria do Rosário Longo . A 'querela dos métodos' de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa* (USP), v. 3, p. 91-114, 2009a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo ; PEREIRA, Bárbara Cortella . 'Criança meu amor', de Cecília Meireles: uma história de duas leituras. In: COENGA, Rosemar. (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: redes de sentido*. : Ed. UFMT, 2009b.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. O direito ao texto. In: BARCELOS, V.; ANTUNES, H. S. Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos. Santa Cruz do Sul-RS: EdUNISC, 2010, p. 137-148.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Prefácio à terceira edição. In: ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário. *Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil – 2003-2011* (BBHELLB). Marília: [s.n], 2011b. Relatório Técnico de Pesquisa, 31p. (não publicado).

MORTATTI, Maria do Rosário Longo . O livro de Alzira. *Educação*, UFSM, v. 38, n.1, p. 55-73, jan./abr. 2013. Disponível em:< <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/5864/4530>>. Acesso 30 mar. 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. *Educar em Revista*. Curitiba, n. 52, p. 23-43, abr./jun. 2014.

MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)* 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, 88)

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. *História e histórias da literatura infantil brasileira*. São Paulo. s.d. 80 p. (datilografado).

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. *Educação & Sociedade*, v. 21, n. 73, p. 9-40, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo (Org.). *Quem é quem na negritude brasileira*. São Paulo: Congresso Nacional Afro – Brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. *Manuais de ensino de literatura infantil no Brasil (1923-1991): autores, produção e circulação*. 101 f. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. O ensino de literatura infantil em *Compêndio de literatura infantil*: para o 3º ano normal (1959), de Barbara Vasconcelos de Carvalho. 253 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo (1947-2003). 343f. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2014.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. Nelly Novaes Coelho na História do ensino da literatura infantil no Brasil. In: CERECEDO, Alicia Civera; FERNÁNDEZ, Carlos Escalante; ROCKWELL, Elsie. (Org.). *Sujeitos, poder y disputas por la educación*: textos de historiografía de la educación latinoamericana. 1ed. Zinacantepec: El Colegio Mexiquense; Universidad Pedagógica Nacional, 2014, v. , p. 3413-3423.

D'ONOFRIO, Silvio Cesar Tamasso. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ORIANI, Angélica Pall. *Série 'Leituras Infantis' (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil..* 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010.

PACHECO, João. *Antologia do Conto Paulista*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do jeca*: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil. *Sociologia*, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 245-270, jan./jun. 2002.

PASQUIM, Franciele Ruiz. *Um estudo sobre 'Cartilha Infantil pelo methodo analytico' [1910?]*, Carlos Alberto Gomes Cardim. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010.

PASQUIM, Franciele Ruiz. *Reforma do ensino da lingua materna (1884), de Antonio da Silva Jardim, na história do ensino de leitura e escrita no Brasil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação [Marília]) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2013.

PASQUIM, Franciele Ruiz. Carlos A. Gomes Cardim e Lenyra C. Fraccaroli e a criação de bibliotecas infantis no estado de São Paulo - Brasil. IN: X CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10, 2014, Curitiba-PR. Anais... Curitiba: PUC, 2014.p.1-10.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986

PIVATTO, Nair Sanzovo. *O bordado encantado, de Edmir Perrotti: a busca da conciliação entre ética formativa e discurso estético*. 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

PINTO, Aroldo José Abreu. *A literatura "juvenil" de Ricardo Ramos: sedução e fruição estética*. 1996.191 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.

PONDÉ, Glória. Nota à segunda edição (1988). In: ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 2. ed.. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre a História*. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

QUADROS, Jânio da Silva. *Decreto nº. 22.101, de 09 de abril de 1986*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo; Academia Paulista de Letras, 9 abr. 1986. Decreto dispõe sobre a “Escola de Educação Infantil Leonardo Arroyo”.

QUINTELA, Vilma Mota. A edição popular no Brasil: o caso da literatura de cordel *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 35, p. 41-50, 2010.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Práticas de leitura e memória escolar. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – CBHE, 2, 2002, Natal. *Anais ... Natal*: UFRN, 2002. p. 1-9.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Livro didático e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). In: *Língua Escrita*. Belo Horizonte, n.1, p. 16-43, jan./abr. 2007a.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. A Produção de Livros Escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3, 2007, Santos. *Anais... Santos*: INTERCOM, 2007b.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Leitura escolar em São Paulo na primeira república: as bibliotecas infantis. In: XVI CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL - COLE. 16, 2007, Campinas. *Anais... Campinas*: UNICAMP, 2007c. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss03_04.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2015.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. São Paulo: cidade dos livros escolares. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 101-121.

REVEL, Jacques (Org.). Microanálise e construção do social. In: *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. Edição especial: 70 anos da Academia Paulista de Letras. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1979.

REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. Edição especial: 90 anos da Academia Paulista de Letras. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1999.

RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. *Um estudo sobre "A leitura analítica" (1896), de João Köpke*. 2001. 62f. 66f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30- 47.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. Historiografia e significação histórica em Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v.13, n.38, p. 165-278, maio/ago. 2008.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSP, 2002.

SANDRONI, Sandra. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ: Apresentação. *Perspectiva*. Florianópolis, I (4), p. 134-136, jan/dez, 1985.

SANTOS, André Cazarra dos. *Gurilândia (1948-1956): a formação de criança e professores na página do Estado de Minas*. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, Pensylvania Diniz Guerra. Literatura infantil e educação. *Revista da FAEEBA*. Salvador, n. 9, P. 17-28, jan./jun., 1998

SANTOS, Sérgio de Paula. O amigo Leonardo Arroyo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 24 ago. 1985. Seção Ilustrada.

SANT’ANA, Regina Angélica Cazarini. *Leonardo Arroyo: escritor e jornalista*. São José do Rio Preto, SP: Artes Gráficas Paulista, 2002.

SAVIANI, Dermeval (2007). “Estruturalismo e educação brasileira”. In: SAVIANI, D., *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas, Autores Associados, 17ª ed., pp. 143-156.

SAVIANI, Demerval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2ª. ed. rev. e ampl.. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Alexandra Lima da. As Edições Didáticas da História do Brasil: múltiplos sujeitos e significados (1870-1920). *Ariús*, Campina Grande, v. 16, n. 1/2, p. 114 - 122, jan./dez. 2010.

SOARES, Gabriela Pellegrino. O semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954). 2002. 504 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Bastidores da edição literária para crianças no Brasil entre os anos 1920 e 1960: a atuação de Lourenço Filho junto à Companhia Melhoramentos. In:

DUTRA, Eliana Regina de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Política, nação e edição. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. O lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume, v. 1, 2006, p. 513-531.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidades das Edições Melhoramentos dos primórdios à década de 1960. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 157-170.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006.

SOBRAL, Patrícia de Oliveira. *Um estudo sobre Nova cartilha analítico-synthética (1916), de Mariano de Oliveira*. 2007. 65f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

SOUZA, Renata Junqueira de. Sala de leitura: formando pequenos leitores (relato de uma experiência que deu certo). *Revista Nuances*. Presidente Prudente, v. 3, p. 67-72, set. 1997.

SOUZA, Claudete Cameschi de. *A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins: uma representação da realidade brasileira*. 369 f. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima de. Alicerces da Pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976). IV CBHE - CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4, 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Universidade Católica de Goiás (UCG), 2006. p. 1-10.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; MENEZES, Maria Cristina Menezes (orgs.). *Anísio Teixeira, 1900 – 2000: provocações em educação*. Campinas: Autores Associados, 2000.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. *Uma leitura de Contos infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida*. 2001. 58f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. Saudade (1919-2002): a contribuição de Thales Castanho de Andrade para a leitura escolar. 2006. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. A coleção de leitura escolar: série Thales de Andrade (1928-1964): reflexões sobre leitura escolar. 2011. 204f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegado. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século 19 no Brasil. *History of Education Journal*, v. 6, n. 11, p. 25-52, 2002.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.14, p. 61-88, maio/ago. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbedigital/RBDE14/RBDE14_06_LEONOR_MARIA_TANURI.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2015.

THEODOR, Erwin. Tesouros do Arquivo da Academia Paulista de Letras. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, 1999. Edição Especial de comemoração dos 90 anos da academia.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do Projeto Político ao Projeto Editorial (1931-1981)*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2001.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 139-156.

TORRALVO, Izeti. Fragata; MINCHILLO, Carlos Cortez. *Sonetos de Camões*. SP: Ateliê Editorial, 2001.

TREVISAN, Thabatha Aline. *Um estudo sobre Práticas escolares (1940), de Antônio d'Ávila*. 2003. 66f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

VASCONCELOS, Geraldo. Nota biográfica. In: ARROYO, Leonardo. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte; Brasília, DF: INL, 1985, p. 13-17. (Coleção 10, v. 14).

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. A gênese da editoração protestante no Brasil: o circuito de difusão das publicações (1830-1920). *Clio-Revista de Pesquisa Histórica*, n. 30. v. 2, 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. Nacionalismo e tradição na prática discursiva de Fernando de Azevedo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 37, p. 35-51, dez. 1994. ISSN 2316-901X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70733>>. Acesso em: 21 Mar. 2015.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Rev. Bras. Hist.*[online]. 2003, vol.23, n.45, pp. 37-70.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

WARDE, Mirian Jorge. O Itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas (SP): SBHE, jan/jun, 2003, n.º. 5, p. 125-167.

XAVIER, Libânea Nacif. Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. *Rev. Fac. Educ.* 1998, vol.24, n.1, pp. 70-86.

ZENTGRAF, Maria Christina Santos Rocha. Projetos pedagógicos na Primeira República Brasileira: a contribuição de Antônio Carneiro Leão. 1994. 210f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil para crianças que aprendem a ler. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p. 79-83, fev. 1985.

INSTITUIÇÕES, ACERVOS E *SITES* CONSULTADOS

Instituições e acervos

- Marília-SP

Acervo do Gphellb – Grupo de Pesquisa: “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” – FFC-Unesp-Marília.

Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista – FFC-Unesp-Marília.

- São Paulo-SP

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Centro de Memória da Educação – FE-USP

Biblioteca da Academia Paulista de Letras

Biblioteca Municipal Mário de Andrade

Centro de Referência em Educação "Mario Covas"

Hemeroteca da Escola Estadual “Caetano de Campos”

Bases de dados consultados disponíveis *on-line* e sites da Internet

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo - USP

Disponível em: <<http://dedalus.usp.br>>

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Disponível em: <<http://www.3fe.usp.br/secoes/inst/novo/biblio.htm>>

Sistema de Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP

Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br>>

Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (LIVRES) – da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Disponível em: <<http://paje.fe.usp.br/estrutura/livres/>>

Base de Dados Bibliográficos da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista - Unesp

Disponível em: <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br>>

Base de dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br>>

Base de Dados de Livros e Teses do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL-Unicamp

Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/index.php>>

[Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior](http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses) – CAPES

Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>

Base de Dados da Biblioteca da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Disponível em: http://www.rsirius.uerj.br/prod_catalogo_online.htm

Sistema de Bibliotecas da Informação da Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ

Disponível em: <http://www.sibi.ufrj.br/servicos-pesquisa.htm>

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Disponível em:

<http://webpergamum.adm-serv.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php#sobe_paginacao>

Sistema Municipal de Bibliotecas da Cidade de São Paulo

Disponível

em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/catalogo_eletronico/>

Biblioteca Digital da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ

Disponível em: <<http://biblioteca.fnli.org.br:81/pergamum/biblioteca/>>

Centro de Referência em Educação “Mário Covas” – Núcleo de memória da educação paulista

Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/>>

Base de Dados *Scientific Electronic Library* – SCIELO

Disponível em: <<http://www.scielo.br>>

Site de Busca Google

Disponível em: <<http://www.google.com.br>>

Site de Busca Google Acadêmico

Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>

BIBLIOGRAFIA DE APOIO TEÓRICO

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A Queiroz, 1991.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4, 1979, *Anais...*, p. 133-147.

BOURDIEU, Pierre. As gêneses dos conceitos de *habitus* e *campus*. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007, p. 59-73.

BURKE, Peter. Cultura, tradição e educação. In: GRATTI Jr. D. & PINTASSILGO, J. *Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Uberlândia: EdUFU, 2007, p. 13-22.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Brasil 500 anos. Tópicos em história da educação*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 137-168.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Bibliotecas para professores e modelização das práticas de leitura: análise das coleções Atualidade Pedagógicas e Biblioteca de Educação. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Leopoldo-RS, 2007.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: a educação escolar em perspectiva histórica. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus A. T. *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 89-110.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria M. Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. Fronteiras, Dourados – MS, v.13, n.23, jan/jun., 2011, p. 15-29.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história – teoria - análise*. 3. ed. ampl. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, vol. 1, 1994, p. 21-50.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. n. 1, p. 10-43, jan./jun. 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

MONARCHA, Carlos (Org.). Lourenço Filho e a Biblioteca de Educação. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas, SP: Mercado de Letras; Marília: UNESP, 1997, p. 27-57.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*. São Paulo: Editora Unesp, Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da educação*. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Literatura infantil e/ou juvenil: “a prima” pobre da pesquisa em Letras?. *Revista Guavira Letras*. Três Lagoas, n. 6, p. 43-52, 31 mar. 2008a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Literatura e ensino: notas ¿quixotescas? da fronteira. *Leitura: teoria & prática*. Campinas, v. 26, n. 51, p. 25-31, dez. 2008b.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Prefácio à 3ª edição do livro ‘Literatura infantil brasileira’*, de Leonardo Arroyo. São Paulo: UNESP, 2011.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre a História*. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

REVEL, Jacques (Org.). Microanálise e construção do social. In: *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares na institucionalização na Escola primária no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da História: estudos de História e Historiografia da Educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernad; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, jun. 2001.

WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.
